

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELENA ANTIPOFF E O ENSINO NA CAPITAL MINEIRA:
A Fazenda do Rosário e a Educação pelo Trabalho dos Meninos
“Excepcionais” de 1940 a 1948.

Heulalia Charalo Rafante

São Carlos
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELENA ANTIPOFF E O ENSINO NA CAPITAL MINEIRA:
A Fazenda do Rosário e a Educação pelo Trabalho dos Meninos
“Excepcionais” de 1940 a 1948.

Autor: Heulalia Charalo Rafante

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de MESTRE em EDUCAÇÃO.

Área de Concentração: Fundamentos da Educação

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roseli Esquerdo Lopes

São Carlos – SP
2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

R136ha

Rafante, Heulalia Charalo.

Helena Antipoff e o ensino na capital mineira: a Fazenda do Rosário e a educação pelo trabalho dos meninos "excepcionais" de 1940 a 1948 / Heulalia Charalo Rafante. -- São Carlos : UFSCar, 2006.
247 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Educação - história. 2. Educação – sociologia. 3. Estudantes com necessidades especiais. 4. Psicologia educacional. 5. Institucionalização. 6. Educação para o trabalho. I. Título.

CDD: 370.9 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Roseli Esquerdo Lopes

Profª Drª Marisa Bittar

Profª Drª Marta Maria Chagas de Carvalho

Prof. Dr. Antonio Álvaro Soares Zuin

Roseli Esquerdo Lopes

Marisa Bittar

Marta Maria Chagas de Carvalho

Antonio Álvaro Soares Zuin

Aos Meninos da
Fazenda do Rosário.

“Deve-se convencer a muita gente que estudo é também um trabalho, e muito fatigante, com um tirocínio particular próprio, não só muscular-nervoso mas intelectual: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento”.

Antônio Gramsci

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa destacar aqueles sem os quais todo o trabalho não seria possível e, ainda, aqueles que, sem a presença e o apoio, a caminhada teria sido mais difícil.

Começo agradecendo à minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª Roseli Esquerdo Lopes, cuja dedicação, seriedade, sabedoria e tranqüilidade sempre foi motivo de admiração e constituiu-se em motivação para seguir em frente, transmitindo sempre segurança para o próximo passo e, assim caminhamos, lado a lado, até aqui, na conclusão do trabalho. A você, minha eterna gratidão e constante admiração.

Aos professores Marisa Bittar e Antônio Álvaro Soares Zuin pela riquíssima discussão durante o exame de qualificação, trazendo contribuições inestimáveis, representando mais um pilar de sustentação do trabalho e, portanto, mais segurança para seguir adiante.

À Professora Marta Maria Chagas de Carvalho, por ter aceitado o convite e me conceder a honra de estar presente na Banca de Defesa desse trabalho.

Aos professores da Área de Fundamentos da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos com os quais, mesmo considerando a curta caminhada do mestrado, tive a oportunidade de um convívio acadêmico muito profícuo, o que contribuiu profundamente para o trabalho. Meus agradecimentos especiais à Marisa Bittar, Ester Buffa, Amarílio Ferreira Junior, Paolo Nosella e João Virgílio Tagliavini, que mais que conteúdos, passaram exemplos a serem seguidos, enquanto professores e pesquisadores.

À professora Itacy Salgado, da área de Metodologia de Ensino, pelas aulas da disciplina Pesquisa em Educação II, da qual participei da última turma que teve oportunidade de fazer o curso, que também foi além do conteúdo, deixando um exemplo a ser seguindo, enquanto pesquisadora e professora.

Agradeço à Universidade Federal de São Carlos, por oferecer o programa de Pós-Graduação e à Universidade Federal de Ouro Preto, onde tive a oportunidade de obter o diploma de Graduação em História.

Agradeço aos professores Universidade Federal de Ouro Preto que contribuíram para esse trabalho. Primeiramente ao professor Luis Carlos Villalta, que me apresentou o tema desse trabalho; à professora Célia Fernandes, que fez a primeira leitura do projeto; ao professor Renato Pinto Venâncio, que colocou os primeiros posicionamentos críticos referentes ao tema pesquisado; ao professor Fábio Faversani, que, em suas idas e vindas até à Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitava minha pesquisa, na medida em que me dava carona para ir até os documentos e, nessa convivência, ironicamente, dizia não acreditar no projeto, o que me instigou mais ainda a seguir em frente e desenvolver o projeto que agora apresento na forma de dissertação.

Aos funcionários da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, especialmente da sala de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff; aos funcionários da

Biblioteca da Faculdade de Educação da referida Universidade que, sendo todos muito solícitos, atendiam prontamente minha demanda por documentos. E ainda, agradeço à Fundação Helena Antipoff, cujos arquivos me foram abertos com total disponibilidade para a pesquisa, especialmente à funcionária Lenita que, tendo chegado à Fazenda do Rosário aos cinco anos de idade, no final da década de 1950, na condição de interna, representa um documento vivo da História da instituição.

À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa, permitindo uma dedicação exclusiva na maior parte do desenvolvimento do trabalho.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação: Rafael, Maria Helena, Magda e Josiane, pela atenção e paciência dispensadas aos alunos do programa.

À minha família que sempre depositou total confiança nos meus projetos, apoiando incondicionalmente cada um deles, arcando com o distanciamento geográfico que o desenvolvimento desses projetos representou. Digo distanciamento geográfico, porque nesses quatorze anos que moramos em cidades diferentes – sempre porque eu saía em busca dos meus sonhos – nunca o sentimento sofreu qualquer abalo, pelo contrário. Agradeço profundamente ao meu pai, homem de poucas palavras, sempre sábias, principalmente nos momentos mais urgentes; à minha mãe, sempre dedicada e a mais fervorosa torcedora pelo meu sucesso, fortaleza nos momentos mais difíceis; aos irmãos Rafael, Margareth, Giane, Patrícia, Simone, Micheli, sempre próximos, vibrando a cada conquista, chorando junto a cada tropeço e sempre me dando força para seguir em frente. Com certeza, em muitos momentos, acreditaram mais em mim do que eu mesma. Não podia deixar de agradecer o mais novo componente da família, meu sobrinho Inácio, da mamãe Simone, que representa a nossa maior alegria. A todos vocês, minha profunda gratidão e eterno amor.

À minha avó, Antônia Correia, que me recebeu em sua casa, quando iniciava a construção dessa estrada, permitindo a minha preparação para o vestibular, sem o que, acredito que esse projeto teria sido abortado na base. E aqui, agradeço ao meu avô (*in memoriam*) aos tios e primos que também me receberam de braços abertos.

Ao companheiro de jornada desde à graduação, Sergio Cristóvão Selingardi, amigo para todas as horas, presente em cada etapa do desenvolvimento desse trabalho, principalmente nos momentos decisivos, participando ativamente, debatendo conceitos, leitor e ouvinte paciente, admirador profundo do trabalho, pois desde as primeiras páginas lidas dizia que alcançaria um excelente resultado, o que representou incentivo constante, traduzido na busca dessa excelência para não decepcionar, espero ter conseguido. A você, que muitas vezes foi o irmão mais velho que eu não tenho, meu muitíssimo obrigada.

Ao sempre amigo Rogério Augusto de Oliveira, que seguiu outros caminhos, distanciando-se no espaço, mas mesmo assim, presente, incentivando e apostando no sucesso do trabalho e sabe que se trata da realização de um sonho e a superação de muitos obstáculos. A você, meus sinceros agradecimentos.

Nessa trajetória, muitos outros amigos se distanciaram, mas fizeram-se presente, acompanhando alguma etapa dessa caminhada e a vocês, Daniela Sieg, Vítório Rafante, Adailton

Damião dos Santos, Julio César da Silva, Rodrigo Biagini, Aldair Carlos Rodrigues, Dirleivalder Loyola, Paula Ferrari, Fernando Marcelo Seabra, Magna Braga, Diana de Cássia, Gustamara Freitas, Clarice David, meu muito abrigada.

Há aqueles que chegaram depois e, com certeza, ficarão para sempre. Assim é Ethel Sarolta Lilla Palinkas, amiga e companheira de convivência diária, acompanhou o cotidiano desse trabalho, testemunha de cada passo, sempre incentivando e acreditando no resultado. A você, meus sinceros agradecimentos.

Aos professores e funcionários do Collegium Sapiens Araraquara, que acompanharam e apoiaram essa última etapa do trabalho. Especialmente Anselmo e Cícero que extrapolaram os muros da escola e tornaram-se amigos pessoais e também Allynson que, além de se tornar um amigo, me ajudou a fazer outros amigos em Araraquara e assim, agradeço à Cristine, Marcos e Ioanis, pessoas importantes em mais um processo de socialização, numa cidade que, a princípio, não conhecia ninguém. A todos vocês, obrigada pela força e pelo apoio.

Aos colegas da minha turma de Mestrado e aqueles conquistados ao longo do curso, em especial, ao André, por emprestar o ombro amigo em momentos limites. Agradeço também às colegas do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade, coordenado pela orientadora desse trabalho, Roseli Esquerdo Lopes, cuja convivência e debates contribuíram sobremaneira para o resultado dessa pesquisa. A vocês, meu muito obrigada.

Agradeço a todos vocês, que fizeram e fazem com que essa trajetória tenha sentido. Esse caminhar, mesmo não tendo sido fácil, trouxe muitas alegrias e, quando olho para trás, afirmo, com toda certeza, que valeu a pena a realização do projeto, a superação de limitações pessoais, o crescimento humano e profissional. Contudo, a convivência com toda essa teia de relações que se organizou ao longo dessa trajetória e que, portanto, foi esse trabalho que possibilitou, foi tão importante quanto a finalização desse projeto. Mais uma vez, obrigada a todos vocês.

RESUMO

A Fazenda do Rosário foi criada em 1940, pela educadora russa Helena Antipoff, para receber, em regime de internato, meninos “excepcionais” de Belo Horizonte. Nosso trabalho analisou as práticas pedagógicas da instituição, buscando verificar como essas ações repercutiram na vida dos meninos internos.

Primeiramente, apresentamos a trajetória de Helena Antipoff, buscando compreender tanto os princípios educativos endossados por ela, quanto as motivações para sua vinda ao Brasil em 1929. Em seguida, acompanhamos a atuação da educadora junto ao sistema de ensino da capital mineira na década de 1930, no sentido de trilhar o caminho que a levou à criação de instituições para atender as crianças que ela chamou de “excepcionais”, inclusive a Fazenda do Rosário.

Finalmente, com base no estudo da história da Fazenda do Rosário, verificamos o perfil das crianças atendidas, as ações pedagógicas, as trajetórias dos internos, as reações ao processo de institucionalização, constatando que o trabalho constituiu-se o fio condutor dessas relações. Após um estudo das condições em que o trabalho foi adotado como princípio educativo, tecemos uma crítica à união entre ensino e trabalho praticada naquela instituição.

ABSTRACT

Rosário Farm was founded in 1940 by Russian educator Helena Antipoff as a boarding school for receiving “exceptional” children from Belo Horizonte. Our study analyzed the pedagogical practices of that institution, verifying how those attitudes reflected in inmates’ life.

First, we introduce Antipoff’s path, understanding her educational principles as well as her motivations to come to Brazil in 1929. After that, we follow her performance next to teaching system of Minas Gerais capital in 1930’s, and her path during the creation of institutions for educating children as she called “exceptional”, including of Rosário Farm.

Finally, based on learning the Rosário Farm history, we examine children profile, the pedagogical actions, the course of inmates, their reactions to institutionalizing process, testifying the work became the thread of those relations. After a study of adopted work conditions as educative principle, we weave a review of the way of teaching and performance junction happened in the institution.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
REVISÃO DA LITERATURA.....	06
REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
METODOLOGIA E FONTES.....	15
CAPÍTULO I – HELENA ANTIPOFF: A FORMAÇÃO DA EDUCADORA.	
1.1 – Helena Antipoff: “Mulher do mundo”	18
1.2 – Helena Antipoff: Psicóloga e Educadora.....	27
1.2.1 – Pressupostos Teóricos e Metodológicos do Trabalho de Helena Antipoff com Crianças na Rússia e na Suíça.....	31
CAPÍTULO II – HELENA ANTIPOFF – CAMINHOS POSSÍVEIS: DA EUROPA PARA O BRASIL E SUA ATUAÇÃO NO SISTEMA DE ENSINO DA CAPITAL MINEIRA NA DÉCADA DE 1930	
2.1 – Contexto Histórico Brasileiro e a Educação na Primeira República	46
2.2 – A Reforma de Ensino em Minas Gerais e a Vinda de Helena Antipoff para o Brasil.....	51
2.3 – As Pesquisas de Helena Antipoff na Escola de Aperfeiçoamento e o Ensino Primário na Capital Mineira na Década de 1930.....	59
CAPÍTULO III – A QUESTÃO DA CRIANÇA ABANDONADA NA CAPITAL MINEIRA E A ATUAÇÃO DE HELENA ANTIPOFF NA DÉCADA DE 1930: A INFLUÊNCIA DO MODELO SUÍÇO	
3.1 – O Lugar da Criança Abandonada: a Instituição.....	89
3.2 – A Atuação de Helena Antipoff Junto às Crianças Abandonadas da	93

Capital Mineira na Década de 1930: a Influência do Modelo Suíço.....

**CAPÍTULO IV – OS MENINOS “EXCEPCIONAIS” NA FAZENDA DO ROSÁRIO: A
EDUCAÇÃO PELO TRABALHO – 1940 – 1948**

4.1 – Panorama da Fazenda do Rosário: 1940 – 1948 – Delimitação do Objeto	127
4.2 – A Fazenda do Rosário e o Processo de Institucionalização dos Meninos “Excepcionais”	138
4.3 – Apontamentos sobre Trabalho e Educação de Crianças e Adolescentes nas Proposições de Helena Antipoff.....	181
4.4 – A Fazenda do Rosário sem Helena Antipoff.....	190
4.5 – Os Meninos da Fazenda do Rosário.....	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
BIBLIOGRAFIA.....	235

APRESENTAÇÃO

A Fazenda do Rosário foi criada em 1940 para receber, em regime de internato, meninos “excepcionais”¹ de Belo Horizonte, atendidos pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, cuja presidente era Helena Antipoff, educadora russa que veio para o Brasil em 1929, a convite do governador mineiro para implantação da Reforma de Ensino Francisco Campos (1927).

Situada a 25 km da capital mineira, no município de Ibirité, a Fazenda do Rosário recebeu os primeiros internos em 1940 e, a partir de 1948, suas atividades foram ampliadas no sentido de atender outra demanda, qual seja, a formação de professores especializados no atendimento aos “excepcionais” e às crianças do meio rural. Interessa-nos a primeira fase da instituição, dedicada exclusivamente aos “excepcionais”.

O objetivo foi analisar o trabalho desenvolvido na Fazenda do Rosário pela educadora Helena Antipoff e, com base na discussão das ações pedagógicas adotadas na Fazenda, verificar como essas ações repercutiram na vida dos alunos que passaram pela instituição.

O interesse em investigar a Fazenda do Rosário surgiu na graduação, no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Ouro Preto, quando, em 1999, na aula de Didática, ministrada pelo Professor Doutor Luiz Carlos Villalta, fomos apresentados à Helena Antipoff, através de um texto da professora Regina Helena Freitas Campos² que, além de trazer a

¹ O termo “excepcional” utilizado nesse trabalho refere-se ao conceito apresentado por Helena Antipoff e, por esse motivo, aparecerá sempre entre aspas. O conceito será amplamente discutido na dissertação, porém, para situar o leitor no entendimento que a educadora tinha da classificação do “excepcional” adiantamos que para ela “o termo excepcional é interpretado de maneira a incluir crianças e adolescentes que se desviam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais, ou quaisquer destas de forma a criar um problema essencial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social” In: ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p.271. Publicado inicialmente em 1963.

² CAMPOS, Regina Helena Freitas (1995). **Os Primeiros Passos da Educação Popular**. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho.

trajetória da educadora e seus princípios científicos, destacou suas pesquisas junto aos alunos das escolas públicas de Belo Horizonte, na década de 1930, e às instituições criadas por ela para atender as crianças consideradas “excepcionais”, dando maior ênfase justamente à Fazenda do Rosário. O artigo nos apresentou uma visão otimista da assistência à infância “excepcional” referindo-se à “pedagogia democrática da Fazenda do Rosário”:

(...) No Rosário crianças e adolescentes eram chamados a participar de sua própria educação nos conselhos da Fazenda, nos quais as decisões eram tomadas em relação à gestão da escola. Além disso, respeitava-se a autonomia individual na escolha das tarefas a serem desempenhadas, e considerava-se o trabalho manual como passo necessário no desenvolvimento intelectual.³

De acordo com Regina Helena Freitas Campos, além da gestão democrática, os princípios pedagógicos estabelecidos na Fazenda do Rosário eram o “aprender fazendo, respeito à atividade espontânea do estudante, importância do trabalho manual para o desenvolvimento intelectual, incentivo à criatividade e à cooperação”.⁴

Considerando essas informações, investigar a Fazenda do Rosário representava um caminho a seguir no sentido de contribuir para a formação de educadores, já que o texto referente às atividades da instituição apontava para a utilização de uma metodologia que levaria o indivíduo atendido pela instituição “para o seu desenvolvimento integral”.⁵ Contudo, as informações a respeito dessa metodologia foram apresentadas brevemente, fazendo-se necessário aprofundar a investigação desse objeto.

³ CAMPOS, Regina Helena Freitas (1995). **Os Primeiros Passos da Educação Popular**. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho, p. 67.

⁴ CAMPOS, Regina Helena Freitas (1995). **Os Primeiros Passos da Educação Popular**. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho, p.68.

⁵ CAMPOS, Regina Helena Freitas (1995). **Os Primeiros Passos da Educação Popular**. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho, p.68.

Além disso, a riqueza documental preservada na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, onde se iniciaram as atividades da Fazenda do Rosário, e no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, também instigava a nossa vontade de realizar o estudo da Fazenda do Rosário e assim colocar em prática e amadurecer o espírito de pesquisador e trazer à cena elementos importantes da História da Educação no Brasil.

Visitas aos referidos arquivos foram feitas e a idéia foi sendo amadurecida e, ao final da graduação na Licenciatura em História, em 2001, foi transformada num projeto apresentado ao Departamento de Educação para ser desenvolvido no Bacharelado em História da Universidade Federal de Ouro Preto, sob orientação da Professora Doutora Célia Fernandes.

No entanto, uma oportunidade de trabalho num projeto da Secretaria do Estado da Educação da Bahia, em parceria com a Universidade Estadual daquele Estado, provocou um distanciamento das fontes e da instituição onde estaria desenvolvendo a Monografia de Bacharelado, fazendo com que o projeto ficasse engavetado até 2003, quando foi encaminhado para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, sendo aprovado para ser desenvolvido na área de Fundamentos da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Roseli Esquerdo Lopes.

A idéia inicial foi mantida e o texto que apresentamos é resultado do trabalho iniciado em março de 2004, momento em que começaram as aulas do mestrado, cujas contribuições para o desenvolvimento do projeto foram fundamentais. Além das aulas, os Congressos, Palestras, Minicursos também contribuíram sobremaneira, sem falar das sessões de defesa e qualificação de teses e dissertações assistidas, que apresentaram caminhos interessantes ou mesmo desvios a serem evitados.

Contribuições riquíssimas foram adquiridas nos Grupos de Estudos freqüentados ao longo do ano de 2005: Grupo de Estudos Marxistas: Estudo dos Três Livros de “O Capital”, sob a coordenação do Professor Doutor Hector Benoit, na UNICAMP e também o Grupo de Estudos Educação e Sociedade sob a coordenação da Professora Doutora Roseli Esquerdo Lopes, orientadora desse trabalho, cujo empenho e contribuições são imensuráveis.

O ponto central da nossa investigação consistia em analisar como foi o trabalho desenvolvido na Fazenda do Rosário, mas antes se fez necessário conhecer quem foi Helena Antipoff e quais os princípios científicos que permearam a sua formação enquanto psicóloga e educadora e, principalmente, sua experiência profissional, que colocou em prática esses princípios antes de sua vinda para o Brasil.

Assim, o primeiro capítulo, intitulado “Helena Antipoff: a Formação da Educadora”, trás os caminhos percorridos por ela desde seu país de origem, a Rússia, perpassando o período que ela residiu na França e Suíça (1908 – 1916), sua volta para a Rússia (1916 – 1924) no contexto da Revolução Russa e Primeira Guerra Mundial, a passagem pela Alemanha (1925) e a permanência na Suíça, até receber o convite para trabalhar no Brasil (1925 – 1927). A partir dessa trajetória, foi possível colocar em tela quem foi Helena Antipoff e quais princípios educativos endossados pela educadora.

O segundo capítulo, cujo título é “Helena Antipoff – Caminhos Possíveis: da Europa para o Brasil e sua Atuação no Sistema de Ensino da Capital Mineira na Década de 1930”, resgata o contexto histórico brasileiro anterior à vinda da educadora, especificamente relacionado à educação em Minas Gerais, visando compreender o que levou as autoridades mineiras até a educadora russa. Esse capítulo também problematiza a atuação da educadora junto ao sistema de ensino da capital mineira na década de 1930, no sentido de trilhar o caminho que a levou à

criação de instituições para atender as crianças que ela chamou de “excepcionais”, inclusive a Fazenda do Rosário.

“A Questão da Criança Abandonada na Capital Mineira e a Atuação de Helena Antipoff na Década de 1930: a Influência do Modelo Suíço” é o título do terceiro capítulo que apresenta a situação das crianças abandonadas em Belo Horizonte, destacando as ações estatais direcionadas para solucionar o problema, problematizando como se deu a inserção de Helena Antipoff no atendimento a essas crianças, demonstrando que a educadora adaptou o modelo suíço à realidade brasileira, criando instituições especializadas no atendimento das crianças que ela chamou de “excepcional” nos mesmos moldes que ela observou naquele país. Por fim, o capítulo apresenta elementos importantes para compreensão de como Helena Antipoff organizou o trabalho educativo com as crianças institucionalizadas.

O quarto e último capítulo, “Os Meninos Excepcionais na Fazenda do Rosário: a Educação pelo Trabalho – 1940 – 1948”, apresenta o ponto central da nossa investigação, ou seja, a análise do trabalho desenvolvido na Fazenda do Rosário pela educadora Helena Antipoff e, a partir da discussão das ações pedagógicas adotadas pela, na Fazenda, o capítulo registra como essas ações repercutiram na vida dos alunos que passaram pela instituição.

REVISÃO DA LITERATURA

Antes da nossa investigação, outra dissertação de mestrado ⁶ colocou em evidência as atividades da Fazenda do Rosário, porém delimitando o período a partir de 1948, analisando a atuação de Helena Antipoff junto à formação dos professores para atuar nas escolas rurais. Na verdade, o referido texto perpassa diferentes momentos da atuação da educadora, buscando mostrar, através do seu pensamento e sua ação, o papel ideológico do intelectual para a manutenção e consolidação do poder político.

Num primeiro momento, a dissertação faz um paralelo entre os escritos de Helena Antipoff e o texto de regulamentação do Ensino Primário, demonstrando os aspectos comuns entre os dois discursos para reforçar seu ponto de vista sobre a atuação da educadora como porta-voz dos reformadores. Em seguida, apresenta as ações da educadora no processo de homogeneização das classes dos grupos escolares da capital mineira, na criação da Sociedade Pestalozzi e o seu trabalho junto aos “excepcionais”, incluindo a criação da Fazenda do Rosário e, finalmente, recorta a formação dos professores rurais a partir de 1948.

Nesse percurso panorâmico, o texto apresenta pontos importantes do trabalho desenvolvido por Helena Antipoff, no entanto, a autora não faz uma análise consistente dos dados, apresentando idéias sem conexão, na forma de tópicos, dificultando a compreensão dos objetivos da pesquisa. Constatamos que o pensamento e ações de Helena Antipoff não foram analisados em profundidades, sendo destacadas algumas passagens que confirmavam o pressuposto da manutenção do poder político.

⁶ DIAS, Maria Helena Pereira.(1995). **Helena Antipoff: Pensamento e Ação Pedagógica à Luz de uma Reflexão Crítica**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado.

A fragilidade desse trabalho é mais evidente quando analisamos outra dissertação⁷, produzida anteriormente, que destacou a Psicologia Educacional em seus pressupostos básicos enquanto produção historicamente determinada e atravessada pelas ideologias dominantes. Consultando publicações da Secretaria do Interior, posterior Secretaria de Educação, e da Sociedade Pestalozzi, reconstituiu a história da Psicologia Educacional em Minas Gerais, verificando como se constituíram as primeiras demandas pelo trabalho do psicólogo e que tipo de resposta foi dada a essas demandas, para demonstrar essa ligação entre a construção de conceitos e o contexto político.

O estudo verificou que as primeiras demandas pela Psicologia em Minas Gerais surgiram na área educacional em função da Reforma de Ensino, implementada a partir de 1927. O Capítulo I analisou a Reforma, demonstrando como o poder político se apropriou dos conceitos psicológicos para legitimar o controle social.

O Capítulo II apresentou as propostas dos Psicólogos, centradas nos testes psicológicos, que visavam conhecer o desenvolvimento da criança e medir sua possibilidade de inteligência e aptidão. Mereceu destaque o trabalho de Helena Antipoff na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais, a partir da apresentação de quatro pesquisas publicadas pelo Laboratório de Psicologia e também sua atuação junto às instituições criadas para atender as crianças “excepcionais” – a Sociedade Pestalozzi, o Instituto Pestalozzi e a Fazenda do Roário.

A dissertação centrou-se na análise dos conceitos psicológicos – normalidade e excepcionalidade – e como foram apropriados para a legitimação da ideologia dominante durante a Segunda República, que buscava conciliar uma política populista, a crescente demanda popular

⁷ CAMPOS, Regina Helena Freitas. **Psicologia e Ideologia: um Estudo da Formação da Psicologia Educacional em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG – FAE,. Dissertação de Mestrado.

pelo bem estar social e o controle dessa demanda dentro dos limites aceitáveis pelo desenvolvimento capitalista.

Nesse compasso, a atuação de Helena Antipoff se dilui na análise dos conceitos produzidos pela psicologia de forma geral, sendo apresentada de forma breve, sem contemplar as motivações para sua vinda ao Brasil em 1929, nem problematizar a relação das suas atividades na Escola de Aperfeiçoamento com o sistema de ensino da capital mineira, sem uma análise dos caminhos que a levaram à criação de instituições para atender aos “excepcionais”, sendo que estas foram citadas, sem que se apontasse para a forma de funcionamento das mesmas.

Nosso trabalho aprofundou a análise das pesquisas da Escola de Aperfeiçoamento entre outros artigos escritos por Helena Antipoff, centrando a investigação na educadora, apresentando respostas às questões que a referida dissertação não abordou, construindo um fio condutor desde a sua formação em Psicologia, com especialização em Psicologia Educacional, passando pelas motivações para a vinda ao Brasil, a atuação junto ao sistema de ensino mineiro e, daí a criação de instituições para crianças “excepcionais”.

Antes de adentrarmos em nossa investigação, buscamos respostas em outra tese ⁸, que examinou as tendências ideológicas no movimento de renovação educacional e cultural da década de 1920 e sua influência sobre as primeiras propostas de aplicação da psicanálise à educação surgidas no país, demonstrando como a situação específica do sistema educacional brasileiro e a ideologia de seus reformadores imprimiram marcas originais nas propostas da pedagogia psicanalítica e as diferenciaram em alguns aspectos importantes, das propostas então feitas na Europa.

⁸ CAMPOS, Regina Helena Freitas Campos. **Contexto Sócio-Cultural e Tendência da Pedagogia Psicanalítica na Europa Central e no Brasil (1900 – 1940)**. Belo Horizonte, UFMG. Tese apresentada ao Concurso Público pra Professor Titular na área de Psicologia.

Entre as propostas de aplicação da psicanálise à educação, apareceram as idéias de Helena Antipoff que, segundo Campos, diferentemente da maioria dos escolanovistas, que enfatizava mais a obrigação das escolas de inculcar valores e práticas modernas de vida que o respeito ao desenvolvimento espontâneo do educando, defendia não só a espontaneidade infantil, como a valorização da cultura popular.

Segundo essa tese, a orientação psicanalítica interpretada por Helena Antipoff no Brasil fazia parte da vertente democrática, observada nos autores que incluíam fatores ambientais à interpretação psicanalítica, em contraposição aos primeiros difusores da psicanálise, que adotavam o pressuposto da eugenia e atribuíam o atraso cultural do país a fatores ligados à miscigenação racial, constituindo-se na vertente autoritária.

Para atestar o caráter democrático das proposições de Helena Antipoff, a autora destacou as atividades da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, as publicações das primeiras pesquisas da Escola de Aperfeiçoamento de Professores do Estado de Minas Gerais, destacando os princípios da psicologia endossados pela educadora russa que influenciaram a criação de instituições para atender as crianças “excepcionais”.

Assim, a Fazenda do Rosário aparece como pano de fundo para as interpretações, realizadas por Helena Antipoff, dos princípios europeus e, a partir desses princípios, a autora concluiu que as atividades da instituição eram democráticas. Nosso estudo foi além dos princípios que fundamentaram a criação da instituição, buscamos verificar como esses princípios foram colocados em prática no cotidiano dos internos, mostrando os limites dessa orientação democrática e, trazendo elementos que não aparecem diretamente explicitados na teoria, mostramos como o trabalho constitui-se fio condutor das atividades, tecendo uma crítica a esse encaminhamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando que nosso objetivo é, primeiramente, compreender os processos que levaram à criação da Fazenda do Rosário, a partir da atuação da educadora e psicóloga russa Helena Antipoff, estruturamos a dissertação a partir das categorias apresentadas por Franco e Franca Basaglia (1977) que, a partir da investigação do papel do técnico como “funcionário do consenso”⁹, pretende “*ser una clave de lectura de todas las violencias institucionalizadas, que sirven como estratégia para la conservación de nuestro sistema social*”.¹⁰

De acordo com Franco e Franca Basaglia (1977), para compreensão dos processos de institucionalização, é preciso analisar a lógica interna da instituição, mas, sobretudo, faz-se necessário esclarecer suas finalidades em relação à estrutura social na qual ela se produz. Foi nesse sentido que fizemos um estudo do contexto econômico, político e social desde o início do período republicano até a década de 1930, colocando em tela as motivações que fizeram com que o governo mineiro convidasse Helena Antipoff para atuar na educação daquele Estado.

Além de problematizar as motivações para o convite à educadora, esse resgate histórico foi feito com o intuito de angariar subsídios para análise da Fazenda do Rosário quando pretendemos verificar se a Fazenda pode ser entendida como um processo de institucionalização, no sentido que lhe atribui Franco e Franca Basaglia, quer dizer, como um instrumento dos setores dominantes da sociedade para conservar a ordem vigente, no sentido de descobrir o diferente e isolá-lo para esconder que não é a estrutura da organização social que produz a contradição.

⁹ “Os intelectuais são os ‘empregados’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia e do governo político”. In: GRAMSCI, Antonio (1978) **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 11.

¹⁰ De acordo com a nossa tradução: “ser uma chave de leitura de todas as violências institucionalizadas que servem como estratégia para a conservação do nosso sistema social”. In: BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI, p.09.

Nesse caso, o diferente é algo estabelecido *a priori* e aplica-se a definição mais adequada para justificar uma intervenção repressiva para fenômenos dos quais se observa apenas um aspecto: aquele que representa uma alteração na ordem social baseada na divisão de classes¹¹.

Os estudos de Franco e Franca Basaglia (1977) analisaram os manicômios italianos na década de 1970 e, nesse contexto, os autores caracterizaram o sistema social da seguinte forma:

O Estado burguês se funda en una división artificial (producida, históricamente determinada) que es impuesta y asumida como división natural: la división de clases. A aceptación de esta división como fenómeno natural comporta una serie de reglamentos y de instituciones que, aparentemente destinadas a resolver las contradicciones naturales, sirven de hecho para mantener la división originaria sobre la cual se erige la estructura económico-social (...).¹²

Franco e Franca Basaglia (1977) destacaram instituições como os manicômios, os institutos terapêuticos e de controle, de reabilitação e segregação que, criados sob a mistificação da terapia e da reabilitação, são mecanismos de intervenção social e servem para obter a conservação da ordem pública, o ritmo produtivo do modo de produção capitalista e a eficiência da organização social.

¹¹ Para melhor compreensão da organização social baseada na divisão de classes recorreremos às leituras de Karl Marx: “Com a divisão do trabalho (...) vemos crescer diferentes subdivisões entre os indivíduos que se ocupam de determinados trabalhos (...). Cada nova fase da divisão do trabalho determina a relação dos indivíduos entre si no que concerne à matéria, aos instrumentos e ao produto do trabalho (...). A divisão do trabalho implica, ao mesmo tempo, a sua repartição e a de seus produtos, distribuição que é desigual (...), implica, portanto, a propriedade (...). Cada homem tem sua esfera de atividade exclusiva e determinada, o que lhe é imposta e da qual não pode fugir (...) se não quiser perder seus meios de existência”. Desse processo, resulta a divisão da sociedade em duas classes: de um lado, aqueles que detêm os meios de produção, os burgueses, e de outro os que só possuem sua força de trabalho, os proletários. (...)”. In: MARX & ENGELS (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Selecionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.16/28-29.

¹² De acordo com a nossa tradução: “O Estado burguês se fundamenta em uma divisão artificial (produzida, historicamente determinada) que é imposta e assumida como divisão natural: a divisão de classes. A aceitação desta divisão como fenômeno natural comporta uma série de regras e de instituições que, aparentemente destinadas a resolver as contradicções naturais, servem de fato para manter a divisão sobre a qual se mantém a estrutura económico-social”. In: BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opression**. Mexico, Siglo XXI, p.90.

Juntamente com esse aparato institucional, que isola e separa os elementos de perturbação social¹³, aparecem os técnicos que, sob a mistificação da resposta especializada, são encarregados de controlar a contenção, que é mascarada e justificada pelas diversas ideologias¹⁴ científicas, de forma que a segregação não é resposta para o segregado, e sim para a sociedade que, dessa maneira, elimina o problema.

Foi por considerar esse pressuposto que, antes mesmo de adentrar no contexto histórico, apresentamos a trajetória de Helena Antipoff até sua vinda para o Brasil. Esse percurso foi dividido em dois momentos: primeiramente destacamos traços da vida pessoal de Helena Antipoff que nos ajudaram a tentar conhecer sua pessoa, para em seguida conhecermos mais a fundo a formação e atuação profissional da educadora e psicóloga russa. Esses tópicos foram analisados no sentido de compreender quais as experiências e princípios científicos constituíram a base que orientou a prática de Antipoff na educação em Minas Gerais.

Para uma melhor definição do técnico na perspectiva de análise de Franco e Franca Basaglia, destacamos a seguinte passagem.

(...) Estas disciplinas (psiquiatria, psicología, psicoanálisis) nacidas en nombre del hombre y de su liberación, han tenido la función de determinar los comportamientos ‘normales’, de definir los límites de la norma, de controlar a través de la terapia y la reclusión las desviaciones, no sobre la base de las necesidades del hombre sino como respuesta a las exigencias de la ley económica, a las necesidades del grupo dominante, que debe tener bajo control a la mayoría, para garantizar la propia supervivencia. De

¹³ Na interpretação de Basaglia, os elementos de perturbação social são “aquellos que no producen, aquellos que voluntariamente se excluyen o involuntariamente son excluidos del comercio social” In: BASAGLIA & BASAGLIA (1977). **Los Crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Técnicos como Servidores de la Opresión**. Mexico, Siglo XXI, p. 85.

¹⁴ Considerando o amplo debate existente em torno do conceito de ideologia, achamos conveniente explicitar que Basaglia não dedicou em seu texto um momento específico para delinear o conceito, apesar do termo aparecer com frequência em sua obra. A partir do contexto em que o conceito aparece, o seguinte excerto, retirado do livro *A Ideologia Alemã*, nos auxiliou a compreender o que o autor quer fazer emergir quando utiliza o termo ideologia: “(...) As idéias da classe dominante são também as idéias predominantes de cada época, ou seja, a classe que é força material dominante na sociedade é também a força espiritual dominante (...). As idéias daqueles que não dispõem dos meios de produção intelectual ficam sujeitos à classe dominante. (...)”. In: MARX & ENGELS (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Seleccionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 45.

este control los intelectuales y técnicos de las ciencias humanas han sido los legitimadores.¹⁵

Foi a partir desse referencial que problematizamos a atuação de Helena Antipoff no sistema de ensino mineiro. Buscamos compreender quais as bases científicas que a educadora utilizou para a análise desse ensino e, a partir de seu diagnóstico, desenvolveu sua ação na direção daqueles que ela chamou de “excepcionais”. Segundo Franco e Franca Basaglia (1977), o técnico, através de sua prática, pode tomar consciência dos mecanismos nos quais as instituições se fundamentam e passar a atuar no sentido de que o objeto da manipulação se aproprie dos conhecimentos que justificam seu estado de segregado a ponto de recusá-los. Nessas condições, o trabalho técnico atua como trabalho político.

(...) Desenmascarar en la práctica que la fábrica es nociva a la salud, que el hospital produce enfermedad, que la escuela crea marginados y analfabetos, que el manicomio produce locura, que la cárcel produce delincuentes y que esta producción ‘deteriorante’ está reservada a la clase subalterna, significa romper la unidad implícita en el encargo dado a los técnicos que tienen el deber de ratificar, con su teoría científica, que locos, enfermos, retardados mentales, delincuentes son lo que son por naturaleza, y que a ciencia e sociedad no pueden modificar procesos connaturales en el hombre.¹⁶

Sob orientação desse referencial, analisamos as instituições criadas por Helena Antipoff para atender os “excepcionais”, principalmente a Fazenda do Rosário, buscando verificar se as

¹⁵ De acordo com nossa tradução: “(...) Estas disciplinas (psiquiatria, psicologia, psicanálise) nascidas em nome do homem e de sua libertação, têm tido a função de determinar os comportamentos ‘normais’, de definir os limites da norma, de controlar através da terapia e da reclusão dos desviantes, não sobre a base das necessidades do homem, sendo uma resposta às exigências da lei econômica, às necessidades do grupo dominante, que deve ter sob seu controle a maioria, para garantir a própria sobrevivência. Deste controle os intelectuais e técnicos das ciências humanas têm sido os legitimadores”. In: BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI, p. 22.

¹⁶ De acordo com nossa tradução: “(...) Desmascarar na prática que a fábrica é nociva à saúde, que o hospital produz enfermidade, que a escola cria marginais e analfabetos, que o manicômio produz loucura, que a cadeia produz delinquentes e que esta produção ‘deteriorante’ está reservada à classe subalterna, significa romper a unidade implícita na função dada aos técnicos que têm o dever de ratificar, com sua teoria científica, que loucos, enfermos, retardados mentais, delinquentes são o que são por natureza, e que a ciência e a sociedade não podem modificar processos naturais no homem”. In: BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI, p. 17.

ações empreendidas por ela atenderam as necessidades dos institucionalizados ou simplesmente se constituíram enquanto resposta ao meio social onde se instalaram essas instituições, quer dizer a sociedade mineira das décadas de 1930 e 1940.

De acordo com Franco e Franca Basaglia (1977), é somente a partir da interação com os internos das instituições que o técnico pode verificar suas reais necessidades e ajudá-lo a superar a condição de segregado e dominado, alcançando assim a libertação dos internos e sua própria libertação desse processo de dominação, no qual acaba sendo sujeito e objeto.

El técnico, ya sea por el tipo de preparación que ha tenido, ya sea por la clase a la que pertenece, conoce solamente las necesidades preestablecidas y condicionadas por la ideología: si no es el usuario con quien actúa el que las expresa, vuelve a proponerle una respuesta que queda dentro de la cultura por el incorporada y que se traduce en medidas represivas en relación con aquellos a los cuales debe prestar el servicio. Es sólo con el usuario que puede aprender a conocerlas y a individualizarlas, más allá de la ideología que condiciona y determina a realidad. (...) encontrando en su búsqueda de la liberación del oprimido también la liberación de la opresión de la cual él mismo es simultáneamente sujeto y objeto.¹⁷

¹⁷ De acordo com a nossa tradução: “O técnico, seja pelo tipo de preparação que tem recebido, seja pela classe a que pertence, conhece somente as necessidades preestabelecidas e condicionadas pela ideologia: se não é com o usuário com quem atua e que as expressa, propõe uma resposta de acordo com a cultura por ele incorporada e que se traduz em medidas repressivas em relação àqueles que deve prestar seus serviços. É somente com o usuário que pode aprender a conhecê-las e a individualizá-la, além da ideologia que condiciona e determina a realidade (...). encontrando em sua busca da libertação do oprimido também a libertação da opressão da qual ele mesmo é simultaneamente sujeito e objeto”. In: BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI, p. 20-21.

METODOLOGIA E FONTES

O trabalho apresentado é o resultado da análise dos textos escritos por Helena Antipoff a partir das categorias apresentadas pelo referencial teórico, sendo acompanhada por uma pesquisa histórica a partir de bibliografia pertinente aos temas abordados.

Helena Antipoff não escreveu nenhum livro, pois segundo seu filho, Daniel Antipoff, a educadora preferiu agir e ensinar pelas ações, a partir do seu próprio exemplo.

(...) em sua ânsia de deixar algo concreto e mais palpável para as populações em geral, tão carentes de tudo, preferiu agir, organizar, construir, fazer demonstrações através de cursos e seminários, enfim, inculcar hábitos de ação construtiva, mais do que simplesmente escrever para uma minoria. (...) Julgava que, no Brasil, seria mais útil o próprio exemplo (...).¹⁸

Assim, nossas fontes são artigos que apresentam resultados de pesquisas, textos referentes às palestras, conferências, seminários proferidos por Helena Antipoff. Essa característica do material deixado pela educadora fez com que o nosso trabalho se constituísse numa garimpagem de diversos artigos na busca do esclarecimento das questões levantadas a partir das categorias do referencial teórico.

Contudo, contamos com a praticidade de grande parte desse material estar reunido em quatro volumes¹⁹, organizados pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, numa homenagem póstuma à educadora, feita em 1992, ano de centenário de seu nascimento.

Por se tratar de um material bem amplo e diversificado, não o apresentaremos pormenorizadamente nesse momento, pois será mais significativo destacar cada documento no

¹⁸ ANTIPOFF, Daniel (1992). **Prefácio**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol.1 Belo Horizonte: Imprensa Oficial, p. 07.

¹⁹ O material foi distribuído em quatro temas: volume I – Psicologia Experimental; volume II – Fundamentos da Educação; volume III – Educação do Excepcional; volume IV – Educação Rural.

contexto em que foi utilizado. E, se destacamos muitas citações de cada documento, isso foi feito para proporcionar ao leitor uma apreensão mais completa do seu conteúdo.

Outras fontes importantes para o nosso estudo da Fazenda do Rosário foram os diários escritos pelas professoras da instituição, que registraram os acontecimentos desde o início de suas atividades em 1940. Todavia, não conseguimos localizar os diários da década de 1940. O que encontramos foi um artigo intitulado “A Fazenda do Rosário Através dos Registros” em que Helena Antipoff fez um recorte dos diários das professoras e organizou o texto, apresentando passagens interessantes do cotidiano da Fazenda, constituindo-se num documento inédito, importantíssimo para a nossa pesquisa.

Esses trechos dos diários fazem parte de um material mais amplo, escrito por Helena Antipoff²⁰. Trata-se de um documento de 1952, sem título, encontrado nos arquivos da Fundação Helena Antipoff, em Ibirité. A última parte desse material, referente aos princípios que presidiram o desenvolvimento da Fazenda do Rosário, foi publicado sob o título “A Fazenda do Rosário como Experiência Social e Pedagógica no meio rural”.²¹ Nessa publicação, encontramos a seguinte referência ao artigo de origem: “Extraído do ‘Histórico’ da Fazenda do Rosário, publicado por D. Helena em setembro de 1952, no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953”.

²⁰ Nesse documento, Helena Antipoff elaborou um prefácio, apresentando a Fazenda do Rosário e seus objetivos, seguidos por uma cronologia resumida das atividades da Fazenda, desde 1939 até 1952, acompanhada dos trechos dos diários das professoras, inclusive de Helena Antipoff, que apresentam alguns elementos do cotidiano dos seus moradores. Um artigo escrito pela diretora da Fazenda do Rosário, Yolanda Barbosa, intitulado “Notas sobre alunos internos na Escola Rural Dom Silvério, na Fazenda do Rosário”, também compõe o relato, que fala ainda da Casa de Repouso, inaugurada em 1941. Por fim, Helena Antipoff falou dos cursos de treinamento dos professores rurais, instalados em 1948, e dos princípios que presidiram o desenvolvimento da Fazenda do Rosário. In: ANTIPOFF, Helena (1952). **‘Histórico’ da Fazenda do Rosário**, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

²¹ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 277.

Além desse histórico de 1952, analisamos mais dois documentos que Helena Antipoff escreveu sobre as atividades da Fazenda do Rosário: em 1962²², por ocasião do aniversário de trinta anos da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais; e outro em 1967, referente a um levantamento das atividades da instituição e que acompanhou uma carta destinada à representante do Unicef, Alice Schaeffer, solicitando auxílio para melhoramento da instituição.

Constituiu-se, como fonte de pesquisa do nosso trabalho, a biografia de Helena Antipoff, publicada em 1975, escrita por Daniel Antipoff, filho da educadora e também artigos publicados pelas professoras que trabalharam na Fazenda do Rosário ou foram alunas dos cursos de treinamento para professores rurais, instalados na instituição a partir de 1948.

A partir do cruzamento dessas fontes, contando com o apoio de bibliografia específica, buscamos os elementos que, paulatinamente, foram construindo a trajetória de Helena Antipoff desde a Rússia até o Brasil e, a partir de um contexto específico de sua atuação junto ao sistema de ensino mineiro, levantamos os caminhos que a levaram à Fazenda do Rosário para, finalmente, verificar suas ações junto a essa instituição.

²² ANTIPOFF, Helena (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963.

CAPÍTULO I

HELENA ANTIPOFF: A FORMAÇÃO DA EDUCADORA

1.1 – Helena Antipoff – “Mulher do Mundo”

No primeiro momento da nossa investigação, acompanhamos a trajetória de Helena Antipoff numa tentativa de conhecer um pouco de sua pessoa e apresentar ao leitor um retrato dessa educadora que se considerava “uma mulher do mundo”¹ e que se destacou no cenário brasileiro, passando a maior parte de sua vida no Brasil.

Acompanhar uma trajetória de vida pode fazer emergir tanto a vida individual quanto à vida social do indivíduo, e isto depende da maneira como a pesquisa é desenvolvida.² Partindo desse pressuposto, utilizamos, como fonte, no estudo da pessoa de Helena Antipoff, a sua biografia³, que apresenta a vida particular da educadora, destacando o que ela fez e disse através do tempo, em variadas circunstâncias. Apesar de haver atingido a sociedade em que viveu a educadora, isto foi feito para explicar seus comportamentos e as fases de sua existência individual.

¹ Quando lhe perguntaram se ela se sentia brasileira ou russa, responde que antes de tudo era uma mulher do mundo. In: ANTIPOFF, D. (1975). **Helena Antipoff. Sua Vida, Sua Obra**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, p. 175.

² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1988). **Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”**. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. *Experimentos com Histórias de Vida: Itália – Brasil*. São Paulo, Vértice, p. 36.

³ ANTIPOFF, D. (1975). **Helena Antipoff. Sua Vida, Sua Obra**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora.

A Helena Antipoff que apresentamos nos parágrafos seguintes é resultado de uma conjugação de imagens: por um lado, aquela imagem que a educadora tinha de si⁴ e que foi passada para o filho; por outro lado, a imagem que o filho conseguiu captar do que lhe apresentara a mãe a partir de sua vivência ao lado dela. Finalmente, deve ser considerado o filtro do nosso olhar, que procurou trazer à tona momentos que nos surpreenderam quando olhamos para além da educadora e que, de alguma forma, nos influenciaram na análise de sua ação.

Assim, antes de nos remetermos à Helena Antipoff educadora e psicóloga, sua formação e sua atuação, acompanhar sua trajetória profissional com o intuito de problematizar sua atuação com as crianças brasileiras, optamos por recortar alguns momentos em sua trajetória no sentido de aproximar o nosso olhar e ampliar a nossa visão a seu respeito. Acreditamos que, para fazer uma abordagem crítica de sua ação, é necessário conhecê-la sob todas as perspectivas.

Helena Antipoff nasceu em Grodno na Rússia em 1892 e viveu até 1908 em São Petersburgo. Sua mãe, Sofia Constantinovna, estudou no “Instituto para Moças da Nobreza”, em Lodz, onde se formou em Pedagogia com distinção, adquirindo grandes conhecimentos em línguas estrangeiras, falava fluentemente o francês e o alemão. Seu pai, Wladimir Vassilevitch Antipoff, era filho de rico industrial, mas seguiu outro caminho, preferindo o curso na Academia do Estado-Maior, destacando-se na carreira militar, chegando ao posto de coronel antes de completar os 40 anos.⁵

⁴Devemos considerar o fato de que ela era “muito reservada sobre seu passado e sua intimidade, costuma desviar o assunto, quando alguém a interpela a respeito”. Ao ser indagada pela neta acerca de quando iria escrever sobre sua vida responde: “Escrever, para quê? Com que intenção me pede isso? Pela simples curiosidade de encontrar alguma situação insólita? Interessa-lhe saber de possíveis aventuras minhas? Deseja conhecer-me para tirar experiência para você mesma? Deveria eu selecionar o material que possa servir de estímulo moral? Ao contrário, revelar algo nada moral, mas que possa ser superado e como? Realmente a tarefa é dura e provavelmente precisaria dedicar mais tempo e esforço (...)”. In: ANTIPOFF, D. (1975) **Helena Antipoff. Sua Vida, Sua Obra**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, p. 174-175.

⁵ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 19-20.

Entre as principais características de Helena Antipoff, destacam-se: a sede pelo saber e seu espírito científico, que já se faziam presentes desde sua infância e encontraram, no ambiente familiar e na escola, terrenos férteis para se desenvolver. Na escola secundária, Helena Antipoff “passa horas seguidas em laboratórios bem montados, observando e anotando com a máxima objetividade os fatos. Acostuma-se a somente considerar como verdadeiro aquilo que é suscetível de verificação”.⁶ Os presentes de aniversário eram livros, muitos encomendados no estrangeiro, e algumas horas por dia e os feriados, eram dedicados à leitura na casa dos Antipoff.⁷

Esse espírito científico acompanhou a educadora em toda a sua trajetória, que, sendo marcada pela “necessidade de adaptação em contextos diversos, sempre a curiosidade científica lhe aparecia como a porta de entrada, a condição de possibilidade de compreender o estranho e de se fazer conhecer”.⁸

A vontade de se dedicar à ciência era tão predominante que Helena Antipoff se diferenciava de outras mulheres de seu tempo. Podemos perceber esse encaminhamento em vários momentos de sua vivência, inclusive desde o período da juventude. Ao estudarmos os primeiros anos de Helena Antipoff em Paris, para onde se mudara com a mãe e a irmã em 1909, quando tinha 17 anos, nos deparamos com a seguinte passagem, referindo-se a ela e duas amigas.

As três, na flor da idade para levarem uma vida de moças, atentas a possíveis galanteios, caracterizavam-se por uma mentalidade fora do comum. Consideravam que a cultura e o estudo aprofundado são os elementos essenciais para a sua vida de jovens, julgavam ter uma missão na área profissional também. Convivendo com rapazes e amigos,

⁶ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 22.

⁷ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 20.

⁸ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 30.

também universitários, parece que não fazem do casamento a meta essencial da vida.⁹

Foi nesse período que Helena Antipoff começou a experimentar sua independência, realizando uma viagem de férias para a Inglaterra, contrariando a argumentação da mãe, que insistia em persuadi-la a não viajar, já que “naquela época, realmente era uma coisa ousada uma moça, jovem ainda, viajar sozinha e passar por cima dos preconceitos sociais”.¹⁰ Ela viajou em julho de 1911 e ficou naquele país por quase três meses, ministrando aulas de francês na residência de uma família inglesa.

Essa postura independente se manifestou em outras situações. Em 1916, ela havia concluído seu curso de Psicologia na Universidade de Genebra e trabalhava como assistente de Edouard Claparède, momento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que envolveu tanto os países industrializados da Europa, quanto o império russo, cuja indústria ainda se encontrava em fase de desenvolvimento.

Nesse período, a Rússia vivia o regime czarista, sob o governo autocrático de Nicolau II, “jogete das potências estrangeiras e da Igreja Ortodoxa russa”.¹¹ O povo era oprimido “(...) pela censura (...), a prisão, o trabalho forçado na Sibéria e até mesmo pelas excomunhões por parte do clero (...)”.¹²

⁹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 31-32.

¹⁰ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 33.

¹¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 27.

¹² ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 22-23.

As classes sociais, excetuando a aristocracia “ligada ainda ao czar” e “os militares credenciados na corte”¹³, estavam descontentes, pois camponeses e operários viviam em condições de miséria, e a burguesia encontrava-se insatisfeita diante da incapacidade de um regime arcaico que configurava um obstáculo aos seus progressos. O envolvimento da Rússia na conflagração mundial agrava os seus problemas internos, desorganizando a economia e intensificando os conflitos de classes: camponeses e proprietários; operários e burgueses.¹⁴

A opressão, o descontentamento e os conflitos, em um momento de guerra, criaram um clima de instabilidade política, no qual se preparava movimentos de insurreição contra o governo: “Os escritos de Marx, as exortações de novos líderes populares, entre os quais Trotsky e Lenine, produziam inquietações e semeavam o pânico no seio da classe privilegiada (...)”.¹⁵

A Rússia passava por um momento crítico: os exércitos russos lutavam contra as tropas alemãs, enquanto o povo injustiçado e faminto se revoltava contra o governo czarista.¹⁶ Antipoff se impacientava com as leituras dos jornais, buscando notícias da Rússia e pensando no pai à frente do exército russo. Ao receber a informação de que o pai estava gravemente ferido, despediu-se de Claparède e, diante de todas as dificuldades que um contexto bélico podia oferecer, empreendeu a viagem de volta à Rússia:

Vai ao consulado, consulta companhias de transporte marítimo. Em todos os lugares é aconselhada a desistir daquela viagem sozinha, mormente tratando-se de um período tão confuso em todos os países que

¹³ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 26.

¹⁴ CROUZET, Maurice (1958). *A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15, p. 226-227.

¹⁵ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 27.

¹⁶ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 43.

teria de atravessar. Na própria Rússia estaria sem nenhuma garantia de segurança, devido às insurreições internas (...).¹⁷

Mesmo considerando esses riscos, Helena Antipoff seguiu com seu objetivo de auxiliar o pai, viajando para a Rússia sem nenhuma pista de onde ele poderia estar. Ao chegar ao país, tomado pelos levantes revolucionários contra o czarismo, começou uma peregrinação pelos hospitais, às vezes viajando dias de trem em condições precárias. Encontra o pai em estado de inconsciência.

A magreza daquele homem de cinquenta anos, provocada por mais de dez dias sem alimento sólido, tornava-o irreconhecível. Helena repentinamente lembra uma particularidade da mão do pai – o polegar da mão esquerda ligeiramente atrofiado devido a um acidente na infância. Levanta o cobertor à procura do indício. A mão também está enfaixada, mas o polegar aparece-lhe nitidamente com aquele corte do dedo”.¹⁸

Mesmo em condições tão desfavoráveis, o Coronel Wladimir Antipoff conseguiu se recuperar com a ajuda da filha, que permaneceu na Rússia até 1924. Nesse quadro, se operaram transformações na Rússia: a monarquia havia sido derrubada e substituída no poder por um governo provisório, que representou um regime dualista: de um lado o governo “legal”, porém fraco, representante dos interesses da burguesia liberal; e de outro, o Soviete¹⁹, ao qual os

¹⁷ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 46.

¹⁸ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 62.

¹⁹ Conselho de operários e soldados que se multiplicavam no império russo, até mesmo nas pequenas aldeias. CROUZET, Maurice (1958). *A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15, p. 226.

bolcheviques²⁰ estavam ligados, pressionava aquele governo que, comprometido com seus aliados franceses e ingleses, manteve a Rússia na guerra.²¹

Tal insistência do governo “legal” de manter a Rússia no conflito contribuiu para o fortalecimento dos bolcheviques, cujo programa consistia: na paz; na libertação das nacionalidades alógenas (oprimidas pelo regime czarista); nacionalização dos bancos e das grandes empresas; da expropriação das propriedades de terra; e do controle da produção, por parte dos proletários. Os bolcheviques derrubaram o governo provisório “legal”, por meio de um levante que passou à história como Revolução Russa (outubro de 1917).²²

O ano de 1917 marcou na Rússia a insurreição popular e a revolução que instalou os bolcheviques no poder. “(...) Foi também data das grandes violências e horrores por parte de uma plebe injustiçada e faminta (...)”.²³ Nesse período, gostaríamos de destacar mais dois episódios que nos ajudaram a conhecer melhor a figura humana da educadora.

Em 1918, Helena Antipoff e o jornalista Vítor Iretzky se uniram em “casamento informal” e, no ano seguinte, nasceu o filho do casal. Era um período crítico na Rússia, caracterizado por um governo conturbado que se esforçava para conduzir a Rússia ao socialismo.

Porém, a transformação do velho império russo em um país socialista custou ao governo de Lênine grandes sacrifícios: a luta contra opositores internos (os contra-revolucionários); as intervenções estrangeiras (principalmente logo após o governo bolchevique retirar a Rússia da

²⁰ Os bolcheviques, liderados por Lênin, constituíram uma facção do Partido Operário Social Democrata Russo e defendiam a idéia da implantação do socialismo, por meio de uma revolução armada. In: CROUZET, Maurice (1958). **A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 14, p.227.

²¹ CROUZET, Maurice (1958). **A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15, p. 226.

²² CROUZET, Maurice (1958). **A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15, p. 226.

²³ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 69.

guerra, através de um tratado de paz, em separado, com a Alemanha); a elaboração da Nova Política Econômica (N.E.P), uma tentativa de superar a crise interna, que se agravara com a guerra civil²⁴; a fome, que “se espalha por todos os lados, não há o que comer. Quem arranja um pouco de pão sabe que a quarta parte é constituída de serragem de madeira”.²⁵

No cenário das convulsões que se seguiram à Revolução de Outubro, nasceu o filho de Helena Antipoff que, apesar de ter nascido saudável, tornou-se um menino muito magro, a ponto de ser levado a um laboratório de anatomia, sendo exposto como amostra de raquitismo, mas nem assim a mãe conseguiu obter auxílio para alimentá-lo. A ajuda veio de uma camponesa que havia perdido um filho da mesma idade e acabou alimentando a criança por dois meses.²⁶

Em 1919, o jornalista Vítor Iretzky, marido de Antipoff foi preso e, como outros tantos “intelectuais”, passou a ser considerado “inimigo do povo”, e a punição foi o exílio na Alemanha, sendo extraditado em 1922. Helena Antipoff permaneceu na Rússia até 1924 e, ao ir para a Alemanha encontrar-se com o marido, teve “de optar por uma nova nacionalidade, visto que saindo da Rússia, perde o *status* de cidadã da U.R.S.S.²⁷, conforme o diz o último carimbo apostado ao passaporte de Helena Antipoff”.²⁸

Mas sua nova nacionalidade não seria alemã, pois ela permaneceu pouco tempo naquele país. Em janeiro de 1925, desembarcou com o filho em Genebra, onde permaneceu até sua

²⁴ CROUZET, Maurice (1958). **A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15, p. 232.

²⁵ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 70.

²⁶ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 71.

²⁷ Na década de 20 do século XX, a Rússia se tornou parte integrante da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cujo governo foi organizado em torno do Partido Comunista da U.R.S.S. In: CROUZET, Maurice (1958). **A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15, p. 277-278.

²⁸ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 85.

partida para o Brasil, em 1929. Com a permanência prevista para dois anos, acabou vivendo a maior parte de sua vida aqui. Quando lhe perguntam se se sentia brasileira ou russa, respondeu:

Sou russa, mas antes de tudo sou mulher do mundo – brasileira, francesa, argentina, tudo. Mas nasci na Rússia. Sinto muita saudade da Rússia. Depois que saí, nunca mais voltei. Penso muito nos campos da Rússia, nas árvores e nos bosques. Dou meus passeios por lá, em pensamento.²⁹

Um impasse se impôs para Helena Antipoff ante sua decisão de passar dois anos no Brasil. Tratava-se do futuro do filho, Daniel Antipoff, que estava com dez anos de idade. A preocupação colocou-se em termos educacionais, pois as informações de Leon Walther, psicólogo do Instituto Jean Jacques Rousseau que viajou ao Brasil antes da educadora, a esse respeito, não pareciam atender às expectativas da educadora:

Pelas informações obtidas de Walther, o ensino em Minas Gerais está incipiente, ainda em fase experimental. A maioria do magistério é constituída de mulheres, recém-formadas em escolas normais. Há ausência de professores secundários diplomados, a maioria autodidata.³⁰

A solução que se apresentou consistia em deixar a criança na Europa para dar continuidade à educação já iniciada, “na condição de interno provavelmente”.³¹ Para concretizar essa possibilidade, Helena Antipoff procurou uma ex-aluna do Instituto Jean Jacques Rousseau, que, terminando seu curso, pretendia abrir uma escola em regime de internato. Diante da proposta de “servir de segunda mãe e dar ao menino a primeira matrícula na escola que iria

²⁹ ANTIPOFF, Helena apud ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 175.

³⁰ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 98.

³¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 98.

organizar”.³² Marguerite Soubeyran se entusiasmou e se mobilizou para angariar fundos e viabilizar a instituição sob “as características da escola nova, preconizada por Claparède”.³³

Pagando adiantado a pensão do filho, que foi o primeiro aluno matriculado na escola internato de Maggi Soubeyran, Helena Antipoff deixou a Europa e seguiu rumo ao Novo Mundo, em 1929. A estadia prevista para dois anos vai se estendendo e, com isso, mãe e filho ficaram separados por quase dez anos. Daniel Antipoff só se transferiu para o Brasil em 1938, devido à iminência da Segunda Guerra Mundial.³⁴

Estamos diante de uma mulher cujo espírito científico se manifestou muito cedo, sendo desenvolvido desde a infância. Fazendo parte de uma família privilegiada, não foi poupada dos percalços da Primeira Guerra e da Revolução Russa, fazendo desses momentos difíceis, oportunidades para colocar em prática seus conhecimentos, como veremos mais adiante. A crença na ciência se fez tão forte em sua trajetória que, quando se transferiu para o Brasil, o filho ficou na Europa para ser educado num internato que adotava a nova pedagogia (Pedagogia Experimental).

1.2 – Helena Antipoff – Psicóloga e Educadora

Ao deixar a Rússia pela primeira vez em 1909, Helena Antipoff já havia concluído o ensino secundário e o normal complementar. Ao chegar em Paris, buscou validar os seus

³² ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 98.

³³ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 99.

³⁴ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 126.

diplomas para ingressar no ensino superior, “ainda não sabe exatamente qual o curso que irá seguir, embora em outras épocas houvesse pensado no magistério”.³⁵

Segundo Daniel Antipoff, num primeiro momento ela se direcionou para o curso de Medicina na Universidade de Sorbonne, mas considerou as aulas de Anatomia e Fisiologia desinteressantes. Foi quando começou a freqüentar as aulas de Pierre Janet e Henry Bergson no Collège de France, e a partir daí a Psicologia passou a ser o foco de seu interesse.

Ainda que uma ciência nova, a psicologia a empolga pela maneira como é discutida por aqueles mestres (...). A psicologia lhe parece emocionante e o que lhe agrada, sobretudo, é nela enxergar uma capacidade de resolver teoricamente uma série de situações.³⁶

O interesse pela Psicologia parece ter surgido durante sua passagem pela Inglaterra. No período de três meses em que permaneceu naquele país, em 1911, antes de iniciar as aulas na Sorbonne, fez um estágio de algumas semanas na Saint Helen's School na cidade de Blackheath. Tratava-se de um educandário para meninos que apresentavam problemas neurológicos, gerando dificuldades nos estudos e na convivência familiar. Preocupada com essas crianças, ela se questionou se a medicina ou outra ciência não poderia ajudar no atendimento dispensado a elas.

Assim, o valor daquele estágio constitui para Helena mais um motivo de indagações do que de satisfação. Na escola de Blackheath apenas está posto um problema, faltando solucioná-lo. (...) além do médico e do psiquiatra, deve haver outro tipo de técnico, atento aos problemas do doente. Uma metodologia diferente deveria ser introduzida e talvez o famoso Alfred Binet pudesse emitir opiniões valiosas.³⁷

Nessa busca de soluções, Helena Antipoff procurou Alfred Binet, cujas pesquisas na área educacional se faziam conhecidas na Europa. O psicólogo havia falecido dias antes da visita de

³⁵ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 31.

³⁶ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 38.

³⁷ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 37.

Helena Antipoff ao seu laboratório, mas Théodule Simon, discípulo de Binet a recebeu e a aceitou como estagiária do Laboratório da Universidade de Paris, “ali, iniciou sua formação científica, tendo participado dos ensaios de padronização dos testes de nível mental de crianças então elaborados por Alfred Binet e Théodule Simon”.³⁸

Ainda durante esse estágio, conheceu Edouard Claparède da Universidade de Genebra, que a convidou para fazer parte do Instituto Jean-Jacques Rousseau, que pretendia ser “ao mesmo tempo uma escola das ciências da educação (aberta a todos que se dedicavam ao ensino) e um laboratório de pesquisas”.³⁹ Diante do convite, Helena Antipoff abandonou o curso de Medicina e seguiu para o *Institut des Sciences de l’Education* da Universidade de Genebra, onde obteve entre 1912 e 1916, o diploma de Psicóloga com especialização em Psicologia da Educação.

A Europa, nesse período, no campo educacional, estava passando por um movimento de renovação⁴⁰, impulsionado pelas mudanças políticas iniciadas no século XVIII com a Revolução Francesa. Fazia-se necessário realizar os ideais de educação para todos, mas como trabalhar com as diferenças individuais e ainda contribuir para a reprodução da divisão social do trabalho?

Segundo Campos,

(...) essas tensões estavam presentes e se intensificavam nos sistemas de ensino de massa, construídos, na verdade, sob a pressão de demandas contraditórias: a pressão das populações trabalhadoras e das camadas médias pela ampliação do acesso às oportunidades educacionais e a

³⁸ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 15.

³⁹ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 97.

⁴⁰ “(...) as principais etapas do desenvolvimento histórico da Escola Nova, na sua dimensão universal, observa-se o seguinte: quatro etapas no desenvolvimento geral. Com efeito, de 1889 a 1990 – primeira fase –, foram criadas as primeiras escolas novas, o que mostra que o movimento não apareceu como resultado de pura especulação. A segunda, de 1900 a 1907, é a da formulação do novo ideário educacional, por meio das diversas correntes teórico-práticas, quando se destaca a atuação de Dewey, considerado o pai do movimento ativista na ordem teórica. De 1907 a 1918 – terceira fase – ocorrem a criação e publicação dos primeiros métodos ativos, ao mesmo tempo que é um período de maturidade das realizações. Finalmente, a fase que vai de 1918 em diante, de difusão, consolidação e oficialização das idéias e princípios, dos métodos e das técnicas do escolanovismo”. In: NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro” Fundação Nacional de Material Escolar, p. 240.

pressão das elites dirigentes pela formação para o trabalho nas modernas sociedades industriais.⁴¹

O Laboratório Binet-Simon e o Instituto Jean-Jacques Rousseau estavam envolvidos nesse movimento de renovação, respondendo a essas demandas educacionais. Binet propôs, em 1908, a escala métrica de inteligência, visando avaliar as capacidades cognitivas das crianças e planejar programas de educação adequados a cada nível, distribuindo as crianças em estabelecimentos ou classes especiais. Claparède, pensando no ensino atento às diferenças individuais, desenvolveu a proposta da “Escola sob Medida”.

Em linhas gerais, é esse o contexto que orientou Helena Antipoff em sua formação como educadora e psicóloga e, a partir das leituras de seus escritos, podemos inferir que seu pensamento e sua ação apresentavam traços evidentes da influência dos educadores citados, principalmente Edouard Claparède, amigo pessoal que ela admirava como um educador diferente “dos educadores de sua época, geralmente prepotentes e acostumados a cercear a liberdade dos discentes, impingindo-lhes seus métodos nem sempre adequados”.⁴²

⁴¹ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 16.

⁴² ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 42.

1.2.1 – Pressupostos Teóricos e Metodológicos do Trabalho de Helena Antipoff com Crianças na Rússia e na Suíça.

Inserida num contexto de renovação educacional, Helena Antipoff endossava esse movimento, cujos princípios encontravam eco nos seus escritos, como evidencia esse trecho publicado originalmente em 1927.

Toda pedagogia avançada se baseia teoricamente no conhecimento da criança. Sem esses conhecimentos não é possível a ‘escola sob medida’. Supérfluo é defender tais asserções, pois estas já são comumente admitidas por todos que proclamam a nova educação.⁴³

Diante desse fato, para avançarmos na pesquisa das idéias e propostas educacionais de Helena Antipoff, foi crucial conhecer os princípios da “Escola sob Medida” que segundo o próprio autor, não é algo original, foi inspirado “nos exemplos de Dewey, Decroly e Montessori”.

⁴⁴ Tratava-se do movimento da nova pedagogia, que ficou conhecido como Escola Nova.

⁴³ ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Expeirmental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 29.

⁴⁴ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 199.

✓ **A “Escola Sob Medida”**

A “Escola sob Medida”, foi apresentada em contraposição aos “defeitos do regime tradicional”.⁴⁵ Ao se referir ao termo, Claparède apontou para a necessidade de se desfazer um mal entendido, pois

(...) pensou-se várias vezes que, por escola sob medida, eu entendia uma escola que media os alunos! Nem se precisa dizer que estas palavras significam apenas uma escola adaptada à mentalidade de cada um, uma escola que acomode tão perfeitamente os espíritos, quanto uma roupa ou um calçado sob medida o fazem para o corpo ou para o pé. (...) o pedagogo veste, calça e cobre todos os espíritos do mesmo jeito. Só tem coisas prontas e suas prateleiras não oferecem escolhas. (...) O sistema que há de realizar, ao máximo, o desiderato da escola sob medida, será aquele que permitir a cada aluno agrupar o mais livremente possível os elementos favoráveis ao desenvolvimento de suas aptidões particulares.
46

A educação devia ter como centro dos programas e dos métodos escolares a criança e considerar as aptidões individuais. Segundo Claparède, “uma aptidão é uma disposição natural a comportar-se de certa maneira, a compreender ou sentir de preferência certas coisas ou a executar certas atividades de trabalho”.⁴⁷ Cada aptidão implicava, necessariamente, o desenvolvimento de certas habilidades⁴⁸ e elas variavam de um indivíduo para outro, e cada um carregava uma diversidade de aptidões, cuja média determinava a “*inteligência global*”.⁴⁹

⁴⁵ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 193.

⁴⁶ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 187-189.

⁴⁷ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 167.

⁴⁸ “A aptidão para o desenho implica certa habilidade motriz, estimativas de tamanhos, memória visual, senso estético etc; a aptidão literária exige memória verbal, imaginação, juízo crítico etc.”. In: CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 167.

⁴⁹ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 167.

Claparède criticava a escola tradicional por ignorar essas diferenças individuais e deixava claro que a educação devia “obedecer à natureza da criança”, pois

(...) a observação nos mostra que um indivíduo só produz na medida em que se apela para suas capacidades naturais, e que é perda de tempo querer por força desenvolver nele capacidades não possuídas.⁵⁰

Nesse cenário, o papel da educação transformava-se. Antes de se preocupar com a carga de conhecimentos memorizáveis que possuem os programas escolares, devia empenhar-se em desenvolver as funções intelectuais e morais de cada indivíduo. Caberia ao professor despertar essas funções para que o aluno pudesse, por si mesmo, através do trabalho e da pesquisa pessoais, adquirir os conhecimentos.

A chave para fazer despertar a criança para as atividades propícias ao seu desenvolvimento moral e intelectual era, segundo Claparède, a necessidade, pois, “toda necessidade tende a provocar as reações próprias a satisfazê-la”. Os estímulos exteriores não suscitarão reações se estas não responderem necessidades do indivíduo.⁵¹ Assim, um novo cenário se apresentava à escola, que devia ser ativa no sentido de mobilizar as atividades das crianças e, nesse novo cenário o medo e o castigo não tinham razão de existir, pois o que surtiria efeito no processo educativo seria o interesse pela coisa que se tratava assimilar.

Num relatório apresentado em 1922, ao Congresso de Higiene Mental de Paris, Claparède apontou medidas práticas para que as aptidões de cada indivíduo fossem respeitadas pela escola.

É necessário que a escola leve mais em conta as *aptidões individuais* e se aproxime do ideal da *escola sob medida*. Poder-se-ia chegar a esse ponto, deixando nos programas, ao lado de um programa mínimo, comum e obrigatório a todos, e tratando de disciplinas indispensáveis, certo número de ramos a escolher, podendo ser aprofundado pelos

⁵⁰ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 174.

⁵¹ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 118.

interessados, à sua vontade, movidos por seu interesse e não pela obrigação de passar num exame sobre elas.⁵²

Outra medida sugerida por Claparède, as “Classes Paralelas”, consistia na subdivisão das classes em “classe forte, para os mais inteligentes, e uma classe fraca para os que têm mais dificuldade em segui-la”.⁵³ Nessas classes para os ditos mais fracos, o programa seria reduzido e o ritmo seria mais lento, o número de alunos seria menor, o que possibilitaria cuidar melhor de cada um e, por fim, os métodos seriam mais intuitivos.

Entretanto, para Claparède o sistema educativo não podia ser tomado como um modelo definitivo e fechado em seus encaminhamentos, já que “melhor seria não cristalizar coisa alguma e ter uma organização maleável, de modo que acolhesse qualquer nova melhoria, para se valer de qualquer retoque que a tornasse mais próxima da perfeição”.⁵⁴

Esse processo dinâmico impunha à “pedagogia prática o estudo em profundidade dos fatos psicológicos em correlação com as melhorias desejadas, e principalmente, experiências, ensaios”.⁵⁵ Assim, a pedagogia não se constituía em área autônoma e “só a ciência, principalmente a Psicologia, poderá fornecer à arte da educação as técnicas que permitam, com alguma certeza, atingir as metas que ela se propõe”.⁵⁶

Essas técnicas referiam-se, sobretudo, ao conhecimento da criança, pois esta deveria ser o centro do sistema educativo, os seus interesses, o motor da educação e esse conhecimento seria a

⁵² CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 127.

⁵³ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 179.

⁵⁴ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 166.

⁵⁵ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 165.

⁵⁶ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 193.

ferramenta para o trabalho do educador. A pedagogia para Claparède era experimental, quer dizer, devia-se conhecer a criança para melhor ajudá-la no seu desenvolvimento.

Nesse sentido, Claparède criou junto ao Instituto Jean-Jacques Rousseau, a Maison des Petits, “um meio educativo onde se pudesse fazer a verificação prática das melhorias e reformas sugeridas por um conhecimento mais aprofundado da psicologia infantil”.⁵⁷ O termo escola não foi empregado, pois o intuito era fazer da instituição a reprodução da vida da criança, associada a diversas atividades e “não um parêntese artificial introduzido em sua própria vida”.⁵⁸

A instituição recebia crianças desde a idade de três anos que poderiam aí permanecer até a adolescência, tendo como um dos primeiros alunos o filho de Claparède⁵⁹. Situada em meio a jardins e pomares, a instituição “não tem nada de *construção escolar*. As crianças entram e saem como querem, segundo as necessidades de ocupação” e “se deseja que as crianças *queiram tudo o que fazem*. Deseja-se que elas atuem e não sejam atuadas”.⁶⁰

Helena Antipoff compôs o quadro das primeiras professoras que atuaram junto à instituição e onde Claparède realizou “as primeiras experiências de observação psicológica com crianças de países ocidentais”.⁶¹ A educadora falou de seu trabalho na Maison des Petits em artigo publicado em 1927.

⁵⁷ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 198.

⁵⁸ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 199.

⁵⁹ O filho de Helena Antipoff, Daniel Antipoff, também estudou na “Maison des Petits”, entre 1925 e 1927. Eis sua descrição da instituição: “A Maison des Petits é uma casa aprazível, de dois andares. Bem no meio de um parque. Uma área aberta, muito ampla em volta da escola, revela as intenções dos seus dirigentes, em propiciar aos alunos um regime de maior liberdade e de grande respeito a sua personalidade. São cento e tantas crianças orientadas por duas eminentes pedagogas. As salas são providas de um farto material pedagógico, constituindo os jogos de madeira, os mais variados formatos, valiosos elementos para o ensino concreto da matemática”. In: ANTIPOFF, D. (1975) **Helena Antipoff. Sua Vida, Sua Obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 90.

⁶⁰ CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, p. 199-200.

⁶¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p.90.

Atualmente, estudamos na ‘Maison des Petits’ o caráter das crianças, observando-as em sua conduta para com o trabalho manual. Dezoito crianças, de 7-8 anos foram metodicamente observadas durante muitos meses. Pudemos recolher um grande número de reações características, graças a algumas ocupações.⁶²

Esse encaminhamento seguido por Helena Antipoff na instituição, nos remete ao método utilizado para alcançar o conhecimento das crianças e que tipo de conhecimento estava em pauta. Tratava-se do Método de Experimentação Natural, utilizado para conhecer a personalidade dos indivíduos, e da aplicação de testes de inteligência baseados na Escala Métrica Binet – Simon.

✓ **A Escala Métrica Binet – Simon e o Método de Experimentação Natural**

Ao aprofundarmos nossa investigação na direção dos métodos utilizados para conhecer a criança, a partir dos textos escritos por Helena Antipoff⁶³, percebemos duas possibilidades: a escala métrica de inteligência, proposta por Alfred Binet e Théodule Simon, do qual a educadora participou dos ensaios de padronização dos testes; o método de “Experimentação Natural”,

⁶² ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 40.

⁶³ ANTIPOFF, Helena (1992a). **O Nível Mental das Crianças Russas nas Escolas Infantis**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1924.

ANTIPOFF, Helena (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1927.

ANTIPOFF, Helena (1992c). **Testes Coletivos de Inteligência Global**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1931.

ANTIPOFF, Helena (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1931

ANTIPOFF, Helena. (1992kk) **Experimentação Natural I**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1931.

ANTIPOFF, Helena (1992ll). **Experimentação Natural II**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1931.

apropriado para o estudo do caráter e da personalidade dos indivíduos, cujos princípios foram expostos em 1911 no Congresso de Pedagogia Experimental de São Petersburgo, pelo psicólogo e psiquiatra russo Alexandre Lazursky.

Helena Antipoff referiu-se ao método Binet – Simon como “um golpe de gênio no terreno da psicologia aplicada”.⁶⁴ que “teve por finalidade fornecer um critério objetivo para a seleção de crianças retardadas, visando a sua distribuição em estabelecimentos ou classes especiais”.⁶⁵

Esses autores partiram do pressuposto de que o espírito da criança, assim como seu corpo, crescia quantitativamente em função da idade e das experiências adquiridas naturalmente em contato com o mundo. Sendo assim, eles apoiaram o desenvolvimento mental em exercícios para diferentes idades, traduzidos em uma série de testes, desde os primeiros meses até a idade adulta.

66

O resultado final, obtido pela criança nos exercícios, era confrontado com a escala de pontos do Bareme – “um resumo das médias dos pontos obtidos por um conjunto de crianças de idades diferentes sobre as quais a prova foi ensaiada”.⁶⁷ Era desse confronto que se determinava a dificuldade e se atribuía a idade mental. Segundo Antipoff,

Graças ao método de Binet e Simon, foi possível medir o desenvolvimento mental das crianças. Medir quer dizer comparar uma quantidade com outra tomada como unidade. Medir o desenvolvimento mental de uma criança quer dizer compará-lo com o estabelecido

⁶⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 73.

⁶⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992c). **Testes Coletivos de Inteligência Global**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1928, p. 43.

⁶⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 74.

⁶⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992c). **Testes Coletivos de Inteligência Global**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1928, p. 44.

previamente sobre uma quantidade de crianças e tomado como medida.⁶⁸

Esses testes ficaram conhecidos como testes de inteligência, porém Helena Antipoff faz uma ressalva quanto à utilização desse conceito, pois “a inteligência revelada por meio destes testes é menos uma inteligência natural (como quis Binet) que uma inteligência civilizada”.⁶⁹

Esse conceito de “inteligência civilizada” foi pensado por Helena Antipoff durante seu trabalho com crianças abandonadas na Rússia entre 1920 e 1924⁷⁰. Ao serem avaliadas pelos testes, essas crianças apresentavam um atraso mental de dois a três anos em relação à idade cronológica. Esse resultado se explicava, segundo Helena Antipoff, pelo fato de que essas crianças viviam marginalizadas.

(...) à margem da família, da escola e da sociedade com suas leis e suas regras, essas crianças se formavam à margem da vida civilizada. Não sendo destituídas de inteligência natural, não possuíam precisamente essa inteligência que se tritura e se disciplina ao contato do exemplo no seio do regime regrado, essa inteligência civilizada, que prescramos por meio de nossos testes chamados de inteligência geral.⁷¹

Em outras palavras, para Helena Antipoff, a inteligência geral não se processava independente da educação, da instrução e do meio em que a criança se formava e, essa influência

⁶⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 75-76.

⁶⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 77.

⁷⁰ “A grande guerra, as epidemias, a fome, a revolução (...) formou um grupo considerável de indivíduos, menores, sem família, sem domicílio, sem ocupação determinada (...) A proporção dessas crianças abandonadas foi tal que o governo russo teve de organizar postos para albergar esses bandos de nômades.”. In: ANTIPOFF, Helena (1992g). **O desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1992, p. 77.

⁷¹ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 78-79.

do fator social no desenvolvimento mental das crianças, “já foi nitidamente notada por Binet e Simon nas aplicações de seus testes às crianças de diferentes bairros de Paris”.⁷²

Segundo Helena Antipoff, esses testes, eficientes para se conhecer o desenvolvimento mental, a inteligência, que ela chamou de civilizada, se mostravam incompletos quando se tratava de estudar a personalidade das crianças, pois “fracionando a personalidade em funções isoladas, estudando-a em condições artificiais, falseando nossa estrutura autêntica”⁷³, os testes não apresentam a “preocupação de abranger o comportamento no seu conjunto”.⁷⁴ Por serem realizados em condições artificiais, resultavam condutas também artificiais.

Para o estudo da personalidade infantil, Helena Antipoff destacou o método proposto por Alexandre Lazursky que, observando as crianças de uma escola, registrando todas as suas condutas descobriu que,

(...) segundo o gênero de ocupações escolares, o comportamento da criança revelava determinados aspectos de sua personalidade. Cada ocupação determinada suscitava na criança reações de categorias particulares (...): a memória, a imaginação, a observação, as funções motrizes, as tendências afetivas, a vontade.⁷⁵

Partindo desse pressuposto, o psicólogo russo elaborou um quadro de lições que deveriam ser observadas nas crianças. Tratavam-se de “exercícios escolares, daqueles que mais riqueza e

⁷² ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 100.

⁷³ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 30.

⁷⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992kk). **Experimentação Natural I**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 161.

⁷⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 31.

segurança demonstravam no estudo da personalidade da criança, chegando a fixar nove exercícios”.⁷⁶

A partir desses exercícios, as observações eram dirigidas, possibilitando relacionar as reações às condições estabelecidas. Cada reação era relacionada ao “equivalente psicológico que se encontrava implícito na conduta exterior da criança”.⁷⁷

As respostas e as reações das crianças eram distribuídas em níveis: inferior, médio, superior, constituindo um elemento de medida, permitindo a expressão gráfica dos resultados, gerando perfis psicológicos que evidenciavam “o essencial da personalidade da criança”.⁷⁸

A repetição da experiência ao longo do tempo revelava o progresso, regresso ou estacionamento da criança, com a vantagem de estudar a personalidade dessa criança em seu meio, sem fracionar o seu comportamento em elementos isolados. Helena Antipoff destacou a síntese do método de Lazursky pelas palavras do próprio autor: “Nós estudamos o indivíduo pela vida mesma, e a criança pelos objetos do ensino escolar”.⁷⁹

Foi a experiência com as crianças russas que possibilitou à Helena Antipoff colocar em prática esses conhecimentos científicos. Ao retornar àquele país em 1916, permaneceu até 1924 e, nesse ínterim, a educadora trabalhou com as crianças órfãs, vítimas da guerra e da revolução.

⁷⁶ Os nove exercícios eram: “1) memorização de uma poesia; 2) composição sobre três palavras dadas; 3) descrição de um objeto; 4) solução de um problema de aritmética; 5) análise de uma pequena experiência de física; 6) desenho de um modelo do natural; 7) leitura e análise de um texto; 8) alguns exercícios de ginástica e jogo ao ar livre; 9) confecção de um quadro de papelão. E, a partir da observação da criança na execução desses exercícios, as seguintes características mentais foram destacadas: movimento, sentimentos, imaginação, percepção e memória, pensamento, vontade”. In: ANTIPOFF, Helena (1992II). **Experimentação Natural II**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, p. 166-167. Publicado inicialmente na década de 1950.

⁷⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 32.

⁷⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 37.

⁷⁹ LAZURSKY apud ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 40.

(...) nas cidades grandes ocorre um fenômeno cada vez mais freqüente que consiste num afluxo de crianças e adolescentes sem pais e que em bandos percorrem a cidade. Constituem um perigo para as populações, porque inicialmente bem intencionados e à procura de trabalho, acabam tornando-se delinqüentes.⁸⁰

Diante dessa situação, Helena Antipoff foi convidada pelo centro médico-pedagógico de São Petersburgo para estudar as crianças abandonadas e, a partir de uma classificação, “encaminhá-las, segundo seu caráter, para as 150 instituições pedagógicas, médicas e jurídicas que possuímos”.⁸¹ A tarefa não era fácil, já que a origem e o perfil dessas crianças eram os mais variados.

(...) ao lado de crianças provenientes de um meio burguês, jogadas nas ruas por azares da sorte, encontravam-se os meninos de rua que conheciam apenas as asperezas da vida, caídos em vícios dos mais ignóbeis; casos de perversão moral ao lado de crianças intactas em sua confiança a mais cândida.⁸²

Esse quadro se complicava porque as crianças não apresentavam nenhuma documentação, não informavam sobre seu passado ou dissimulavam as informações e seu comportamento, percebendo que, de sua conduta, que estava sendo observada, dependia o seu futuro. Foi nesse cenário que o método proposto por Lazursky encontrou terreno fértil para ser aplicado com sucesso, conforme relato de Helena Antipoff:

(...) nós os havíamos observado durante o almoço. Todos, esfomeados, se comportavam durante a refeição, segundo seu próprio caráter. O instinto mais forte do que eles revelava toda a conduta moral e social que nos interessava em 1º plano. Pusemo-nos então a observar, atendendo ao espírito da observação natural, as manifestações das crianças durante as

⁸⁰ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 66.

⁸¹ ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 39.

⁸² ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 39.

refeições. Introduzimos nessas observações elementos de experimentação, variando muitas vezes as normas das refeições (...). Sem tais refeições, jamais poderíamos aprender tanto sobre o caráter dessas crianças.⁸³

Assim, quando Helena Antipoff fala do trabalho realizado na Maison Des Petits, ela se refere ao método de experimentação natural, que foi utilizado para estudar crianças entre 6 e 8 anos, observadas não em atividades escolares propriamente ditas, mas durante a execução de trabalhos manuais que, segundo Antipoff, “ofereceram preciosos meios para ampla revelação da personalidade dos pequenos trabalhadores, podendo ser estudados com bastante exatidão e objetividade os variados aspectos da personalidade”.⁸⁴

Helena Antipoff destacou as seguintes modalidades de trabalho praticadas na Maison des Petits: tecelagem, marcenaria, modelagem, costura e bordados, desenho nos cadernos e pintura, etc.⁸⁵ O comportamento das crianças diante da execução do trabalho era observado e, a partir das reações individuais⁸⁶, era traçado o perfil psicológico de cada uma. Assim, o trabalho era utilizado como um meio para se conhecer a personalidade das crianças.

Em todas as modalidades do trabalho bem-descritas e bem-conhecidas as reações individuais de cada uma de um grupo de 20 crianças mais ou menos, não foi difícil traçar para cada uma seu perfil psicológico (...).⁸⁷

⁸³ ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927, p. 39.

⁸⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992II). **Experimentação Natural II**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 168.

⁸⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992II). **Experimentação Natural II**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 168.

⁸⁶ De acordo com o que nos apresenta Helena Antipoff, destacamos alguns caracteres que eram observados na conduta da criança diante do trabalho: “interesse pelo trabalho, preocupação com a exatidão e com a ordem, perseverança, esforço voluntário, resistência à fadiga, independência, sociabilidade, honestidade, entre outros”. In: ANTIPOFF, Helena (1992II). **Experimentação Natural II**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1992, p. 169.

⁸⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992II). **Experimentação Natural II**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 169.

Acreditamos ter apresentado os fundamentos dos métodos utilizados por Helena Antipoff em seu trabalho junto às crianças e, principalmente, como essa metodologia foi adaptada pela educadora em sua prática educativa, cujas atividades destacadas não esgotam sua experiência profissional desenvolvida antes de sua vinda para o Brasil.

É importante destacar ainda sua atuação em São Petersburgo, em 1921, no Laboratório de Psicologia Experimental, onde “empreendeu um exame de nível mental das crianças entre 4 e 9 anos. Queria-se verificar se a época extraordinária da guerra e do terror podia influir sobre o desenvolvimento mental”⁸⁸ e no Reformatório de Menores, ficando encarregada da educação de 150 adolescentes, com os quais a educadora realizou um trabalho de investigação psicopedagógica.

(...) realiza um trabalho completo de investigação psicopedagógica. Separa-os em grupos mais homogêneos, prevendo para uns, além da assistência pedagógica, um reforço também no tratamento medicamentoso e alimentar. Para outros um regime de semivigilância e de menor exigência intelectual, preconiza atividades práticas, desenvolvida preferencialmente em áreas rurais e profissionais.⁸⁹

Em 1922, Helena Antipoff transferiu-se para Viatka, convidada para trabalhar na Estação Médico-Pedagógica, “espécie de patronato para adolescentes difíceis” e, na função de psicóloga, recebeu “carta branca para organizar o sistema de atividades educacionais e escolares propriamente ditas”.⁹⁰

⁸⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992a). **O Nível Mental das Crianças Russas nas Escolas Infantis**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1924, p. 09.

⁸⁹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 76.

⁹⁰ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 81.

Ainda em Viatka, a educadora organizou um laboratório de psicologia onde, contando com algumas ajudantes, “examinam as crianças, fazendo uma ampla descrição pormenorizada quanto a características e aptidões”.⁹¹

A intensa atividade profissional desenvolvida por Helena Antipoff na Rússia foi interrompida em 1924 com sua ida para a Alemanha. Em Berlim, ela não conseguiu retomar suas atividades profissionais nas instituições escolares alemãs:

Após algumas tentativas de trabalho em escolas alemãs, Antipoff toma consciência de sua dificuldade em adaptar-se à mentalidade germânica (...). Acaba organizando por conta própria um jardim de infância, destinado aos filhos russos expatriados, residentes em Berlim. (...) Dá incremento aos diários infantis, anotando todos os dizeres e reflexões dos pequeninos.⁹²

Assim, sua permanência naquele país foi de apenas um ano. Em janeiro de 1925, voltou à Genebra para trabalhar ao lado de Claparède como sua assistente no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra. No Instituto Jean-Jacques Rousseau, que estava numa fase de grande desenvolvimento, com vários cursos programados, assumiu o cargo de professora de Psicologia da Criança e como tal “sabe empolgar os alunos (...). A maneira original como organiza a avaliação de suas experiências faz com que, em poucos meses, suas aulas fossem procuradíssimas (...)”.⁹³

Os três anos que Helena Antipoff permaneceu em Genebra também se caracterizaram por intensa atuação profissional e produtividade científica, tanto que sua fama ultrapassou os países de língua francesa.

⁹¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 81.

⁹² ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 86.

⁹³ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 91..

(...) sua fama como professora e pesquisadora em assuntos psicológicos e educacionais ultrapassa as fronteiras de países de língua francesa. Já em 1929, o mais respeitado livro de registro da Europa, *The psychological register* de Londres traz os dados biográficos da colaboradora de Claparède, reconhecendo-lhe raros méritos.⁹⁴

É certo que a fama de Helena Antipoff ultrapassou as fronteiras dos países de língua francesa, em que pese o fato dessa professora e pesquisadora ser convidada pelo governo de Minas Gerais para auxiliar na implantação da Reforma de Ensino que estava sendo empreendida naquele Estado, a partir de 1927. Entretanto, outros fatores, além do currículo da educadora, devem ser analisados para esclarecer as motivações que levaram o governo mineiro a efetivar o convite⁹⁵. A análise desses fatores e a problematização acerca da vinda de Helena Antipoff para o Brasil, serão apresentadas no próximo capítulo.

⁹⁴ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 95.

⁹⁵ “O aval do brilhante currículo vitae da psicóloga (...), somado a sua personalidade empreendedora e carismática, como atestam suas formas de atuação, que procuramos colocar em pauta, fizeram com que a voz de D. Helena, como ficou conhecida, logo se tornasse palavra de ordem em todos os atos ligados à educação mineira (...)”. In: DIAS, Maria Helena Pereira (1995). *Helena Antipoff: Pensamento e Ação Pedagógica à Luz de uma Reflexão Crítica*. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado, p. 03. Esse trabalho, que pretendeu estabelecer uma relação entre o discurso das lideranças mineiras e o pensamento da educadora, deposita no seu currículo a justificativa para a contratação, não problematizando as motivações para o contrato.

CAPÍTULO II

HELENA ANTIPOFF – CAMINHOS POSSÍVEIS: DA EUROPA PARA O BRASIL E SUA ATUAÇÃO NO SISTEMA DE ENSINO DA CAPITAL MINEIRA NA DÉCADA DE 1930

2.1– Contexto Histórico Brasileiro e a Educação na Primeira República

Quando falamos em outros fatores a serem considerados para problematizar a vinda de Helena Antipoff para o Brasil, estamos nos referindo ao contexto político, econômico e social da denominada Primeira República (1889-1930). Porém, não pretendemos realizar aqui um estudo histórico minucioso¹, mas destacar alguns pontos principais do referido contexto e a este vincular uma abordagem histórica da educação. Assim, interessa para a nossa pesquisa as ideologias educacionais, especificamente o ideário da Escola Nova, cujos princípios inspiraram Francisco Campos, autor da Reforma de 1927, em Minas Gerais².

A Escola Nova começou a penetrar no Brasil no final do período imperial e, até os anos vinte do século XX, esse movimento se deu de forma modesta. Logo após a Proclamação da República, a reforma da instrução pública paulista, realizada por Caetano de Campos, criou o Pedagogium (decreto nº 980 de 1890) com o intuito de impulsionar as reformas, apresentando um museu pedagógico, gabinetes e laboratórios de psicologia, escola primária modelo, oficina de

¹ Para aprofundar a análise da Primeira República e do processo de transformação da economia agrário-exportadora para urbano-industrial destacamos as seguintes referências: FURTADO, Celso (1954). **A Economia Brasileira: Contribuição à Análise de seu Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora A Noite; CARDOSO, Fernando Henrique (1960). **Condições Sociais da Industrialização de São Paulo**. *Revista Brasiliense*. São Paulo, nº 28, março-abril, IANNI, Otávio (1963). **Industrialização e Desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

² Além da Reforma do Ensino em Minas Gerais, em 1927, Francisco Campos foi autor da Reforma de Ensino em âmbito nacional, em 1931. Salientamos que, quando denominamos Reforma Francisco Campos, referimo-nos à reforma mineira de 1927.

trabalhos manuais, além de conferências e cursos. Além destas, outras iniciativas³ se apresentaram como “condições facilitadoras da penetração posterior desse ideário”.⁴

Nesse primeiro momento, os republicanos desiludidos com a república viam na educação a saída para os problemas oriundos da política oligárquica⁵, pois, para esses homens, essa organização se sustentava graças à ignorância da maioria da população, já que, aos analfabetos não era permitido o acesso às eleições.

(...) É de todos sabido que o analfabetismo no Brasil oferece condições desoladoras, que a vontade nacional se substitui pela vontade de uma minoria insignificante que fala, vota e determina. Alfabetizar significa proporcionar a aquisição de direitos políticos, pois, de acordo com o artigo 70 da Constituição, o analfabeto não pode manifestar sua vontade política.⁶

Tratava-se da superestimação do papel da educação, pois acreditava-se que sendo esta capaz de regenerar o homem, seria capaz de regenerar toda a sociedade. Verificou-se intensa campanha em torno do tema educacional e pressão no sentido de ampliar as responsabilidades do

³ Reforma Leôncio de Carvalho, “Parecer” de Rui Barbosa sobre a reforma do ensino primário, introdução do método de “intuição analítica”, laboratório de psicologia e pedagogia montado por Hugo Pizzoli – especialista italiano convidado pelo governo de São Paulo – na Escola Normal da Praça. In: NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro” Fundação Nacional de Material Escolar, p. 239.

⁴ NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8, p. 282.

⁵ Durante a chamada Primeira República, o Brasil ainda mantinha traços estruturais da Colônia e do Império. Apesar de abolida a escravidão, a economia baseava-se no setor agro-exportador, tendo o café como principal produto de exportação. Com a economia do café, surgiu uma nova classe dirigente, que via o instrumento político subordinado aos seus interesses econômicos. In: FURTADO apud NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, p. 299. O princípio federativo e a manutenção dos grandes latifúndios fortaleceram o poder dos coronéis, que se reuniam em oligarquias regionais que, ampliadas, culminaram na “política dos Governadores”, pela qual esses se tornaram os eleitores dos Presidentes da República, escolhidos por convenções, onde as cartas eram marcadas. Logo, essa “política dos Estados” se transformou na política de São Paulo e Minas Gerais, os dois grandes Estados. In: NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro” Fundação Nacional de Material Escolar, p. 04.

⁶ NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8, p. 263.

Estado nesse campo. As discussões deixaram de ser exclusivas do âmbito político com o surgimento dos “educadores profissionais”, cuja preocupação se concentrava na difusão da escola existente se concretizava com movimentos reformistas.⁷

Essas são características do movimento que Jorge Nagle denominou “entusiasmo pela educação” e que, nos anos vinte, deu origem ao “otimismo pedagógico”, cuja preocupação não residia na simples difusão da escola primária e sim na substituição do modelo existente. Foi nesse momento que o ideário da Escola Nova encontra aplicação sistemática na educação brasileira com os movimentos reformistas estaduais das escolas primárias e normais. Movimento que engendrou disputa entre os defensores da escola tradicional e os renovadores.

A propagação do ideário escolanovista processa-se juntamente com o movimento reformador, que lhe prepara o terreno, pois este expressa críticas ao modelo tradicional de escola (...).⁸

O pouco que buscamos na história do Brasil, especificamente nas três primeiras décadas do século vinte, nos mostrou que Reforma de Ensino em Minas Gerais fez parte de um movimento que envolveu outros Estados brasileiros⁹ que, apesar de não fazer parte de uma política nacional de educação¹⁰, buscou colocar em prática o ideário da Escola Nova no país.

⁷ NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8, p. 262-264.

⁸ NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8, p. 284.

⁹ Lourenço Filho – Ceará (1922); José Augusto – Rio Grande do Norte (1925); Anísio Teixeira – Bahia (1925); Fernando Azevedo – Distrito Federal (1928), Lysimaco da Costa – Pernambuco (1928); Carneiro Leão – Paraná (1928).

¹⁰ A ausência de uma política nacional de educação é um problema que não pôde ser solucionado no período da Primeira República, sob o argumento de que qualquer esforço nesse sentido feria os princípios federativos previstos na constituição. In: NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8, p. 283.

Entretanto, nesse processo, à educação cabia uma função específica em relação ao todo social, conforme nos atesta a análise da Reforma de Ensino do Estado de Minas Gerais.¹¹

No decorrer dos anos vinte, o sistema oligárquico enfrentou dificuldades diante: das greves de operários¹² (para os quais não havia legislação trabalhista); dos movimentos tenentistas (os quais lutavam por uma moralização da política, principalmente pelo voto secreto); das oligarquias dissidentes, dos descontentamentos das classes médias e da burguesia industrial¹³; e da crise internacional do café.

Nesse cenário, as elites se posicionaram como condutoras dos processos de transformação. O único grupo, entre aqueles acima mencionados, capaz de derrubar o poder oligárquico, era a própria oligarquia dissidente, pois: as classes trabalhadoras foram marginalizadas na luta contra as oligarquias pelos setores dominantes; os tenentes estavam exilados; as classes médias não tinham autonomia nem força para acabar com a ordem vigente, assim como a burguesia industrial.

No final da década de 1920 se acentuaram as dissidências entre as oligarquias regionais (São Paulo e Minas Gerais) e o crescimento da indústria exigiu mudanças políticas e

¹¹ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado.

¹² “(...) A industrialização intensifica o desenvolvimento de novas camadas sociais – as camadas médias e o operariado – diversificando o tradicional e rígido sistema de estratificação social, bem como integra razoável parte da população no sistema produtivo. Enfim, é essa abertura de novos caminhos no setor produtivo a responsável pela explicação de muitos aspectos das novas orientações ideológicas que aparecem especialmente na década dos vinte (...)”. In: NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro Fundação Nacional de Material Escolar, p.301.

¹³ Pode-se falar de uma burguesia industrial nesse período, apesar da hegemonia do setor agrário exportador, pois a década dos anos vinte, é considerada como “a fase de instalação do capitalismo no Brasil, e, portanto, se define como período intermediário entre o sistema agrário-comercial e o urbano-industrial”. FURTADO, 1954, p.15; IANNI, 1963, pp.14, 50, 126-127 apud NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, p. 12. Essa transição na economia brasileira só se tornou possível devido à acumulação de capital promovida pela própria economia cafeeira. Essa foi a condição fundamental para realização do processo de industrialização no Brasil que encontrou outros elementos favoráveis, como a desvalorização cambial e a dificuldade de importação, conseqüências da Primeira Guerra Mundial. Em outras palavras, parte das oligarquias se direcionou para a indústria. In: CARDOSO 1960, pp.33-34 apud NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro Fundação Nacional de Material Escolar, p. 14.

institucionais. O fim dessa década trouxe consigo o germe das transformações operadas no Brasil a partir da Revolução de 1930, que derrubou o governo oligárquico.

Nesse contexto, o Estado de Minas Gerais era então governado por Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que via como centro da crise a incapacidade das elites dirigentes, ligadas ao setor agrário, de incorporar os novos setores em emergência na sociedade às exigências do desenvolvimento do capitalismo industrial no âmbito mundial. Essa crise, não obstante atingisse a sociedade brasileira como um todo, colaborou para que o governo mineiro articulasse a recomposição do poder político, diante da necessidade de modernização.¹⁴

O dirigente mineiro preconizava uma sociedade democrática, onde o voto secreto constituía “(...) expressão máxima da igualdade de direitos e participação de todos os indivíduos na ordem universal, um símbolo de auto-afirmação individual (...)”.¹⁵ Nesse sentido, a educação tinha papel de destaque, pois da escolaridade dependia o direito do voto. Além disso, a escola era vista como instrumento nivelador dos indivíduos na sociedade, já que o Estado devia oferecer a todos as oportunidades para o desenvolvimento individual.

A escola também assumia o caráter de instrumento de reconstrução social, pois, partindo do pressuposto de que a escola reproduzia o meio social, acreditava-se que, pela reformulação do ensino, seria possível criar uma nova sociedade.

(...) Pela oferta de escolas adequadas, o governo estaria promovendo a implantação de uma sociedade democrática no Brasil. A intensidade de sua atuação nesse sentido se justifica porque, na medida em que detém o poder, o governo se acha em condições de enfrentar as oposições daqueles que se beneficiam com o Estado de privilégios que a educação antiga tem perpetuado.¹⁶

¹⁴ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 90.

¹⁵ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 91.

¹⁶ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 93.

2.2 – A Reforma de Ensino em Minas Gerais e a Vinda de Helena Antipoff para o Brasil

O governo mineiro empreendeu a reforma do ensino, que atingiu o Ensino Primário e o Normal, sob a argumentação de adequar a escola para atender às novas demandas sociais. Utilizamos a análise de Peixoto¹⁷ para apresentar alguns elementos, principalmente, passagens dos documentos oficiais que evidenciam os princípios educacionais que fundamentaram a reforma. Esse encaminhamento nos ajudou a conhecer o caminho que levou os dirigentes mineiros até Helena Antipoff.

O autor da reforma foi Francisco Campos que, em 1926, assumiu o cargo de Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça do Estado de Minas Gerais¹⁸ e, no seu primeiro pronunciamento como titular da pasta dirigiu uma crítica ao funcionamento do sistema escolar, estabelecendo a necessidade de reformulação para adequar a escola às necessidades da sociedade brasileira. E nesse processo de adequação fazia-se necessário um novo modelo de escola.¹⁹

No bojo do “otimismo pedagógico” no que tange à necessidade de um novo modelo educacional com destaque para a qualidade do ensino e, inspirado nos princípios da Escola Nova, no que se relaciona à crença na educação como atuante na formação do ser humano enquanto indivíduo e parte do todo social, Francisco Campos via como função da escola “(...) preparar a

¹⁷ A autora analisa os documentos que consubstanciaram a Reforma, quais sejam: Regulamento do Ensino Primário (decreto-lei nº 7970A de 15/10/1927); Regulamento do Ensino Normal (decreto-lei nº 5162 de 20/01/1928), Programa de Ensino Primário (decreto-lei 8094 de 20/01/1928), Programa de Ensino Normal (decreto-lei nº 8225 de 11/02/1928) e o Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento (decreto nº 8987 de 22/02/1929). In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 112.

¹⁸ Órgão responsável pela educação na época, já que não existia um organismo específico para cuidar dos problemas educacionais. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 08.

¹⁹ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 103-133.

criança para viver na sociedade a que pertence e a compreender sua participação na mesma (...).²⁰

20

Nesse sentido, a organização escolar se pautaria por dois elementos básicos: o indivíduo – centro e objeto da ação educativa; e a sociedade – que direciona e confere significado ao processo de aprendizagem.

Nessa configuração, onde elementos externos orientavam o trabalho escolar, a escola aparecia como um “instrumento consciente do aperfeiçoamento das novas gerações”²¹ e a ênfase estava em preparar a criança para o meio social que não cabia revolucionar, apenas aperfeiçoar.

(...) Ela (a escola) socializa a mentalidade infantil (...) de maneira a inserir, sem choques e desarmonia, a criança na sociedade a que deve pertencer, pela assimilação da ordem intelectual e moral reconhecida, a um dado momento, como a ordem necessária e natural à convivência.²²

O lugar que cada indivíduo devia ocupar na sociedade se relacionava às motivações pessoais e às qualidades individuais que se manifestaria no processo educacional. Sendo assim, quanto maior fosse o conhecimento sobre a criança, “mais facilitaria à escola o exercício de sua missão”.²³ Nesse caso, o homem era percebido como um complexo bio-psíquico em constante desenvolvimento sendo que, em cada estágio, apresentaria necessidades a serem satisfeitas.

A criança não é um adulto em miniatura, mas um ser em evolução, dotado de características próprias. (...) É um estágio necessário à formação e ao amadurecimento humano. A infância tem uma função psicogenética, que é preparar para a vida de adulto: infância incompleta, homem incompleto; infância deformada, homem deformado (...).²⁴

²⁰ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 112.

²¹ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 96.

²² CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 96.

²³ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 115.

²⁴ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 118.

Destacando o ritmo diferenciado do desenvolvimento humano, o reformador propôs que, a partir do estudo criança, fossem criadas classes homogêneas que levariam em conta o nível intelectual de cada uma, incluindo classes especiais para aquelas que apresentassem um retardamento em relação às demais.

Para auxiliar na tarefa de analisar e conhecer a criança, Francisco Campos destacou a biologia e a psicologia. Em relação à primeira, salientou a importância desta no Curso Normal já que “todos os problemas educacionais se acham (...) ligados ao estudo do organismo humano e de suas reações (...)”.²⁵ Quanto à Psicologia, Francisco Campos enfatizou que

(...) As aquisições e os postulados de todo esse movimento (...) que neste momento na Alemanha, na Inglaterra, na Bélgica, na Suíça e nos Estados Unidos, entra pelas portas da escola adentro, perturbando a sua ordem, a sua prática, a sua paz e a sua preguiça, exigindo que se adaptem ao mundo contemporâneo, aos imperativos da ciência.²⁶

Para o reformador, tendo sido garantida a base comum, no caso o ensino primário, e de posse do instrumental científico, caberia à escola redistribuir seus alunos na sociedade segundo suas aptidões, quer dizer, direcioná-los para o trabalho manual ou intelectual, acomodando-os, cada qual no seu lugar. Exercendo essa função, a escola estaria realizando, sob o ponto de vista do reformador, uma obra de justiça e contribuindo para a emancipação nacional.

Talvez mais que o primário ele (o ensino secundário) interessa fundamentalmente à economia de nossa cultura. Uma nação vale o que valem suas elites. No ensino secundário, particularmente, é que se forma, modela e plasma a mentalidade a quem incumbe orientar as grandes e definidas direções coletivas de que resulta e emerge o perfil da civilização nacional. (...) O ensino técnico é outro reclamo urgente e imperativo que nunca é demais clamar e reclamar; particularmente em

²⁵ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 116.

²⁶ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 115-116.

um país que, como o nosso, aspira a um rápido e intenso desenvolvimento industrial. (...) É obra do ensino profissional preparar elites para o mercado, assim como o ensino clássico prepara elites para a vida pública (...) ambas colaboram, cada qual na sua esfera, na grande obra coletiva de formação e de emancipação nacionais.²⁷

Fica evidente a distinção entre a educação para pensar e a educação para produzir, o que tem por base a divisão social do trabalho, que procura atender a diversificação de mão-de-obra exigida pelo sistema capitalista. Ficava estabelecida a separação entre as atividades de pensar (destinadas às classes dirigentes) e as de agir (que compete às classes dominadas).²⁸

Mais que a amplitude do sistema escolar, interessava que ele funcionasse bem, preparando convenientemente o número de pessoas que o sistema pudesse atender.²⁹ Para o reformador Francisco Campos, a educação se reduzia à utilização racional de métodos, portanto, um problema do professor. Nesse sentido, os encaminhamentos da reforma se referiam à maneira de organizar e conduzir o trabalho escolar, sendo os métodos, os programas de ensino e o professor³⁰, os elementos mais importantes da nova organização.

²⁷ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 98-99.

²⁸ Segundo Jorge Nagle, esse “dualismo” do sistema educacional é uma herança do Império. O Ato Adicional de 1834 atribuiu a responsabilidade pelo ensino primário e profissional às Províncias (que com a República passaram a Estados), cabendo à União cuidar do ensino secundário e superior. Esse “dualismo” traduziu-se na prática na contraposição escola do “povo”, no caso do ensino primário e profissional e escola de “elite” para o secundário e superior. In: NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8, p. 266.

²⁹ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 107.

³⁰ Segundo Peixoto, baseada em Saviani, a organização escolar adquire uma conotação política. De um lado, coopera com a manutenção da ordem vigente, na medida em que catalisa, através do método, do professor, dos conteúdos as causas do insucesso escolar, camuflando os mecanismos de discriminação social, vigente na sociedade. De outro, como o problema do sucesso escolar é apresentado como um problema de organização adequada, ela atrai para a escola críticas que caberiam à organização social como um todo. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 140.

A idéia era fazer do educando o centro do trabalho escolar, considerando na aprendizagem todo o complexo bio-psíquico que caracterizava o ser humano, pois, segundo Francisco Campos:

O ensino primário tem por fim, não somente a instrução, mas antes e sobretudo, a educação, compreendendo-se como tal, toda a obra destinada a auxiliar o desenvolvimento físico, mental e moral das crianças, para o que deverá ser considerada a infância não do ponto de vista do adulto, mas do ponto de vista dos motivos e interesses próprios dela.³¹

Nesse sentido, o Regulamento do Ensino Primário preconizava a introdução do método de “Centro de Interesse”, de Decroly, além de recomendações de ordem geral enfatizando a importância da atividade do aluno, da observação, do respeito à natureza do educando e à finalidade do ensino primário.³²

A organização dos programas era tarefa específica da Inspeção Geral de Instrução e sua aprovação dependia do parecer formal da Presidência do Estado e se transformava em decreto-lei, dispondo em minúcias os procedimentos a serem adotados, inclusive o conteúdo das disciplinas, sendo obrigatória sua adoção em todas as escolas.³³

Se para Francisco Campos a educação era um problema de utilização racional dos métodos e programas constituídos à luz de padrões científicos, conseqüentemente o professor era peça fundamental na implementação do novo modelo. Assim, a profissionalização do magistério se impunha como uma necessidade e, nesse aspecto a Reforma do Ensino Normal foi realizada, e o currículo do Curso Normal passou a apresentar as seguintes disciplinas: Psicologia

³¹ CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 119.

³² CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 137.

³³ Peixoto chama atenção para o fato de que, embora o Regulamento do Ensino Primário insista na necessidade de os conteúdos serem selecionados de acordo com o interesse e necessidade das crianças, estes já vêm previamente fixados, em seus mínimos detalhes. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 140.

Educacional, Biologia e Higiene, História da Civilização, particularmente história dos métodos e processos da educação, Metodologia e Prática Profissional. Pretendia-se instrumentalizar o professor para executar a reforma.³⁴

Para garantir a implementação dos dispositivos reformistas, a organização administrativa foi totalmente hierarquizada. O que dizia respeito a tomadas de decisão ficava a cargo dos órgãos de direção de ensino – Inspeção Geral de Instrução e Conselho Superior de Instrução, cabendo às escolas executar, sob orientação e controle de um complexo sistema de inspeção escolar.³⁵

A formação dos recursos humanos para colocar em prática as propostas de renovação do ensino se realizou com a ida de professores mineiros aos Estados Unidos³⁶ para se aperfeiçoarem nos novos métodos. Além disso, Francisco Campos convidou especialistas europeus para vir ao Brasil “testar a aplicação destas idéias em nosso meio e de preparar elementos capazes de orientar e avaliar sua implantação nas escolas”.³⁷

Foi para contemplar esse objetivo que o convite foi feito a Helena Antipoff já em 1927, pelo representante do governo mineiro, Alberto Álvares. Porém, nesse momento, a educadora não aceitou a proposta, e justificou sua decisão a Claparède: “estou bem aqui, satisfeita, e na verdade há apenas dois anos, desde que vim para começar o trabalho no laboratório”.³⁸ Depois de tomar a decisão, ela indicou Leon Walther, também psicólogo do Instituto Jean Jacques

³⁴ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 161-162.

³⁵ O hiato entre a concepção e a execução, a preocupação em prever e controlar todos os aspectos relacionados à dinâmica do trabalho escolar em nome da eficiência, reflete a influência do Taylorismo. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 162.

³⁶ Os professores mineiros participaram de cursos, seminários, conferências e atividades de observação no “Teacher’s College”, da Universidade Columbia. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 162.

³⁷ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 173-174.

³⁸ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 97.

Rousseau, para assumir o trabalho no Brasil. Este aceita o convite e no ano seguinte já estava a serviço do governo mineiro.

Também veio ao Brasil, no início de 1929, Théodule Simón da Universidade de Paris. Auxiliar de Binet na organização das primeiras escalas de medida de inteligência, aqui ministrou curso de Psicologia aplicada à aprendizagem e, trabalhando com as crianças mineiras, adaptou os testes de inteligência às crianças brasileiras.³⁹

Contando com o apoio técnico dos europeus e dos professores brasileiros formados no exterior, Francisco Campos colocou em atividade, em 1929, a Escola de Aperfeiçoamento, criada para atender o seguinte objetivo:

(...) preparar e aperfeiçoar os candidatos ao magistério, à assistência técnica do ensino e às diretorias dos grupos escolares, constituindo-se num laboratório de pesquisas e experimentação na área de metodologia do ensino e num importante centro de irradiação dos novos métodos.⁴⁰

Nesse momento, Leon Walher precisava retornar à Europa, e quem veio substituí-lo foi Helena Antipoff, assinando um contrato de dois anos com o governo do Estado de Minas Gerais, pelo qual “fica estipulado um contrato de trabalho como professora de psicologia, numa base de remuneração a um ordenado, em moeda atual de cerca de 20.000 cruzeiros”.⁴¹

A partir da análise dos fundamentos da Reforma Francisco Campos e, baseando-nos nos princípios científicos que embasaram a formação da psicóloga e educadora, podemos afirmar que as idéias endossadas por ela, no campo educacional, chegaram ao Brasil e, especificamente em Minas Gerais, antes dela. Acreditamos que foi justamente uma convergência de princípios que

³⁹ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 174.

⁴⁰ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 175.

⁴¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 99.

motivou os dirigentes mineiros a convidá-la para atuar junto ao sistema de ensino. No Regulamento do Ensino Primário, Francisco Campos referiu-se diretamente aos resultados das pesquisas realizadas na Universidade de Columbia nos Estados Unidos e no Instituto Jean Jacques Rousseau na Suíça, como soluções definitivas para a educação.

É importante lembrar que o ensino primário tem sido objeto de uma larga e profunda investigação, de que alguns resultados teóricos e aquisições práticas podem ser considerados definitivos.⁴²

Considerando que os dispositivos para realizar a renovação do ensino já se encontravam definidos nos documentos oficiais, consubstanciados a partir de decretos-leis, podemos inferir que, na perspectiva do governo mineiro, a atuação da educadora no cenário educacional se restringiria a endossar os fundamentos da reforma e auxiliar na implementação da mesma. Nesse caso, Helena Antipoff seria uma “funcionária do consenso” no sentido que lhe atribui Gramsci, ou seja, “empregada” “do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia e do governo político”.⁴³

Entretanto, devemos considerar que, na sua prática, o profissional pode transformar sua ação técnica numa ação política⁴⁴ e assim superar a sua condição de “funcionário do consenso”. Partindo desse pressuposto, analisamos a atuação de Helena Antipoff no sistema de ensino de Minas Gerais na década de 1930.

⁴² CAMPOS apud PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 115.

⁴³ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 11.

⁴⁴ BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI, p. 17.

2.3 – As Pesquisas de Helena Antipoff na Escola de Aperfeiçoamento e o Ensino Primário na Capital Mineira na Década de 1930

Helena Antipoff desembarcou no porto de Santos no dia 06 de agosto de 1929, sendo recebida por Lourenço Filho, com quem havia se correspondido semanas antes da viagem para o Brasil.⁴⁵ De Santos seguiram para São Paulo, onde a educadora teve o primeiro contato com o que vinha se desenvolvendo no país na área educacional. Visita a Escola Normal Modelo⁴⁶ e outros educandários.

Fica conhecendo o pequeno laboratório onde há iniciação à pesquisa psicométrica, em função de testes experimentados em diversos estabelecimentos de São Paulo. (...) O professor Lourenço Filho explica a Antipoff que o Brasil precisa de técnicos experimentados. Faz rápido levantamento de nomes brasileiros ligados à psicologia, alguns na Bahia, outros em Pernambuco e no Rio de Janeiro e formula votos para que Belo Horizonte se torne um novo centro.⁴⁷

Helena Antipoff é recebida em Belo Horizonte por Francisco Campos e Mário Casassanta⁴⁸ e, acompanhada por ambos, foi ao encontro do presidente do Estado, Antônio

⁴⁵ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 109.

⁴⁶ A criação do Pedagogium, em 1890, pela reforma da instrução pública paulista, realizada por Caetano de Campos, com o intuito de impulsionar as reformas educacionais, abriu caminho para que, em 1897, fosse instalado o primeiro Laboratório de Psicologia do Brasil. A partir daí, de acordo com Jorge Nagle, “gabinetes e laboratórios psicopedagógicos se instalam aqui e ali, cabendo ressaltar o da Escola Normal da Praça da República (...)”. In: NAGLE, Jorge (1974). *A Educação na Primeira República*. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8.p. 283. A instituição visitada por Helena Antipoff em sua passagem por São Paulo foi a Escola Normal da Praça juntamente com seu laboratório de Psicologia.

⁴⁷ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 110.

⁴⁸ Francisco Campos, Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça, foi o autor da Reforma e Mário Casassanta - inspetor-geral da Educação Pública, o responsável pela execução. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). *A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos*. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 111.

Carlos Ribeiro de Andrada. Uma vez oficializada sua presença em Minas Gerais, a educadora iniciou suas atividades na Escola de Aperfeiçoamento.

Não sendo exatamente essa atuação o foco do trabalho, foi o nosso ponto de partida para compreendermos como a educadora russa analisou a educação em Minas Gerais e, principalmente, como ela edificou sua ação educacional a partir do resultado de suas análises.

A Escola de Aperfeiçoamento, que havia iniciado seu primeiro curso em março de 1929, contava em seu quadro de professores, a partir de agosto daquele ano, com a educadora e psicóloga Helena Antipoff, que teve, inicialmente, três turmas com 50 alunas, vindas de várias partes do Estado, “a maioria das alunas mães de família, ocupando cargos de diretoras de grupos escolares ou outra função de chefia”⁴⁹

O curso, com duração de dois anos, funcionava em período integral e as aulas eram ministradas em francês e conjugavam a parte teórica com as atividades práticas⁵⁰, referentes a pesquisas realizadas nas escolas públicas de Belo Horizonte⁵¹, cujo objetivo era conhecer “a conduta da criança, seus modos diferentes de reagir, durante o trabalho escolar, ou mesmo durante o recreio”.⁵² Era o Método de Experimentação Natural aplicado à realidade brasileira.

⁴⁹ De acordo com Peixoto, essas professoras tinham o compromisso de voltar às escolas de origem e por dois anos atuar junto à direção, orientando professores na implantação dos novos métodos. Era o início da supervisão nas escolas mineiras. In: PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 176.

⁵⁰ “No primeiro ano do curso, focalizavam-se noções gerais dos métodos psicológicos, da psicologia experimental e da psicologia da criança. No segundo ano predominavam as pesquisas, privilegiando-se a utilização do papel auto-educativo da psicologia experimental, na medida em que as alunas, através da prática, faziam o estudo da psicologia geral através da auto-observação. Durante o último semestre do curso, as alunas realizavam trabalhos práticos nos grupos escolares e nas escolas normais da cidade, onde era feita uma análise psicológica dos estudantes, acompanhada da análise psicossocial das escolas” In: CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org) (2002) **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 21.

⁵¹ A Reforma Francisco Campos se estendeu por todo Estado de Minas Gerais, tanto que a Escola de Aperfeiçoamento recebia alunas de várias regiões, que retornavam as suas escolas preparadas para aplicação dos novos métodos. Apesar de algumas pesquisas realizadas na capital mineira terem se repetido nas cidades do interior, destacamos aqui, exclusivamente, aquelas que se efetivaram em Belo Horizonte.

⁵² ANTIPOFF, Helena. (1992f). **Psicologia Experimental – Década de 1930**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 59.

Além do método proposto por Lazursky, Helena Antipoff utilizou os testes de inteligência geral com o intuito de subsidiar a implantação das classes homogêneas previstas na reforma de ensino. Inspirados na escala métrica Binet-Simon, esses testes foram adaptados “de acordo com as particularidades do meio e o desenvolvimento das crianças”.⁵³

Por fim, para verificar os ideais e interesses das crianças mineiras, foi utilizado o método de inquérito que, segundo Antipoff, era o mais simples em psicologia e “cumprir deixar a criança exprimir-se livremente a fim de lhe conhecer a mentalidade, a estrutura psicológica”.⁵⁴

O conhecimento da criança era, para Helena Antipoff, algo complexo e nenhum método devia ser utilizado isoladamente. Sendo assim, sugeriu a aplicação de vários testes e a contraposição dos resultados com a observação direta da criança, pois “onde a observação coincide com o teste, o diagnóstico é mais seguro”.⁵⁵

As investigações que as alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento realizaram junto aos escolares, além de subsidiar a implantação das classes homogêneas, visavam iniciar as alunas no método da psicologia experimental, orientar Helena Antipoff quanto ao perfil das crianças mineiras no sentido de fornecer parâmetros para avaliação anual dos alunos e, em última instância, aplicar os princípios da escola ativa, apresentados nos termos da Reforma de Ensino e endossados por Helena Antipoff.

Conhecemos o valor que a moderna psicologia atribui ao interesse e às aspirações espontâneas da criança: muitas vezes se descobre nelas os sintomas das necessidades físicas e espirituais, funcionalmente ligadas ao crescimento do indivíduo e à formação de sua personalidade. Seguir a

⁵³ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 79.

⁵⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 63.

⁵⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 128.

natureza, dela tirar as regras de conduta para educá-la de acordo com o ideal pedagógico – tal seria o método da escola ativa e da educação funcional.⁵⁶

Os resultados desses trabalhos, considerados pioneiros na aplicação da psicologia à educação no Brasil⁵⁷, foram publicados na forma de artigos e são fontes importantes para a nossa investigação. Destacamos algumas publicações que nos ajudaram a compreender a concepção de educação de Helena Antipoff, sua percepção da educação em Minas Gerais e sua prática educativa.

A primeira pesquisa realizada por Helena Antipoff e suas alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento foi publicada sob o título “Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte”⁵⁸ e refere-se ao inquérito⁵⁹ realizado nos meses de outubro e novembro de 1929, junto a 760 crianças do último ano primário e procurou verificar as necessidades, as aspirações e os interesses dos escolares, no sentido de “colher os vestígios materiais das tendências psíquicas íntimas e de acordo com o eu”.⁶⁰

Os objetivos dessa investigação estavam além do conhecimento da criança, visavam conhecer o sistema de ensino mineiro, pois segundo Helena Antipoff

⁵⁶ ANTIPOFF, Helena (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 61.

⁵⁷ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org.). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 22.

⁵⁸ ANTIPOFF, Helena (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 60.

⁵⁹ As seguintes perguntas constituíam o inquérito: “1) Qual o trabalho que prefere na escola? 2) Qual o trabalho que prefere em casa? 3) Qual o seu brinquedo preferido? 4) Qual o livro ou história de que você mais gosta? 5) Com que pessoa queria você parecer-se? 6) Por quê? 7) Quando for grande, o que quer ser? 8) Por quê? Que presente gostaria de receber no dia do seu aniversário? 10) Se você tivesse muito dinheiro, o que faria dele?” In: ANTIPOFF, Helena (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, p. 69.

⁶⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 65.

O conhecimento dos ideais das crianças nos serve igualmente de medida preciosa para ajuizar a respeito de todo o nosso sistema de educação e a respeito da capacidade de nossas diversas escolas criar seus ideais.⁶¹

A partir dessa primeira investigação realizada em 1929, esse mesmo procedimento foi repetido a cada cinco anos, portanto 1934, 1939 e 1944. Destacamos aqui, além do artigo referente à pesquisa realizada em 1929, o resultado do inquérito realizado em 1939, publicado sob o título “Iniciação à orientação profissional”⁶². Além da apresentação dos resultados, essas atividades suscitaram outras publicações de Helena Antipoff tratando da questão educacional em Minas Gerais.⁶³

Constatamos que, a partir dessas investigações empreendidas pelo Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento, Helena Antipoff detectou três problemas do sistema de ensino mineiro que careciam de solução: 1) o problema da orientação profissional do adolescente; 2) a formação física, moral e intelectual das crianças ao saírem da escola primária; 3) o problema das crianças “em perigo moral”.⁶⁴

Quanto ao primeiro problema, para Helena Antipoff, cabia à educação contribuir para formar a nação, garantir a integridade do país e a harmonia entre seus cidadãos, enfim, devia

⁶¹ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 94.

⁶² ANTIPOFF, Helena (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas.

⁶³ Foram utilizados como fontes nessa pesquisa os seguintes artigos:

ANTIPOFF, Helena (1992k). **O Escotismo: Perspectivas**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas.

ANTIPOFF, Helena (1992l). **Formação Física, Intelectual e Moral das Crianças ao Saírem da Escola Pública de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas.

ANTIPOFF, Helena (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas.

⁶⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992k). **Escotismo: Perspectivas**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 46.

preparar o indivíduo para a vida em sociedade e, sendo assim, um papel importante a ser desenvolvido pela escola primária seria iniciar a orientação profissional dos seus alunos.

Se as escolas têm por fim o preparo dos indivíduos para a vida, para a vida em harmonia com a coletividade e para o progresso desta última, a questão do trabalho de ganha-pão não pode ficar à margem dos seus interesses.⁶⁵

A atuação da escola deveria ser no sentido de mostrar as diversas possibilidades do campo de trabalho humano, tornando seus alunos conscientes de que cada ramo de trabalho exigia aptidões e capacidades específicas e que “o equilíbrio e a prosperidade de um povo dependem da boa distribuição do trabalho e de obrigações mútuas”.⁶⁶

Para isso, a escola, além do conhecimento do indivíduo, deveria conhecer “as profissões e as exigências que cada uma apresenta ao trabalhador, do ponto de vista da saúde, das aptidões e do caráter”.⁶⁷ Pois, segundo Helena Antipoff, a insuficiência em alguns desses aspectos impediriam o exercício de determinada profissão, sendo que o indivíduo, através do seu esforço, poderia ter um desempenho igual àquele considerado normal.

Entretanto, Helena Antipoff destacou que o êxito em diferentes atividades requeria um nível de desenvolvimento mental e que “12 anos de idade mental é o limite inferior para o desempenho de trabalhos de ganha-pão, garantindo uma vida mais ou menos independente na

⁶⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 277.

⁶⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 267.

⁶⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 273.

cidade”.⁶⁸ E acrescentou que a maioria dos ofícios exigia um preparo escolar, este por sua vez estaria ligado ao nível mental geral.

As nossas pesquisas mostram que as crianças que não atingirem o nível intelectual de 6/7 anos, não conseguem aprender a ler e a escrever; crianças que não alcançaram a idade mental de 9/10 anos são incapazes de cursar com proveito o 4º da escola, e somente acima deste nível é que poderão concluir o curso primário.⁶⁹

Nesse aspecto, Helena Antipoff ainda observou que, no contexto da década de 1930, o diploma do ensino primário era exigência para exercer trabalho remunerado e que essa condição servia de proteção à infância, porém, deveria se relativizar no caso de indivíduos que, mesmo não tendo condições de obter o diploma pelo atraso mental, eram capazes de trabalhar.

Hoje em dia o diploma do ensino primário é o ‘sésamo abre-te’ para todo o trabalho remunerado. Essa justa medida de proteção à infância deverá ser considerada sob ângulo especial para certos indivíduos, capazes de fazer algum trabalho de ganha-pão, sem ter a possibilidade, pelo atraso mental que apresentam, de fornecer o requerido documento escolar.⁷⁰

Todavia, os indivíduos com um desenvolvimento intelectual atrasado em relação aos demais não deveriam visar carreiras “altas demais” e caberia à escola conscientizá-los no sentido de evitar futuros fracassos.

Quanto aos indivíduos mediocrementemente dotados, o papel da escola é prevenir os futuros fracassos aconselhando os pais, os próprios adolescentes a não visarem carreiras altas demais para sua inteligência e

⁶⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 275.

⁶⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 275.

⁷⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 276.

aptidões (...). A regra para esses alunos sem brilho e vigor intelectual é não procurar caminhos que levam a lugares altos demais.⁷¹

Segundo Helena Antipoff, havia um contraste entre as escolhas da maioria dos alunos quando comparadas com a profissão dos pais. As crianças demonstram sua preferência por profissões liberais, o que a educadora chama de “sonhos de grandeza”, e os pais, na maior parte, tinham ocupações humildes. Para ela, era ilusão dessas crianças almejam posições sociais mais elevadas que a de seus progenitores.

Para poder ocupar dignamente os postos de direção é preciso que a elite se forme paulatinamente, através de várias gerações: filhos de humildes lavradores serão operários qualificados, filhos desses, por sua vez, levantar-se-ão alguns degraus na escala social, enquanto os bisnetos alcançarão, naturalmente, posições de maior destaque.⁷²

De acordo com as conclusões das pesquisas de Helena Antipoff, os alunos da escola primária se apresentavam insuficientemente instruídos quanto às categorias de trabalhos disponíveis e nutriam altas ambições. A educadora enfatizou que “não se observa que a escola houvesse esclarecido acerca dessas questões”.⁷³ Essa foi a conclusão do inquérito de 1929 que se repetiu no inquérito de 1939, o que representa um indicativo de que as mudanças empreendidas pela Reforma Francisco Campos no decorrer da década de 1930 não transformaram a atuação da escola na questão da orientação profissional.

Quanto ao segundo problema, referente à questão da formação física, moral e intelectual das crianças, a crítica incide diretamente na escola tradicional, por não permitir à criança a

⁷¹ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 277.

⁷² ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 267.

⁷³ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 81.

possibilidade de se manifestar conforme suas aptidões. Com o intuito de atender aos princípios da educação ativa, a educadora Helena Antipoff orientou no sentido de organizar o ambiente escolar de forma a permitir às crianças demonstrarem suas aptidões.

Começamos, pois, por organizar esse meio harmonioso e suficientemente variado; demos às crianças a possibilidade de se manifestarem segundo a inclinação e as aptidões respectivas: e só então a observação psicológica chegará a determinar a natureza própria da criança e poderá fornecer à pedagogia indicações eficientes.⁷⁴

Antes de impor as atividades escolares, seria necessário despertar o interesse das crianças para tais atividades. No caso específico da leitura, o inquérito aponta para a preferência das crianças por contos da carochinha. Helena Antipoff se mostrou inconformada com a constatação de que a bagagem adquirida pelas crianças nas escolas as faça se contentar com esses “contos pueris”. Nesse sentido, condenou o ensino que se concentrava na técnica da leitura e destacou a idéia de se despertar nas crianças o gosto pela leitura.

A preferência geral dos alunos que participaram do inquérito foi pela aritmética e, segundo Helena Antipoff, isso acontecia porque os problemas de cálculo colocavam as crianças em atitude ativa na busca pela solução. O espírito de pesquisa ficava evidente nas crianças e deveria ser estendido para as outras matérias escolares.

Segundo Helena Antipoff, o objetivo mais importante da escola não é transmitir conhecimentos, mas contribuir para o desenvolvimento da personalidade e do caráter, que são resultantes de duas forças: uma interior, hereditária e outra exterior, de adaptação, havendo uma interação constante entre a natureza da criança e o meio onde ela vive.

⁷⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 98.

Assim, a personalidade e o caráter do indivíduo só se cristalizariam depois de longo processo de formação, em que “às vezes a natureza da criança servirá de guia. Outras vezes, pelo contrário, será necessário contorná-la como um rochedo perigoso”.⁷⁵ Caberia ao educador estudar cada criança e, a partir de suas conclusões, direcionar sua ação educativa, no sentido de desenvolver as aptidões natas ou, direcionar sua “ciência para compensar os defeitos e lacunas de uma natureza viciada, irregular”.⁷⁶

De acordo com Helena Antipoff, para que o indivíduo se eleve à dignidade de personalidade é preciso ter uma vida mental contínua, fazer planos e projetos; ter um grau de constância no comportamento; ser considerado pela sociedade a qual pertence. O caráter dependerá da adaptação das disposições individuais às condições do meio.⁷⁷

Entretanto, as pesquisas revelam que o pensamento das crianças que estavam deixando o ensino primário apresentava caracteres primitivos, suas percepções eram inexatas, os gostos não estavam formados, a criança mudava de opinião facilmente, questões de ordem moral não lhe interessavam e elas não se preocupavam com a formação do próprio caráter.⁷⁸ Além disso, as investigações concluem que “muita energia está sendo gasta para propiciar a aquisição de conhecimentos e muito pouco para o desenvolvimento de sua personalidade”.⁷⁹

⁷⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992d). **Ideais e Interesses das Crianças Brasileiras**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 67.

⁷⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992x). **A Personalidade e o Caráter da Criança**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 126.

⁷⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992x). **A Personalidade e o Caráter da Criança**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 125-127.

⁷⁸ ANTIPOFF, Helena (1992l). **A Formação Física, Intelectual e Moral das Crianças ao Saírem da Escola Pública Primária de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, p. 49-50.

⁷⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992d). **Ideais e Interesses das Crianças Brasileiras**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 68.

Quanto ao problema da criança “em perigo moral”, Helena Antipoff constatou que tal questão lhe foi colocada a partir da organização das classes homogêneas nas escolas públicas de Belo Horizonte e que essas crianças não eram exceções nos grupos escolares da capital no início da década de 1930:

As crianças indisciplinadas, desequilibradas, que apresentam perturbações de caráter, as anti-sociais e as crianças em perigo moral não constituem raras exceções nos grupos escolares de Belo Horizonte. Vimos bom número de fichas psicológicas dessas crianças, como tivemos pessoalmente trato com elas. Para certos grupos, esses adolescentes em idade escolar representam um sério problema (...).⁸⁰

No intuito de traçar o caminho percorrido por Helena Antipoff para concluir que as crianças “em perigo moral” não eram exceções no sistema de ensino da capital mineira, recorreremos ao boletim redigido por ela e publicado, em 1934, pela Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais sob o título “Homogeneização das Classes Escolares”⁸¹, resultado das observações e experiências feitas pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento nas escolas primárias de Belo Horizonte quanto ao sistema das classes homogêneas que, estando previsto na reforma do ensino primário, foi introduzido nos grupos escolares em 1931.

Segundo Helena Antipoff, agrupar as crianças em classes homogêneas significava obedecer ao princípio da organização racional do trabalho, posto em evidência por Frédéric Taylor e que estava na ordem do dia dos estabelecimentos industriais desde o início do século.

⁸⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 56-57.

⁸¹ ANTIPOFF, Helena (1992q). **Homogeneização das Classes Escolares**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. O boletim apresenta os seguintes subtítulos: “Folha de Observação para Classes de 1º Ano”; “Plano para Organização das Classes do 1º Ano”; “Classes Especiais”; “O papel Educativo e Social das Classes Especiais”; “Seleção dos Professores”; “Progressos Escolares de Cada Tipo de Classe e Meios de Controlá-las”; “O ensino nas Classes Especiais”; “Ortopedia Mental”. Trata-se de orientações para garantir a adequada implantação das classes homogêneas na rede pública de ensino.

Transcrevemos, a seguir, a forma como a educadora traduziu esses princípios de organização racional para a escola.

(...) sem despesas extraordinárias, sem introduzir elementos novos, porém, unicamente com os próprios recursos, tanto espirituais como materiais, a arte de combinar os meios disponíveis dará ao diretor da escola a possibilidade de melhorar consideravelmente a educação das crianças que lhe foram confiadas.⁸²

Semelhantes às classes paralelas propostas por Claparède, essas classes agrupavam as crianças de acordo com as diferenças individuais, para que fosse possível escolher os meios mais eficientes para educá-las.

Como tudo que é de ordem biológica e psicológica, a personalidade da criança, com seus interesses e aptidões, suas atividades e energias, suas faculdades intelectuais e conhecimentos, oferece ampla margem a diferenças individuais extremamente variadas.⁸³

Partilhando do pensamento de Alfred Binet e Théodule Simon, Helena Antipoff considerava a criança um ser em estado de evolução, cujo desenvolvimento passa por etapas biopsíquicas até se tornarem adultas e que cada criança realiza esse desenvolvimento em ritmos diferentes, sendo que nem todas atingiriam a fase adulta. Esse descompasso podia ser relacionado ao fato de que as crianças “tenham iniciado a vida com uma reserva de forças insuficientes para perfazer o caminho total, seja pelo fato de sobreviverem a acidentes em meio do caminho”.⁸⁴

A partir desse ritmo de desenvolvimento, próprio de cada criança, tinha-se, de um lado, aquelas consideradas precoces e, de outro aquelas tidas como “lerdas” e “retardadas”, sendo que

⁸² ANTIPOFF, Helena. (1992bb). **Das Classes Homogêneas**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1935, p. 261.

⁸³ ANTIPOFF, Helena. (1992q). **Homogeneização das Classes Escolares**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 31.

⁸⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992q). **Homogeneização das Classes Escolares**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 31.

entre uma e outra há “um conjunto bastante denso de crianças cujo desenvolvimento se faz no ritmo médio”.⁸⁵

Em outras palavras, segundo Helena Antipoff, existem as crianças normais e as “excepcionais”, superdotadas ou infradotadas e, para cada um desses perfis, deveria ser pensado um programa e método de ensino já que “não é a homogeneidade dos alunos que determina o seu sucesso, mas é o ensino correspondendo ao desenvolvimento das crianças”.⁸⁶

A personalidade das crianças também devia ser observada no momento de separá-las em classes homogêneas, além de outros caracteres “que diferenciam entre si os robustos dos fracos, os bem-dotados e os medíocres ou desprovidos de todas as aptidões (...) as naturezas organizadas e harmoniosas, e as desorganizadas e sem equilíbrio”.⁸⁷

A partir do referido boletim, verificamos que foram utilizados os testes de inteligência e a observação em sala de aula para selecionar as crianças e separá-las em classes homogêneas. Os resultados dos testes apareciam expressos em quocientes intelectuais (Q. I.), ou seja, a relação entre a idade mental fornecida pelo teste e a idade real da criança⁸⁸. Estabelecer o Q.I. de cada

⁸⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992q). **Homogeneização das Classes Escolares**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 31.

⁸⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992o). **Ortopedia Mental nas Classes Especiais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 27.

⁸⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992q). **Homogeneização das Classes Escolares**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 32.

⁸⁸ Conhecer a idade real da criança era fundamental para que o quociente intelectual fosse obtido. Contudo, às crianças que se matriculavam nas escolas públicas não era exigido documento oficial sobre a data de nascimento, o que dificultava a determinação do Q.I.. Só a partir de 1932 é que o governo de Minas Gerais, pelo decreto nº 10.133 tornou “obrigatória a apresentação do certificado de nascimento, fornecido gratuitamente no cartório de registro civil, para a matrícula nos grupos escolares”. In: ANTIPOFF, Helena (1992q). **A Homogeneização das Classes**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 33. Com esse decreto, segundo Antipoff, a organização do ensino primário pode ser feita com um proveito muito maior.

criança permitia “saber o que representa seu desenvolvimento mental comparado ao das outras crianças da mesma idade”.⁸⁹

No caso da classificação das crianças para distribuí-las em classes homogêneas, Helena Antipoff chamou atenção para o fato de que o teste de inteligência, por melhor que fosse, não conseguia diagnosticar exatamente o nível de desenvolvimento da criança, assim sendo, a observação deveria ser feita com o maior rigor possível, e para isso a educadora elaborou uma ficha de observação para auxiliar as professoras no estudo dos seus alunos.

Destacamos os tópicos que deviam ser observados pelo professor nos três primeiros meses do ano e revistos nos três últimos, com o intuito de detectar as modificações na conduta da criança. Assim temos: estado físico, estado geral, motricidade, habilidade manual, linguagem, visão, audição, atenção, compreensão, memória, leitura, escrita, aritmética, interesses dominantes, aptidões, sociabilidade, caráter moral, disciplina e, por fim, observações gerais sobre a criança.⁹⁰

Considerando os critérios de avaliação para selecionar as crianças, Helena Antipoff reconhecia que os tipos escolares eram variados e a normalidade era o ponto de partida para distingui-los. Para nossa investigação é fundamental compreender o que era denominado “normal” e o que caracterizava o “anormal”. Segundo Antipoff, a anormalidade não é um conceito absoluto, pois o que torna o indivíduo anormal é o fato de não se adaptar às condições da família, da escola, da sociedade em que vive.

Não se ajeita porque a sua inteligência, o seu caráter, as suas aptidões ficam aquém ou além das exigências que o dado meio lhe apresenta. O resultado é uma desadaptação permanente que se traduz ora por uma

⁸⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992q). **Homogenização das Classes Escolares**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 33.

⁹⁰ ANTIPOFF, Helena (1992r). **Folha de Observação para Classes de 1º Ano**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 37-38.

passividade deprimente, ora por uma agitação perturbadora, pelas atitudes anti-sociais (...) Sua característica mental é a predominância dos instintos sobre os processos racionais. Ao ímpeto da natureza impulsiva, a razão lógica é impotente para opor freios que conduzam o indivíduo em equilíbrio com o ambiente em que vive.⁹¹

O que era considerado “normal” era dado *a priori* e servia de parâmetro para avaliar cada indivíduo, sendo considerado “anormal” aquele que não se adaptava a esse padrão estabelecido. A distinção era feita através dos testes de inteligência e da observação que “fornece a respeito da infância dados excessivos ou muito restritos, incompatíveis com o bom senso, ou demasiado pobres segundo nossa opinião”.⁹²

Helena Antipoff utilizava o termo “excepcional”⁹³ para se referir a esses indivíduos desadaptados e, em entrevista ao jornal *O Estado de Minas* em 26 de outubro de 1934, explicou que estava lançando esse termo para atenuar as denominações que tinham sido utilizadas nas suas primeiras publicações, tais como crianças anormais, retardadas, “inbecis”, “idiotas”, um tanto, pejorativas.⁹⁴

A partir desses critérios, utilizados para organização das classes homogêneas, foi possível destacar o que caracterizava os indivíduos “excepcionais”. Considerando a separação que deveria existir entre as crianças consideradas normais e aquelas “excepcionais”, as classes dos grupos

⁹¹ ANTIPOFF, Helena. (1992gg). **A Educação dos Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1940, p. 149.

⁹² ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 97.

⁹³ Segundo as considerações de Jannuzzi (1997) baseadas em Bisseret (1971), os termos “deficiente”, “excepcional”, “portadores de necessidades especiais”, “portadores de deficiência” são, na verdade sinônimos, porque “a palavra é o suporte de um sistema de normas e de valores e, mais geralmente, de interpretação simbólica do todo que uma sociedade faz de sua ordenação e de seus próprios conflitos”. In: BISSERET apud JANUZZI, Gilberta. **As Políticas e os Espaços para a Criança Excepcional**. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) (1997). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, p. 185/186. Para Jannuzzi, o estigma social que envolve os indivíduos diferentes impregnará as palavras que os designarem. Será vã a troca que se proceder nesse sentido, enquanto não houver transformações profundas na estrutura social.

⁹⁴ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 131.

escolares foram divididas em A, B – classes que recebiam as crianças consideradas normais ou que apresentavam quociente intelectual acima da média; e C, D – denominadas “classes de educação individual”, recebiam o aluno que, sendo novato na escola, apresentou quociente intelectual inferior à média ou aquele que no “estágio anterior revelou insuficiência mental ou desequilíbrio psíquico”.⁹⁵

De acordo com a orientação para distribuição das crianças, apresentada no referido relatório, destacamos, a seguir, o perfil das crianças de cada classe especial. As classes C,

(...) chamadas classes fracas, recebem as crianças de desenvolvimento retardado, com um atraso mental até cerca de três anos, as crianças de espírito adormecido, ou turbulentas, mas sem defeitos notáveis no físico como no moral.⁹⁶

As classes D,

(...) são criadas em benefício das crianças cujo atraso mental é considerável, como as que oferecem particularidades físicas ou psíquicas fora do comum e que reclamam condições escolares especiais.⁹⁷

Finalmente, o relatório chamou a atenção para um terceiro tipo de classe que deveria ser criado para satisfazer a todas as variações de tipos escolares, a chamada classe E.

(...) Tomaria menos em consideração o desenvolvimento mental e a inteligência do que o conjunto do procedimento ou do caráter (...) agrupa as crianças particularmente difíceis de educar – os agitados, os neuróticos, os anti-sociais, as crianças moralmente defeituosas – e cuja presença na classe comum e muito cheia só prejudicará os seus companheiros sem que elas mesmas possam dali retirar a necessária melhoria.⁹⁸

⁹⁵ ANTIPOFF, Helena (1992h). **A Pedagogia nas Classes Especiais**. In: CPDH (Org.) *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 157.

⁹⁶ ANTIPOFF, Helena (1992h). **A Pedagogia nas Classes Especiais**. In: CPDH (Org.) *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 157.

⁹⁷ ANTIPOFF, Helena (1992h). **A Pedagogia nas Classes Especiais**. In: CPDH (Org.) *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 157.

⁹⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992s). **Plano para Organização das Classes do 1º Ano**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 41.

A partir do perfil das crianças das classes especiais percebemos uma subdivisão da categoria excepcional. De um lado, aquelas consideradas “excepcionais” devido ao desenvolvimento mental aquém ou além do padrão estabelecido para crianças da mesma idade. E, por outro, aquelas consideradas “excepcionais” tendo como base sua conduta ou seu caráter. Assim temos, “os excepcionais ‘orgânicos’, portadores de distúrbios de origem hereditária, e os excepcionais ‘sociais’, isto é, aqueles cujas condições de vida familiar ou social impediam uma adequada estimulação”.⁹⁹

De acordo com Helena Antipoff, dificilmente um grupo escolar teria um número de criança suficiente para formar classes tão específicas, portanto aponta como caminho para essa questão a especialização dos grupos escolares, cada qual atenderia um tipo de criança, pois para ela a separação em classes a mais homogênea possível seria fundamental para que a ação do professor pudesse ser eficiente no sentido de anular a influência negativa que um grupo pode significar para outro com dificuldades distintas.

Prevêem-se facilmente as dificuldades que vão deparar-se ao educador com a vizinhança, lado a lado, dos simples débeis mentais como os nervosos e os agitados; crianças simplesmente indisciplinadas ao lado das crianças anti-sociais e com perversões morais. Nessa mistura heteróclita só muito dificilmente o mestre poderá opor a sua influência educativa à quantidade de influências negativas que seus alunos irradiam, cada um a seu modo, sobre os seus companheiros.¹⁰⁰

Diante dessa variedade de tipos de crianças, Helena Antipoff ressaltou que não era tarefa fácil distingui-las, separá-las e escolher o método adequado para sua educação.¹⁰¹ Entretanto,

⁹⁹ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org.). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 22.

¹⁰⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992t). **Classes Especiais D e E**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 47.

¹⁰¹ ANTIPOFF, Helena. (1992u). **O Papel Educativo e Social das Classes Especiais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 49.

ênfaticamente que todas as crianças eram educáveis e, por isso, o esforço educativo deveria ser idêntico em quaisquer desses grupos, desde que se exija de cada um nada além da capacidade das crianças que comporta. Nesse sentido, de acordo com o nível da sala, o tempo de aprendizagem aumenta ou diminui, sendo que o resultado final de cada sala não poderia ser avaliado pelo número de promoções.

(...) Num grupo escolar organizado em classe homogêneas, a taxa de promoções estará em relação íntima com a qualidade dos alunos que a compõem. Das classes A temos o direito de esperar 100% de promoções, mas essa taxa decresce desde a classe B, à classe D.¹⁰²

Cada classe deveria ser avaliada por testes que acompanhassem os progressos de cada criança. Nesse sentido, Helena Antipoff destacou os testes de conhecimentos escolares e desenvolvimento geral aplicados pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento em aproximadamente três mil crianças das cem classes do 1º ano das escolas de Belo Horizonte, em outubro de 1931. O resultado apontou que aquelas crianças que tinham atingido média 6 nos testes de inteligência do início do ano letivo, só excepcionalmente puderam passar para o 2º ano.

Segundo Helena Antipoff,

(...) os testes psicológicos, muitas vezes incapazes de dizer se a criança progredirá normalmente ou muito bem, têm grande probabilidade de prever as que não farão progressos suficientes.¹⁰³

¹⁰² Segundo Helena Antipoff, a ênfase a essa questão se deu devido à persistência da cobrança, por parte dos diretores, de rendimentos homogêneos em classes que, necessariamente, devido às suas características, deveriam ter seus rendimentos relativizados. “Insistimos nesse assunto sensíveis às queixas de algumas professoras das classes C e D das escolas de Belo Horizonte que, só tendo tido promoções medíocres, malgrado todo o esforço desenvolvido, foram severamente censuradas pelos seus diretores. A exigência, uniforme sob esse aspecto para todas as categorias das classes, é coisa absolutamente injusta.”. In: ANTIPOFF, Helena (1992v). **Progressos Escolares de Cada Tipo de Classe e Meios de Controlá-las.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 55.

¹⁰³ ANTIPOFF, Helena. (1992v). **Progressos Escolares de Cada Tipo de Classe e Meios de Controlá-las.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 53.

Se, por um lado, o esforço educativo devia ser idêntico em todas as classes, o programa e o processo de ensino deveriam ser diferenciados, levando-se em conta o ritmo de desenvolvimento mental das crianças¹⁰⁴. Se os alunos da classe A precisam de um ano para aprender a ler, escrever e calcular, os da classe B levariam um ano e meio, enquanto que para os da classe C seriam necessários dois anos. Já a classe D, dependeria do tipo de aluno que receber, podendo chegar a três ou quatro anos.

Segundo Helena Antipoff, a criação das classes especiais nos grupos escolares “descongestionaria” as classes dos elementos que “entravam a marcha escolar”, permitindo aos considerados normais o “progresso regular”. Estando agrupados esses “elementos irregulares do ponto de vista escolar e do desenvolvimento mental, (a classe especial) assegura-lhe o máximo de rendimento”.¹⁰⁵

A análise do relatório referente à homogeneização das classes da capital mineira nos permitiu perceber que, em suas considerações a respeito dos progressos das classes especiais, Helena Antipoff não fez referência à classe E. Isso se deve ao fato de que, em 1932, ano em que o relatório foi elaborado, essas classes não tinham sido implantadas.

Se bem que o projeto relativo às classes E date já de um ano, ele não foi ainda executado, e todos esses escolares viciosos e irascíveis continuam a achar-se ombro a ombro com as crianças normais.¹⁰⁶

Embora no relatório a autora tenha destacado a necessidade da criação dessas classes e sugerido que cada grupo escolar se especialize para receber determinado tipo de criança, ao

¹⁰⁴ Para aprofundar a questão do ensino nas classes especiais ver ANTIPOFF, Helena (1992h). **A Pedagogia nas Classes Especiais**. In: CPDH (Org.) *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas.

¹⁰⁵ ANTIPOFF, Helena (1992h). **A Pedagogia nas Classes Especiais**. In: CPDH (Org.) *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 161.

¹⁰⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, 57.

voltarmos nossa análise para um dos documentos¹⁰⁷ que discute os problemas da educação em Belo Horizonte, entre eles o problema da criança “em perigo moral”, Helena Antipoff é enfática ao dizer que não aconselha a formação dessas classes a nenhuma das alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento que lhe pediram esse conselho. Isso porque a educação dessas crianças é muito complicada e penosa, exigindo a atuação de profissional experiente.

É que há talvez menor perigo em vê-las ao lado das normais e sentir mesmo que elas contaminam as mais inclinadas aos vícios sem serem ainda viciosas, do que em selecioná-las em classes especiais, onde a sua conduta entre as mãos de um professor inexperiente pode explodir como uma bomba de dinamite e perturbar a tranquilidade do grupo inteiro.¹⁰⁸

A partir do relatório acompanhamos como as crianças eram avaliadas para a distribuição entre as classes. Essa mesma avaliação dos escolares levou Helena Antipoff a concluir que as crianças “indisciplinadas”, “desequilibradas”, “com perturbações de caráter”, “anti-sociais” e as “crianças em perigo moral”, enfim os “excepcionais sociais” “particularmente difíceis de educar”, não eram exceções nos grupos escolares de Belo Horizonte. Entretanto, uma classe especial não seria suficiente para efetivar a tarefa educativa.

É mister mais alguma coisa além de uma classe ordinária para essas crianças ‘em perigo moral’. Essas classes devem transformar-se em verdadeiros focos educativos, em que as crianças possam passar todo o seu dia e, à falta de internato, não voltar senão à noite para junto da família.¹⁰⁹

¹⁰⁷ ANTIPOFF, Helena (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas.

¹⁰⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

¹⁰⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

Nessa questão, Helena Antipoff se questiona quando “as casas de correção serão verdadeiras instituições pedagógicas?”.¹¹⁰ E, apesar de ter colocado a urgência que exige a solução do problema dessas crianças, se mostrou pessimista quanto à possibilidade imediata de se criar esses focos educativos a partir da ação oficial do Estado e convoca a sociedade para se posicionar a respeito:

Se os problemas não podem ser solucionados por uma amplificação da influência escolar, que se encarregaria da formação do adolescente e o protegeria até a maturidade física e, sobretudo psíquica, cumpre procurar outros meios menos radicais talvez, e dependendo menos de um decreto obrigatório, mas que poderia impor-se à consciência coletiva como uma necessidade de preencher e onde a cooperação social não deixaria de ser mais eficientes.¹¹¹

Em última instância, os problemas do sistema de ensino mineiro (a orientação profissional, a formação física, moral e intelectual das crianças ao saírem da escola primária e o problema das crianças “em perigo moral), destacados por Helena Antipoff a partir das pesquisas realizadas pelo Laboratório de Psicologia, junto às escolas de Belo Horizonte, estariam relacionados à duração da escolaridade das crianças que, se comparada aos países da América do Norte e da Europa, é menor¹¹², ao passo que o programa escolar era o mesmo.

A duração desse ensino (primário) é de quatro anos, com quatro horas de trabalho escolar cotidiano, excetuando as quintas-feiras. As crianças são matriculadas desde os 7 anos. O número restrito de trabalho escolar

¹¹⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

¹¹¹ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

¹¹² “(...) Em países da Europa e da América do Norte, a instrução pública se estende por 6-7 anos. Na Inglaterra se elevou o período de instrução obrigatória até a idade de 15 anos, e países como a França e a Rússia decretando a gratuidade do ensino secundário”. In: ANTIPOFF, Helena (1992l). **A Formação Física, Intelectual e Moral das Crianças ao Saírem da Escola Pública Primária de Belo Horizonte**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, p. 51.

se explica pela insuficiência de edifícios escolares e, pela necessidade de ter, no mesmo prédio, dois turnos escolares (...).¹¹³

Iniciando a escolaridade aos 7 anos, a idade mais comum que as crianças estariam deixando o ensino primário seria depois de completados os 11 anos. Para Helena Antipoff era muito cedo e, por mais eficiente que fosse a educação recebida, quatro anos é muito pouco para a formação moral da criança e para a preparação para a escolha da futura profissão que iria seguir.

Nesse contexto, quando a educadora colocou que a educação mais eficiente não resolveria essas questões, estava se referindo à Reforma Francisco Campos de 1927.

(...) trabalho de reconstrução intensa (onde) a eficiência da escola sobre o desenvolvimento integral da criança será maior. Essa pedagogia mais competente fará com que a criança forme as técnicas escolares mais rapidamente, sem desperdiçar inutilmente o tempo, como acontece hoje. Repetindo menos as classes, a criança deixará a escola mais cedo, de 10 a 11 anos. É muito cedo, por mais competente que for a educação que lhe for dada nesses quatro anos, ela será insuficiente (...).¹¹⁴

Segundo Helena Antipoff, nesse momento a criança precisaria de maior proteção para conseguir consolidar sua formação adquirida na escola e, deixá-la nesse momento, era fazer muito pouco para o seu futuro e para o futuro da sociedade a qual pertence. A solução para essas questões estaria no aumento do número de anos de instrução obrigatória, pelo menos se aproximando do tempo de escolaridade de outros países, que representavam o dobro daquele executado em Minas Gerais.

Contudo, a justificativa para não ampliar a escolaridade obrigatória era a de que as condições econômicas e políticas na década de 1930 não permitiam, pois o Estado enfrentava

¹¹³ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 68.

¹¹⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992l). **A Formação Física, Intelectual e Moral das Crianças ao Saírem da Escola Pública Primária de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 50-51.

dificuldades econômicas devido à crise de 1929 e a crise do café a partir de 1930, acarretando um declínio nos investimentos na educação. No campo político, a perspectiva de um novo modelo político, que acabou se definindo em 1937, determinou uma radicalização da política educacional, significando um retrocesso do ponto de vista das condições efetivas para o bom funcionamento do ensino. A expansão da rede escolar, verificada no governo de Antônio Carlos, foi interrompida por seus sucessores.¹¹⁵

Para se ter uma idéia mais precisa dessa interrupção na expansão do sistema de ensino mineiro, destacamos as estatísticas referentes ao número de matrículas nas escolas primárias. Em 1926, eram aproximadamente 240.000 matriculados. Esse número saltou para 451.766 em 1930, sendo reduzido para 272.027 em 1932. Outro indicativo desse retrocesso foi o decreto 9892 de 1931, que extinguiu algumas unidades de ensino e classificou as escolas primárias em quatro níveis e, de acordo com esses níveis, variava a remuneração dos professores, muitos tiveram seus salários reduzidos.¹¹⁶

Inserida nesse contexto, Helena Antipoff demonstrou ter consciência de que as condições econômicas e políticas não permitiriam aumentar a duração da escolaridade obrigatória.

Seria desejável que a duração da escolaridade se aproximasse da que se estabeleceu como necessária para a maioria dos outros países. Compreende-se facilmente que esses desideratos não poderão ser satisfeitos do dia para a noite, por isso que a máquina econômica dos países é sempre tardia em mover-se.¹¹⁷

¹¹⁵ O sucessor de Antônio Carlos no governo de Minas Gerais foi Olegário Maciel, tendo este sido sucedido pelo interventor Benedito Valadares. PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 193-197.

¹¹⁶ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 196-197.

¹¹⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930, p. 95.

Segundo Helena Antipoff, os problemas ocasionados pela pouca duração da escolaridade obrigatória se agravavam sobremaneira devido aos excessivos feriados, as longas férias de verão e, durante o período escolar, a criança permanecia na escola somente a metade do dia. Essas seriam ocasiões para que “a influência da escola seja em grande parte anulada pela do lar descuidoso e da rua”.¹¹⁸

Analisando os resultados das pesquisas do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e o relatório referente à homogeneização das classes, ambos produzidos no início da década de 1930, podemos inferir que, para Helena Antipoff, o problema da criança “em perigo moral” era resultado do próprio sistema de ensino, vejamos por quê.

As conclusões de Peixoto (1981) apontam para o alcance restrito da Reforma, pois os novos métodos foram incorporados apenas nas escolas ligadas às Escolas Normais e à Escola de Aperfeiçoamento. Assim, “ao lado das ‘escolas modernas’, ligadas geralmente às Escolas Normais, continuavam a existir aquelas escolas que perpetuavam antigos ‘padrões’ de ensino”.

119

Helena Antipoff condenava a permanência da pedagogia tradicional e conclamava a pedagogia experimental, baseada na experimentação contínua, na busca de meios adequados para ajudar a criança a viver em harmonia consigo mesma e com a sociedade na qual estava inserida:

Jamais a educação se tornará a cura que dela espera a sociedade e os governos para diminuir, num futuro mais ou menos próximo, o rebotinho humano miserável, que enche os hospitais, os manicômios, as prisões, se ela não abandonar o mais depressa possível seu diletantismo superficial e não se transformar numa arte precisa aplicada ao melhoramento da raça

¹¹⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 56.

¹¹⁹ PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado, p. 198.

humana e munida dos meios que lhe forja a ciência, que nunca se cansa de as aperfeiçoar.¹²⁰

As colocações de Helena Antipoff, a partir de suas pesquisas junto ao sistema de ensino mineiro, e a investigação a respeito da Reforma de Ensino em Minas Gerais evidenciaram que os novos métodos de ensino propostos pela Reforma Francisco não se efetivaram nas escolas mineiras como um todo. Para Helena Antipoff, a permanência dos métodos antigos, considerados por ela inadequados, juntamente com a pouca duração da escolaridade obrigatória, eram os responsáveis pelo problema da criança “em perigo moral”.

Destacaremos, em ordem cronológica, alguns artigos que evidenciam esse diagnóstico. Primeiramente, temos um trecho extraído do artigo “A Personalidade e o caráter da criança”¹²¹, publicado em 1934, em que Helena Antipoff analisou a personalidade e o caráter das crianças educadas em asilos e, ao se referir às anomalias e aos desvios, afirmou que se tratavam de aberrações que poderiam ter origem na natureza viciada da criança ou devido a métodos insuficientes ou falsos de educação.

Essas aberrações podem residir na natureza tarada e viciada da criança; podem igualmente provir dos métodos insuficientes ou falsos de educação que não levam em consideração a personalidade da criança, que não sabem organizar o regime de vida e o trabalho pedagógico de acordo com as necessidades da criança, com a sua idade e seu tipo individual.¹²²

¹²⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992u). **O Papel Educativo e Social das Classes Especiais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 49.

¹²¹ ANTIPOFF, Helena (1992x). **A Personalidade e o Caráter da Criança**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.

¹²² ANTIPOFF, Helena. (1992u). **O Papel Educativo e Social das Classes Especiais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 130.

Num artigo publicado na década de 1940, intitulado “Assistência ao Infranormal” a educadora afirmou que a escola é um reativo ao aparecimento de crianças viciosas, vadias, rebeldes.

A infelicidade dos retardados mentais surge como reação ao ambiente que não os quer ou não pode compreendê-los e os desajustamentos maiores são criados pelos ambientes escolares principalmente. Embora a escola pública seja feita para todas as crianças do País a que pertencem, poucas são ainda as escolas que se ajustam à diversidade mental de seus alunos(...). Nessas condições a escola vem a ser um forte reativo ao aparecimento, entre esses alunos incomuns de conduta, que se desviam para a vadiagem, vícios, depressão mental, rebeldia e agressividade delituosa para com os mestres, companheiros e, de um modo geral, contra a sociedade.¹²³

Num artigo publicado na década de 1950, intitulado “Os retardados mentais e o ambiente escolar”, a educadora afirmou que o grupo de “retardados mentais” tem rendimentos nulos, representando um peso morto na escola devido a uma única razão:

(...) a de que a escola de nossos dias continua a ser, apesar de todas as recriminações dos pedagogos e sociólogos, uma instituição estritamente acadêmica. Agência de um ensino predominantemente verbalista, com ênfase especial no aspecto mnésico e racional da inteligência de seus alunos melhor dotados verbalmente. Não interessa à escola o desenvolvimento integral do estudante e sua personalidade, em conjunto harmonioso em todos os aspectos, no indivíduo como na coletividade escolar; nem se preocupa a escola em desempenhar na sociedade o seu papel como agência de primeira ordem no progresso social, econômico, espiritual e moral do País. Daí o lamentável desperdício de energias juvenis dos estudantes ditos normais, como dos excepcionais, infra ou supradotados. Daí os decorrentes desvios de comportamento dos adolescentes que menos se afastam da divisória de inteligência que separa os normais dos infradotados. São estes adolescentes que encontramos nos reformatórios para delinquentes, depois que inúmeras vezes tenham infringido os regulamentos da vida escolar, para entrar progressivamente nas infrações de caráter mais graves que os registram

¹²³ ANTIPOFF, Helena (1992ii). **A Assistência ao Infranormal**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1940.

nas delegacias de polícia, como elementos perturbadores da ordem pública.¹²⁴

Em sua atuação junto ao sistema de ensino mineiro, Helena Antipoff percebeu que a escola criava marginais, só que para ela essa marginalização não ocorria devido aos limites da ciência, sendo causada justamente pela não incorporação dos princípios científicos preconizados pela pedagogia experimental. Além disso, em sua prática, Helena Antipoff não considerava as contradições humanas como um produto histórico-social.

Seja filho de um rico ou de um proletário, indiferentemente, se apresenta um grau de desenvolvimento mais baixo ou mais alto do que a média do meio, será localizado em tal ou outro tipo de classe escolar, não segundo sua condição social, mas, pelo contrário, segundo seu valor individual. Uma certa porção de crianças do grupo social privilegiado se encontra nas classes fracas, como um bom número de crianças da categoria mais modesta nas classes fortes.¹²⁵

Nesse aspecto podemos concluir que a ação de Helena Antipoff não significou uma ação política visto que, segundo Franco e Franca Basaglia (1977), isso implicaria além do reconhecimento dos limites da ciência, a percepção da classe a qual pertencem os usuários das instituições: *“proletarios o subproletarios, son de la misma clase todos os usuarios de instituciones reeducativas y asistenciales”*.¹²⁶

Para fundamentar essa conclusão, é importante lembrar que o teste utilizado para separar as crianças em classes homogêneas “(...) obedece menos à diferença do desenvolvimento mental e a dispersão das disposições inatas, do que a variação do grau de civilização que caracteriza cada

¹²⁴ ANTIPOFF, Helena (1992nn). **Os Retardados Mentais e Ambiente Escolar** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1950, p. 194.

¹²⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992s). **Plano para Organização das Classes do 1º Ano**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 44.

¹²⁶ De acordo com a nossa tradução: “proletários ou subproletários, são da mesma classe todos os usuários de instituições reeducativas e assistenciais”. In: BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI, p. 92.

grupo social (...)”¹²⁷, quer dizer, os testes mediam a inteligência moldada pelo meio social em que vivia a criança, havendo uma correlação entre o meio sócioeconômico e o desenvolvimento mental. Considerando essa característica dos testes, Helena Antipoff constatou que crianças muito inteligentes no meio operário eram raras.

(...) crianças muito inteligentes no meio operário são raras e por isso merecem dos pedagogos maior atenção, porque essa inteligência espontânea as quais o meio não favoreceu poderão, graças à escola, atingir um desenvolvimento extraordinário e contribuir, no futuro, para a prosperidade do país.¹²⁸

Para aquelas crianças que não possuíam essa inteligência espontânea, Helena Antipoff sugeriu às escolas a prática da “ortopedia mental”, um conjunto de exercícios criados por Alfred Binet em 1910:

(...) partindo da arte de corrigir as deformidades do corpo (pretendia) endireitar, adestrar e fortificar as faculdades mentais. (...) Treinando as funções mentais, submetendo-as a exercícios repetidos e metódicos, chega-se facilmente a melhorá-las.¹²⁹

Apesar de constatar que as crianças de meio social privilegiado se sobressaíam nos testes, a educadora não questionou a aplicação dos mesmos e, para minimizar as conseqüências das diferenças sociais, sugeriu uma educação compensatória que, na prática, se voltava contra as crianças que se pretendia ajudar.

As classificações por nível intelectual, realizada no início do ano escolar, transformavam-se, nas mãos da tecnocracia educacional, em verdadeiras ‘profecias auto-cumpridas’, selando o destino de muitas crianças com

¹²⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992s). **Plano para Organização das Classes do 1º Ano**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 44.

¹²⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931, p. 123.

¹²⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992p). **Da Ortopedia Mental**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 67.

base em prognósticos baseados em resultados de testes de Q.I. (...) As chamadas ‘classes especiais’, para as quais Helena Antipoff havia sugerido os programas de ortopedia mental (...) recebiam um número excessivo de alunos, e as professoras delas encarregadas tinham pouco prestígio no sistema.¹³⁰

A partir dessas constatações, inferimos que o futuro da criança estava condicionado pelo meio social a que pertencia. Isso já foi explicitado na discussão quanto à orientação profissional que a escola deveria fornecer aos seus educandos.

Para poder ocupar dignamente os postos de direção é preciso que a elite se forme paulatinamente, através de várias gerações: filhos de humildes lavradores serão operários qualificados, filhos desses, por sua vez, levantar-se-ão alguns degraus na escala social, enquanto os bisnetos alcançarão, naturalmente, posições de maior destaque.¹³¹

A idéia de que o futuro da criança estava condicionado pelo meio ao qual pertencia se mostrou mais evidente no atendimento feito por Helena Antipoff a oito crianças que procuraram o Instituto Pestalozzi, em 1935, para serem examinadas, já que eram consideradas possuidoras de uma inteligência supranormal. Apresentamos a seguir o diagnóstico de Helena Antipoff:

Umás realmente foram brilhantes, outras apenas normais, ligeiramente acima da média e ainda insuficientes os seus quocientes intelectuais para cursar com êxito a escola secundária. Como se tratava de adolescentes de meio humilde, desaconselhamos aos pais pleitear a admissão nos ginásios, pois não apresentavam aptidões necessárias para vencer as provas e entrar nas carreiras liberais.¹³²

Esse mesmo tipo de avaliação foi feito com as crianças das escolas primárias do sistema de ensino mineiro, das quais foram destacadas por Helena Antipoff as crianças “indisciplinadas”,

¹³⁰ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org.). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 24.

¹³¹ ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940, p. 267.

¹³² ANTIPOFF, Helena. (1992cc). **Relatório Anual do Instituto Pestalozzi**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação*, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1938, p. 192.

“desequilibradas”, “com perturbações de caráter”, “anti-sociais” e as “crianças em perigo moral”, enfim, as “particularmente difíceis de educar”. Levando em conta que o meio social influenciava positiva ou negativamente nos testes, podemos inferir que as crianças que necessitavam de uma educação especial eram provenientes das classes mais pobres da capital mineira.

Helena Antipoff direcionou sua atuação no sentido de criar instituições para receber essas crianças consideradas “excepcionais”, retirando-as do sistema de ensino oficial, justificando sua ação através da consideração de que a escola era responsável pela não adaptação dessas crianças.

O primeiro passo de Helena Antipoff em direção à assistência aos “excepcionais” foi a criação da Sociedade Pestalozzi, em 1932 que, sendo divulgadora das idéias de Higiene Mental e Eugenia no Brasil, concretizou esse ideário com a instalação de instituições para atender as crianças consideradas “excepcionais”. Em Minas Gerais, na década de 1930, a Sociedade criou o Pavilhão de Natal e o Instituto Pestalozzi. E, no final da década de 1930, foi criada a Escola Granja na cidade de Ibirité, ponto de partida para o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário.

Essas instituições constituem nossos objetos de investigação nos dois próximos capítulos. No capítulo a seguir, discutiremos como a educadora Helena Antipoff organizou a assistência aos “excepcionais” em Belo Horizonte, na década de 1930, inspirada no modelo Suíço. No último capítulo, destacaremos a Fazenda do Rosário, buscando problematizar a necessidade de instituições, para atender que tipo de criança e, ainda, compreender que ação educativa foi dispensada para esses “excepcionais” e qual o reflexo dessas ações tanto para eles quanto para a sociedade.

CAPÍTULO III

A QUESTÃO DA CRIANÇA ABANDONADA NA CAPITAL MINEIRA E A ATUAÇÃO DE HELENA ANTIPOFF NA DÉCADA DE 1930: A INFLUÊNCIA DO MODELO SUÍÇO

3.1– O Lugar da Criança Abandonada na Capital Mineira: a Instituição

No Estado de Minas Gerais, a assistência à infância foi oficializada pelo decreto 7680, de 3 de Junho de 1927 que aprovou o Regulamento da Assistência e Proteção a Menores Abandonados e Delinquentes, determinando que deveriam ser criadas instituições para receber as crianças de acordo com categorias distintas, quais sejam, “abandonadas”¹, “pervertidas”², “delinquentes”³ e “anormais”⁴, sendo que deveria ser criado um local de triagem para classificar as crianças e encaminhá-las para a respectiva instituição: escola de preservação para aqueles considerados abandonados; escola de reforma para os delinquentes e pervertidos.⁵

De acordo com o Código de Menores (1927), nas escolas de reforma, os meninos deveriam ser divididos em turmas de, no máximo, vinte alunos, que receberiam educação física, moral,

¹ “Menores abandonados são os que possuem menos de 18 anos, não têm habitação certa, podem ou não possuir pais, familiares ou tutores, mas não se encontram sob suas guardas ou esses não apresentam condições morais e/ou financeiras de exercer essa guarda e apresentam condutas contrárias à moral e aos bons costumes, estão em estado de vadiagem, mendicidade ou libertinagem”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 50.

² “Os menores pervertidos são os vadios, mendigos ou libertinos que se mostram refratários a receberem ensinamentos de pais e tutores, entregam-se a práticas imorais como a prostituição, atos obscenos, e vivem do expediente de esmolas”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, 50.

³ “Consideravam-se menores delinquentes aqueles que, sendo maiores de 14 anos, cometeram crimes ou contravenção da lei”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 50.

⁴ “Definem-se os menores anormais como aqueles que, por deficiência física e ou sensorial, intelectual, ou das faculdades afetivas, se encontrassem em condições de inferioridade e não pudessem adaptar-se ao meio social”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 50.

⁵ FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 48.

profissional e literária e, para cada turma, haveria um professor, um inspetor, dois guardas e um servente e cada escola estabeleceria o regime de prêmios e punições aplicáveis aos educandos, sendo expressamente proibidos os castigos corporais.

Cada turma ficará sob a regência de um professor, que tratará paternalmente os menores, morando com estes, partilhando de seus trabalhos e divertimentos, ocupando-se de sua educação individual, inculcando-lhes os princípios e sentimentos de moral necessários à sua regeneração, observando cuidadosamente em cada um seus vícios, tendências, afeições, virtudes, os efeitos da educação que recebem e o mais digno de atenção, anotando suas observações em livro especial.⁶

Nessas instituições, “os menores não trabalharão mais de seis horas por dia e haverá um ou mais intervalos de descanso, não inferior a uma hora”⁷ e o produto da venda de seus trabalhos será destinado à compra de matérias primas, à manutenção da casa, ao pagamento de prêmios àqueles que se destacarem pela assiduidade no trabalho, pela sua aplicação nos estudos, por seu comportamento e regeneração moral e, por fim, uma parte será depositada na conta dos menores para ser retirada quando saírem da instituição.⁸

Em 1934, numa palestra sobre assistência aos menores desamparados, trabalhadores de rua, Helena Antipoff se referiu ao Código de Menores como “um dos mais perfeitos”, pois “dão ao menor uma orientação bem segura. Bem obedecidas, satisfariam plenamente os requisitos biofísicos da infância”.⁹ Contudo, como nos sugere as palavras da educadora, a legislação não era aplicada a contento no Estado de Minas Gerais.

⁶ Código de Menores Art. 212 apud NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 192.

⁷ Código de Menores Art. 217 apud NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 194.

⁸ Código de Menores Art. 212 apud NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 192.

⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992aa). **Os Direitos da Criança**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 119.

Para servir de centro de triagem foi criado, em Belo Horizonte, o Abrigo Afonso de Moraes, em 1927. De acordo com o regulamento, para permanecer no abrigo, a criança tinha que ter sua condição de abandono comprovada, pois a instituição era um estabelecimento de assistência policial e deveria recolher menores abandonados de 7 a 18 anos, comportando no máximo 100 menores, não podendo constar entre eles os delinqüentes. Na prática, a estada da criança, que deveria ser provisória, acabava se estendendo por anos, sendo muitas delas delinqüentes, e a superlotação era constante, não só no Abrigo, como nas instituições para onde deveria encaminhar as crianças.¹⁰

O atendimento às crianças denominadas delinqüentes e abandonadas era precário, não conseguindo encaminhar a questão de maneira satisfatória. Em 1932, Helena Antipoff já se questionava: “em que momento as casas de regeneração para corruptos serão verdadeiras instituições pedagógicas?”¹¹

No caso das crianças anormais, não havia instituição pública especializada e, aqueles recolhidos no Abrigo Afonso de Moraes que apresentavam alguma anormalidade, permaneciam no Abrigo. A ficha médica de uma criança recolhida trazia o seguinte parecer:

¹⁰ Em finais da década de 1920, existiam as seguintes escolas de preservação no Estado de Minas Gerais:

Escola de Preservação “Adelaide – Andrade” – Rio Branco

Escola de Preservação “Padre Sacramento” – São João Del Rei

Escola de Preservação “Horticultura de Itajubá” – Itajubá

Escola de Preservação “Bueno Brandão” – Mar de Espanha

Escola de Preservação “José Gonçalves” – Ouro Fino

Escola de Preservação “Borges Sampaio” – Uberaba

Escola de Preservação “Barão de Camargos” – Ouro Preto

Escola de Preservação “Carlos Prates” – Belo Horizonte

Com exceção das duas últimas que se encontravam vinculadas à Secretaria da Agricultura, as demais estavam ligadas à Secretaria do Interior.

As casas de reformas existentes, em finais da década de 1920, eram:

Escola de Reforma “Alfredo Pinto” – Belo Horizonte

Escola de Reforma “Lima Duarte” – Barbacena

Ambas vinculadas à Secretaria do Interior.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte:

Autêntica, p. 48- 61.

¹¹ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

(...) debilidade mental atingindo as raízes do idiotismo. Não havendo lugar onde possa ser tentado um tratamento deve o mesmo ficar recolhido no abrigo. Não convém ser internado na Escola de Preservação e sim num estabelecimento apropriado.¹²

Apesar da criação de algumas instituições previstas no Regulamento de Assistência e Proteção a menores abandonados e delinquentes, a questão não saiu da pauta das preocupações governamentais. Em outubro de 1935, o jornal *Minas Gerais* noticia uma reunião do Secretário do Interior, Gabriel Passos, com os diretores das instituições, contando com a presença de Helena Antipoff entre outras autoridades, em que o secretário colocou a dificuldade para solucionar o problema da assistência aos menores e convocou a sociedade, “por meio das classes cultas”, para cooperar com o governo na questão.¹³

A exposição de Helena Antipoff, na referida reunião, salientou a necessidade de critérios para internação e encaminhamento das crianças, pois, tendo em vista a “variedade biopsicossocial”, ela destacou a necessidade de seleção e individualização dos meninos, visando evitar contaminações de vícios e maus hábitos e facilitar a tarefa do educador.¹⁴

A educadora sugeriu a criação de um centro de observação e diagnóstico, de inspeção nos edifícios que recebiam as crianças, além da construção de mais prédios, pois, segundo sua observação, “nota-se que os estabelecimentos para menores estão superlotados e que o número de desamparados e mendigos cresce dia a dia, com maior desenvolvimento da vida urbana em Minas”.¹⁵

¹² FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 62.

¹³ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, 59-61.

¹⁴ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 64.

¹⁵ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 64.

Na visão de Helena Antipoff, a dificuldade em resolver a questão das crianças abandonadas e delinqüentes seria pela falta de critérios racionais de classificação e encaminhamento das mesmas, agravado pela superlotação das instituições. Segundo FARIA FILHO *et al.*, “o discurso da época se refere aos meninos como se tratasse de distribuir mercadorias nas prateleiras de uma mercearia”.¹⁶

3.2– A Atuação de Helena Antipoff junto às Crianças Abandonadas da Capital Mineira na Década de 1930 e a Influência do Modelo Suíço

Antes de ser convidada pelo Estado, na figura do Secretário do Interior Gabriel Passos, em 1935, a educadora Helena Antipoff já estava envolvida com a questão da criança mineira. Como destacamos, no capítulo anterior, sua atuação na homogenização das classes dos grupos escolares da capital mineira, no início da década de 1930, a fez perceber o problema das crianças “em perigo moral”, cujas classes especiais não tinham condições de atender, fazendo-se necessários “focos educativos, em que as crianças possam passar todo o seu dia e, à falta de um internato, não voltar senão à noite para junto da família”.¹⁷

Visando chamar a atenção para a urgência da criação desses focos educativos, Helena Antipoff destacou dois exemplos retirados de sua prática. O primeiro deles foi o caso de um menino de nove anos, pertencente, segundo ela, a um meio familiar depravado, aluno do terceiro ano de um dos grupos escolares da capital, que a educadora conheceu em 1931. Essa criança foi obrigada a deixar a escola depois de ter praticado “atos imorais” na vizinhança do grupo escolar.

¹⁶ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 64.

¹⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

No ano seguinte, esse mesmo aluno se matriculou em outro estabelecimento, mas quando foi reconhecido pela história do grupo anterior, foi mais uma vez obrigado a deixar a escola, apesar de ter implorado para permanecer estudando.

(...) É provável que ele se entregue, cada vez mais, aos vícios e, sobretudo, que continue a espalhá-los entre os companheiros da rua, crianças como ele. Esse menino, tão criança e vicioso, mais por imitação, das cenas que observa em sua família do que por suas próprias inclinações, talvez; esse menino que quer estudar e que possui inteligência suficiente, mas ao mesmo tempo uma vontade muito fraca para resistir a seus hábitos pervertidos, que drama pungente não apresenta agora como no futuro? Hoje, apenas vicioso, amanhã será ainda mais revoltado que não deixará de se vingar da sociedade que não o socorreu.¹⁸

O segundo caso foi o de um menino de dez anos que apresentava um caráter impulsivo e uma crueldade pouco comum, o que acarretou sua transferência para uma escola de retardados e, em novas condições pedagógicas, “ao cabo de 4-5 meses de estada na classe especial, o seu próprio caráter melhorou e hoje ele pouco se distingue das crianças normais”.¹⁹

Desde o início da década de 1930, Helena Antipoff clamava por uma amplificação da influência escolar que deveria se encarregar da formação e da proteção da criança até a maturidade física e psíquica. Como também destacamos no capítulo anterior, não seria da iniciativa do Estado que a educadora esperava solução para o problema.

(...) Cumpre procurar outros meios menos radicais talvez, e dependendo menos de um decreto obrigatório, mas que poderia impor-se à consciência coletiva como uma necessidade a preencher e onde a cooperação social não deixaria de ser mais eficiente.²⁰

¹⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

¹⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 57.

²⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 59.

Seguindo esse espírito, foi criada em 1932, por iniciativa de Helena Antipoff, a Sociedade Pestalozzi, sendo a educadora sua primeira presidente.

(Helena Antipoff) (...) reúne certo número de professores, médicos, advogados, agrônomos, engenheiros e outros profissionais. Aponta-lhes a situação de abandono e miséria em que se encontra a infância desamparada que perambula pelas ruas da capital. Propõe-lhes a criação de uma sociedade de assistência, depois de sensibilizá-los quanto ao dever de acudir aos necessitados. Será precisamente a Sociedade Pestalozzi (...).²¹

✓ **O Modelo Suíço a partir das Impressões de Helena Antipoff**

Foi justamente 1932 que Helena Antipoff visitou estabelecimentos para crianças anormais na França e na Suíça, onde pôde observar como eram tratadas as crianças que apresentavam alguma excepcionalidade. Durante essa viagem, o Conselho Técnico da Sociedade Pestalozzi elaborou os estatutos da instituição e organizou comissões técnicas.²²

Ao regressar ao Brasil, foi numa reunião do Conselho Técnico da Sociedade Pestalozzi que a educadora apresentou suas impressões acerca da educação e tratamento dos anormais europeus. Segundo ela, na França, apesar da questão dos anormais estar colocada na ordem do dia desde 1904 e das contribuições de Alfred Binet e Théodule Simon, “não se faz grande coisas pelos anormais”.²³

²¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 128.

²² ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 11.

²³ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 12.

Helena Antipoff destacou que a organização do ensino e tratamento dos anormais era modelar na Suíça, e em sua palestra enfatizou o que era realizado naquele país, principalmente em Zurique.

Direi que a Suíça, Zurich em particular, possui uma organização de ensino e tratamento dos anormais verdadeiramente modelar, não só pela variedade das instituições, não só pela amplitude do movimento, não só pela organização centralizadora da Associação Federal, como também pela originalidade e eficiência dos métodos que se não tornam o deficiente normal pelo menos bastante apto a ganhar o pão com meios honestos.²⁴

Ao analisarmos a palestra proferida por Helena Antipoff podemos apreender que todos os trabalhos realizados com os “anormais” na Suíça, sendo particulares ou públicos, eram centralizados na Associação Suíça para Crianças Anormais, que recebia subvenção do governo federal e distribuía os recursos entre os diferentes centros e instituições, sendo que os anormais eram classificados em categorias distintas e para cada uma delas havia uma instituição especializada.

Existe um centro para indivíduos débeis mentais; outro para crianças difíceis; para indivíduos profissionalmente insuficientes; para cegos, surdo-mudos, aleijados e para epiléticos. Cada uma das sete categorias de anormais possui, pois, seu próprio centro de ação.²⁵

A Associação, além de controlar as instituições, organizava congressos, conferências, inclusive com especialistas estrangeiros, incentivava as pesquisas, fornecia revistas, livros e aparelhos aos estabelecimentos, fazendo, em última instância a distribuição das subvenções

²⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 26.

²⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 13-14.

federais. Apesar de haver esse subsídio, a maioria dos estabelecimentos era “auxiliado pela filantropia, que na Suíça é extremamente generosa”.²⁶

Em Genebra, as crianças das escolas públicas que apresentavam alguma particularidade da conduta eram retiradas da escola e enviadas a um centro de observação e passavam a frequentar as aulas dessa instituição, sendo acompanhadas por médicos e psicólogos. A maioria das crianças era intelectualmente normais, “apresentavam perturbações de caráter. Nervosas, psicopatas, com aberrações do sentido moral, essas crianças são retiradas do grupo escolar (...)”.

27

Esse centro de observação, ao receber as crianças, realizava pesquisas junto às respectivas famílias, revelando a influência nociva do ambiente familiar e, dependendo do caso, a criança era encaminhada a famílias adotivas ou ao internato anexo ao estabelecimento. Helena Antipoff observou que em algumas situações o novo ambiente escolar era suficiente para dar às crianças equilíbrio moral, permitindo sua volta transformada para a escola de origem.²⁸

Na opinião da educadora, o centro de observação de Genebra era “um verdadeiro socorro para os numerosos casos de desequilíbrio nervoso e moral que se encontram tão freqüentes nas escolas públicas das grandes cidades”.²⁹ Contudo, segundo Helena Antipoff, era em Zurique que

²⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 24-26.

²⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 26.

²⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 27.

²⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 15.

a infância “anormal” recebia o melhor tratamento e isto estava relacionado ao fato da cidade ser administrada pelos socialistas que dão “uma atenção toda especial para a instrução pública”.³⁰

Em Zurique, as classes especiais só recebiam as crianças educáveis, quer dizer, aquelas que atingissem quocientes de inteligência acima de 0.60 – 0.70. Aquelas crianças que apresentavam resultados inferiores ficavam em casa ou eram internadas em asilos para anormais.³¹ De acordo com o que nos relata Helena Antipoff, as classes especiais forneciam uma educação tão competente e eficiente que as crianças que saíam da escola deixam de ser parasitas da sociedade.

As crianças anormais que frequentam as classes especiais são objeto de tais cuidados e de uma educação tão competente e eficiente que, ao sair da escola, deixam de ser parasitas da sociedade. Demais, o *bureau* escolar que se ocupa da orientação profissional de cada criança, normal ou não, em vésperas de deixar a escola, não abandona criança alguma, saída das classes especiais, sem colocá-la e assegurar seu ganha-pão.³²

Para atender as crianças “anormais”, havia em Zurique o Serviço Médico Pedagógico com sua Clínica Psiquiátrica que, uma vez por semana, para exames laboratoriais crianças trazidas pelos pais, pelas escolas públicas, pela justiça e, dependendo do diagnóstico, a criança era encaminhada para as Classes de Observação ou para a Stephansburgo, casa para crianças psicopatas.

³⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 15.

³¹ Segundo Helena Antipoff, “esta limitação deve ser objeto de um estudo futuro para as classes especiais dos grupos escolares de Belo Horizonte, onde, até hoje são recebidas crianças simplesmente retardadas e anormais profundos”. In: ANTIPOFF, Helena (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 15. Publicado inicialmente em 1933.

³² ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 16.

Nas Classes de Observação, as crianças eram atendidas individualmente, num ambiente mais vivo com ocupações variadas, contando com trabalho manual, desenho, excursões e eram submetidas a exames psicológicos, permitindo assim, um conhecimento mais aprofundado da situação da criança. Essas classes acabavam realizando um trabalho de “higiene mental, pois, muitas vezes, os defeitos dela (da criança) desaparecem em pouco tempo”.³³

Os casos mais complicados eram encaminhados à casa para crianças psicopatas, que recebia vinte e cinco crianças, de ambos os sexos, com idade entre três e quatorze anos, que permaneciam na instituição “tanto tempo quanto é necessário para um diagnóstico mais seguro, geralmente algumas semanas e alguns meses”.³⁴ Ao fazer um balanço das crianças atendidas entre 1921 e 1930, Helena Antipoff constatou que 600 crianças³⁵ passaram pela instituição e, quanto ao aproveitamento, a educadora chegou à seguinte conclusão:

Dois terços de crianças aproveitaram bem da sua estada em Stephansburgo, deixando a casa em estado bem melhorado; um terço não lucrou e foi dirigido para outros estabelecimentos de educação e tratamento médico.³⁶

Encontrava-se em Zurique, o Estabelecimento Suíço para Epiléticos e, no perímetro dessa instituição, havia um pavilhão dedicado aos rapazes psicopatas, estes não epiléticos, que se dedicavam a vários trabalhos nas oficinas de mecânica, carpintaria e pintura, cuja finalidade era

³³ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 16.

³⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 17.

³⁵ “As diversas categorias mórbidas se distribuem assim sobre estes 600 doentes: 132 – psicopatas; 91 – psiconeuróticos; 85 – débeis mentais; 54 – com estados orgânicos adquiridos; 12 – epiléticos; 6 – cretinos; 2 – com estado esquizofrênico; o restante se refere a outras doenças”. In: ANTIPOFF, Helena (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1992, p. 17. Publicado inicialmente em 1933.

³⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 18.

fornecer aos jovens meios para adquirir uma existência futura mais ou menos independente.

Segundo Helena Antipoff, o lema da instituição para os rapazes psicopatas era o seguinte:

Tanto quanto possível disciplina e seriedade durante o trabalho, e tanto quanto possível de liberdade e de alegria fora do tempo de trabalho. As portas são todas abertas para a rua, e os jovens não sentem nenhum constrangimento imposto: eles ficam no estabelecimento porque são convencidos de que ali eles acham as melhores condições para a vida. Os mestres para eles são apenas amigos mais idosos.³⁷

Em sua palestra, Helena Antipoff deu grande destaque à moradia de Albisbrunn, situada a uma hora de Zurique, estabelecimento particular de educação para meninos e jovens moralmente depravados e com perturbações de caráter. Recebendo oitenta alunos simultaneamente, eles eram divididos em cinco grupos, de dez a quinze, que viviam em pavilhões separados, num sistema familiar em companhia de um professor e um casal, sendo marido e mulher.³⁸

Além dos internos, a instituição recebia quarenta jovens em regime de externato, perfazendo um total de aproximadamente cento e vinte alunos atendidos, e estes, em geral, tinham entre dez e vinte anos. De acordo com os dados apresentados por Helena Antipoff, sob esse número de alunos, trabalhava na instituição, entre educadores, mestres, pessoal administrativo e empregados para serviços gerais, quarenta e cinco pessoas.³⁹

Juntamente com as ocupações escolares, havia as oficinas de argila e cerâmica, cartonagem, tecelagem, carpintaria, jardinagem e trabalhos no campo, ocupações técnicas as quais os jovens escolhiam conforme suas aptidões e inclinações. Segundo Helena Antipoff,

³⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 18.

³⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 22.

³⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 24.

O trabalho manual das oficinas não serve apenas em ocupar o tempo e evitar a ociosidade, nem tampouco para escoar somente as energias num rude esforço muscular, mas serve para sublimar as tendências e as forças instintivas desses rapazes, transformando-as em meios para produzir coisas não só úteis como belas (...).⁴⁰

Além das atividades escolares e das oficinas, os alunos tinham lições de música, de ginástica rítmica e de religião. De acordo com Helena Antipoff, todas essas atividades eram realizadas em pequenos grupos o que, além de facilitar o afloramento das aptidões individuais, evitava as influências de um aluno sobre o outro.⁴¹

Segundo Helena Antipoff, a moradia de Albisbrunn era muito procurada, contudo, só recebia crianças realmente difíceis, cuja passagem pela instituição representava uma transformação significativa em seus modos de ser e agir, graças às condições materiais da instituição e à presença de professores de alta qualidade.

Albisbrunn é um estabelecimento particular, sempre preocupado, que não matricula senão crianças realmente difíceis e que se transformam, como por encanto, em jovens morais, trabalhadores e úteis, em alto grau, à sociedade. O segredo desse mistério é devido, em primeiro lugar, à presença de alguns educadores de alta qualidade e em segundo as condições materiais extraordinárias.⁴²

Além dos estabelecimentos educacionais, Zurique possuía, desde 1919, um Serviço da Juventude (Jugendamt), que auxiliava a escola e a família a garantir o bem-estar da juventude, centralizando informações, iniciativas e esforços, públicos ou privados. Conforme observou

⁴⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 18.

⁴¹ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 23.

⁴² ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 18.

Helena Antipoff, esse serviço dava uma atenção especial aos anormais, principalmente no campo profissional.

Como é difícil a colocação dos débeis ou nervosos em qualquer trabalho – o serviço arranhou com algumas fábricas, mediante um contrato e remuneração, lugares para operários débeis. Assim, uma fábrica de vassouras e outra de meias recebem sistematicamente indivíduos débeis mandados pela Jugendamt.⁴³

Em linhas gerais, foram essas as impressões que Helena Antipoff trouxe das instituições européias e que foram apresentadas por ela na reunião do Conselho Técnico da Sociedade Pestalozzi, em 1933, momento em que a instituição estava iniciando suas atividades.

Partindo do pressuposto de que Helena Antipoff buscou implementar o modelo suíço na capital mineira, apresentaremos, a seguir, algumas ações empreendidas pela Sociedade Pestalozzi quanto à criança da capital mineira considerada a”anormal”, assim como os pressupostos que fundamentaram essas ações. Chamamos atenção para o fato de que nosso objetivo não é fazer um estudo comparativo e sim verificar a influência do modelo Suíço na organização do tratamento e assistência às crianças classificadas como “excepcionais” em Belo Horizonte.

✓ **A Sociedade Pestalozzi.**

A Sociedade Pestalozzi era uma associação civil mantida por doações, inclusive do Estado, “destinada a proteger as crianças e adolescentes excepcionais e a preservar a sociedade e a raça, das influências nocivas para a sua saúde mental e equilíbrio moral”.⁴⁴

⁴³ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 22.

⁴⁴ SOCIEDADE PESTALOZZI (1939). **Estatutos**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 01.

Nesse sentido, a Sociedade auxiliou os alunos e os professores das classes especiais dos grupos escolares de Belo Horizonte⁴⁵, organizou um centro de diagnóstico e tratamento, o Consultório Médico Pedagógico⁴⁶, que realizou pesquisas médicas, antropológicas, psicológicas e estatísticas. A Sociedade também divulgou noções teóricas e práticas sobre a infância excepcional e orientava em assuntos de Higiene Mental⁴⁷. Segundo Helena Antipoff,

O termo excepcional é interpretado de maneira a incluir crianças e adolescentes que se desviam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais, ou qualquer destas de forma a criar um problema essencial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social.⁴⁸

Segundo a educadora, para o melhor ajustamento das crianças à vida social, a ciência psicológica devia fornecer meios para a compreensão das formas de condutas “que tendem à harmonia interna ou social, ou que tendem a lesá-las”.⁴⁹ Nesse aspecto, a Higiene Mental, “filha

⁴⁵ “Em colaboração com o Laboratório de Psicologia da antiga escola de Aperfeiçoamento e um grupo de médicos, enfermeiras, psicologistas, professoras, foi dada assistência às classes especiais para retardados dos Grupos Escolares de Belo Horizonte – e orientação médico-pedagógica ao professorado dessas classes através de palestras, demonstrações, exames clínicos e psicológicos dos alunos, auxílio econômico com fornecimento de material didático às classes, algumas ferramentas para trabalhos manuais etc” In: ANTIPOFF, Helena (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 10-11. Publicado inicialmente em 1963.

⁴⁶ “Consultório Médico pedagógico – para atendimento de crianças retardadas mentais, nervosas, epiléticas, surdas-mudas, com distúrbios de palavra, gagueira, em conflitos emocionais, dificuldades de conduta social etc... por um grupo de voluntários nos gabinetes médicos, graciosamente cedidos, em horários especiais, pelos amigos e sócios da obra nascente. Conselhos às famílias e instituições”. In: ANTIPOFF, Helena (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 11. Publicado inicialmente em 1963.

⁴⁷ “Palestras, conferências públicas e cursos para despertar a tenção para com o problema da anormalidade mental e orientar em assuntos de Higiene Mental” In: ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 11. Publicado inicialmente em 1963.

⁴⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 271.

⁴⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992ff). **Inquérito Sobre o Sentimento Materno nas Meninas de 9 a 17 Anos, Promovido pela Seção de Cooperação da Família da Associação Brasileira de Educação**. In: CDPH (Org.),

legítima da psicologia”, seria o conhecimento da natureza humana e dos critérios de sua normalidade. Nesse caso, o indivíduo “normal” seria aquele capaz de adaptar-se socialmente.

(...) uma criatura em constante luta consigo mesma e com inúmeros conflitos entre seu próprio eu e o eu de outrem em perpétuo ajustamento ao meio, em que tem que desempenhar seu papel individual, dentro de uma determinada coletividade, tendendo ao equilíbrio (...).⁵⁰

Se o indivíduo fracassasse nos estudos, devia procurar outros caminhos em que suas aptidões fossem mais adequadas. E nesse sentido, a higiene mental lança mão da educação para indicar aos indivíduos qual campo se desenvolverá melhor. Todavia, segundo Helena Antipoff, os indivíduos podiam apresentar distúrbios e desajustamentos mais graves e, nesse caso, a permanência no meio social não seria possível:

Não há possibilidade do indivíduo permanecer no mesmo meio. São outros meios que a psiquiatria indicaria – meios menos complexos, com menores exigências, com responsabilidade diminuída para o indivíduo – e nela poderá viver, produzindo algo de útil socialmente falando. As clínicas de condutas ou de trabalho dirigido – são estes novos ambientes que substituíram os manicômios humilhantes e prisões degradantes para os loucos ou delinqüentes.⁵¹

Para a educadora, os preceitos da higiene mental eram frutos do estudo da natureza humana inserida num contexto social, no sentido de fornecer meios de ajustamento em situações extremas, prevenindo o conflito entre a sociedade e o indivíduo. É nesse sentido que a Sociedade Pestalozzi atuou, divulgando os preceitos da Higiene Mental.

Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1948, p. 282.

⁵⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992ff). **Inquérito Sobre o Sentimento Materno nas Meninas de 9 a 17 Anos, Promovido pela Seção de Cooperação da Família da Associação Brasileira de Educação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1948, p. 284.

⁵¹ ANTIPOFF, Helena. (1992ff). **Inquérito Sobre o Sentimento Materno nas Meninas de 9 a 17 Anos, Promovido pela Seção de Cooperação da Família da Associação Brasileira de Educação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1948, p. 285.

A Sociedade realizou cursos de esclarecimento sobre problemas atinentes aos aspectos biológicos da infância excepcional, alertando as famílias e as escolas a dar assistência, o mais cedo possível enquanto o organismo é mais plástico para a formação de hábitos sociais, de vida, de comunicação pela linguagem e das noções as quais o ser humano deve se ajustar ao ambiente físico e social.⁵²

Para detectar os problemas biológicos e também sociais e, a partir do diagnóstico, estabelecer lugares específicos para auxiliar no ajustamento dos indivíduos, o Consultório Médico Pedagógico, criado pela Sociedade Pestalozzi, realizava entrevistas, testes e a classificação das crianças, procedimentos que Helena Antipoff, antes, havia desenvolvido no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

Esses mecanismos de intervenção visavam, em última instância, à melhoria da raça humana e, em consequência, uma perfeita harmonia social e refletem a presença das idéias eugênicas⁵³ no Brasil. Com ênfase na hereditariedade e no determinismo biológico, os eugenistas preconizavam métodos que buscavam a melhoria do patrimônio genético de determinados organismos vivos. Mas esse conceito não se restringiu ao campo da biologia, estendendo-se ao campo social e político.

(...) domínio da articulação entre os campos biológico, político e social marcando efetivamente as intervenções que as elites fizeram na

⁵² ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 280.

⁵³ “É interessante observar que o movimento da higiene mental, quando surgiu na Europa e sobretudo na América do norte, tinha por finalidade justamente a crítica às noções difundidas pelos eugenistas. Enquanto esses buscavam a origem dos distúrbios psíquicos em fatores orgânicos, hereditariamente transmitidos, os defensores da higiene mental atribuíam a origem desses distúrbios ao ambiente. Exatamente por isso, podiam defender a prevenção da doença mental e da desadaptação ao meio através de medidas higiênicas e profiláticas de modificação do ambiente, ao contrário dos eugenistas, que defendam medidas autoritárias de intervenção biológica. No Brasil, esses dois movimentos foram confundidos pelos profissionais da saúde mental, que utilizavam a expressão “higiene mental” em relação às duas vertentes”. In: CAMPOS, Regina Helena Freitas Campos (1991). **Contexto Sócio Cultural e Tendências da Pedagogia Psicanalítica na Europa Central e no Brasil (1900 – 1940)**. Belo Horizonte: UFMG – FAFICH. Tese para concurso público para professor titular na área de Psicologia, p. 112.

sociedade (...). Grande parte dos eugenistas vai buscar na educação formas adequadas para ajustar o diferente na sociedade.⁵⁴

Sendo divulgadora dessas idéias, a Sociedade Pestalozzi vai concretizá-las com a criação de instituições para atender as crianças consideradas “excepcionais”. Em Minas Gerais, na década de 1930, a Sociedade criou o Pavilhão de Natal e o Instituto Pestalozzi, instituições cujas atividades apresentaremos a seguir. E, no início da década de 1940, foi criada a Escola Granja na cidade de Ibirité, ponto de partida para o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, objeto de estudo do nosso próximo capítulo.

A criação desse tipo de instituição estava prevista no Estatuto da Sociedade⁵⁵ e sua finalidade, de acordo com o estatuto, era proteger a infância no sentido de “(...) fornecer-lhe meios para melhoramento de seu estado mental, moral e social, de sorte que na idade adulta, pese ela o menos possível à sociedade”.⁵⁶

✓ **O Pavilhão de Natal.**

O que ficou denominado Pavilhão de Natal surgiu da necessidade de se criar um espaço para acolher as crianças que trabalhavam nas ruas da capital mineira, principalmente os vendedores de jornais que, trabalhando o dia todo, não possuíam lugar para descanso.

No chão, ou em catres bastante imundos, sem cobertores, sem colchas, sem nunca tirar a roupa quer ela esteja seca ou ensopada de chuva, protegidos do frio por papéis – essas crianças fazem lembrar fatos da miséria por que passam os países em tempos de calamidades,

⁵⁴ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-36.

⁵⁵ Segundo o Estatuto da Sociedade Pestalozzi, a proteção à infância será feita, entre outros meios, a partir da “(...) criação, logo que possível, de institutos, com internatos e semi-internatos, para crianças subnormais de várias categorias, gratuitos para os indigentes e remunerado para os demais (...)” **Estatuto** da Sociedade Pestalozzi Art. 3º.

⁵⁶ SOCIEDADE PESTALOZZI (1939). **Estatutos**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 03.

estremecimentos da natureza ou agitações sociais. Mas como admitir esse espetáculo aqui, em Belo Horizonte, em noites de plena calma, sem terremotos, sem revoluções? Por que será que esse punhado de crianças, de menores, têm que passar por tamanho aperto e degradação?⁵⁷

Essas palavras foram proferidas por Helena Antipoff numa palestra realizada pela Sociedade Pestalozzi, onde a educadora chamou a atenção da sociedade mineira e, para demonstrar a urgência de ações para resolver a questão, além de enfatizar a situação dessas crianças, lançou mão do Código de Menores no que se refere à questão do trabalho do menor e de um inquérito, realizado com 51 meninos vendedores de jornais, em que ficou evidente a desobediência ao que previa a legislação.

Pelo Código de Menores (1927), a jornada de trabalho de menores de 18 anos não poderia ultrapassar seis horas, com interrupções para repouso⁵⁸, sendo proibido o trabalho noturno para os menores de dezoito anos⁵⁹, o trabalho nas ruas, praças ou lugares públicos para meninos menores de 14 anos⁶⁰, proibia qualquer tipo de trabalho para aqueles menores de 12 anos⁶¹ e, só poderiam ser empregados, a partir dessa idade, aqueles portadores do diploma do ensino elementar⁶².

⁵⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 151.

⁵⁸ Art. 108 – O trabalho dos menores, aprendizes ou operários, não pode exceder de seis horas por dia, interrompidas por um ou vários repousos, cuja duração não pode ser inferior a uma hora”. In: NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 101.

⁵⁹ “Art. 109 – Não podem ser empregados em trabalhos noturnos os aprendizes ou operários com menos de 18 anos. Parágrafo Único: Todo trabalho entre 7 horas da noite e 5 da manhã é considerado trabalho noturno”. In: NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 101.

⁶⁰ “Art. 112 – Nenhum varão menor de 14 anos, nem mulher solteira menor de 18 anos, poderá exercer ocupação alguma que se desempenhe nas ruas, praças e lugares públicos, sob pena de ser apreendido e julgado abandonado e imposta ao seu responsável legal 50\$ a 500\$ de multa e 10 a 30 dias de prisão celular.” In: NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 102.

⁶¹ “Art. 101 – É proibido em todo o território nacional da República o trabalho aos menores de 12 anos”. In: NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 100.

⁶² “Art. 102 – Iguamente não se pode ocupar a maiores dessa idade, que contem menos de 14 nos e que não tenham completado sua instrução primária”. In: NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, p. 100.

O inquérito constatou que a idade predominante entre os vendedores de jornais era de 13-14 anos, havia uma criança de 10 anos e os meninos mais velhos tinham 16 anos de idade⁶³. Considerando que a maioria já vendia jornais há mais de um ano, todos começaram a trabalhar sem atingir a idade e a escolaridade previstas na legislação. Dos 51 meninos, apenas 10 possuíam o curso primário, sendo que 19 estavam fora da escola⁶⁴. Praticamente metade dos meninos não poderia estar trabalhando com a venda de jornais, porque tinha menos de 14 anos e o Código de Menores proibia exercer atividades na rua para meninos menores dessa idade. Sem falar que muitos dos meninos trabalhavam até de madrugada.

O apelo de Helena Antipoff à sociedade da capital mineira foi no sentido desta auxiliar os poderes públicos a conseguir obediência à legislação e chamou à responsabilidade os membros do Conselho de Assistência e Proteção aos Menores, criado em Minas Gerais pelo decreto 7680, e que deveria fiscalizar e promover meios para melhorar a assistência e a educação do “menor abandonado, delinqüente, operário”.⁶⁵ Segundo Helena Antipoff, o Conselho era composto por:

Diretores da Secretaria de Segurança e Assistência Pública, do Instituto João Pinheiro, da Escola de Reforma, do Instituto João Rafael, do Gymnásio Mineiro, da Escola Normal Modelo, do Abrigo de Menores, provedores e diretores dos hospitais da Capital, diretores de Grupos Escolares, um representante da Prefeitura, um representante do Arcebispado, presidentes de conferências de São Vicente de Paula, diretor da Instrução Pública, diretor da Liga Católica e Juiz de Menores.

⁶³ “Vejam, em primeiro lugar, a idade tomada entre 51 menores empenhados na venda diária de jornais: 10 anos (1); 11 anos (1); 12 anos (8); 13 anos (13); 14 anos (13); 15 anos (10); 16 anos (5)”. ANTIPOFF, Helena (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados, Trabalhadores da Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1992, p. 149. Publicado inicialmente em 1934

⁶⁴ “Quanto à escolaridade os dados se apresentam da maneira seguinte: Diplomados pelo curso primário (10); no 4º ano (5); no 3º ano (4); no 2º ano (6); no 1º ano (6); fora da escola (19)”. ANTIPOFF, Helena (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados, Trabalhadores da Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1992, p. 150. Publicado inicialmente em 1934.

⁶⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 149.

Parágrafo Único. Podem fazer parte do conselho, senhoras respeitáveis e reconhecidas pelo seu espírito de altruísmo e caridade.⁶⁶

E, no sentido de promover meios para melhorar a situação dos meninos, trabalhadores na rua, Helena Antipoff propôs a criação e manutenção de um lugar para oferecer “um lar higiênico, e servindo ao mesmo tempo de sede para a assistência educativa”.⁶⁷ O termo abrigo foi logo descartado, por reportar a algo provisório e efêmero, sem conforto e carinho para receber as crianças, “não nos permitindo ver ali crianças felizes, abrigadas das intempéries, refugiadas da escuridão da noite (...)”.⁶⁸

Segundo a educadora, esses meninos que trabalhavam na rua necessitavam de cuidados especiais, pois concentravam todos os fatores da delinqüência. Primeiramente, porque vinham de famílias miseráveis e, citando um estudioso da delinqüência em Nova York, a educadora afirmou que “a pobreza continuada rebaixa o plano da vida e força a família ao pauperismo e à delinqüência”.⁶⁹

Outro fator da delinqüência considerado foi o lar desfalcado, já que sessenta por cento dos meninos que responderam ao inquérito eram órfãos e semi-órfãos⁷⁰ e, citando estatísticas de

⁶⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 149.

⁶⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 149.

⁶⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 29.

⁶⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 152.

⁷⁰ “Entre os nossos 50 inquéritos a este respeito, 6 são órfãos de ambos os pais, 17 são órfãos de mãe e 17 são órfãos de pai, perfazendo, assim, um total de 60% de órfãos ou semi-órfãos” ANTIPOFF, Helena (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados, Trabalhadores da Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1992. Publicado inicialmente em 1934, p. 152

Paris, Santiago, Chile, Chicago, Helena Antipoff destacou que “entre as causas da delinqüência a morte dos pais, da mãe e principalmente do pai é considerada uma das mais patentes”.⁷¹

O último fator destacado foi o próprio caráter dos menores, entre os quais muitos apresentavam, segundo a educadora, taras muito graves:

Irritadiços, impulsivos, alguns com visíveis manifestações epileptóides, com vícios de toda espécie, com hábitos de mentir, furtar, de caluniar; alguns verdadeiros débeis mentais e outros bem inteligentes para explorar esta debilidade, meninos doentes, lunáticos, reumáticos, cardíacos, com doenças sérias da vista, com enxaquecas freqüentes – estes menores e suas condições oferecem um terreno por excelência à cultura do vício e do crime.⁷²

Diante da complexidade da educação dessas crianças, Helena Antipoff condenava a construção de um abrigo sem prever a seleção dos meninos e colocá-los sob a vigilância de profissionais competentes. Pensou num lugar que sugerisse uma ação diferente para com os meninos e por isso o nome escolhido para a Instituição foi Pavilhão de Natal, numa alusão à data em que foi lançada a construção do prédio que receberia as crianças. Contudo, segundo a educadora, não bastava apenas mudar o nome e a aparência do lugar.

É preciso lembrar da transformação que se tem de operar nos futuros moradores do Pavilhão, encaminhando-os através da ordem do asseio, numa conduta a mais desejável. Conseguir pois que os pequenos jornaleiros façam do Pavilhão, nas horas vagas, numa moradia de paz, de beleza, num meio que os torne melhores em todos os sentidos, isto é, sadios, inteligentes, amigos uns dos outros, úteis à pátria e agradáveis a Deus.⁷³

⁷¹ ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 152.

⁷² ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 152.

⁷³ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 30.

A assistência não seria apenas no sentido de abrigar os pequenos trabalhadores após o horário do trabalho na rua, mas fornecer-lhes “uma assistência moral contra a fraqueza, o vício, a ociosidade”.⁷⁴ Para isso, seria dado ao pavilhão um caráter de república infantil, em que os meninos seriam agrupados a partir da amizade e simpatia uns pelos outros, formando uma unidade administrativa e esse grupo teria um quarto, com oito camas, havendo quatro cômodos iguais a esse no Pavilhão. Os próprios meninos cuidariam da limpeza, organização e conforto do quarto. Helena Antipoff acreditava que as crianças sadias tinham uma tendência para a construção mais forte que para a destruição.

Entre as crianças relativamente sadias, a tendência natural para a construção parece ser mais vigorosa que a da destruição. A não ser que haja entre eles alguns nitidamente perversos, os quais deverão ser logo eliminados, o trabalho positivo, o asseio, a beleza e a paz, serão espontaneamente preferidos à sujeira, à grosseria, às brigas e à ociosidade.⁷⁵

Todavia, a educadora chama atenção para o fato de que sozinhas as crianças não levariam a auto-educação muito longe, pois seria da natureza da criança deixar levar-se pelos interesses momentâneos, não se preocupando com o futuro. Sendo assim, haveria um Conselho Diretor, formado por 3 pessoas competentes e ativas que se responsabilizariam pelo trabalho, inspirando-se nos ensinamentos de Baden Powell⁷⁶ e nos princípios da Escola Ativa. Segundo Helena

⁷⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 31.

⁷⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 32.

⁷⁶ “Baden Powel foi o criador do Escotismo. Nas palavras de Helena Antipoff, esse movimento “tem por fim a formação da juventude, colimando o papel que ela deverá desempenhar na vida do País. Para que um país se torne superior a outro não é pela riqueza de sua terra, nem pela força das armas que ele conseguirá, mas pelo valor de seus cidadãos. Ora, para assegurar o futuro do País, o Escotismo se esforçará por levar cada criança ao máximo de seu valor humano, afim de que ela atinja, simultaneamente o seu máximo valor social e nacional”. In: ANTIPOFF, Helena (1992k). **O Escotismo: Perspectivas**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 1992, p. 45. Publicado inicialmente em 1933.

Antipoff, “deve-se tomar em conta não só o presente, mas também o futuro, pois se trata de uma obra de construção civilizadora e não de um brinquedo passageiro”.⁷⁷

Segundo Helena Antipoff, a opção em trabalhar com esse sistema educativo era uma tentativa de evitar que o internato se parecesse com uma prisão e não se tratava de uma idéia original, a experiência com educação de meninos difíceis, em muitos países, mostrou que “os melhores resultados foram alcançados com o regime de liberdade, aliado ao da responsabilidade”.

⁷⁸ Os meninos seriam habituados a viver num ambiente livre e responsável, ficando de fora da organização o castigo, os sermões, o sistema de grades e fechaduras.

Os trabalhos desenvolvidos pelas crianças na rua eram de vários tipos. Além de vender jornais, capinavam as ruas, cavavam, trabalhavam em oficinas, engraxavam sapatos, entre outros. A condição para ser atendido pelo Pavilhão de Natal era ser um trabalhador e “nenhum será recebido sem as credenciais de que trabalha para ganhar a vida”.⁷⁹ Mesmo já tendo um trabalho, seria necessário organizar uma ocupação para as horas de folga e “este tempo vago será preenchido com ocupações instrutivas, construtivas e recreativas”.⁸⁰

Segundo Helena Antipoff, os quartos dos meninos que vendem jornais, devido ao horário em que saem para trabalhar, serão cuidados por outros meninos, assim como haverá para a

⁷⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 33.

⁷⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 31.

⁷⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 34.

⁸⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 34.

limpeza do assoalho, lavagem de roupa, cozinha, etc”.⁸¹ No terreno da casa os meninos poderão trabalhar em jardim e hortas. Além disso, serão organizadas as oficinas de bombeiro, eletricista, carpintaria, marcenaria, encadernação e sapataria.

Os trabalhos acima mencionados viriam não somente a atender as necessidades do Pavilhão, mas também garantiriam um certo lucro, indispensável a uma instituição que deseja viver de seu próprio trabalho, dependendo cada vez menos da caridade pública e dos subsídios do governo. Além disso, encaminhará os mais habilidosos na profissão futura.⁸²

Os documentos evidenciam que muitos empregos exigem dos menores maior número de horas de trabalho, haja vista a própria Prefeitura que estabelece para os pequenos capinadores de rua, a maioria menores de 16 anos, um horário de 7 horas da manhã às 16:30h, com descanso de uma hora para almoço, perfazendo um tempo total, exatamente o mesmo exigido dos adultos.⁸³

Fixada a jornada de trabalho dos menores a seis horas, o Pavilhão poderia estabelecer seus horários de forma a não coincidir com o período dos afazeres das crianças. Com essa limitação do horário de trabalho, os vendedores de jornais, por exemplo, teriam o serviço terminado às treze horas, com isso chegariam ao Pavilhão no início da tarde.

Poderão ali descansar até às 15 horas, depois de um banho refrescante vão incorporar-se aos diversos afazeres da casa: horta, jardinagem, oficinas, etc... escolhendo o trabalho mais de acordo com suas aptidões e gosto, permanecendo até às 17 horas.⁸⁴

⁸¹ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 34.

⁸² ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 35.

⁸³ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 36.

⁸⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 29.

O Pavilhão teria um modesto campo de esportes que funcionaria das treze às quinze horas nos dias úteis, sendo que em domingos e feriados abriria em horários determinados Assim, no período vespertino, os meninos participariam de atividades na própria instituição e, aqueles que “ainda freqüentam o curso primário poderão cursar as aulas no grupo noturno mais próximo (...). Aos que possuem o diploma, será dado o trabalho à noite no gênero de grêmio ou clube”.⁸⁵

Nesse sentido, seriam intensificadas as palestras, atividades de teatro e música, buscando o desenvolvimento literário e cívico. Nessas “Continuation Schools”, assim as denominou Helena Antipoff, “os meninos se prepararão para galgar degraus superiores no ensino secundário ou mesmo superior, caso tenham aptidões”.⁸⁶

Helena Antipoff procurava resolver, nas suas palavras, “o difícil problema da educação dos menores”⁸⁷, com iniciativas como essa, prevista para ser colocada em prática no Pavilhão de Natal, “tornando-o, se Deus quiser, um lar sem ser um orfanato, uma oficina sem ser uma escola profissional, em casa de educação sem ser um internato-prisão”.⁸⁸

✓ O Instituto Pestalozzi.

Outra iniciativa foi a criação do Instituto Pestalozzi, viabilizada através de uma parceria com o Estado, em que a Sociedade Pestalozzi doou o terreno e o Estado construiu o prédio para

⁸⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 36.

⁸⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 37.

⁸⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 37.

⁸⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 37.

instalação do Instituto e nomeou professoras especialistas indicadas pela Sociedade, que possuía noventa crianças infradotadas matriculadas que estavam sem escola. Em entrevista ao *Estado de Minas*, em 26 de outubro de 1934, Helena Antipoff apresentou as atividades do Instituto que seria inaugurado na semana seguinte:

(...) além de um consultório para crianças deficientes, haverá os seguintes departamentos: Classes especiais para educação e tratamento de crianças deficientes; Cursos especiais sobre anormais; Pesquisas científicas sobre as causas e tratamento dos anormais; Centro de informação e estatística, relativa aos excepcionais; Redação de revistas e publicações; Centro de educação e propaganda eugênica; Centro de orientação profissional de deficientes; Assistência à infância excepcional e socialmente abandonada.⁸⁹

As professoras do Instituto eram ex-alunas de Helena Antipoff, novatas no atendimento às crianças “excepcionais”, que atuavam sob a orientação da educadora junto ao externato que recebia “escolares que nada ou pouco progrediam nos grupos escolares da capital mineira”.⁹⁰

Além das crianças de Belo Horizonte, famílias de outras cidades procuravam constantemente a instituição e, em função disso, Helena Antipoff criou os “Pequenos Lares” em uma casa alugada nos arredores do Instituto para receber os pensionistas que ficavam hospedados sob a direção das professoras do Instituto Pestalozzi.⁹¹

A instituição também recebeu entre seus primeiros alunos, em regime de semi-internato, os meninos que estavam no Abrigo de Menores Afonso de Moraes que, segundo Helena

⁸⁹ Jornal *Estado de Minas* apud ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 130-131.

⁹⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 238.

⁹¹ Conforme nos relata Daniel Antipoff, filho da educadora, a casa onde residia Helena Antipoff recebia as crianças que freqüentavam a instituição. “(...) A casa onde mora Helena Antipoff está cheia de meninos do Instituto Pestalozzi. D. Nina Stravovietski, depois de enviudar, a convite de D. Helena, passa a morar com ela, tomando conta dos meninos e levando-os diariamente para o externato do Instituto” ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua Vida, Sua Obra*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, p. 143.

Antipoff, eram “bastante inteligentes, porém filhos da rua, ofereciam, em sua maioria, condutas anti-sociais de extrema agressividade, representando perigo muitas vezes para seus colegas e educadores”.⁹² Com o intuito de diminuir sua miséria moral, a base de todo o trabalho pedagógico foi o conhecimento amplo de cada criança.

O reajustamento da conduta destas crianças em relação às coisas e às pessoas pode ser conseguido com certo êxito quando se tornam conhecidos o estado biológico do seu organismo, suas tendências, suas capacidades físicas e psíquicas, assim como o mecanismo exato do seu funcionamento.⁹³

Segundo a educadora, havia uma variedade muito grande de tipos humanos entre os meninos atendidos pelo Instituto Pestalozzi, o que dificultava a tarefa do educador de “auxiliar cada um na sua existência, preparando a vida de cada um no meio da sociedade para a qual a adaptação é hoje tão difícil”.⁹⁴

Esperava obter, através da observação metódica e da experimentação natural, “sugestões para elaboração de processos educativos mais eficientes e econômicos da pedagogia especial”.⁹⁵

Para Helena Antipoff, a experimentação natural era a metodologia por excelência nas instituições de assistência aos menores, já que o método de testes foi criticado por que era realizado em situações artificiais, na qual o indivíduo reagia também de maneira artificial e, quanto à observação, faltava-lhe precisão, pois as situações observadas eram muito complexas para se isolar os elementos que constituíam o caráter de cada indivíduo, sendo que o caráter era

⁹² ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 238.

⁹³ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter.** In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 15.

⁹⁴ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter.** In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 21.

⁹⁵ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter.** In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 21.

entendido pela educadora como uma entidade psicológica de coordenação das tendências instintivas.

(...) Ora, o caráter é, antes de tudo, uma entidade psicológica, cujo característico é coordenar as tendências instintivas, revelando a constância desta coordenação num campo suficientemente variado de manifestações e num período assaz prolongado.⁹⁶

A experimentação natural, metodologia desenvolvida pelo psicólogo russo Alexandre Lazurski a partir da observação dos alunos em suas atividades escolares, consistia em observar e escolher comportamentos do indivíduo a partir de atividades reais e a cada reação típica atribuir uma significação caracterológica que, segundo a intensidade da manifestação, avaliava-se o grau da reação psicológica. Além de estudar o indivíduo em situações reais, outra vantagem do método: “pode ser aplicado em qualquer ambiente; o método se impõe principalmente onde se tem a necessidade se de conhecer o pessoal que nele se acha”.⁹⁷

A educadora já havia utilizado esse método no Maison des Petits, em Genebra, onde as crianças, entre seis e oito anos, foram estudadas através dos trabalhos manuais: tecelagem, marcenaria, modelagem, costura e bordados, desenho e pintura. No Instituto Pestalozzi, o trabalho manual também foi alvo de atenção.

Chegamos a considerá-lo matéria educativa de primeira grandeza. Encaramos o trabalho manual não só como um meio de ensinar aos nossos alunos técnicas úteis para sua vida de adultos, mas como uma fonte de revelações para o seu mais profundo conhecimento e como um instrumento poderoso para a sua formação, intelectual, social e moral.⁹⁸

⁹⁶ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 15.

⁹⁷ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 17.

⁹⁸ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 21.

Segundo Helena Antipoff, desde o início das atividades do Instituto, em 1935, o programa de atividades educativas contava, além das matérias escolares e dos exercícios de ortopedia mental, com o ensino de trabalhos manuais, ensino técnico-profissional das oficinas e o trabalho doméstico, sendo “este provocado pela necessidade, pois o Instituto Pestalozzi não contava, entre seu pessoal, nenhum servente para limpeza da casa e outros serviços caseiros”.⁹⁹

Os serviços domésticos foram distribuídos em oito modalidades, ordenadas da mais simples e fácil de executar a mais difícil, que nem todos os meninos conseguiam realizar por exigirem maior força muscular, inteligência e habilidades. Seguindo essa ordenação, apresentamos as atividades domésticas a serem realizadas pelas crianças do Abrigo de Menores Afonso de Moraes no Instituto Pestalozzi: 1) varrer os passeios (cimentados); 2) varrer o pátio (terra); 3) limpeza do galpão e sarjetas; 4) limpeza das varandas laterais e da frente dos prédios; 5) limpeza das sanitárias, pias e varanda anexa; 6) limpeza de pó dos móveis; 7) vasculhar a casa; 8) enceração. Segundo Helena Antipoff,

Empregamos, neste serviço de limpeza os meninos, entre 10 e 18 anos, internos do Abrigo de Menores Afonso de Moraes, que, em número de 30-40, passavam o dia no Instituto Pestalozzi, fazendo nele o curso escolar e técnico.¹⁰⁰

Em algumas atividades a utilização da vassoura era suficiente para realizá-la, mas outras exigiam maiores habilidades como, por exemplo, vasculhar a casa, em que a criança precisava “de uma escada ou colocar uma cadeira sobre a mesa para alcançar os lugares mais elevados”.¹⁰¹

⁹⁹ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 22.

¹⁰⁰ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 22.

¹⁰¹ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 26.

Varrer o pátio também não era tarefa muito simples, pois “eles não varrem apenas o pátio. Muitas vezes têm necessidade de enxada, do ancinho¹⁰², para aplainar e revolver a terra, têm que remover o lixo, precisam de pá (...)”.¹⁰³

A cera utilizada pelos meninos era fabricada no próprio Instituto e a educadora cogitou a idéia de iniciá-los no preparo desse material de limpeza. Essa atividade era considerada a mais complexa na escala de dificuldades dos serviços domésticos e aqueles meninos que aprenderam a encerar o assoalho e o azulejo do Instituto, prestavam esse serviço em casas particulares, sendo que “as gratificações que recebem nessas casas são depositadas nas cadernetas do Instituto”.¹⁰⁴

As atividades desenvolvidas no Instituto também eram remuneradas e os meninos “podiam gastar na compra de objetos à venda na própria loja do Instituto (material escolar, frutas, doces, etc.).¹⁰⁵ Num primeiro momento, todos os meninos recebiam a mesma quantia, porém, devido às diferenças no rendimento, pois nem todos faziam o trabalho com a mesma eficiência e rapidez, “aos sábados (...) passava-se em revista a eficiência d trabalho de cada um (...) e a remuneração começou a diferenciar-se também (...)”.¹⁰⁶

Aos poucos foram introduzidas fichas individuais do trabalho, em que os alunos recebiam notas de acordo com o seu desempenho¹⁰⁷ referente à rapidez no trabalho, método, perseverança,

¹⁰² “Instrumento agrícola dentado para ajuntar palha, feno, etc.; rastelo”. *Michaelis* (1998): **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos.

¹⁰³ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 24-25.

¹⁰⁴ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 26.

¹⁰⁵ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 22.

¹⁰⁶ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 22.

¹⁰⁷ “Os valores da escala vão de 1 a 5. (...) As notas 1 e 5 são dadas excepcionalmente; no primeiro caso, evita-se que o menino desanime, e, no segundo, para guardar um certo estímulo se atingir um resultado já bom e procurar fazê-lo

cuidado com o material, iniciativa, responsabilidade, humor durante o trabalho, habilidade e capricho. Essas fichas serviam de critério para remuneração, orientavam as professoras no melhor conhecimento dos alunos e os guiava no aperfeiçoamento de suas capacidades e do seu caráter.

A análise do trabalho da semana tornou-se uma parte importante na pedagogia da Casa. (...) Os meninos bem sensíveis a esta espécie de avaliação compreendiam melhor o que deles se esperava para serem bons trabalhadores e melhoravam rapidamente, não somente seus hábitos técnicos, mas ainda, o seu modo de proceder geral. Assim compreenderam que o trabalho devia ser feito com alegria e desapareceram os resmungadores; que o trabalho devia ser feito numa boa camaradagem, e diminuíram as brigas e os desacordos.¹⁰⁸

Ao acompanhar os resultados das fichas de trabalho dos alunos, num período de seis meses¹⁰⁹, Helena Antipoff concluiu que houve uma melhoria significativa na conduta dos meninos durante o trabalho doméstico e salientou que o método foi aplicado em outros tipos de trabalho desenvolvidos pelas crianças da instituição, constituindo-se “um meio satisfatório de avaliação de conduta de certos traços de caráter, servindo, ao mesmo tempo, de método de treinamento e de controle da aprendizagem dos jovens retardados e desajustados”.¹¹⁰

Além disso, o desenvolvimento das crianças era acompanhado com exatidão pelo setor psicométrico e antropométrico, onde havia discussões dos casos com a participação de outros

melhor ainda. A nota 4, só será dada ao aluno cujo trabalho é quase perfeito (...). Se o trabalho deixa muito a desejar e nenhum progresso apresentou o aluno quanto à parte moral, ser-lhe-á conferida a nota 2. Resta a nota 3 para a média entre esses dois extremos" ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958) **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 28.

¹⁰⁸ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 22-23.

¹⁰⁹ Helena Antipoff analisou duas tabelas preenchidas com notas dos alunos em dois momentos: março e setembro de 1936 e, segundo ela, “esta comparação é extremamente preciosa porque revela o progresso individual e coletivo que se tem operado no intervalo de um semestre” ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958) **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 28.

¹¹⁰ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 31.

especialistas. Entre esses especialistas que atuavam no Instituto Pestalozzi, estavam os médicos Santiago Americano Freire, Aureliano Tavares Bastos e Clóvis Salgado que fizeram experimentações com hormônios em alguns meninos do Instituto Pestalozzi.

(...) Médicos também são solicitados a prestar colaboração e ali fazem experiências endocrinológicas com diversos produtos farmacêuticos. Tudo está sendo seguido e anotado criteriosamente até o dia em que os médicos Santiago Americano Freire, Aureliano Tavares Bastos e Clóvis Salgado experimentam, com bastante êxito, a utilização de hormônios em alguns meninos do Pestalozzi. O pediatra Fernando Magalhães Gomes torna-se um adepto do tratamento medicamentoso assim ensaiado e o estende com pleno êxito em sua clínica particular.¹¹¹

Anos mais tarde, ao se referir aos especialistas que se dedicaram à causa da infância excepcional no Instituto Pestalozzi, Helena Antipoff afirma ter sido testemunha ocular dos primeiros anos de seu funcionamento e, como tal, observou em todos os profissionais uma dedicação especial à causa da infância excepcional.

Em todas essas figuras de educadores, médicos mestres e em muitos outros que mereciam ser citados, via-se a mais tocante dedicação à causa da infância anormal, como era então denominada. Como testemunha ocular (...), pude observar em todos, grande desejo de estudar, compreender os estados de anormalidade, suas causas, seus efeitos sobre as mais variadas modalidades de distúrbios mentais, psicomotores, emocionais e sociais (...).¹¹²

Segundo Helena Antipoff, obras como o Instituto Pestalozzi, que se dedicavam ao conhecimento e tratamento da infância excepcional, prestavam um eficiente serviço à sociedade.

A existência de classes especiais que recolhem alunos sem proveito escolar com isto diminuindo o peso morto do trabalho pedagógico – contribui bastante para intensificar o ritmo dos processos educativos da massa de crianças comuns. Tomemos como prova disto com o Instituto

¹¹¹ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 141.

¹¹² ANTIPOFF, Helena. (1992ss). *De Lustrro em Lustrro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro*. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 239-240.

Pestalozzi que recolhendo cerca de 200 crianças dos grupos vizinhos – facilitou seu trabalho.¹¹³

No Instituto Pestalozzi, as crianças “excepcionais” tinham a possibilidade de concluir o ensino primário, além de se iniciarem em algum ofício que lhes permitiriam exercer alguma atividade remunerada ao deixarem a instituição. Todavia, não eram todas as crianças que passavam pela instituição que conseguiam concluir o ensino primário ou se profissionalizar, ou mesmo aquelas que concluíam, não tinham condições de deixar a instituição, algumas permaneciam no estabelecimento até alcançarem uma idade avançada sem que se conseguisse um “ajustamento social para uma existência menos dependente da família e do Estado”.¹¹⁴ Foi para atender a essas crianças que a Sociedade Pestalozzi adquiriu uma propriedade no campo, onde se instalou uma escola-granja para recebê-las.

Em 1939, terminava o curso primário a primeira turma dos alunos do Instituto Pestalozzi. Sob a pressão da necessidade de assistir esses menores, que não se achavam em condições de continuar os estudos em outros estabelecimentos, nem de se empregar em ocupações profissionais, resolveu a Sociedade Pestalozzi adquirir uma propriedade rural e nela instalar uma Escola-Granja para menores desajustados e crianças excepcionais.¹¹⁵

Essa escola-granja foi o ponto de partida para o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, o qual abordaremos no próximo capítulo. Por enquanto, após apresentarmos as ações da Sociedade Pestalozzi, empreendidas na década de 1930, em Belo Horizonte, gostaríamos de

¹¹³ ANTIPOFF, Helena. (1992ee). **A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1946, p. 141.

¹¹⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 274.

¹¹⁵ ANTIPOFF, Helena. apud ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 146.

refletir sobre a influência européia na atuação da instituição, presidida por Helena Antipoff, porta voz, no Brasil, do que era feito no exterior no atendimento às crianças consideradas anormais.

Acreditamos que Helena Antipoff buscou implementar no Brasil um modelo de assistência à infância excepcional semelhante ao existente na Suíça. Entendemos que, consideradas as devidas proporções, a Sociedade Pestalozzi atuava de forma semelhante à Associação Suíça para Crianças Anormais, pois também centralizava as ações referente à questão das crianças “excepcionais”, angariando recursos, viabilizando instituições para atender essas crianças, organizando cursos, palestras e conferências.

Outra semelhança era que, apesar de receber subsídios estatais, a Sociedade Pestalozzi era mantida por “contribuições dos sócios, subvenções, legados, donativos, produtos de jogos esportivos, festas, conferências e dos bens que a Sociedade vier a adquirir”.¹¹⁶

Assim como em Zurique, foi instalado em Belo Horizonte pela Sociedade Pestalozzi, um Centro Médico Pedagógico que recebia as crianças trazidas pelos pais, pela escola, pela justiça, que passavam por exames médicos, psicológicos, antropométricos e, dependendo do caso, passavam a estudar no Instituto Pestalozzi, onde além do ensino primário, as crianças recebiam atendimento médico e psicológico e uma formação para o trabalho. A idéia era deixar nas escolas apenas as crianças consideradas educáveis, criando instituições para receber aquelas que não se adaptavam ao ensino regular.

Conforme acontecia na Suíça, Helena Antipoff preconizava a necessidade de se criar instituições específicas para as categorias distintas de anormalidade. A diferença é que, ao se referir aos “excepcionais” daquele país, as categorias eram débeis mentais, crianças difíceis, indivíduos profissionalmente insuficientes, cegos, surdo-mudos, aleijados e epiléticos. E, ao se

¹¹⁶ SOCIEDADE PESTALOZZI (1939). **Estatutos**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 04.

referir às instituições suíças, aparecem as Casas para Crianças Psicopatas, Estabelecimento de Educação para meninos e jovens moralmente depravados e com perturbações de carácter e, ainda, asilos para órfãos e abandonados. Em nenhum momento apareceram as designações “delinqüente”, “corrupto”, “crianças em perigo moral”, “operário”, palavras que apareceram quando a educadora se referiu à assistência às crianças “excepcionais” de Belo Horizonte.

O trabalho como principal matéria educativa para formação social e moral dessas crianças “excepcionais” também se efetivou nas instituições criadas pela Sociedade Pestalozzi em Belo Horizonte, seja no Instituto Pestalozzi ou no Pavilhão de Natal. Todavia, nesse caso, a diferença é que nas instituições mineiras foi dada atenção especial ao trabalho doméstico, o que não foi detectado nas instituições suíças, pelo menos não foi apresentado por Helena Antipoff quando a educadora abordou essa questão do trabalho. Além disso, na Suíça, havia pessoal suficiente para executar o trabalho de manutenção das instituições, o que em Belo Horizonte era realizado pelos próprios alunos.

A formação das crianças “excepcionais” se pautava pela necessidade de transformá-las em adultos o menos dependentes possível da sociedade e do Estado, havendo assim, uma preocupação com a formação não só pelo trabalho, como também para o trabalho e isso fica evidente tanto na Suíça quanto em Belo Horizonte.

Destacamos, para reforçar a afirmação de que as ações de Helena Antipoff em Belo Horizonte receberam influência européia, as palavras da própria educadora ao se referir à organização do Pavilhão de Natal, instalado na capital mineira em 1934. Segundo a presidente da Sociedade Pestalozzi não se tratava de uma idéia original:

A idéia não era original. Depois de muitos trabalhos com vários métodos para a educação de crianças difíceis (...) viu-se que os melhores resultados foram alcançados com o regime de liberdade, aliado ao da

responsabilidade. Estes resultados foram colhidos em várias instituições de muitos países.¹¹⁷

No Pavilhão de Natal, essa educação não se fazia totalmente na instituição, visto que aí não existia o ensino primário e os meninos atendidos que não possuíam o referido diploma, deveriam concluí-lo no Grupo Escolar mais próximo no período noturno. Percebemos nesse encaminhamento mais uma diferença em relação às instituições suíças, em que não há indicativos desse tipo de educação compartilhada, pelo contrário, Helena Antipoff enfatiza que as crianças “são mantidas em observação médica e psicológica, sem interromper o curso de seus estudos”.¹¹⁸

No Pavilhão de Natal, havia ainda outra diferença em relação aos estabelecimentos suíços. Tratava-se de uma instituição criada para atender os pequenos trabalhadores que não possuíam lugar para se abrigar depois que encerravam o horário de trabalho. Ao discorrer sobre as instituições suíças, Helena Antipoff não destaca nenhuma instituição para crianças que trabalham na rua.

Helena Antipoff destacou alguns resultados das ações institucionais na Suíça, enfatizando que as instituições realizavam um serviço de higiene mental, “pois, muitas vezes, guardando a criança por mais tempo os defeitos dela desaparecem”.¹¹⁹ Quando isso não acontecia, as crianças eram internadas por mais tempo, até atingirem “um estado bem melhorado”.¹²⁰ Mesmo assim,

¹¹⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932, p. 31.

¹¹⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 14.

¹¹⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 17.

¹²⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933, p. 17.

havia casos em que se fazia necessário encaminhar as crianças para outros estabelecimentos de educação e tratamento médico.

Percebemos esse itinerário da Assistência em Belo Horizonte, onde as crianças eram atendidas pelo Consultório Medico Pedagógico, onde eram avaliadas e encaminhadas para as atividades do Instituto Pestalozzi, o que, segundo Helena Antipoff, facilitava o trabalho nos grupos escolares da capital mineira, seja por ter auxiliado na adaptação das crianças nesses grupos ou por ter recolhido os casos mais graves. Semelhante ao que acontecia na Suíça, nem todas as crianças que passaram pelo Instituto, segundo a educadora, tinham “condições de continuar os estudos em outros estabelecimentos, nem de se empregar em ocupações profissionais”.¹²¹. Fazia-se também necessário encaminhar esses casos para outras instituições.

Foi para atender essa demanda que a Sociedade Pestalozzi adquiriu uma propriedade rural e aí instalou uma Escola Granja, que recebeu, entre seus primeiros alunos, crianças que haviam concluído o ensino primário no Instituto Pestalozzi. Analisaremos, no próximo capítulo, essa escola instalada na Fazenda do Rosário.

Acompanhar as ações da Sociedade Pestalozzi em Belo Horizonte, na década de 1930, apontando as semelhanças e diferenças relativas ao modelo suíço, nos permitiu perceber como Helena Antipoff adaptou esse modelo à realidade brasileira. Além disso, tivemos a oportunidade de vislumbrar informações importantes referentes às ações empreendidas pelas instituições que atendiam as crianças consideradas “excepcionais”, cuja análise será aprofundada no próximo capítulo.

¹²¹ ANTIPOFF, H. apud ANTIPOFF, Daniel (1992). **Prefácio**. In: CDPHA (Org.), *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol.1 Belo Horizonte: Imprensa Oficial, p. 146.

CAPÍTULO IV

OS MENINOS “EXCEPCIONAIS” NA FAZENDA DO ROSÁRIO: A EDUCAÇÃO PELO TRABALHO – 1940 – 1948

4.1– Panorama da Fazenda do Rosário: 1940 – 1948 – Delimitação do Objeto

Nesse capítulo dedicaremos nossa análise a uma das instituições criadas pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais para atender às crianças consideradas “excepcionais”. Trata-se da Fazenda do Rosário que, como já destacamos no capítulo anterior, foi criada para atender as crianças do Instituto Pestalozzi que, tendo permanecido na instituição por cinco anos, não apresentavam condições para seguir com seus estudos ou ingressar no mercado de trabalho.

Nas instituições criadas pela Sociedade Pestalozzi até aqui analisadas - o Pavilhão de Natal e o Instituto Pestalozzi – o trabalho constitui-se como fio condutor das práticas pedagógicas. Com base no estudo da história da Fazenda do Rosário, buscamos verificar como foram organizadas as atividades da instituição, para satisfazer quais objetivos, atendendo que tipo de criança, verificando a reação delas e das professoras ao processo de institucionalização e, principalmente, observar se o trabalho também se instalou como princípio educativo.

As fontes utilizadas para fazer emergir a história da Fazenda do Rosário referem-se a artigos escritos por Helena Antipoff em épocas e circunstâncias diferentes, relatando essa história; a biografia de Helena Antipoff, escrita por Daniel Antipoff, filho da educadora; publicações de professoras que trabalharam na Fazenda do Rosário ou foram alunas dos cursos de treinamento para professores rurais, instalados na instituição a partir de 1948; e, ainda, artigos de

Helena Antipoff sobre a educação do excepcional e a educação rural. A partir do cruzamento dessas fontes, levantamos os elementos para a análise das práticas desenvolvidas na instituição.

Antes de adentrarmos nessa história, consideramos importante contextualizar os relatos de Helena Antipoff que apresentaram o histórico da Fazenda do Rosário. O primeiro deles, pelo menos a que tivemos acesso, foi escrito em 1952¹, “valendo-se de diários e anotações que registram os estabelecimentos de ensino e diversos serviços, nela (Fazenda do Rosário) progressivamente instalados”.²

Nesse relato, Helena Antipoff elaborou um prefácio, apresentando a Fazenda do Rosário e seus objetivos, seguidos por uma cronologia resumida das atividades da Fazenda, desde 1939 até 1952, acompanhada de trechos dos diários das professoras, inclusive de Helena Antipoff, que apresentam alguns elementos do cotidiano dos seus moradores³. Um artigo escrito pela diretora da Fazenda do Rosário, Yolanda Barbosa, intitulado “Notas sobre alunos internos na Escola Rural Dom Silvério, na Fazenda do Rosário”, também compõe o relato, que fala ainda da Casa de Repouso, inaugurada em 1941. Por fim, Helena Antipoff falou dos cursos de treinamento dos professores rurais, instalados em 1948, e dos princípios que presidiram o desenvolvimento da Fazenda do Rosário.

¹ Trata-se de um documento de 1952, sem título, encontrado nos arquivos da Fundação Helena Antipoff, em Ibité. A última parte desse relato, referente aos princípios que presidiram o desenvolvimento da Fazenda do Rosário, foi publicado sob o título “A Fazenda do Rosário como Experiência Social e Pedagógica no meio rural”. In: CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002) **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica. Publicado inicialmente em 1953. Nessa publicação, encontramos a seguinte referência ao artigo de origem: “Extraído do ‘Histórico’ da Fazenda do Rosário, publicado por D. Helena em setembro de 1952, no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953”.

² ANTIPOFF, Helena. (1992a). **O Nível Mental das Crianças Russas nas Escolas Infantis**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1924, p. 03.

³ Os trechos dos diários não acompanham a cronologia até 1952, ficando restritos aos dois primeiros anos de atividade da Fazenda do Rosário, ou seja, até 1942.

Outro levantamento histórico da Fazenda do Rosário feito por Helena Antipoff foi publicado em 1962⁴, por ocasião das comemorações dos trinta anos de atividade da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Ao falar da Sociedade, a educadora destacou as principais atividades desenvolvidas na Fazenda do Rosário, entre elas as atividades domésticas, agrícolas, com cerâmica, todas em prol da assistência aos indivíduos considerados “excepcionais”.

Em 1967, Helena Antipoff elaborou um relatório apresentando as instituições em funcionamento na Fazenda do Rosário, fazendo um levantamento das atividades e encaminhamentos desde a sua criação, em 1940 até aquela data⁵, apresentando, ainda, os projetos a serem desenvolvidos no futuro, referentes aos egressos da instituição. A estrutura administrativa e o quadro de funcionários que trabalhavam na Fazenda naquela ocasião também foram destacados. Esse levantamento acompanhou uma carta destinada à representante do Unicef, Alice Schaeffer, solicitando auxílio para melhoramento da instituição, incluindo meios de transporte, mobiliário, roupas para as crianças, equipamentos agrícolas, aparelhos médico-psicopedagógico, até pessoal especializado.

Entre os artigos escritos pelas alunas de Helena Antipoff, destacamos um, de autoria de Irene de Melo Pinheiro, publicado de 1986, que constitui “o testemunho dos anos vividos ao lado da saudosa mestra e amiga (...), acrescido da tradição oral e escrita (...)”.⁶ Esse artigo relata a história da Fazenda do Rosário desde o início de 1939, quando a idéia para sua criação foi

⁴ ANTIPOFF, HELENA. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963.

⁵ ANTIPOFF, Helena (1967). **A Fazenda do Rosário: Histórico**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Esse histórico foi incluído num artigo escrito por Helena Antipoff sobre as três instituições criadas para atender a criança excepcional (Sociedade Pestalozzi, Instituto Pestalozzi e Fazenda do Rosário), publicado sob o título “**De Lustrro em Lustrro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionais**”. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1967.

⁶ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 03.

lançada na reunião da Diretoria da Sociedade Pestalozzi, sob a presidência da educadora Helena Antipoff, realizada em 27 de janeiro daquele ano. Iniciaremos nossa análise baseando-nos nesse texto que apresentou a transcrição do conteúdo da ata dessa reunião:

A presidente convocou a diretoria para discutir o projeto sobre a aquisição de um sítio nas imediações de Belo Horizonte, para ali construir ou montar uma Escola-Granja e uma Casa de Repouso. A primeira teria por finalidade a educação, em regime de internato e o ensino agro-industrial para adolescentes que, por uma razão ou outra, não podem seguir a escola secundária e são rebeldes à educação comum, na família ou na escola. A segunda, visa a proteção ao trabalhador adulto, de profissões liberais, de preferência contra o esgotamento nervoso, oferecendo-lhe um lugar aprazível e salubre para descanso.⁷

O local para a instalação da Fazenda do Rosário foi um sítio de quarenta e cinco alqueires de terra, chamado Pantana e Sumidouro, situado há quatro quilômetros do município de Ibitaré e há vinte e cinco quilômetros de Belo Horizonte.⁸

O negócio foi fechado em trinta de dezembro de 1939 e o auxílio financeiro que viabilizou o pagamento da primeira parte veio de donativos⁹.

(...) eram subscrições entre amigos e com a participação principal dos Diários Associados, cujo diretor, Dr. Assis Chateaubriand, remeteu 86 contos de réis, resultado de uma intensa campanha em benefício da Sociedade Pestalozzi pelos jornais do Rio de Janeiro, de Minas e de outros Estados.¹⁰

⁷ Transcrição da ata da Diretoria da Sociedade Pestalozzi apud PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 06.

⁸ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 06.

⁹ Ao apresentar um histórico da Fazenda do Rosário, em 1965, Helena Antipoff destacou que “Vale a pena lembrar que um dos primeiros subscritores desse donativo foi Josefina Baker, a famosa bailarina francesa negra que, naquela época, dançava no Cassino da Urca”. In: ANTIPOFF, Helena (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965.

¹⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992vv). **O Rosário e seu Nascimento**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação Rural, Vol. 4, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1960, p.128.

Tendo fechado o negócio no dia trinta de dezembro, já no início de janeiro de 1940, a Sociedade Pestalozzi enviou para a referida Fazenda seus primeiros moradores:

(...) Seus começos foram bem modestos: duas professoras – Dona Cora de Faria Duarte e Dona Yolanda Barbosa, com seis meninos do Abrigo de Menores e do Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte e mais os primeiros apetrechos domésticos – tudo isso transportado num caminhão – entravam na modestíssima casa de abodes, de chão batido. Sem água encanada, sem luz elétrica, sem instalações higiênicas, a vida dos pioneiros era dura e sem conforto. Precisou muita coragem e devotamento infinito à causa da infância desamparada para agüentar esses difíceis inícios (...).¹¹

A direção da Fazenda do Rosário ficou a cargo da diretora Yolanda Barbosa¹², sendo Dona Cora a primeira professora, cujo diário apresentou um retrato do que os primeiros moradores encontraram ao chegar na propriedade rural, inclusive os nomes dos primeiros meninos internados.

No dia dois de janeiro de 1940, para aqui vieram, de caminhão, duas professoras, Iolanda e Cora e cinco dos nossos meninos do Abrigo de Menores: Laerte, Geraldo, Jesus Geraldo (Miudinho), Francisco Vieira e Jovino, acompanhados do Sr. João Costa. (...) A casa estava completamente vazia e triste, sem a respiração de uma criatura humana (...) A casinha é pequena e velha (...).¹³

¹¹ ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lusto em Lusto: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p.241.

¹² Yolanda Barbosa permanecia no cargo de diretora da Fazenda do Rosário, em 1962, quando Helena Antipoff escreveu o artigo em comemoração aos trinta anos da Sociedade Pestalozzi: “(...) D. Yolanda Barbosa, continua no cargo de diretora até a presente data, a partir de 1962”. In: ANTIPOFF, Helena (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963.

¹³ Diário de Dona Cora apud ANTIPOFF, Helena (1952) ‘**Histórico**’ da Fazenda do Rosário, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01.

Apesar das atividades da Fazenda do Rosário terem iniciado de forma modesta, a partir daí, “começaram também a ser postos em prática os seus projetos de expansão (...)”.¹⁴ O as aulas do curso primário, com quatro séries de ensino, destinada aos alunos internos e externos vindos da vizinhança, tiveram início em fevereiro de 1940 com a abertura da Escola Isolada Dom Silvério.¹⁵

Em 1941, contando com a contribuição dos professores-alunos da Escola de Aperfeiçoamento, foi construído o prédio da Casa de Repouso que funcionou como um hotel. Ainda nesse ano, foi adquirida uma propriedade anexa que ficou conhecida como Chacrinha, onde se instalou um “internato com um grupo de internos, de diversos níveis intelectuais e formas de comportamento social, valiosa experiência no campo da educação de menores excepcionais”.¹⁶

Foi em 1944 que se iniciou a construção do pavilhão central, onde se instalou, a partir de 1946, a residência dos professores, internato das crianças desamparadas, o refeitório, a cozinha, a biblioteca e salas de aula da escola primária.¹⁷

Uma vez finalizada a construção do pavilhão central, teve início, em 1947, a construção de mais dois pavilhões, para viabilizar o funcionamento dos cursos rurais, numa parceria direta com o governo do Estado, na figura do seu governador, Milton Campos, e do Secretário da Educação, Abgar Renault. Mesmo antes de finalizar a construção dos pavilhões, tiveram início os

¹⁴ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 08.

¹⁵ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 08.

¹⁶ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 07.

¹⁷ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 07.

Cursos de Aperfeiçoamento de Professores Rurais do Estado de Minas Gerais, em 1948, “em terrenos da Chacrinha que lhe foram cedidos por empréstimo”.¹⁸

Esses cursos de aperfeiçoamento do professorado rural eram intensivos, com duração de quatro meses, em que os professores viviam na Fazenda do Rosário em regime de internato. A manutenção, tanto do curso quanto do internato, era feita pela verba federal do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), “que auxiliava também na adaptação, construção e equipamentos de prédios novos”.¹⁹

Até 1957 esses cursos de aperfeiçoamento foram ministrados na Fazenda do Rosário, contabilizando dezoito cursos pelos quais passaram cerca de mil professores. Além desses cursos intensivos, a partir de agosto de 1949, tiveram início as aulas do Curso Normal Regional, com duração de quatro anos de estudos. A construção dos prédios para abrigar esse curso foi viabilizada por um acordo entre o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação e a Sociedade Pestalozzi. As aulas do Curso Normal foram ministradas nas dependências da Fazenda do Rosário até 1952, sendo que, a partir daí encerrou-se o convênio do Estado com a Sociedade Pestalozzi para manutenção da Escola Normal Rural.

Nada mais devia a Escola Normal à Sociedade Pestalozzi, visto que já entrava em prédio próprio, no terreno próprio do Estado para usufruto da Escola Normal Oficial do Estado. A mesma emancipação se deu no setor dos Cursos Intensivos de professores rurais, os quais em 1957 passaram a se realizar no próprio Estado, no prédio do Instituto Superior de Educação Rural (...).²⁰

¹⁸ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 08.

¹⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 280.

²⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 281.

Ao acompanharmos a expansão das atividades da Fazenda do Rosário, percebemos que a instituição ampliou seu foco de ação. Nos primeiros anos de existência a Fazenda atendia apenas as crianças “excepcionais” vindas da capital mineira, sendo que Helena Antipoff, ao se referir às crianças que seriam recebidas na instituição, destacou que “interessava mui especialmente à Sociedade Pestalozzi o grupo de cerca de 40 alunos internados no Abrigo Afonso de Morais²¹, que ela atendeu, em suas classes escolares, nas oficinas de trabalho etc, em regime de semi-internato”.²² Posteriormente, a atuação da Fazenda do Rosário se estendeu para a formação de professores para a educação dos “excepcionais” e o ensino rural.

Os primeiros 8 anos (1940-47) foram inteiramente consagrados à educação dos menores desamparados, retardados mentais, nervosos, com distúrbios emocionais, antisociais, etc. Quase todos indigentes, recebiam integral assistência, pesando bastante a sua manutenção para a Sociedade Pestalozzi, visto que o número de internos elevou-se a mais de cem (100) alunos. A partir de 1948, outro problema veio inquietar a Sociedade – a criança do campo, cujas lamentáveis condições de vida faziam dela também, um desamparado: sem escola, sem assistência médica, dentária ou religiosa, vivendo em estado de higiene precaríssima, mal alimentada e doente, verminótica, anêmica, associada, com linguagem pouco desenvolvida, acanhada e triste (...). A escola não oferecia melhores oportunidades, pois da escola só existia o nome: sem prédio apropriado, sem mobiliário e material didático, dirigida por uma “professora leiga” – muitas vezes apenas com o curso de 3 anos da escola rural²³ –, essa escola deveria ser modificada e melhorada em seu ensino.²⁴

²¹ Tratava-se dos alunos que freqüentavam o Instituto Pestalozzi, os quais eram encarregados dos serviços de limpeza do instituto: “Empregamos, nesse serviço de limpeza os meninos, entre 10 e 18 anos, internos do Abrigo de Menores Afonso de Morais, que, em número de 30-40, passavam o dia no Instituto Pestalozzi, fazendo nele o curso escolar e técnico”. In: ANTIPOFF, Helena (1992jj). **Método de Experimentação Natural no Instituto Pestalozzi**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p.22. Publicado inicialmente em 1958.

²² ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 274.

²³ “Em outubro de 1948 encerrava-se o primeiro Curso de Aperfeiçoamento, com o grupo de 26 professores primários. Fez-se então triste descoberta que havia nas Escolas Rurais do Estado de Minas menos de 10% de normalistas entre professores regentes de escolas rurais e que o restante, mais de 90%, nem possuía o curso completo de grau elementar: alguns tinham apenas 3 anos de escola rural, via de regram mal feitos. Na ausência de normalistas aceitavam-se esses semi-analfabetos. Afortunadamente, possuíam muitos deles excelentes qualidades pessoais e virtudes de caráter que nem sempre figuravam na personalidade de professoras normalistas formadas nas Escolas Normais sem a devida seriedade na missão que lhes cumpre executar no setor de educação, sobretudo no meio rural que hostilizam e rejeitam à primeira oportunidade de transferência para a cidade”. In: ANTIPOFF, HELENA. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.),

Nas palavras de Helena Antipoff, a partir de 1948, “entra a Sociedade Pestalozzi numa nova fase de sua história. Compreendendo a tragédia do homem rural (...)”.²⁵ Considerando a ampliação das atividades da Instituição, salientamos que nosso trabalho irá investigar a primeira fase da Fazenda do Rosário, aquela dedicada exclusivamente às crianças “excepcionais”, que vai desde a sua criação até 1948.

Ao apresentar o histórico da Fazenda do Rosário, em 1952, quando esta completava doze anos de existência, Helena Antipoff explicitou as diretrizes do empreendimento e a sua intenção de construir uma cidadezinha rural, uma rede de instituições que fornecesse oportunidade pedagógica a todos, aproximando as diversas escalas de variações humanas, sem formar um grupo segregado, justamente por estar aberta a todos.

Sua evolução tende no sentido de uma cidadezinha rural, talvez um Instituto de Organização Rural, em que escolas, granjas, empresas agrícolas, oficinas e fábricas, posto de puericultura e saúde, cooperativa, clube recreativo, biblioteca, museu e capela – edificadas paulatinamente com o propósito de melhor servir o homem do campo, visa realmente um ideal: a formação de uma sociedade, mais culta, mais próspera, mais harmoniosa e feliz. Concentrando na mesma fazenda instituições para menores e adultos, escolas de grau elementar ao superior, estabelecimentos de ensino geral e especializado, agrícola, profissional e normal, a Fazenda do Rosário oferecerá no futuro oportunidades pedagógicas para todos os indivíduos de todas as idades e de todas as condições. Aproximando os seres da ampla escala de variações humanas, desde o idiota mais primitivo até o indivíduo altamente talentoso e bem dotado, desde a criança perfeita até menores que sofrem de graves distúrbios psico-motores ou de perturbações mentais – formam todos eles

Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p.280. Publicado inicialmente em 1963.

²⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 243-244.

²⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 279.

um conjunto articulado, de relações amistosas, prestando serviços mútuos como num lar, numa vasta família, irmanados (...).²⁶

Consideramos que essas colocações resumem as intenções de Helena Antipoff quanto ao desenvolvimento das atividades da Fazenda do Rosário, que na verdade não se constituiu como uma instituição, mas num complexo institucional, que foi agregando diferentes instituições ao longo do seu desenvolvimento.

Nosso trabalho faz um resgate desse desenvolvimento, com o intuito de investigar a organização institucional, as atividades propostas e colocadas em prática, para atender que tipo de criança, através de quais princípios educativos, desde a sua criação em 1940 até, como já dissemos 1947, que é justamente quando se ampliam as atividades para outros segmentos.

Identificamos, nesse período, alguns acontecimentos que nos levaram a fazer outros recortes. Nesse aspecto, é importante destacar que a Sociedade Pestalozzi foi presidida por Helena Antipoff desde sua fundação em 1932 até 1944, quando a educadora se transferiu para o Rio de Janeiro, para prestar seus serviços ao Departamento Nacional da Criança.

Apesar de acreditamos haver uma motivação política para transferência da educadora, já que seu contrato não foi renovado em 1944, não aprofundaremos essa discussão. Restringimo-nos a destacar a explicação sobre o episódio, apresentada pelo filho de Helena Antipoff:

Com o casamento do filho e a mudança dele para o interior de Minas, Helena Antipoff tem a sensação de abandono. Então aceita prazerosamente uma experiência de vida no Rio de Janeiro, já que o governador Benedito Valadares não parece disposto a renovar-lhe o contrato de trabalho. Contudo, o maior promotor desta mudança para o Rio, foi, sem dúvida, seu grande admirador e amigo, Dr. Gustavo Lessa,

²⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992vv). **O Rosário e seu Nascimento**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação Rural, Vol. 4, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1960, p. 128-129.

alto funcionário do Ministério da Saúde, que desde 1929 vinha acompanhando a dinâmica trajetória da psicóloga russa(...).²⁷

Assim, a partir de 1945, a Sociedade Pestalozzi passou a ser presidida por Sandoval Soares de Azevedo, que permaneceu no cargo até 1950, data de seu falecimento. Sobre o novo presidente escreveu Helena Antipoff:

Ex-professor do ensino secundário, homem público, ex-secretário do interior, Diretor de um dos maiores bancos, dinâmico e realizador, mas sobretudo, homem de coração, tomando a peito as profundas dificuldades da obra, Dr. Sandoval imprimiu à Fazenda do Rosário um ritmo de progresso e de melhoramentos consideráveis. Conseguiu vultosas verbas do Governo Federal e Estadual, bem como elevados e variados donativos por parte de particulares e institutos privados.²⁸

Além desse recorte, decorrente da administração da instituição, outros, de ordens distintas, se constituíram nessa construção da história da Fazenda do Rosário. Destacamos primeiramente, as instituições que foram agregadas à Fazenda do Rosário. Nos dois primeiros anos, 1940 e 1941, portanto, as atividades se concentraram nas duas casas existentes na propriedade rural, que foram devidamente ampliadas e adaptadas. A partir de 1942, foi adquirida uma propriedade vizinha, onde foi instalado o internato da Chacrinha, destinado a atender aos meninos maiores. A partir de 1948, iniciam-se os cursos de aperfeiçoamento dos professores rurais nos terrenos emprestados pela Chacrinha, até o término dos prédios próprios em 1952.

Destacamos também o perfil dos meninos atendidos na Fazenda do Rosário que, até 1942, eram apenas os “excepcionais sociais”, quer dizer, aqueles assim classificados tendo como base sua conduta ou seu caráter, e acrescentando as palavras de Campos (2002) “aqueles cujas

²⁷ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 151.

²⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). *Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff* In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 277.

condições de vida familiar ou social impediam uma adequada estimulação”.²⁹ Incluía, portanto, os meninos abandonados pela família ou pelo responsável. A partir de 1942, a instituição passou a receber também os “excepcionais orgânicos”, ou seja, aqueles cujo desenvolvimento mental se apresentava aquém ou além do padrão estabelecido para crianças da mesma idade e, complementando com Campos (2002), aqueles portadores de distúrbios de origem hereditária.³⁰

A partir desse recortes, trouxemos elementos que constituem a história da Fazenda do Rosário, colocamos em evidência as ações pedagógicas adotadas pela, na instituição e ainda, verificamos como essas ações refletiram na vida dos meninos “excepcionais” que por ali passaram.

4.2 – A Fazenda do Rosário e o Processo de Institucionalização dos “Excepcionais”

O termo institucionalização indica a formação de padrões estáveis de interação e organização social, baseados em comportamentos, normas e valores formalizados pela legislação ou pelos costumes, tornando a conduta dos indivíduos previsível, definindo o que é considerado legítimo para cada papel social, cujo desempenho assegura o funcionamento das normas, gerando padrões de comportamento definidos como legítimos em uma dada situação social.³¹

O processo de institucionalização pode ser interpretado de maneiras distintas, dependendo da perspectiva teórica. Esse processo abrange as atividades regidas por previsões estáveis e

²⁹ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org.). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 22.

³⁰ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org.). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 22.

³¹ RIOS, J. (1986). **A. Institucionalização**. In: SILVA, B. (Org.) *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

recíprocas, sendo que essa reciprocidade se baseia na relação de confiança entre os indivíduos.³² Quer dizer que a relação entre professor e aluno não alcançaria êxito, em termos de ação pedagógica, fora de uma base de confiança. O mesmo aconteceria entre médico e paciente, dentre outros exemplos.

Apresentando-se como alternativa à teoria da luta de classes, essa perspectiva não considera a divisão social do trabalho, onde “cada homem tem sua esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual não pode fugir (...) se não quiser perder seus meios de existência”³³, e nem a divisão da sociedade em duas classes, operária e burguesa, cujos interesses são contraditórios, resultando na exploração dos primeiros pelos segundos. Não percebe a exploração, mas sim dois universos institucionalizados que encontraram interesses comuns, no interior dos quais fazem acordos recíprocos, sendo que as relações só se mantêm por haver interesses comuns.

Considerando a divisão de classes, engendrada pelo modo de produção capitalista, Franca e Franco Basaglia (1977) destacam que a aceitação dessa divisão como fenômeno natural exige regras e instituições que, aparentemente destinadas a resolver as contradições, servem para manter a divisão original, sob a qual se ergue o sistema capitalista. Para eles, o processo de institucionalização é um instrumento dos setores dominantes da sociedade para conservar a ordem vigente, no sentido de detectar o diferente e isolá-lo, buscando esconder o fato de que é a estrutura da organização social que produz a contradição.

Os diferentes são aqueles indivíduos que não produzem, que, voluntária ou involuntariamente, são excluídos da sociedade. A estratégia é estabelecer o diferente *a priori*

³² BOLDON, R. & BOURRICAUD, F. (S/D). **Dicionário Crítico de Sociologia**. Tradução: Maria Letícia Guedes Alcoforado et al. São Paulo: Editora Ática.

³³ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Selecionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 29.

possibilitando aplicar a definição mais adequada para justificar uma intervenção repressiva. Os mecanismos de intervenção ou instituições de violência, como definem Franca e Franco Basaglia, são os presídios, manicômios, institutos terapêuticos, de controle, de reabilitação e segregação em que, através da mistificação da terapia e da reabilitação, obtém-se a conservação da ordem pública, o ritmo produtivo e a eficiência da organização social.

Entendemos o processo de institucionalização a partir da perspectiva da luta de classe, apresentada por Franca e Franco Basaglia (1977). A seguir, analisamos a Fazenda do Rosário, buscando compreender como se efetivou o processo de institucionalização dos meninos “excepcionais”.

O período que vai da chegada dos primeiros moradores na Fazenda do Rosário em janeiro de 1940 até início de 1942, quando se iniciaram as atividades da Chacrinha, é justamente o recorte temporal feito por Helena Antipoff ao apresentar os trechos dos diários da Fazenda do Rosário, no histórico da instituição, elaborado em 1952. Então temos trechos dos diários do primeiro ano de funcionamento da instituição e o início do segundo ano de atividades (12/01/1940 até 04/02/1941) e os primeiros meses do terceiro ano de existência da Fazenda do Rosário (12/01/1942 até 11/03/1942).³⁴

A partir desses diários, levantamos elementos do cotidiano dos moradores da instituição, que nos ajudaram a compreender o processo de institucionalização das crianças que, além dos seis internos havia, em janeiro de 1940, “uma turmazinha de crianças da vizinhança para aulas. Vieram 12, ontem, e, hoje, apareceu um novato (...)”.³⁵

³⁴ Salientamos que não tivemos acesso aos diários originais e na íntegra. Tivemos oportunidade de consultar trechos recortados por Helena Antipoff para construir o histórico da Fazenda do Rosário em 1952.

³⁵ Diário da Professora Cristina Dias apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *Histórico da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 03.

Embora o trecho do diário supracitado aponte a turma de alunos sendo destacada para aulas, são raros os momentos em que se apresenta essa proposta pedagógica no histórico da Fazenda do Rosário. Isso não quer dizer que ela não existia, e sim que Helena Antipoff, ao apresentar as atividades da Fazenda do Rosário, destacou outra proposta de ação para formação de seus alunos. Tratava-se da educação edificada pelo trabalho, voltada para o trabalho, buscando a “formação de gerações melhor preparadas para a produção técnico-econômica, agrícola e artesanal”.³⁶ Vejamos, então, como se efetivou essa proposta na Fazenda do Rosário.

Os primeiros moradores, ao chegarem à Fazenda, encontraram duas casas simples, sendo uma construção de adobe e outra de pau-a-pique, “ambas de chão batido, sem vidraças nas janelas, sem encanamento de água ou instalações sanitárias, sem luz elétrica”.³⁷ Para dormir, os meninos “enchem de palha de milho alguns sacos de aniagem”³⁸, que lhes servirão de colchão”.³⁹

Dona Cora, uma das primeiras professoras a chegar na Fazenda do Rosário, tendo aí permanecido durante o mês de janeiro de 1940⁴⁰, relatou em seu diário que as primeiras benfeitorias na propriedade rural foram feitas pelos novos moradores.

³⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992tt). **A Fazenda do Rosário – Sua Experiência – sua Filosofia**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação Rural, Vol. 4, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1966, p. 171.

³⁷ ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01.

³⁸ “Tecido grosseiro de algodão ou linho cru para sacos e fardos; tecido de juta para o mesmo fim”. In: MICHAELIS (1998). **Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos.

³⁹ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 148.

⁴⁰ Ao deixar a Fazenda do Rosário, em trinta de janeiro de 1940, Dona Cora deixou escrito no diário da Fazenda as seguintes palavras: “Com sinceridade vou pesarosa de deixar a Fazenda, pois não sei quando voltarei aqui. Tenho bastante egoísmo e presunção para supor que faço um pouco de falta à Fazenda, senão para o trabalho, pelo menos para os meninos. (Acredito que isto seja um modo reflexivo de ver as coisas, porque eu sinto a falta desses meninos, por muito pequena que seja a amizade que eles consagram à gente)” In: Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 06.

(...) começamos nossa ‘alta recreação’ um movimento de limpeza no sítio. O caminho para o córrego estava intransitável; já agora se pode passar, sem pisar nas ervas. A bica, Iolanda consertou. A frente da casa apresenta melhor aspecto, com as bananeiras limpinhas.⁴¹

Da primeira carta escrita na Fazenda, de autoria de Dona Cora, destinada à Helena Antipoff, que estava em Belo Horizonte, e que nem chegou a ser enviada, pois a fundadora da Fazenda do Rosário chegou antes à propriedade⁴², observamos a lista de itens requerida pela professora, que, por sua vez, retratam a simplicidade da vida na Fazenda.

Não sabemos o que está por vir no caminhão que deve chegar hoje. Mas queríamos que D. Helena mandasse uns chapéus de palha, para os meninos, duas latas de banha, vazias, para esquentar água, uma baciazinha de lavar pratos e um pouco de creolina, que as moscas estão nos estranhando. Desculpe o bilhete ir a lápis. Se viesse o caneteiro de Iolanda, os bilhetes passariam à tinta. Está fazendo falta também um caldeirão para cozinhar o feijão.⁴³

No dia dez de janeiro de 1940, havia pedreiros para viabilizar o aumento das casas da propriedade rural que passou à história como Fazenda do Rosário e, segundo diário de Dona Cora, no dia doze de janeiro, “as obras da casa já estão bem adiantadas”.⁴⁴ A varanda de uma das casas foi coberta para abrigar a escola e dois quartos foram construídos para aumentar a casa, sendo que essas adaptações foram concluídas no início de fevereiro.⁴⁵

⁴¹ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01-02.

⁴² Nesse período, Helena Antipoff residia em Belo Horizonte e visitava a Fazenda do Rosário semanalmente.

⁴³ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953,02.

⁴⁴ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 03.

⁴⁵ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952.

No dia 28 de janeiro daquele ano, aconteceu a festa de inauguração da Fazenda do Rosário, tendo sido convidado o povo de Ibirité⁴⁶ para uma missa na Capela da cidade e, na seqüência, para uma visita à Fazenda. Conforme nos apresenta os diários⁴⁷, muitos moradores compareceram, “contamos no livro 98 assinaturas, e vieram muitos outros que não assinaram (...)”.⁴⁸

Depois da inauguração, contando com as obras de ampliação e adaptação das casas, no dia doze de fevereiro de 1940 teve início as aulas do ensino primário, com a instalação da Escola Rural Dom Silvério, que recebeu oito alunos internos e dois da cidade de Ibirité. Consta no diário referente àquela data:

Uma vida nova surgiu na “nossa casinha” – a nossa vida escolar. Alegremnte, abriram-se hoje as aulas e a nossa “escola” surgiu como uma pequenina estrela que quer crescer e espalhar forte clarão de luz. Compõe-se de oito meninos e mais dois, de Ibirité.⁴⁹

Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 08.

⁴⁶ Convite: “A Sociedade Pestalozzi tem o prazer de convidar o povo de Ibirité para assistir amanhã, domingo, dia 28, a festa de inauguração da ‘Fazenda do Rosário’, recentemente adquirida nesta localidade. A festa constará de uma missa, na Capela de Ibirité, e de uma visita à Fazenda, à uma hora da tarde. Esperamos o comparecimento do povo. A Sociedade Pestalozzi agradece antecipadamente”. In: In: Diário de Cora Duarte Faria apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário Através dos Registros**. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 06.

⁴⁷ Não localizamos os diários da Fazenda do Rosário. ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário Através dos Registros**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953. Utilizamos os trechos apresentados por Helena Antipoff nesse documento, elaborado em 1952, conforme destacamos ao apresentar as fontes. Sendo assim, salientamos que ficamos a mercê do recorte das fontes efetivado pela educadora ao fazer a seleção dos conteúdos apresentados em seu relatório. Para fundamentar nossas afirmações, buscamos complementar as informações consultando outras fontes.

⁴⁸ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 06.

⁴⁹ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 06.

No início de suas atividades, faltava quadro negro e cadeiras para acomodar todos que, em vinte de fevereiro, eram dezesseis alunos, entre internos e advindos da comunidade local.⁵⁰ Nesse aspecto, é importante destacar que desde o início de suas atividades, tudo o que se fazia na Fazenda do Rosário pela infância excepcional se estendia para a criança e jovens da comunidade adjacente.

(...) escola, assistência médica e dentária, assistência religiosa, recreação, festas cívicas e tradicionais – tudo isso se destinava, indistintamente, à criança internada pela Sociedade (Pestalozzi), abandonada, desajustada, anormal, como à infância e juventude da própria população, da comunidade adjacente.⁵¹

Além da escola, um dispensário médico foi instalado em fevereiro de 1940. Funcionava aos sábados, quando o médico visitava e examinava os alunos e, segundo diário de uma das professoras, assim “a criança poderá melhorar o seu estado de saúde”.⁵²

Assim como as construções existentes na propriedade rural foram sendo ampliadas, houve também um aumento no número de pessoas residindo na Fazenda do Rosário.

Em outubro de 1940 já são umas trinta pessoas que vivem na Fazenda, fora os alunos externos. São professoras, auxiliares, operários e os primeiros internos que ajudam a construir a grande obra que D. Helena pretende levantar.⁵³

⁵⁰ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 08.

⁵¹ ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustrro em Lustrro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 281.

⁵² Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 08.

⁵³ ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, sua obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 149.

Segundo relato de Daniel Antipoff, havia uma reunião semanal presidida por Helena Antipoff, “durante a qual se traçam as diretrizes do empreendimento”⁵⁴, cujas primeiras construções foram viabilizadas pelos investimentos da Sociedade Pestalozzi e, também, devido a donativos os mais diversos. Segundo Daniel Antipoff,

Um oferece cadeiras, outro uma vitrola de corda; um terceiro manda buscar umas peças de louça de sua casa; às vezes são os próprios comerciantes e amigos de D. Helena que ofertam uma remessa de dez sacos de cimento, cinco caixas de ladrilho. O problema é transporte. D. Helena dá um jeito e manda buscar num carro de bois, na estação de Ibitité, todos os volumes doados. Aos poucos o Rosário cresce, com seu patrimônio mais volumoso.⁵⁵

O primeiro pavilhão edificado foi o da Casa de Repouso, com seis quartos, que começou a ser construído em julho de 1940, tendo sido inaugurado em maio de 1941. Agência de higiene mental, destinada ao descanso dos professores e trabalhadores urbanos que não tinham condições para viagens mais longas ou de se hospedar em lugares mais dispendiosos, a Casa de Repouso serviu de pretexto para desenvolver a vida social na Fazenda do Rosário, permitindo também aos sócios e amigos da Sociedade Pestalozzi acompanhar as atividades da Fazenda do Rosário, além de ajudar, comprando os produtos produzidos na propriedade rural. Segundo Helena Antipoff,

Era uma maneira discreta de controlar e auxiliar uma instituição de interesse público, cuja manutenção exigia cada vez maiores despesas com maior número de menores acolhidos em sua Escola Granja.⁵⁶

Para admissão dos hóspedes era exigido um atestado médico comprovando que o mesmo não sofria de doenças infecto-contagiosas, nem doenças nervosas graves, sendo apurada também a idoneidade moral através da apresentação por sócios da Sociedade Pestalozzi. Apesar dessas

⁵⁴ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 149.

⁵⁵ ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 149.

⁵⁶ ANTIPOFF, Helena (1952d). *A Casa de Repouso*. In: ANTIPOFF, H. ‘Histórico’ da Fazenda do Rosário, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibitité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p.01.

exigências, além de retornar à Casa de Repouso repetidas vezes, os hóspedes tornavam-se amigos “das crianças ali amparadas, proporcionando a estas festinhas, brinquedos e gulodices (...)”.⁵⁷

A Casa de Repouso recebeu hóspedes até 1948, quando passou a receber as turmas de alunos do Curso de Aperfeiçoamento para professores rurais, “mudando de finalidade não era mais de repouso e sim um intenso trabalho que ali se desenvolvia”.⁵⁸ Das centenas de hóspedes que recebeu desde 1941, destacamos as impressões de um deles sobre as crianças da Fazenda do Rosário:

É nesse cenário encantador oferecido pela natureza que vamos encontrar uma colméia humana, digna de nossa maior atenção: são os meninos, retardados mentais, em número aproximadamente de sessenta e evangélicas professoras a que a Sociedade Pestalozzi os confiou. (...) Sentimos por esses meninos um misto de comiseração e prazer: corta-nos o coração a sua inferioridade mental, acompanhada em quase todos os casos de inferioridade física. Sentimos o prazer, verdadeiro consolo, de vê-los carinhosamente tratados e metamorfoseados aqui em indivíduos capazes de viverem como seres humanos, úteis a si mesmos e não mais como pesos mortos, para a sociedade (...).⁵⁹

Os diários da Fazenda do Rosário nos apresentam elementos referentes ao tratamento recebido pelos meninos na instituição, desde o início de suas atividades. Conforme já destacamos, os primeiros internos chegaram à Fazenda no dia dois de janeiro de 1940 e, consta nos diários que, no dia nove daquele mês, “os meninos receberam a distribuição dos serviços que

⁵⁷ ANTIPOFF, Helena (1952d). **A Casa de Repouso**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 02.

⁵⁸ ANTIPOFF, Helena (1952d). **A Casa de Repouso**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 04.

⁵⁹ Relato de um visitante apud ANTIPOFF, Helena (1952d). **A Casa de Repouso**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 03-04.

está à parede da cozinha para lhes lembrar os deveres. Cada qual ficou encarregado de um trabalho, e ontem deram conta satisfatoriamente das obrigações”.⁶⁰

Esses diários revelaram que o senhor João Costa que, no início de janeiro, chegou na propriedade rural junto com as duas professoras e os seis primeiros meninos, foi quem os distribuiu “pelos diversos trabalhos de capina, conserto de cercas, de porteiras, etc. (...).⁶¹ E o dia de trabalho começa cedo para eles, pois segundo o diário de 18 de março de 1940, “ontem, às 5 horas e meia da manhã já se ouvia a vozeria alegre dos meninos, que já são sete, tomando leite no curral”.⁶²

Destacamos, a seguir, algumas passagens dos diários que explicitam o tipo de trabalho executado pelos meninos.

08/02/40 – Como os demais dias vividos na Fazenda, o dia 8 foi cheio de afazeres: fabricação de goiabada e de requeijão para o consumo e para a venda (...).

17/03/40 – (...) A primeira remessa de leite para Belo Horizonte foi feita de maneira bem singular por Antônio Carlos, aluno e “leiteiro” do nosso posto, que despachou a lata com 20 litros, sem indicar o nome do destinatário, nem do remetente (...). Deu o que fazer essa lata, somente dois dias depois, com leite coalhado, foi encontrada (...). As laranjeiras plantadas, foram todas novamente replantadas, porquanto eram colocadas dois palmos abaixo do nível dos terraços.

23/04/40 – No engenho, fizeram hoje, 136 rapaduras, grandes, bem batidas, claras e gostosas (...).

⁶⁰ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 02.

⁶¹ Diário de Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 02.

⁶² Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 02.

09/05/40 – Os trabalhos prosseguem. O bananal novo está sendo capinado, mas a capina foi interrompida por trabalhos mais urgentes (...).

05/10/40 – O trabalho de moagem da cana continua e a colheita da batatinha orçou 15 sacos de 4 arrobas cada um (...).

07/10/40 – Foi arado um bom terreno, trabalho produtivo e que rendeu bastante. Tivemos o auxílio de uma junta de bois, que nos foi gentilmente cedida pelo Sr. Juscelino Rodrigues, fazendeiro vizinho e delegado de Ibirité (...).

20/10/40 – (...) O plantio do feijão foi dos melhores, atinge 30 litros e foi terminado hoje, bem como o plantio do milho e da mandioca (...). A fabricação dos doces também foi grande, pois Antônio Carlos e Pedrinho, gabaram-se de ter conseguido 22 quilos de bananada, orientados porém, por D. Nina, que sempre está a frente de tudo.⁶³

22/09/40 – (...) Iniciou-se o alinhamento do novo laranjal, além da cerca para evitar a entrada dos animais. A palhada foi batida para a plantação da mandioca. Mais massa de tomates. Despachados para Belo Horizonte – 30 quilos de tomates e verduras (repolho, gilós, alface, etc.) (...).⁶⁴

As atividades escolares propriamente ditas ficavam em segundo plano. Afirmamos isso, baseando-nos nos trechos dos diários destacados por Helena Antipoff para comporem o Histórico da Fazenda do Rosário, que além de darem maior destaque ao trabalho agrícola executado pelos meninos na fazenda, demonstraram que as atividades escolares não eram prioridades nos deveres dos meninos internos. Vejamos.

22/01/40 – Como amanheceu chovendo muito (...) fiquei só com os meninos, os quais não podendo fazer o trabalho de conserto da estrada e capina, ficaram lendo, escrevendo (...).⁶⁵

⁶³ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 08-13.

⁶⁴ Diário da Professora Tira Monteiro de Castro apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 12.

⁶⁵ Diário da Diretora Yolanda Barbosa de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 05.

Além desses trechos dos diários das professoras da Fazenda do Rosário, evidenciando que as aulas ficavam em segundo plano, destacamos uma passagem do diário de Helena Antipoff referindo-se a um aluno que estava saindo da instituição um ano após sua chegada, cuja mestra se preocupava com a formação incompleta do menino nesse período que passou na fazenda.

11/01/41 – (...) Queria eu que terminasse ao menos o ciclo inteiro da construção que iniciou, britando pedra, devia aprender pelo menos o reboco, a fim de ganhar mais no emprego.⁶⁶

O ciclo inteiro não se referia ao ensino primário completo, portanto quatro anos, e sim ao aprendizado da profissão de pedreiro. Apesar dos diários apontarem para a existência de pedreiros adultos, as crianças também ajudavam nas construções dos prédios da instituição.

02/11/40 – (...) Na ausência do “Vovô”, o pedreiro, seu filho Floriano está na direção da Casa de Repouso em construção (...). Mas, por que então, Geraldo Lopes estará na lavoura, ele que é tão bom no serviço de pedreiro? Não combinou com Floriano? Na “reunião” trataremos do caso do “abandono espontâneo” do serviço. Mas de quem é a culpa, do menino ou do mestre? (...)⁶⁷

A partir desse trecho inferimos que as crianças eram obrigadas a desempenhar o trabalho para o qual estavam designadas e, de acordo com o que apresentamos, esses trabalhos se referiam, principalmente a atividades agrícolas e à construção. Esse encaminhamento vai ao encontro aos objetivos da Fazenda do Rosário em preparar indivíduos para produção agrícola e

⁶⁶ Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20.

⁶⁷ Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 15.

artesanal, visando, em última instância, fixar o homem no campo. Um visitante que esteve na Fazenda do Rosário traduziu em suas impressões da visita esses objetivos.

10/06/40 – A Escola Dom Silvério, que funciona na sede da Fazenda, deixou-me boa impressão (...). Fiquei, sobretudo, bem impressionado com a orientação dada à escola, onde se pode verificar o objetivo de se prender o homem à terra, pela revelação dos seus encantos e de suas inigualáveis riquezas (...).⁶⁸

Visando criar nos meninos o hábito do trabalho e educá-los no aspecto econômico, ficou estabelecido que, a partir de fevereiro de 1940, eles seriam remunerados e o valor a ser pago para cada um estaria vinculado à prontidão com que desempenhasse o trabalho, ao bom humor, à produção, à iniciativa útil e à invenção de algum processo original que melhorasse a realização do mesmo. Os próprios meninos estabeleciam as bases de julgamento, com a aprovação dos professores⁶⁹.

03/02/40 – (...) Na reunião ficou combinado que os meninos que já contam com mais de 14 anos de idade, receberão uma gratificação pelos trabalhos, a fim de educar neles o lado econômico, e torna consciente o hábito de um bom serviço (...). As quantias foram estabelecidas na base do julgamento dos próprios meninos, com a nossa aprovação.⁷⁰

⁶⁸ Registro do Visitante Eliseu Laborne e Vale apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 12.

⁶⁹ “03/02/40 – (...) Adotando esse critério de pagamento, Francisco Vieira recebeu para o mês de janeiro 16\$000. Miudinho, Jovino e Geraldo Jesus – 14\$000 cada um; José Camilo, 9\$600 e Laerte 8\$800. Geraldo que está na Fazenda há duas semanas, recebeu 6\$000 (...)” (Diários sem referência ao autor apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário Através dos Registros**. In: *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 07 Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

⁷⁰ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 12.

Verificamos que, entre os meninos internos da Fazenda do Rosário, até aquela data, apesar de receberem valores diferentes, todos foram remunerados, o que indica que tinham mais de 14 anos, já que esta era a condição para receber o pagamento.

03/02/40 – (...) Adotando esse critério de pagamento, Francisco Vieira recebeu para o mês de janeiro 16\$000. Miudinho, Jovino e Geraldo Jesus – 14\$000 cada um; José Camilo, 9\$600 e Laerte 8\$800. Geraldo que está na Fazenda há duas semanas, recebeu 6\$000 (...).⁷¹

Nessa mesma reunião ficou acertado que os meninos receberiam apenas metade dos valores merecidos, sendo que a outra parte seria depositada na Caixa Econômica⁷², sendo que, em fevereiro de 1940, “Miudinho e Jovino deixaram para a caixa a maior parte – 10\$000, ficando somente com 4\$000. Bom sinal”.⁷³

Essa reunião, realizada em três de fevereiro de 1940, foi a primeira do Conselho da Fazenda, que passou a acontecer semanalmente, cujo objetivo era organizar as atividades da instituição e viabilizar “maior harmonia entre todos e mais estreita colaboração de meninos e adultos, professores, trabalhadores e encarregados dos serviços (...)”⁷⁴, sendo que os meninos participavam dessas reuniões.

⁷¹ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 107.

⁷² Os diários não revelaram para que era destinado a metade do pagamento dos meninos. Pesquisamos em outras fontes, porém não conseguimos esclarecer essa questão.

⁷³ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 08.

⁷⁴ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

Na reunião do dia doze de outubro de 1940, dia da criança, sobre a qual Helena Antipoff proferiu “algumas palavras bonitas”⁷⁵, foi discutida a implementação das fichas de trabalho individual e do grupo, “a fim de melhor controlar a distribuição dos encargos e dos esforços (...)”.

76

O trecho do diário não apresentou mais detalhes dessa ficha, acreditamos tratar-se do mesmo tipo de ficha utilizada no do Instituto Pestalozzi, na qual os alunos recebiam notas de acordo com o seu desempenho⁷⁷ referente à rapidez no trabalho, método, perseverança, cuidado com o material, iniciativa, responsabilidade, humor durante o trabalho, habilidade e capricho. Essas fichas serviam de critério para remuneração, orientavam as professoras no melhor conhecimento dos alunos e os guiava no aperfeiçoamento de suas capacidades e do seu caráter.⁷⁸

Ainda nessa reunião do dia doze de outubro de 1940, foi discutida a organização de um clube esportivo, quando “Dona Helena prometeu descobrir e mandar para a Fazenda uma pessoa entendida, um técnico em educação física, para orientar na organização do desejado Clube”.⁷⁹

Os trechos dos diários que serviram de base para nossa investigação recortam o primeiro ano de funcionamento da instituição e o início do segundo ano de atividades (12/01/1940 até

⁷⁵ Infelizmente, o trecho do diário utilizado nessa investigação apenas menciona que Helena Antipoff proferiu palavras bonitas sobre a criança, contudo não apresenta essas palavras.

⁷⁶ Diário sem referência ao autor apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 13.

⁷⁷ “Os valores da escala iam de 1 a 5. (...) As notas 1 e 5 são dadas excepcionalmente; no primeiro caso, evita-se que o menino desanime, e, no segundo, para guardar um certo estímulo se atingir um resultado já bom e procurar fazê-lo melhor ainda. A nota 4, só será dada ao aluno cujo trabalho é quase perfeito (...). Se o trabalho deixa muito a desejar e nenhum progresso apresentou o aluno quanto à parte moral, ser-lhe-á conferida a nota 2. Resta a nota 3 para a média entre esses dois extremos” ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958) **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 28.

⁷⁸ ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter**. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, p. 28.

⁷⁹ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 13.

04/02/1941) e os primeiros meses do terceiro ano de existência da Fazenda do Rosário (12/01/1942 até 11/03/0942) e, nesses momentos, não apareceu nenhuma referência ao Clube Esportivo. Verificamos no “Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)”⁸⁰, que a educação física teve início na instituição somente em julho de 1949, sob a orientação de um sargento da Força Militar de Minas Gerais.

1949 – Julho – Início da Educação Física sob a direção de uma sargento comissionado pelo comando da Força Militar de Minas Gerais.⁸¹

Enquanto a Fazenda do Rosário não dispunha de uma pessoa responsável pela educação física e nem existia um Clube Esportivo, os meninos improvisavam o esporte e lazer da instituição. Nesse aspecto, o diário do dia três de outubro de 1940, relata que havia o time de futebol da instituição, que reunia os internos todos os dias para o treinamento, constituindo-se o divertimento preferido dos meninos. Outra atividade improvisada por eles era a pescaria que, segundo os diários, acontecia nas horas livres.

03/10/1940 – Constitui agora divertimento predileto dos nossos meninos o treino diário do “time” da Fazenda do Rosário. O entusiasmo cresce dia a dia e parece que já estão se tornando uns verdadeiros “ases” no futebol mineiro. Alguns, com o Sr. Baroni, horteleiro, estão pescando nas horas livres, nos Tabuões. Dará para salgar peixe?⁸²

⁸⁰ ANTIPOFF, Helena. (1952b). **Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

⁸¹ ANTIPOFF, Helena (1952b). **Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

⁸² Diário da professora Lúcia Leite apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 12.

Segundo relato de Helena Antipoff, qualquer acontecimento fora da rotina dos meninos era motivo para brincadeiras. A educadora citou uma chuva de granizo que caiu na Fazenda no dia dois de novembro de 1940, cujas pedras de gelo viraram brinquedos nas mãos das as crianças.

(...) E os nossos meninos? Sempre os mesmos. Tudo para eles é motivo de brinquedo e de alegria. Toda novidade desperta a curiosidade de ver as coisas de perto, de experimentá-las de todo jeito. Brincavam com as pedras de granizo, como se fossem bolinhas de gude (...) Brincavam com elas, engolindo pedaços de gelo, comendo-os francamente.⁸³

As brincadeiras aconteciam em horários após as atividades escolares e o trabalho na fazenda ou em momentos em que essas atividades não poderiam se realizar. Nos diários existem muitas evidências a esse respeito, e a professora Cristina Dias registrou bem uma dessas evidências.

19/01/40 – (...) Os meninos não podendo se espalhar pelo terreiro para as costumeiras palestras, agruparam-se na cozinha e formaram um bonito coro, regido pelo Francisco Vieira. Esse anunciava os números. Cantavam músicas carnavalescas, sambas, modinhas e hinos, na maior alegria. Todos os números cantados foram aplaudidos por nós professoras (...).⁸⁴

Contudo, a convivência na Fazenda do Rosário não foi sempre harmoniosa como demonstra esse trecho do diário. Em vários momentos, aparece relato do comportamento dos meninos e eles não apresentam apenas alegrias. Verificamos o primeiro desses relatos no diário de Dona Cora do dia 29 de janeiro de 1940 e, apesar de não apresentar as atitudes dos meninos,

⁸³ Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 17.

⁸⁴ Diário da professora Cristina Dias apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 05.

indicou que eles não tiveram um bom comportamento no dia anterior, justamente o dia da inauguração da Fazenda do Rosário.

29/01/40 – A festinha de ontem deu assunto para as nossas palestras de hoje, inclusive uma “boa conversa” com os meninos, conversa que assumiu um caráter solene, porque o assunto era grave e prometido desde a véspera. Se os meninos estão aqui, sob a guarda da Fazenda, é preciso que lhes continuemos a dar assistência moral. Eles ainda não compreenderam direito os deveres, de atenção, de gratidão, de polidez, e de interesse pelo que de perto lhes toca. Tudo lhes foi lembrado, inclusive as faltas, com bastante cordialidade sem aborrecimento.⁸⁵

Pouco tempo depois, no dia oito de fevereiro, a professora Ana Bandeira de Melo falou da sua satisfação devido às conclusões da ampliação das casas da Fazenda do Rosário, mas que estava contrariada por constatar o comportamento “levado” e “preguiçoso” dos meninos.

08/02/40 – (...) Estivemos contentes com estes progressos, mas contrariados com os meninos, que estiveram, quase todos, levados e com uma pontinha de preguiça. Repreendi-os pela primeira vez, depois que me encontro aqui.⁸⁶

Outra professora, Lúcia Leite, registrou o comportamento dos meninos à noite, todavia, mais uma vez não foi explicitada a atitude dos meninos.

02/10/40 – Ontem tivemos uma notícia desagradável: os nossos meninos estão se portando mal à noite, quando o Dr. Raymundo e Hermelindo estão acomodados. Ficamos muito preocupadas e pensamos num meio de melhorar a situação. Decidimos falar com eles com muito jeito e ainda fazer algumas mudanças de quarto. Além disso, foram pregados em seus quartos cartazes com frases significativas e previamente explicadas que os ajudará a melhorar. Esperamos que com tudo isso e ainda um exame

⁸⁵ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

⁸⁶ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 08.

de consciência que fazem à noite, muito em breve se corrijam desse defeito tão feio.⁸⁷

Logo depois desse relato do dia dois de outubro de 1940, a reunião do dia cinco de outubro, que contou com a presença de Helena Antipoff, discutiu a atitude dos internos Durvalino e Cristiano.

05/10/40 – (...) O primeiro ponto visado foi a rebeldia de Durvalino. Hoje, ainda, ele se mostrou muito excitado, atirando pedras e sacando faca contra os companheiros. O caso do Durvalino continua em estudo. O nosso Cristiano também esteve impossível esses últimos dias, ficando quase resolvida a sua transferência para uma casa de saúde.⁸⁸

Não conseguimos apurar quais eram as dificuldades com o interno Cristiano, a ponto de ser cogitada sua transferência para uma instituição médica, tampouco podemos afirmar se tinha alguma coisa a ver com os acontecimentos nos dormitórios dos meninos. O fato é que os diários registraram que este não foi transferido da Fazenda do Rosário, sendo chamados os meninos mais velhos da instituição para ajudá-lo a melhorar a sua conduta. Já Durvalino teve que reconhecer que estava errado.

06/10/40 – Entre lágrimas do Cristiano e a boa vontade de todos ficou resolvido o esforço moral dos meninos maiores para auxiliar e melhorar a conduta do nosso menino. Quanto ao Durvalino, que geralmente se mostra orgulhoso, se convenceu, pela primeira vez, que estava errado, tendo declarado em voz alta que estava arrependido de suas rebeldias e prometeu, doravante, fazer o devido esforço para abrandar o gênio.⁸⁹

⁸⁷ Diário da professora Lúcia Leite apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 12.

⁸⁸ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 13.

⁸⁹ Diário da professora Ana Bandeira de Melo apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 13.

Não conseguimos acompanhar o que aconteceu com o interno Cristiano, pois os trechos dos diários que chegou até nós não apresentaram o desenrolar desses acontecimentos. Quanto ao Durvalino, no início do ano seguinte, 1941, portanto, deixou a Fazenda do Rosário para ingressar no exército, conforme podemos verificar a partir das impressões registradas por Helena Antipoff quanto a sua saída da instituição.

11/01/41 – (...) Embora tenha pesar de deixar sair os nossos rapazes antes do tempo, às vezes julgo ser melhor deixá-los procurar a sua própria vida, sem constrange-los a permanecer entre nós, por “amizade” ou por “necessidade” apenas. Assim deixeis, embora com grande pesar, repito, o Durvalino. Acabou de entrar para o exército, sentando praça no 10º Regimento. Passou conosco apenas 6 meses. A melhora foi sensível. Civilizou-se bastante. Aproveitou da escola e dos estudos. Passou com boas notas para o 4º ano. Disse-me que sempre fora sonho dele ser militar. Que Deus acompanhe essa criança, pois, apesar dos seus 17 anos é criança ainda (...).⁹⁰

No trecho do diário de Helena Antipoff do dia 21 de janeiro de 1941, dez dias depois do registro da saída de Durvalino, encontramos a informação de que ele conseguiu dispensa do exército e visitou a Fazenda do Rosário, pois “sentiu saudade dos colegas e da Granja”.⁹¹ Nesse dia também ficou registrada a saída de Francisco Vieira, ele que fez parte do grupo dos seis meninos que chegou na Fazenda do Rosário no dia dois de janeiro de 1940.

21/01/40 – (...) O Vieira também se foi. Arranjou para trabalhar numa casa de comércio, na Onça, povoado vizinho. A sua estadia aqui foi de um ano e creio ter servido bastante para o seu caráter um tanto difícil.⁹²

⁹⁰ Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 19.

⁹¹ Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20.

⁹² Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20.

A Fazenda do Rosário acabava de completar um ano quando produziu seus primeiros egressos: Francisco Vieira⁹³, Durvalino⁹⁴ e Abreu⁹⁵. Mesmo com a saída desses três alunos, o número de internos tinha aumentado nesse período e, “os meninos que eram seis agora são 23”.⁹⁶

Durante esse primeiro ano de funcionamento, a Fazenda do Rosário não contava com energia elétrica, conforme nos indica o diário da professora Tira Monteiro de Castro: “terminamos o dia, à luz do lampião de querosene (...)”.⁹⁷ A referência à instalação da energia elétrica foi encontrada no diário da diretora da Fazenda do Rosário, a diretora Yolanda Barbosa.

04/02/41 – Fomos agradavelmente surpreendidas pela chegada do Dr. Sadi Laborne, que veio instalar a luz elétrica, cedida pelo nosso vizinho Sr. Alberto. Fomos à casa do Sr. Recovindo, outro vizinho, procurar madeira de lei, para 15 postes, de 5 metros e meio, cada um, pelo menos.
98

⁹³ Deixou a Fazenda do Rosário e foi trabalhar numa casa de comércio num povoado vizinho: “(...) Arranjou para trabalhar numa casa de comércio, na Onça, povoado vizinho. A sua estadia aqui foi de um ano (...)” Diários de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1992c). **A Fazenda do Rosário Através dos Registros**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 20. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

⁹⁴ Deixou a Fazenda do Rosário para ingressar no exército: “(...) Acabou de entrar para o exército, sentando praça no 10º Regimento. Passou conosco apenas 6 meses (...)”. In: Diários de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário Através dos Registros**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 19. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

⁹⁵ Citado por Helena Antipoff por estar saindo da instituição sem concluir a aprendizagem da profissão de pedreiro: “(...) Queria eu que terminasse ao menos o ciclo inteiro da construção que iniciou, britando pedra, devia aprender pelo menos o reboco, a fim de ganhar mais no emprego”. In: Diários de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário Através dos Registros**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

⁹⁶ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 18.

⁹⁷ Diário de Tira Monteiro de Castro apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 11.

⁹⁸ Diário da Diretora Yolanda Barbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 21.

Com um ano de existência, as construções ainda eram as duas casas que já existiam na propriedade rural, que “estão hoje retocadas e aumentadas, perfeitamente habitáveis”.⁹⁹ A Casa de Repouso estava em construção, “(...) quase pronta, mas antes de sua inauguração, que aguardamos em breve, já muitos amigos do ‘repouso’ foram acolhidos na Fazenda”.¹⁰⁰

Uma das preocupações das professoras da Escola Granja, no momento em que a instituição completava um ano de atividade, era com o crescimento dos meninos, pois acreditavam que com a aproximação da idade adulta, pouco poderia ser feito para modificá-los.

25/01/41 – Os meninos continuam crescendo. São quase homens, tendo a maioria 16 a 18 anos. São quase homens feitos e que pouca modificação poderão apresentar.¹⁰¹

Contudo, a maior preocupação das professoras era com a adaptação dos meninos à vida adulta que, segundo Helena Antipoff, essa “(...) passagem de adolescência para a vida de ‘semi-adulto’, que no meio pobre começa cedo”.¹⁰² A preocupação era, principalmente com a escolha da profissão, pois as professoras constataram que a maioria tinha pouca inclinação para a vida do campo e para o cultivo da terra.

25/01/41 – (...) A nossa maior preocupação é com sua adaptação à vida adulta, independente e de responsabilidade. “A coisa mais difícil do mundo, é a escolha da profissão”, dizia o velho Pascal. De fato, é o nosso

⁹⁹ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 18.

¹⁰⁰ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 18.

¹⁰¹ Diário sem referência ao autor apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20.

¹⁰² Diário de Helena Antipoff apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20.

maior problema. Queremos evitar para eles desilusões e o nefasto “nomadismo” profissional. Já temos alguns que passaram por várias ocupações diferentes, muitos empregos, antes de vir para a Granja. É o caso do Edison, por exemplo. Constatamos, com pesar que a maioria tem pouca inclinação para a vida do campo, o cultivo da terra, que começaram a conhecer bem tarde. Nem possuem a força muscular necessária para o seu trato. Não convém segurar por aqui. Assim, o Camilo, fará um papel mais bonito numa tipografia que numa horta.¹⁰³

Encontramos registro da tentativa de discutir, na reunião do Conselho da Fazenda do Rosário, a questão da escolha da profissão, porém, não aparecem os termos em que essa discussão foi colocada. O diário destacou a dificuldade de se realizar esse tipo de discussão, já que os meninos eram muito calados e não exprimiam suas opiniões.

25/01/41 – Discutimos com eles, na reunião semanal. Infelizmente, são demasiadamente calados. Não exprimem suas opiniões, nem conhecemos suas aspirações mais íntimas, o que muito dificulta nossa tarefa de tutores.¹⁰⁴

O internato, construído na propriedade rural vizinha, denominada “Chacrinha”, que foi anexada à Fazenda do Rosário, destinava-se justamente a atender os meninos de “maior idade”. A educadora Helena Antipoff deixou claro esse encaminhamento para a extensão da Fazenda.

Num canto pitoresco, à beira de um ribeirão cercado de bambu, de goiabeiras nativas e de coqueiros macaúbas – um grupo de menores da mais variada procedência social e econômica estava chegando à Fazenda para, com esta notável educadora mineira¹⁰⁵, organizar o núcleo de internos de maior idade. Contavam 12 a 17 anos de idade real, enquanto os de menor idade continuavam a ocupar outras chácaras da Fazenda.¹⁰⁶

¹⁰³ Diário sem referência ao autor apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20.

¹⁰⁴ Diário sem referência ao autor apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20-21.

¹⁰⁵ Helena Antipoff estava se referindo a Yolanda Barbosa, uma das primeiras professoras que chegou na Fazenda do Rosário e foi diretora da instituição desde sua chegada até 1962.

¹⁰⁶ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH

✓ O Internato da Chacrinha

Segundo os diários da Fazenda do Rosário, em setembro de 1940, “alguns membros da Sociedade foram estudar as possibilidades de uma nova chácara, indo ao local indicado (A Chacrinha)”.¹⁰⁷ Em maio de 1941, foi adquirida uma propriedade anexa à Fazenda do Rosário, que passou a ser chamada “Chacrinha”, onde teve início a construção de um pavilhão para abrigar o internato de meninos, sendo inaugurado em janeiro de 1942.¹⁰⁸ O internato da Chacrinha foi, portanto, o segundo pavilhão construído na Fazenda do Rosário, lembrando que o primeiro foi o prédio da Casa de Repouso.

Ao analisar os diários, percebemos que os moradores do internato da “Chacrinha” não eram apenas os meninos vindos de fora que estavam “chegando na Fazenda”, mas os meninos que já estavam na instituição e foram sendo transferidos para o internato.

12/01/42 – (...) As “formiguinhas” da Escolinha, o povo miúdo e trabalhador, cada um leva as coisas preciosas ao novo núcleo. Desconfiados, no início, agora já todos querem incorporar-se ao novo núcleo. Quanta esperança não se lia nos olhares destes homenzinhos, prontos a trazer cada um, com seu esforço, o melhor de si mesmo.¹⁰⁹

(Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 129.

¹⁰⁷Diário de Tira Monteiro de Castro apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 10.

¹⁰⁸ Diário de Tira Monteiro de Castro apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 10.

¹⁰⁹ Diário da Diretora Yolanda Basbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 21.

Todavia, os diários apontaram que a transferência dos meninos para a “Chacrinha” não se deu sem controvérsias. Ao mesmo tempo em que, alguns meninos se enchiam de esperança e faziam questão da mudança, outros rejeitaram essa idéia temendo uma piora significativa na sua condição de vida na Fazenda, preferindo, inclusive, ser transferido para outra instituição.

13/01/42 – (...) A cada momento, vem um menino pedir-me para morar na Chacrinha. Sebastião veio dizer-me muito alegre que viria no lugar do João Batista, que não queria mais vir. Procurei saber do João Batista e a muito custo ele disse que não queria mais vir porque Pedrinho lhe dissera que eu era má e que os meninos iam trabalhar na enxada de manhã à noite. João Batista foi embora e à tarde não veio para o trabalho e mandou dizer-me que preferia ir para “Alfredo Pinto”¹¹⁰ (Reformatório).¹¹¹

Os trechos dos diários referentes aos acontecimentos na Chacrinha enfocaram o trabalho realizado pelos meninos e não deram destaque para as atividades escolares. A única sala do Pavilhão servia de refeitório, sala de jogos, sala de aula e sala de estudos que se realizavam à noite, não havendo espaço específico para as aulas, o que indica que, nesse novo espaço, as atividades escolares também ficavam em segundo plano, pois não havia um espaço específico para isso.

Além disso, apesar de não termos conseguido apreender em que horário começavam as aulas e quanto tempo era dedicado a elas, acreditamos que os alunos só se dirigiam às atividades escolares depois dos afazeres da fazenda.

11/03/42 – (...) À tarde, nossa sala vai se enchendo; já é quase insuficiente para o número de alunos, pois contamos com 19 meninos freqüentes (...).¹¹²

¹¹⁰ Escola de Reforma “Alfredo Pinto” – Belo Horizonte.

¹¹¹ Diário da Diretora Yolanda Basbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 21.

¹¹² Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952.

A respeito das atividades escolares é interessante observar o diário de uma professora que relatou o episódio em que um aluno da Chacrinha quis mandar uma carta à mãe pedindo para ir buscá-lo e, para tanto, ditou a carta para a professora que escreveu e, em seguida o aluno copiou o conteúdo.

01/02/42 – (...) Consegui acalmá-lo, fazendo-o escrever uma carta à mãe, pedindo que viesse buscá-lo. Ele ditou e eu escrevi. Depois copiou-a muito bem e assim distraiu-se.¹¹³

A professora não explicou em seu diário porque a escrita da carta se processou a partir da cópia do que ela escreveu, não informou qual a idade do menino, qual a sua trajetória antes de chegar à Chacrinha, nem há quanto tempo estava na instituição, porém, considerando o quadro acima e que nesse momento os “excepcionais orgânicos” ainda não eram atendidos na instituição, acreditamos que o aluno não tinha habilidade para escrever sozinho, quer dizer, não era alfabetizado, conseguindo apenas fazer cópia do texto e que a prioridade na instituição não era ensinar a ler e escrever, mas preparar para o trabalho.

Além do local onde desenvolviam seus trabalhos, a vida dos meninos não mudou, a rotina de trabalho continuava muito parecida, pois na “Chacrinha”, com exceção da cozinheira, não havia empregados, estando todas as atividades sob responsabilidade dos meninos.

(...) Sem empregados, exceto a cozinheira, todos os trabalhos domésticos, de horta, jardim e de criação de animais e outros se fazia exclusivamente pelos meninos. Obedecendo a uma distribuição semanal de tarefas que se especificava no quadro na única sala servindo de refeitório, sala de aula, de capela, e de salão de jogos e estudos todas as

Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 26.

¹¹³ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 23.

noites – os meninos, no horário previsto, se distribuíam pelas tarefas individualmente, ou em grupos, para cumprir com suas obrigações.¹¹⁴

O Pavilhão da Chacrinha foi inaugurado dia doze de janeiro de 1942 e, pouco tempo depois, o diário da diretora Yolanda Barbosa destacou a distribuição dos trabalhos entre os meninos da nova chácara da Fazenda do Rosário. Eles podiam opinar na forma de execução dos trabalhos, desde que fosse para tornar a nova casa habitável e isso implicava a boa vontade de todos para executar os trabalhos da Fazenda.

28/01/42 – Fiz uma distribuição do trabalho e logo, cada qual começou sua tarefa. Em poucas horas pusemos as coisas de casa mais ou menos em ordem. As dificuldades foram resolvidas, cada um dava a sua opinião, às vezes absurdas, outras vezes acertadas e assim a casa ficará habitável, já que contamos com uma grande dose de boa vontade de todos.¹¹⁵

Dois dias após a inauguração do Pavilhão da Chacrinha, os diários relatam a colheita de feijão realizada por seus moradores, inclusive por João Batista que, apesar de ter se recusado a ser transferido para a Chacrinha, preferindo inclusive ir para outro internato, mas sem muita alternativa, teve que se submeter ao trabalho na Fazenda.

14/01/42 – Colhemos, hoje, 6 balaios de feijão e começamos um canteiro de flores na frente da casa: trabalho feio por Divaldo e Valdemar. João Batista espontaneamente apareceu e bem cedo, para dizer-me que decidiu ficar na Chacrinha. Trabalhou bem, apanhando feijão.¹¹⁶

¹¹⁴ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 129.

¹¹⁵ Diário da Diretora Yolanda Barbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 22-23.

¹¹⁶ Diário da Diretora Yolanda Barbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 21.

Considerando que o Pavilhão foi inaugurado dois dias antes, essa plantação foi cultivada antes da inauguração oficial e transferência dos meninos para a nova extensão da Fazenda do Rosário, o que constitui mais um sinal de que o trabalho era prioridade nas atividades da instituição. Poderíamos ter sido levados a pensar que essa plantação pertencia à parte mais antiga da fazenda e que os alunos se deslocavam para efetuar a colheita, mas os diários deixaram claro que o feijão foi cultivado na Chacrinha: “13/01/42 – Continuamos nosso trabalho de pintura das camas e colheita do feijão da Chacrinha”.¹¹⁷

Divaldo e Valdemar, citados na confecção do canteiro de flores, foram os primeiros moradores da “Chacrinha”, cuja diretora, Yolanda Barbosa, destacou em seu diário, a tendência para a liderança de Valdemar e o seu comportamento frente ao trabalho e aos colegas da instituição.

14/01/42 – Valdemar e Divaldo são os primeiros alunos da Chacrinha. Valdemar, com tendência para líder, dá ordem aos menores dizendo-lhes: vocês têm o que fazer para começar a nova casa! Isso em tom enérgico. Trabalha bem, mas, faz de vez em quando uma travessura: uma pincelada no rosto, dá um empurrão no “pata-choca” e joga-o em cima do barro, dando uma “gostosa” risada quando ele cai com as mãos no barro. Quando chamo sua atenção pelo que fez, responde-me com sua voz cantante de nortista “não foi por mal D. Yolanda!”.¹¹⁸

O diário não deixou claro se esses meninos já estavam na Fazenda do Rosário e foram transferidos ou se eram novatos na instituição. No entanto, encontramos casos em que circulação das crianças no interior da instituição aconteceu por motivação do trabalho realizado pelos meninos e também devido a questões de resistência à internação.

¹¹⁷ Diário da Diretora Yolanda Basbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 21.

¹¹⁸ Diário da Diretora Yolanda Basbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 21.

No primeiro caso, o aluno Laerte, morador da Fazenda do Rosário desde que esta iniciou suas atividades, não foi transferido para a Chacrinha, mas prestava seus serviços e ali passava o dia trabalhando, conforme diário do dia “14/01/42 – (...) Laerte veio pintar o novo armário para a rouparia. Trabalhou todo o dia satisfeito por poder prestar-nos serviço”.¹¹⁹

Quanto ao segundo caso, de acordo com os diários, a transferência do aluno Valter para a Chacrinha aconteceu por que ele não se conformava com sua ida para a Fazenda do Rosário e, constantemente, tentava fugir.

28/01/42 – (...) À hora do almoço, tive que trazer para cá o Valter, que não se conformando com sua vinda para a Fazenda, está constantemente em pé de fuga, oferecendo a um e a outro dinheiro, para levá-lo a Belo Horizonte. Conversei seriamente com ele, dizendo-lhe ser de todo impossível ir agora, e que eu o levarei quando eu for.¹²⁰

Infelizmente, os diários não registraram a procedência de Valter e qual a motivação para sua entrada na instituição. Acompanhando sua trajetória na instituição, constatamos que a professora não o levou definitivamente para Belo Horizonte, mas, em fevereiro, ele visitou a família na capital, juntamente com mais dois colegas.

26/02/42 9 – Ontem, 3 foram passear em Belo Horizonte, em visita às suas famílias. Apreciaram muito o passeio e com exceção do Valter, todos voltaram satisfeitos e dispostos a continuar a luta. Valter, apesar da gritaria e choradeira que aprontou na saída da estação, distraiu-se com nossa carga clandestina: quatro gatinhos que trouxemos para a Fazenda.
121

¹¹⁹ Diário da Diretora Yolanda Basbosa apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 22.

¹²⁰ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 23.

¹²¹ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 25.

Além de acompanhar o sofrimento do menino por ter que retornar à instituição, esse trecho do diário nos revelou que alguns alunos internos possuíam família a qual podiam visitar, não informando, porém, com que frequência isso acontecia. Por outro lado, essas fontes nos permitiram acompanhar um pouco mais da trajetória de Valter na instituição. De acordo com o diário da professora Vanda Andrade, ele era um menino “muito provocador e a todo momento vem me trazer queixa deste ou daquele”.¹²² A professora destacou algumas brigas entre os meninos em que Valter estava envolvido.

14/02/42 – Alceu e Valter estiveram muito excitados. Alceu a todo momento vem trazer-me uma novidade de Valter. À hora do banho brigaram e o Alceu escondeu a saboneteira do Valter, que veio todo choroso, queixar-me. Procurei acomodá-lo, fazendo o Alceu entregar a saboneteira. O jantar correu bem e a música do rádio acalmou um pouco os ânimos.

11/03/42 – (...) Valter e Silvio não se toleram e a todo momento armam uma briga que geralmente é atijada pelo João Batista ou pelo José Diniz.¹²³

Ao descrever o primeiro dia de trabalho com chuva na Chacrinha, a professora encerrou seu texto transcrevendo para o seu diário a esperança de que um dia os alunos serão “mais suportáveis”:

13/02/42 – Hoje, dia chuvoso, lamacento, irritante. Não foi possível nenhum trabalho fora da casa e achar trabalho para 14 meninos dentro de casa não é lá muito fácil, principalmente em se tratando de meninos no gênero dos nossos. Os mais adiantados estudam, desenham com bastante atenção, mas ao lado deles estão Alceu, excitadíssimo, falando sem parar, Valter, provocador; Paulinho passou o dia bem alegre; almoçou bem e jantou melhor ainda, apesar do jantar não estar muito apetitoso.

¹²² Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 23.

¹²³ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 24-25.

Enfim, foi-se embora o dia, o primeiro dia de chuva na Chacrinha. Não me deixou saudades, mas tenho esperança de que, para o futuro, com um trabalho bem organizado, os meninos se tornarão mais suportáveis.¹²⁴

A questão da indisciplina dos meninos preocupava a professora da Chacrinha Vanda Andrada, que previa um trabalho árduo pela frente no sentido de melhorar a conduta dos meninos.

11/03/42 – (...) Quanto à nossa disciplina interna, ainda temos muito que lutar. Eles não tem bons hábitos de ordem, de asseio, são muito impulsivos. A todos momento, surgem briguinhas e discussões pelas menores coisas.¹²⁵

Entretanto não são todos que se enquadram no perfil de aluno indisciplinado, havendo uma separação entre os alunos bons e os “insuportáveis”, transparecendo a dificuldade encontrada para trabalhar com esses meninos que, em última instância, não se conformavam com a institucionalização e, a seu modo, se voltavam contra esse processo.

Todavia, encontramos situações na vivência desses meninos que acreditamos ter funcionado como mecanismos de conformação dos sujeitos, mascarando a condição de interno e trabalhador da instituição. Identificamos uma pescaria e um passeio a cavalo feitos pelos alunos que conseguiram, temporariamente, fazer com que eles esquecessem sua condição de internos.

02/02/42 – Depois do jantar, os maiores foram pescar com Luiz. Pescaram uma traíra e voltaram radiantes com a pescaria. Valter também esteve preocupado com a pescaria e se distraiu um pouco. Não falou mais em ir-se embora.

¹²⁴ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 25.

¹²⁵ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 25.

09/02/42 – Fizemos, ontem, um passeio a cavalo, ao Capão de Oliveira, que constituiu verdadeiro sucesso para os meninos. Até João Batista, que andava muito “emburrado”, ficou alegre e andou a cavalo, satisfazendo seu grande desejo de montar o “moleque”. (...) Valter também apreciou muito o passeio e quando voltávamos, eu o trazia na garupa Viemos conversando e ele me disse: que bobo que eu fui de querer ir embora, aqui é tão bom! Está bem satisfeito e já modificou bastante, apesar de fazer ainda das suas, a vítima agora é o Paulinho (...).¹²⁶

Não conseguimos acompanhar o caminho percorrido pelo menino Valter na Fazenda do Rosário até o fim, mas considerando os objetivos da instituição, que era formar pelo e para o trabalho, provavelmente ele permaneceu até ter “aprendido” a trabalhar e ter alcançado uma idade suficiente para voltar à capital e poder sobreviver sem depender da sociedade e do Estado ou servir de mão-de-obra nas fazendas da região, como aconteceu com o aluno Laerte que saiu aos dezoito anos, depois de permanecer por mais de dois anos na instituição.

05/02/42 – Foi bem tocante a saída do Laerte, que ficou na Fazenda dois anos e um mês. Já está com dezoito anos e Dona Cora arranhou-lhe um emprego numa fazenda vizinha. Durante o dia todo, arrumou os seus objetos, chorando, não podendo mesmo falar aos seus companheiros, principalmente ao Ademir de quem era amigo íntimo. Este sentiu tanto que passou o dia tristonho, aconselhando, pedindo ao Laerte que fizesse o possível para agradar no novo serviço. Todos nós sentimos e pedimos a deus por ele, que sempre foi um dos mais dedicados alunos.¹²⁷

E assim, verificamos a produção de mais um egresso pela Fazenda do Rosário, totalizando quatro meninos: Francisco Vieira, Durvalino, Abreu e agora Laerte. Não queremos dizer que nesses dois anos de atividade tenham saído da instituição apenas quatro internos, porém é o que conseguimos apurar a partir das fontes consultadas.

¹²⁶ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 23-24. (Grifos nossos)

¹²⁷ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 26.

Enquanto para os meninos a saída da Fazenda do Rosário significava a ruptura das relações criadas, a perspectiva de uma vida nova e, ao mesmo tempo, incerta, para a instituição, a saída de uns representava a possibilidade de receber outros meninos.

05/02/42 – (...) Enquanto os maiores saem, entram, em bando numeroso, novos alunos já agora de menor idade, pois procura-se recebê-los na flor da idade, a fim de poder esperar alguma modificação durante sua estada mais prolongada na Fazenda do Rosário. Também começam a entrar os meninos retardados, às vezes fortemente prejudicados, já pela hereditariedade, já pelos acidentes sofridos desde a tenra idade.¹²⁸

Fazendo um balanço no número de alunos recebidos na Fazenda do Rosário nos dois primeiros anos de funcionamento, temos que a instituição iniciou suas atividades com seis alunos e, ao completar um ano, atendia a vinte e três meninos.¹²⁹ Não conseguimos verificar quantos internos havia na Fazenda do Rosário quando a Chacrinha iniciou suas atividades, em 1942, nem quantos foram transferidos e quantos ingressaram diretamente na extensão da instituição. Apuramos que, após três meses de inauguração do Pavilhão da Chacrinha, esta contava com dezenove alunos¹³⁰, contudo, não sabemos dizer quantos alunos havia na Fazenda do Rosário como um todo.

Ao final do segundo ano de funcionamento da Chacrinha e do quarto ano de atividades da Fazenda do Rosário, em outubro de 1943, a diretora Yolanda Barbosa elaborou o relatório geral referente às atividades desenvolvidas nessa chácara da Fazenda do Rosário e, nesse momento,

¹²⁸ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 26.

¹²⁹ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 18.

¹³⁰ Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 26.

havia 51 meninos atendidos, cujas idades reais variavam entre 7 e dezessete anos. Segundo a professora,

A idade cronológica fica assim distribuída entre os nossos 51 alunos:

4 alunos com 7 anos
 6 alunos com 8 anos
 6 alunos com 9 anos
 10 alunos com 10 anos
 5 alunos com 11 anos
 7 alunos com 12 anos
 8 alunos com 13 anos
 4 alunos com 14 anos
 1 aluno com 15 anos
 2 alunos com 17 anos¹³¹

O número de meninos atendidos na Chacrinha, em dois anos, passou de vinte e três para cinquenta e um, e a proposta de atender a meninos mais novos se efetivou, pois do total atendido, apenas sete tinham mais de quatorze anos, idade dos meninos quando chegavam à Fazenda do Rosário no início de suas atividades.

Conforme informou o diário da professora Vanda Andrada, a partir de fevereiro de 1942, a Fazenda do Rosário passou a receber também excepcionais orgânicos, quer dizer, “(...)s meninos retardados, às vezes fortemente prejudicados, já pela hereditariedade, já pelos acidentes sofridos desde a tenra idade”.¹³²

A partir de 1942, “excepcionais orgânicos” e “sociais” eram atendidos na instituição e, de acordo com que apuramos no relatório da diretora Yolanda Barbosa, para ambos, o mesmo tipo

¹³¹ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 129.

¹³² Diário da professora Vanda Andrada apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 26.

de atividade: o trabalho, apesar desses meninos não se apresentarem amadurecidos para realiza-lo integralmente.

Em se tratando de menores excepcionais, com retardo mental, outros com instabilidade emocional, com deficiência física ou desajustamentos sociais, poucos eram suficientemente amadurecidos para fazer o trabalho integralmente e com a necessária independência. Na maioria dos casos eram capazes de executar tarefas ou parte do trabalho.¹³³

De acordo com o referido relatório, a distribuição do trabalho era feita pelo período de uma semana, em que o menino ficava responsável por determinada tarefa e, ao final desse período, os meninos eram reunidos para avaliação do seu desempenho, recebendo cada um a sua nota que variava de 0 a 5¹³⁴ numa ficha que acompanhava o trabalho realizado a partir das seguintes características:

Para melhor controlá-los, tomamos os trabalhos sob essas características: interesse pelo trabalho (prontidão em começá-lo; resistência; capacidade para executá-lo, capricho) e disciplina (ordem, bom humor, iniciativa).¹³⁵

A diretora Yolanda Barbosa justificou em seu relatório que o trabalho era utilizado na Fazenda do Rosário para ensinar ofícios para os alunos, mas, principalmente, como meio de educá-los social e moralmente, e por isso essa necessidade de controlar suas atividades.

¹³³ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 133.

¹³⁴ “A aprovação do trabalho era feita em cada semana, no domingo à noite, em reunião, recebendo cada um sua nota que variava de 0 a 5, correspondendo 0 a 1 péssimo, 2 mau, 3 regular, 4 bom, 5 ótimo”. In: ANTIPOFF & BARBOSA (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 133. Publicado inicialmente em 1943.

¹³⁵ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 133.

Tomamos o trabalho aqui na escola não somente como um meio de ensinar aos alunos alguns ofícios e técnicas úteis para a sua vida, mas como uma fonte onde pudéssemos melhor conhecê-los, e como um meio poderoso de educá-los social e moralmente.¹³⁶

A diretora Yolanda Barbosa apresentou a classificação dos trabalhos executados pelos meninos semanalmente, apresentando-os a partir do mais simples:

1) – Rasgar palha; 2) – Catar esterco; 3) – Bater esterco; 4) – Transportar lenha; 5) – Debulhar milho; 6) – Varrer o pátio e os caminhos; 7) – Varrer as varandas; 8) – Varrer os refeitórios; 9) – Varrer os quartos; 10) – Tirar poeira; 11) – Lavar a casa; 12) – Arrumar as estantes; 14) – Capinar; 15) – Preparar terreno para o plantio; 16) – Plantar; 17) – Cuidar dos animais; 18) – Cuidar da horta; 19) – Cuidar do jardim; 20) – Servente de pedreiro; 21) – Cooperar; 22) – Fazer mandados; 23) – Fazer balaio de bambu; 24) Fazer cestos de barbante; 25) Fazer cestas de cambaúba; 26) – Fazer cestinhas de Jaraguá; 27) Enrestar cebola e alho; 28) – Aprender ofício de sapateiro¹³⁷; 29) – Tomar conta da rouparia; 30) – Cuidar dos alunos mudos.¹³⁸

Os alunos eram divididos em turmas e cada uma tinha um chefe ou responsável e, segundo a diretora Yolanda Barbosa, “além do trabalho de limpeza e jardim aqui na Chacrinha, as turmas são obrigadas a trabalhar na lavoura ou fazer qualquer trabalho extraordinário na Fazenda”.¹³⁹ Isso quer dizer que os meninos da Chacrinha também trabalhavam em outras instalações da Fazenda do Rosário, de acordo com as necessidades institucionais.

¹³⁶ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 130.

¹³⁷ Uma pequena sapataria foi instalada na Chacrinha em setembro de 1942. In: ANTIPOFF, Helena (1952b). **Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibitiré, Minas Gerais, p. 02. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

¹³⁸ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 131.

¹³⁹ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH

Segundo a diretora Yolanda Barbosa, a utilização do trabalho como meio educativo visava alcançar mais um objetivo: “conhecer a aptidão de cada um para determinados trabalhos”.

¹⁴⁰ Transcrevemos, a seguir, trechos do relatório da diretora Yolanda Barbosa que apresentaram o perfil de alguns meninos e sua passagem pelos variados tipos de trabalhos, até encontrarem aquele para o qual tinha mais aptidão.

Temos um aluno, A. A., alto, musculoso, com uma perna mais curta, mancando, com 17 anos de idade; mental 6,8; que não é capaz de dizer a verdade da primeira vez. Passou por diversos trabalhos simples como varrer a sala, varrer a varanda, tirar poeira, sem mostrar nenhuma aptidão e não conseguindo mesmo fazê-lo; entretanto, o serviço de copeiro, que aqui não é fácil, fez mais ou menos bem, durante quase um ano (...).

Temos ainda um outro aluno, o F., com 17 anos, e com idade mental de 5,4, que não conseguiu ainda fazer outro trabalho a não ser apanhar o lixo, folhas de quintal, mesmo assim só o faz em seus dias de bom humor ou com a promessa de uma recompensa. Não tem persistência no trabalho e abandona-o no primeiro obstáculo. Não consegue, por exemplo, rasgar palha ou debulhar milho durante 20 minutos, cansa-se logo, dá um desculpa qualquer e deixa o trabalho. Entretanto, uma turminha de pequenos de 7 e 8 anos chega a fazer, às vezes, 4 a 5 litros de milho em duas horas de trabalho. Podemos apreciar ainda o S. L., com 12 anos e com idade mental de 9,2, bem vivo, que passou por quase todas as tarefas sem conseguir executar nenhuma delas, não se interessava pelo trabalho de limpeza e tinha sempre um pretexto para fazê-lo malfeito, entretanto na fabricação de cesta de barbante, no ano passado, mostrou-se com muita habilidade e chegou a executá-la com perfeição e com certa arte e inteligência. Neste ano faz parte de uma turma que trabalha na lavoura e tem grande interesse. É considerado pelo mestre como “um dos bons”. Um outro aluno ainda, o P.P., com 14,3 anos de idade real e 9,3 mental, apático, com dificuldade de locomover-se, porque sofreu paralisia infantil, passou também por diversas etapas dos trabalhos, não conseguindo mostrar nenhuma habilidade para a limpeza ou confecção de cestas; contudo, mostra-se agora muito interessado pela lavoura. Passa toda a manhã na capina, no preparo da

(Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 137. (Grifos nossos)

¹⁴⁰ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 132.

terra, sem apresentar canseira ou desânimo. Vê-se que se interessa e tem gosto de lidar com a terra. Tornou-se agora mais desembaraçado.¹⁴¹

De acordo com a diretora da Fazenda do Rosário, da mesma forma que não havia uma distinção entre os encaminhamentos com “excepcionais orgânicos e sociais”, também as crianças menores não recebiam um tratamento diferenciado, trabalhavam como as crianças maiores, servindo de exemplo para aquelas que não se adaptavam aos trabalhos realizados por elas. Apesar dessa evidência, no histórico da Fazenda do Rosário, elaborado por Helena Antipoff em 1962, a educadora destacou que apenas os meninos maiores trabalhavam na propriedade rural.

(...) Os alunos maiores participavam das construções e benfeitorias rurais, trabalhavam nas hortas, pomares e participavam da lavoura.¹⁴²

Já as aptidões, podiam se revelar a partir de um rol de possibilidades previamente estabelecido, ao qual a criança era obrigada a se adaptar. De acordo com a diretora Yolanda Barbosa, o início desse processo não se deu sem conflitos.

(...) tive que atender milhares de reclamações, ora era o copeiro que não queria deixar tirar uma caneca ou uma colher para não sujar, ora outro reclamava do companheiro que sujou a sala que ele varreu, etc. A todo momento eles esquecem da obrigação e eu tenho que apontá-los um por um, chamando, insistindo come esse ou aquele. As brigas surgiam pelo motivo mais insignificante, as discussões eram calorosas e os pescoções também não se faziam esperar para resolver qualquer questão. Eu estive a ponto de pensar que era impossível controlar esse grupinho tão variado de idade, caráter e educação.¹⁴³

¹⁴¹ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 132.

¹⁴² ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 274.

¹⁴³ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no Trabalho – Década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 137.

Com a implantação das fichas de acompanhamento dos trabalhos, o relatório da professora Yolanda apresentou indicativos de uma melhora no desempenho dos internos, destacando alguns meninos que se submetiam ao trabalho sem nenhuma resistência. O pagamento pelo trabalho estava vinculado ao desempenho dos meninos e essa informação é fundamental para compreendermos o comportamento daqueles que se dedicavam exemplarmente ao trabalho, como J. V. e J. M.:

Foi com prazer que vi mais de um aluno deixar o brinquedo na hora do recreio e sair correndo porque ouviu o sinal de chamada a sua turma. Uma das vezes J. V. J. M. se deliciavam chupando um pedaço de cana, quando o sinal tocou. Imediatamente entregaram as canas a um companheiro e saíram correndo pra atender ao sinal.¹⁴⁴

Contudo, o mesmo relatório mostrou que essa atitude positiva frente ao trabalho não se estendeu a todos e, aqueles que apresentavam alguma forma de resistência, eram chamados de preguiçosos:

Na reunião mensal o Sr. Lourival disse-me não ter queixa de nenhum, notando-se, entretanto, entre eles, S. L. , J. G., J., alunos tidos e havidos como preguiçosos.

Aqui no serviço de limpeza, com exceção de A. R., L. e C. todos trabalham bem.

A. R. é parado, desatento, sem nenhum hábito de trabalho e difícil de se conseguir dele algum esforço. Pela manhã mais de 20 vezes eu o chamo para o trabalho, levo-o ao alpendre, dou-lhe a vassoura e às vezes na hora do almoço não conseguiu ainda varrer o alpendre.

L., muito excitado, provocador, não consegue fazer o trabalho dentro do horário porque passa todo o tempo brigando ora por um motivo, ora por outro. Tem boa vontade para iniciar o trabalho, mas não consegue fazê-lo bem. Varre o caminho pela metade, esquece-se do lixo, perde a vassoura com tantas brigas que tem que atender. A cada um que passa ele dirige um insulto, provoca e assim vai o tempo.

C. vive no seu mundo de fantasias; não dá a menor atenção para o trabalho e se insiste com ele chora e diz que não faz, que não sabe, que

¹⁴⁴ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 137.

não gosta. Nos primeiros dias muito excitado, falando descontroladamente, não percebia nada do que era para fazer.¹⁴⁵

O relatório da diretora Yolanda Barbosa tratou da organização das atividades com os “excepcionais” da Fazenda do Rosário, constituindo-se numa fonte importante para aprofundar nossa análise da institucionalização dos meninos, pois apresentou a visão da diretora da instituição a respeito dessa organização, confirmando os procedimentos que a análise dos diários tinham evidenciado, quer dizer, a organização pelo trabalho visando formar os meninos para o trabalho e a resistência dos mesmos em se submeter a essa organização.

Nesse caminho em que percorremos os primeiros anos de atividade da Fazenda do Rosário, não apresentamos a ação de Helena Antipoff diretamente, pois percebemos essa ação diluída no trabalho realizado pelas professoras da instituição e, apenas em alguns momentos destacamos sua intervenção direta nas atividades, que se deu muito mais na forma de acompanhamento, tanto das crianças quanto das professoras. No histórico apresentado pela educadora por ocasião dos trinta anos da Sociedade Pestalozzi, em 1962, ao se reportar a sua atuação nesse período na Fazenda, Helena Antipoff assim se expressou:

Além de outras funções desempenhava espontaneamente o papel de psicologista, entrando em contato individual com cada criança do internato através dos testes, entrevistas, e orientando o professorado no estudo dessas crianças através da observação em variadas modalidades do trabalho doméstico, agrícola, artesanal etc. Aplicava os princípios de educação democrática, por meio de reuniões regulares com os adolescentes, e discutia os problemas de educação econômica através da distribuição de pecúlio que eles auferiam no trabalho produtivo da Fazenda.¹⁴⁶

¹⁴⁵ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 137.

¹⁴⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 276.

Em nossa exposição, apresentamos elementos a respeito dessas reuniões as quais Helena Antipoff denominou democráticas. Os diários nos revelaram que essas reuniões colocavam em pauta a conduta dos meninos, que entre eles e com o acompanhamento das professoras, decidiam o que fazer com os colegas, como foram os casos de Durvalino e Cristiano, discutidos na reunião do dia cinco de outubro de 1940, que contou com a presença de Helena Antipoff.

05/10/40 – (...) O primeiro ponto visado foi a rebeldia de Durvalino. Hoje, ainda, ele se mostrou muito excitado, atirando pedras e sacando faca contra os companheiros. O caso do Durvalino continua em estudo. O nosso Cristiano também esteve impossível esses últimos dias, ficando quase resolvida a sua transferência para uma casa de saúde.

06/10/40 – Entre lágrimas do Cristiano e a boa vontade de todos ficou resolvido o esforço moral dos meninos maiores para auxiliar e melhorar a conduta do nosso menino. Quanto ao Durvalino, que geralmente se mostra orgulhoso, se convenceu, pela primeira vez, que estava errado, tendo declarado em voz alta que estava arrependido de suas rebeldias e prometeu, doravante, fazer o devido esforço para abrandar o gênio.¹⁴⁷

A reunião semanal também era utilizada para analisar o desempenho dos meninos nos trabalhos e atribuir notas para auferir o pagamento, mecanismo utilizado para controlar os meninos e inculcar o interesse e o gosto pelo trabalho.

A aprovação do trabalho era feita em cada semana, no domingo à noite, em reunião, recebendo cada um sua nota que variava de 0 a 5, correspondendo 0 a 1 péssimo, 2 mau, 3 regular, 4 bom, 5 ótimo.¹⁴⁸

Por fim, gostaríamos de destacar a reunião que tratou do futuro profissional dos meninos, em que a professora deixou clara a dificuldade em discutir com eles, por serem muito calados e não expressarem suas opiniões.

¹⁴⁷ Diário de Dona Cora Faria Duarte apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 13.

¹⁴⁸ ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943, p. 133.

25/01/41 – Constatamos, com pesar que a maioria tem pouca inclinação para a vida no campo, o cultivo da terra, que começam a conhecer bem tarde. Nem possuem a força muscular necessária para o seu trato. Não convém segurar por aqui (...). Discutimos com eles, na reunião semanal. Infelizmente, são demasiadamente calados. Não exprimem suas opiniões, nem conhecemos suas aspirações mais íntimas, o que muito dificulta nossa tarefa de tutores.¹⁴⁹

Nesse mesmo histórico da Fazenda do Rosário, apresentado por Helena Antipoff em 1962, a educadora falou desses primeiros anos de funcionamento e assim resumiu as atividades da Escola Dom Silvério e ao internato da Chacrinha: “(...) Localizadas em sítios e chácaras, oferecia o internato a seus alunos vários campos de ocupações produtivas e educacionais a uma só vez (...)”.¹⁵⁰

Resta saber para quem essas ocupações eram produtivas, porque os diários analisados evidenciaram que, para os meninos, essas ocupações não eram produtivas e, muito menos, educativas. Vejamos: esses diários deixaram claro que os meninos não tinham aptidões para os trabalhos no campo, nem tinham preparo físico para tanto. Além disso, não estavam ali por vontade própria, apresentando diversas formas de resistência tanto à internação, quanto aos trabalhos que eram obrigados a realizar. Aqueles que se submetiam ao trabalho, o faziam sob constrangimento imposto pela avaliação de desempenho, à qual estava vinculada a remuneração do trabalho.

As atividades escolares propriamente ditas ficavam em segundo plano, sendo realizadas à tarde, após os horários de trabalho ou em dias em que o clima não permitia a realização dos trabalhos da fazenda. Além disso, não havia um local específico para ministrar as aulas e o

¹⁴⁹ Diário sem referência ao autor apud ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 20-21.

¹⁵⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 275.

mesmo tratamento era dispensado a todas as crianças, fossem “maiores” ou “menores”, “excepcionais orgânicos ou sociais”. Todos os meninos eram obrigados a fazer um rodízio pelas atividades de limpeza, capina, horta, lavoura, jardim.

Um texto escrito por Helena Antipoff, em 1946¹⁵¹, ajudou-nos a esclarecer para quem essas ocupações eram produtivas. Segundo a educadora,

A assistência ao ser humano infranormal, fraco e desajustado, na coletividade civilizada, não é somente uma prova moral de solidariedade, em que o homem são e forte presta seu auxílio em nome dos princípios perenes de respeito à pessoa humana – é também fruto da convicção de que servindo à criança mesmo que consideravelmente diminuída no seu potencial psíquico por fatores hereditários ou pela ocorrência de acidentes da primeira infância – se realiza uma obra eficiente ao serviço da sociedade.¹⁵²

O atendimento aos “excepcionais” representa um eficiente serviço à sociedade formando-os moralmente, para que se adaptem aos padrões sociais e não se transformem em “rebotinho humano miserável, que enche os hospitais, os manicômios, as prisões”.¹⁵³ Para endossar a importância dessa formação moral dos meninos “excepcionais” para a sociedade em que vivem, Helena Antipoff reportou-se às classes especiais da Alemanha, em que os ex-alunos das classes especiais compareciam menos aos tribunais judiciários.

Nota-se um fato interessante a favor da formação moral dos ex-alunos das classes especiais de Frankfurt e Mein: comparecem, perante os tribunais judiciários, em proporção muito menor do que os seus

¹⁵¹ ANTIPOFF, Helena (1992ee). **A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1946.

¹⁵² ANTIPOFF, Helena. (1992ee). **A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1946, p. 140.

¹⁵³ ANTIPOFF, Helena. (1992u). **O Papel Educativo e Social das Classes Especiais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934, p. 49.

companheiros de classe, porém que deixaram a escola no meio do curso, no fim de 3-4 anos apenas.¹⁵⁴

Além disso, a assistência aos “excepcionais” prestava um serviço à sociedade na medida em que os preparava para serem capazes de ganhar a vida, quer dizer, torná-los preparados para o trabalho, para que pudessem sobreviver independentes da ajuda do Estado e da sociedade.

Helena Antipoff, após se referir às porcentagens superiores a 90% de crianças que deixaram as classes especiais na Alemanha, entre 1918 e 1925, e conseguiram se empregar em diversos ramos de trabalho, acrescentou que “(...) nossa experiência nos mostrou igualmente a grande adaptação após o curso feito mais devagar, na vida profissional”.¹⁵⁵ Depois dessas colocações de Helena Antipoff, não restam dúvidas de que a formação dos meninos na Fazenda do Rosário visava prepará-los para o trabalho e, para alcançar esse objetivo, o fio condutor das atividades era o trabalho, que substituiu os estudos e as brincadeiras e obrigava as crianças a se comportarem como adultos.

4.3 – Apontamentos sobre Trabalho e Educação de Crianças e Adolescentes nas Proposições de Helena Antipoff

Sendo o trabalho o fio condutor das atividades da Fazenda do Rosário, é fundamental aprofundarmos o estudo para verificarmos a visão que Helena Antipoff tinha do conceito trabalho. Tomamos como base para essa reflexão, um ensaio escrito pela educadora a respeito

¹⁵⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992ee). **A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1946, p. 141.

¹⁵⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992ee). **A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1946, p. 141.

desse conceito a partir de uma perspectiva psicológica¹⁵⁶, segundo a qual o trabalho constitui uma atividade universal, ponto de convergência de vários problemas de natureza técnica, política, econômica, social e moral.¹⁵⁷

Nesse ensaio, Helena Antipoff discutiu o conceito de trabalho partindo da concepção de Claparède, que contrapõe trabalho e jogo, começando seu esquema explicativo “pelas modalidades mais simples do jogo espontâneo para chegar, por transição quase imperceptíveis aos modos mais laboriosos de trabalho”.¹⁵⁸

De acordo com esse esquema, o importante no jogo é a atividade em si e não o fim a ser alcançado; quanto ao trabalho, a gravidade se desloca e o que importa, em primeiro lugar, é o fim almejado, o que representa a sujeição do trabalhador a um fim distante, tendo por conseqüência a renúncia aos prazeres imediatos, porém visando vantagens posteriores. Sendo assim, a satisfação das necessidades, no trabalho, não se dá instantaneamente, e sim a prazo.

Na maioria das vezes para se chegar a um determinado fim, num trabalho, é preciso realizar atividade que não representa nenhum interesse em si mesmo. A realização do desejo está subordinada às exigências da realidade objetiva, exigências que implicam em espera, um encadeamento de tentativas, freqüentemente penosas por elas mesmas e que um fim claramente percebido guia e controla.¹⁵⁹

Baseando-se nesse princípio, Helena Antipoff em seu texto “Alguns fundamentos psicopedagógicos dos trabalhos manuais com alunos de 12-14 anos”, colocou em evidência a

¹⁵⁶ ANTIPOFF, Helena (s/d). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p.01.

¹⁵⁷ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 04.

¹⁵⁸ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 04.

¹⁵⁹ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 04.

importância do trabalho, afirmando que apesar de considerado inferior e próprio do escravo, o trabalho é planejamento que conduz o indivíduo, gradativamente, do ponto de partida ao ponto de chegada, levando ao final o objetivo a ser atingido. E é, nesse sentido, que a educação devia atuar na criança e no adolescente.

O que parecia inferior e próprio do escravo, hoje é tido como atributo do homem altamente evoluído, por mais paradoxal que possa parecer. E que o trabalho é planejamento, é um estudo da estrada total que leva o indivíduo, em passos progressivos, do ponto de partida ao ponto de chegada. A iniciativa, a participação na elaboração dos passos progressivos, levando ao final o objetivo a alcançar – toda essa trajetória, por vezes longa deve ser antevista pelo trabalhador consciente do que fazer e como fará. Ao adolescente deve a escola vocacional auxiliar a formar hábitos dessa construção total, notando mui particularmente que em toda obra há o objeto a alcançar com instrumentos, materiais e processos e – o mais importante talvez, com a dinâmica psíquica do trabalhador e suas aptidões.¹⁶⁰

Para Helena Antipoff, “o trabalho organizado é o grande disciplinador da nossa vida”¹⁶¹, sem o qual, os indivíduos alimentam o tédio, a desordem, a indisciplina física e moral, os vícios que levam à perversão, perdendo o ritmo da existência.

A enorme vantagem do trabalho é que ele orienta a nossa vida, imprime o ritmo, ele regulamenta nossa atividade de maneira que possamos agir e não agitar-nos cotidianamente – que seria a vida da grande maioria das pessoas deixadas a elas mesmas? Sem o trabalho regulamentando, quanto tempo perdido, quanta energia inutilmente gastada! Nós notamos já para efeito dessa “liberdade” nos dias de feriado, nas crianças, nos funcionários. O longo tédio, a desordem, o cansaço da existência. E nós, “nervosos”, o aparecimento de enxaquecas e crises nervosas de toda espécie, logo que o ritmo da existência acha-se interrompido pela supressão do trabalho regular. E nós, débeis moralmente, quanto da liberdade e o estado ocioso não alimentavam os vícios e não pagam com o tributo caro da perversão. O trabalho, com seus quadros de existência

¹⁶⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992qq). **Alguns Fundamentos Psicopedagógicos dos Trabalhos Manuais com Alunos de 12 – 14 Anos**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundametnos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 328-329.

¹⁶¹ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 16.

regulamentada, trás ao homem o benefício enorme da disciplina física e moral (...).¹⁶²

De acordo com Helena Antipoff, haveria em todos os indivíduos, desde o ser mais primitivo, até o mais evoluído, uma tendência ao desenvolvimento, à expansão das possibilidades da espécie. Assim como nas plantas, os homens teriam os germes dos tecidos e esboço de todas as formas futuras, que poderiam se desenvolver em condições ambientais propícias, acrescentando-se aos indivíduos a estrutura psíquica capaz de expandir e evoluir mais que qualquer outra. Esse crescimento seria uma necessidade vital do organismo e o grande estimulador das atividades humanas.

O homem, com sua estrutura física e espiritual, tem diante de si um grande plano e programa de desenvolvimento e de aperfeiçoamento infinito. Esse crescimento, podendo ser considerado como a necessidade vital do organismo é o grande estímulo natural para a atividade humana. Desejar crescer é o que o homem deseja acima de tudo. (...) crescer e aperfeiçoar-se física, intelectual e moralmente exigem do homem seus maiores esforços e que somente uma atividade mais evoluída pode garantir. Essa atividade é o trabalho livre e organizado, isto é, aquele que integrado na existência pessoal, com os meios inteligentemente selecionados visa o fim consciente determinado, realizando um fim previamente delineado.¹⁶³

O trabalho livre e organizado poderia garantir esse crescimento por permitir ao homem conhecer suas fraquezas e qualidades, ver todas as suas aptidões e perceber todo o seu potencial de desenvolvimento.

(...) somente o homem ativo conhece as suas fraquezas e suas qualidades. Na inatividade, na completa imobilidade corporal e mental, o homem é reduzido a nada saber de si mesmo (...) Somente trabalho livremente escolhido e seguido nos seus fins e seus meios que permite-nos ver todas

¹⁶² ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 17.

¹⁶³ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 21.

as riquezas de nossas aptidões e apreciar todo o calibre de seu desenvolvimento.¹⁶⁴

De acordo com Helena Antipoff, o trabalho apreendido como uma atividade que impulsiona o desenvolvimento do ser humano, rumo a um aperfeiçoamento cada vez maior, exige dos indivíduos certas qualidades, encontradas apenas nos seres intelectual e moralmente superiores. Nesse aspecto, deveria ser uma obrigação dos indivíduos e de seus educadores formar “superiores”.

Trabalhar nesse sentido da palavra, não é dado a todo mundo. Exige do homem muitas qualidades, de iniciativa, de habilidade e de vontade somente encontrada nos seres intelectual e moralmente superiores. Mas se a integração perfeita do indivíduo na vida e na sociedade esta sendo também em constante evolução para formar mais superiores, representa um ideal, dificilmente atingível, tender para esse ideal é a obrigação do indivíduo e dos seus educadores.¹⁶⁵

Para alcançar esse ideal de uma sociedade com indivíduos superiores moral e intelectualmente, a educação deveria formar através do trabalho, preparando para o trabalho.

Para ser trabalhador, no sentido da palavra que para ele assinalamos, é mister começar do início, isto é, pela formação do homem para a tarefa que ele vai servir futuramente. Nessa formação do homem e do cidadão consiste a fase preparatória para o trabalho que vai ser continuada a vida toda pelo próprio indivíduo.¹⁶⁶

Apesar de Helena Antipoff ter apontado que somente a partir do trabalho livremente escolhido o indivíduo poderia explorar todas as suas aptidões e apreciar todo o seu potencial de

¹⁶⁴ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 19.

¹⁶⁵ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 21.

¹⁶⁶ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 21.

desenvolvimento, notamos que, a escolha da tarefa para a qual esse mesmo indivíduo deveria ser preparado para exercer no seu futuro não se fazia tão livremente, pois estava condicionada pelo ambiente em que estivesse inserido.

A partir de um período de relativa maturidade física e espiritual, depois de intensa modificação que se opera no corpo e na alma do adolescente ou mesmo acompanhando esse processo de amadurecimento, deve-se preocupar em estudar o indivíduo, que há de mais característico, do mais pessoal, a fim de poder indicar um campo de trabalho profissional mais apropriado à estrutura e às tendências dos jovens dentro das possibilidades ambientais e atuais.¹⁶⁷

O adolescente deveria ser acompanhado em seu desenvolvimento e, se necessário, deveria passar por modificações para se adaptar à sociedade que, de acordo com as suas necessidades, estaria moldando o indivíduo, utilizando como ferramenta o trabalho, preparando o adolescente para se tornar produtivo.

Observamos que a concepção de trabalho de Helena Antipoff tem por base a psicologia, a análise subjetiva, o enfoque no indivíduo, que tem que se modificar, se adaptar a uma sociedade que deve evoluir a partir da transformação individual, e não da organização social.

Procurando ampliar a compreensão do conceito de trabalho, deslocamos a análise da esfera da psicologia para os campos da história e a sociologia. Para isso, recorreremos aos estudos de Karl Marx, com a colaboração de Friedrich Engels. No contexto do desenvolvimento do capitalismo industrial que, de acordo com Marx, foi responsável pela divisão da sociedade em duas classes: a burguesia industrial que detém os meios de produção e o proletariado, o qual vende sua força de trabalho por um determinado salário: o trabalho, assim, é visto como mercadoria.

¹⁶⁷ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 22.

O método de análise marxista possibilita a observação das contradições da existência humana, no caso da sociedade burguesa, a exploração do homem pelo sistema capitalista de produção:

(...) essa divisão do trabalho implica, ao mesmo tempo, a sua repartição e de seus produtos, distribuição que na verdade é desigual, tanto qualitativa quanto quantitativa; implica, portanto, a propriedade (...) a divisão do trabalho e a propriedade privada são, além disso, expressões idênticas: afirma-se na primeira, em relação à atividade, o que se afirma na segunda, em relação ao produto da atividade.¹⁶⁸

Nesse cenário, tanto a propriedade quanto a divisão do trabalho representam a exploração do trabalhador pela burguesia industrial. Tal exploração pode ser evidenciada pelo conceito de mais-valia que, conforme Marx, é o excedente trabalhado, a força de trabalho consumida na produção de uma determinada mercadoria e que não é paga pelo capitalista, mas que não deixa de obter lucro sobre essa mesma mercadoria.¹⁶⁹

Ao mesmo tempo em que o trabalho é fonte de lucro para a burguesia, detentora do capital, é mecanismo de alienação do trabalhador. Para Marx, quanto mais o trabalhador se apropria, através de seu trabalho, do mundo exterior, mais se priva dos meios de vida conforme duplo aspecto: primeiro, o mundo exterior deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho; segundo, que cada vez mais deixa de ser um meio de vida para a subsistência física do trabalhador: este se torna um servo de seu objeto, primeiro ao receber um objeto de e segundo, ao receber meios de subsistência.¹⁷⁰

A alienação do trabalhador se expressa da seguinte maneira, segundo Marx:

¹⁶⁸ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Selecionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 28-29.

¹⁶⁹ MARX, Karl (1983b). **Trabalho Alienado e Superação Positiva da Auto-Alienação Humana**. In: FERNANDES, Florestan (ORG.) *Grande Cientistas Sociais*. MARX-ENGELS. História. SP: Ática, p. 92.

¹⁷⁰ MARX, Karl (1983a). **Como o Dinheiro se Transforma em Capital**. In: SINGER, Paul (ORG.) *Grandes Cientistas Sociais*. MARX – Economia. SP: Ática, p. 151.

(...) quanto mais o trabalhador produz tanto menos tem para consumir, que quanto mais valores cria tanto mais se torna sem valor e sem dignidade, que quanto melhor formado seu produto tanto mais deformado o trabalhador, que quanto mais civilizado o seu objeto tanto mais bárbaro o trabalhador, que quanto mais poderoso o trabalho, tanto mais impotente se torna o trabalhador, que quanto mais rico de espírito o trabalho tanto mais o trabalhador se torna pobre de espírito e servo da natureza.¹⁷¹

No interior do capitalismo, a propriedade privada de alguns e não dos demais, faz com que aqueles destituídos de propriedade vendam sua força de trabalho aos capitalistas, com o objetivo de garantirem sua sobrevivência. Assim o trabalho torna-se penoso e obrigatório.¹⁷² Isso é compreensível através de uma análise histórica do trabalho. A produção da vida material, de acordo com Marx, é um fato histórico, condição fundamental de toda história.¹⁷³

Segundo Marx, o motor da história é a luta de classes. As sociedades, mesmo aquelas anteriores ao desenvolvimento do capitalismo industrial se basearam no antagonismo entre as classes opressoras e classes oprimidas, porém tanto o servo quanto o burguês, no quadro do feudalismo se elevava a uma certa categoria, enquanto o proletário cai num pauperismo, diante da acumulação das riquezas nas mãos dos burgueses¹⁷⁴. Desta forma, o capitalismo se tornaria insuportável para os trabalhadores e criaria condições para a sua superação.¹⁷⁵

O autor alemão pauta sua análise sobre o trabalho e, em geral, a respeito do capitalismo, considerando os diversos modos de produção ao longo da história, e de que forma este condiciona as instituições, como o Estado, por exemplo. Daí, nota-se, por meio deste tipo de análise (materialismo histórico) a presença do movimento da história: “(...) (o) conceito de

¹⁷¹ MARX, Karl (1983b). **Trabalho Alienado e Superação Positiva da Auto-Alienação Humana**. In: FERNANDES, Florestan (ORG.) *Grande Cientistas Sociais*. MARX-ENGELS. História. SP: Ática, p. 151.

¹⁷² SINGER, Paul.(ORG.) (1983). **Grandes Cientistas Sociais**. MARX – Economia. SP: Ática, p. 25.

¹⁷³ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Selecionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 23.

¹⁷⁴ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich (2001). **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martim Claret.

¹⁷⁵ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Selecionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 63.

história em (...) como base o desenvolvimento do processo real de produção, partindo da produção material da vida imediata (...).¹⁷⁶ Porém, Helena Antipoff desconsidera a historicidade do trabalho, a partir de uma abordagem subjetiva, isto é, do ponto de vista da psicologia: “Somente o trabalho que livremente escolhido e seguido nos seus fins e seus meios que permite-nos ver toda a riqueza de nossas aptidões e apreciar todo o calibre de seu desenvolvimento”.¹⁷⁷, afirmando que, a partir do trabalho que o indivíduo toma consciência de seu valor e valor da vida.

178

Deste modo, o trabalho dignifica o homem, atribui-lhe um valor. Isso não ocorre com os “sem-trabalho” que, além de privados do acesso aos bens materiais, sofrem constrangimentos de ordem psíquica e se sentem desmoralizados.

De modo geral, é permitido dizer que na sociedade civilizada do século XX, o pólo positivo da afetividade parece predominar nos trabalhadores frente ao trabalho. Para a grande maioria, o trabalho é desejado. Ao contrário, o “sem-trabalho” é o fantasma do homem moderno, a sua grande miséria. Não somente miséria material, demasiado rigorosa: “quem não trabalha não come”, mas quantidade de fatores de ordem puramente psíquica, fazendo odiar o “sem-trabalho”, mesmo quando as caixas de socorro preservam o operário e sua família da fome.¹⁷⁹

Essa valorização do homem que trabalha e a “desvalorização” dos denominados “sem-trabalho” leva-nos a crer que o trabalho é inerente ao homem, isto é, faz parte de sua essência e aquele que não trabalham não o fazem porque não querem.

¹⁷⁶ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Seleccionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.34.

¹⁷⁷ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 19.

¹⁷⁸ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 17.

¹⁷⁹ ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG, p. 17.

No entanto, mais uma vez recorrendo ao pensamento de Marx, encontramos a afirmativa de que o trabalho não pertence à essência do trabalhador, pois esse mesmo trabalho o desgasta, o mortifica e, não é voluntário, e sim compulsório.¹⁸⁰

Centrando sua análise do trabalho no indivíduo, Helena Antipoff não coloca em evidência o fato histórico da divisão do trabalho, que leva à desigualdade social. O que torna incompleta sua análise é o fato de “descolar” o conceito de trabalho de sua historicidade, o que leva à conclusão de que o trabalho é algo totalmente natural. Contudo, incorporando o movimento da história a essa mesma análise, percebemos que o trabalho torna-se obrigatório para a sobrevivência humana, não devido às condições criadas pela natureza, mas criadas pelo próprio homem.

Helena Antipoff, ao se pautar pelo princípio de que o trabalho organiza e disciplina a vida do homem, permitindo-lhe o desenvolvimento máximo de seu potencial, justificava a utilização do trabalho como elemento educativo sem ter que considerar a exploração, a degradação, a alienação a que estão sujeitos aqueles que só dispõem de sua força de trabalho para sobreviver na sociedade capitalista.

4.4 – A FAZENDA DO ROSÁRIO SEM HELENA ANTIPOFF

O período até aqui, que vai desde o início das atividades da Fazenda do Rosário, em 1940, até final de 1943, todas as atividades da instituição foram mantidas pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, sem ajuda do Estado. Contudo, membros da Sociedade tinham prestígio junto ao

¹⁸⁰ MARX, Karl (1983b). **Trabalho Alienado e Superação Positiva da Auto-Alienação Humana**. In: FERNANDES, Florestan (ORG.) *Grande Cientistas Sociais*. MARX-ENGELS. História. SP: Ática, p. 153.

governo e isso tornou possível, a partir de 1944, o auxílio oficial na construção dos prédios e comissionamento de professores para a escola primária da instituição.

(...) Guilhermino Cesar (...) pelo seu valor pessoal e prestígio junto ao governo tem-se conseguido maior compreensão dos objetivos da Fazenda do Rosário pelo então governador do Estado e obtido o primeiro auxílio oficial, inclusive na construção de um salão para a escola (...); de um banheiro carrapaticida para o gado¹⁸¹ (...) e do comissionamento de professoras na escola pública (...).¹⁸²

A primeira visita do Secretário de Educação do Estado à Fazenda do Rosário aconteceu em julho de 1944 e, em setembro daquele ano, teve início a construção do Pavilhão Central, contando com a verba do Departamento Nacional da Criança, sendo inaugurado em abril de 1946.

1946 – abril – Inauguração do Pavilhão Central (metade do prédio; refeitório, cozinha, consultório médico, biblioteca, duas salas de aula, salas para professoras e diretora).¹⁸³

No momento em que a Fazenda do Rosário começou a receber ajuda financeira do Estado, quer dizer, final de 1944, a Sociedade Pestalozzi passou por mudanças administrativas com a saída da tesoureira Maria Angélica de Castro, do secretário Guilhermino César, do vice-

¹⁸¹ A data da construção foi: “1944 – março – Construção e funcionamento do banheiro carrapaticida, construído por ordem de Governo de Dr. Benedito Valadares”. In: ANTIPOFF, Helena (1952b). **Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 02. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

¹⁸² ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 277.

¹⁸³ ANTIPOFF, Helena (1952b). **Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)**. In: *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p.02-03.

presidente Padre Negromonte e também da sua presidente, Helena Antipoff, no cargo desde 1932¹⁸⁴.

Com a saída de Helena Antipoff que foi para o Rio de Janeiro¹⁸⁵ a serviço do Departamento Nacional da Criança, assumiu a presidência da Sociedade Pestalozzi o ex-Secretário do Interior Sandoval Soares de Azevedo que ficou à frente da Sociedade até 1950 e, nesse período, de acordo com Helena Antipoff,

(...) imprimiu à Fazenda do Rosário um ritmo de progresso e de melhoramentos consideráveis. Conseguiu virtuosas verbas do Governo Federal e Estadual, bem como elevados e variados donativos por parte de particulares e institutos privados.¹⁸⁶

Na gestão de Sandoval Soares de Azevedo, a participação do Estado, que havia se iniciado modestamente em 1943, se ampliou devido à influência do novo presidente da Sociedade Pestalozzi. Mesmo tendo permanecido no Rio de Janeiro durante toda essa gestão, Helena Antipoff nos apresentou, no Histórico da Fazenda do Rosário de 1962, como ficou a organização da instituição sob a nova administração.

De acordo com Helena Antipoff, a diretoria da Fazenda do Rosário permaneceu nas mãos da diretora Yolanda Barbosa e a organização institucional continuou a ter como fio condutor o

¹⁸⁴ “O fim de 1944 e o ano de 1945 assinalam sensíveis mudanças na vida da Sociedade Pestalozzi, com a perspectiva do afastamento de Belo Horizonte de alguns membros de sua diretoria. Assim o Ver. Pe. Negromonte, vice-presidente, desde a fundação em 1932 partiu para o Rio (assistente técnico do SAM). (...) Ia também se mudar para o território do Acre em qualidade de Diretor de Ensino a professora Maria Angélica de Castro, tesoureira da Sociedade Pestalozzi (...). Finalmente, mudava para o Rio de Janeiro, a serviço do Departamento Nacional da Criança, a professora Helena Antipoff, presidente fundadora da Sociedade. (...) Perdia também a Sociedade Pestalozzi seu secretário, na pessoa do Dr. Guilhermino César que mudava para o Rio Grande do Sul (...)”. In: ANTIPOFF, Helena (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 275 Publicado inicialmente em 1963.

¹⁸⁵ Helena Antipoff vai para o Rio de Janeiro em 1945, retornando para Belo Horizonte em 1952: “A partir de 1952, quando volta do Rio de Janeiro, escolhendo Belo Horizonte para residência, em razão do clima menos quente, passa a morar numa casa alugada, defronte à do filho (...)”. In: ANTIPOFF, Daniel (1975). **Helena Antipoff. Sua vida, Sua Obra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

¹⁸⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 277.

trabalho na propriedade rural, cujas atividades foram ampliadas com plantação de eucaliptos, fruteiras e parreiral.

A propriedade rural tomava impulso com a expansão florestal de eucalipto, com o plantio de longos cordões de fruteiras tropicais de clima temperado, do grande parreiral prometendo excelente uva e derivados... Tudo isso sob a orientação de um técnico agrícola e de um capataz, ambos funcionários públicos comissionados pelas repartições oficiais, sem ônus para a Sociedade.¹⁸⁷

O novo presidente da Sociedade Pestalozzi usando de seu prestígio junto ao governo federal conseguiu trazer para a Fazenda do Rosário, em 1949, especialistas húngaros em floricultura e tapeçaria para desenvolver trabalhos com os meninos internos na instituição.

Usando do prestígio pessoal e de grande tenacidade de esforço, obteve o Dr. Sandoval Soares de Azevedo do Serviço Federal de Imigrantes a vinda de um grupo de húngaros, especializados em floricultura (4 homens) e em tapeçaria (2 senhoras) que introduziram na Fazenda do Rosário processos racionais de cultivo de plantas ornamentais e ensino elementar de floricultura (...).¹⁸⁸

Antes disso, em 1948, o novo presidente conseguiu para a Fazenda do Rosário a vinda de um ceramista pernambucano, Jeter Peixoto, que se transferiu para a instituição com a mulher e quatro filhos e aí iniciou um trabalho com os meninos utilizando a argila. De acordo com Helena Antipoff, esse trabalho exigia pesadas obrigações dos meninos.

(...) Aí têm os meninos uma série de pesadas obrigações, a saber: amassar o barro, produzir à máquina dezenas de vasos por hora, enformar os objetos para a queima, alimentar o fogo, vigiar o forno. Todo esse trabalho, inclusive a venda dos artigos de cerâmica (...) fazem com boa vontade, pois gostam do trabalho e do Sr. Jeter.¹⁸⁹

¹⁸⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 277-278.

¹⁸⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 278.

¹⁸⁹ ANTIPOFF, Helena (1963). **Os Pequenos Oleiros**. In: *Infância Excepcional*. Revista Semestral da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerias, Belo Horizonte, Ano 1, nº 1, p. 52.

Helena Antipoff destacou a maneira como o mestre ceramista guiava seus alunos, não impondo seu estilo e deixando a cada um a liberdade para escolher o tema a ser trabalhado. Além disso, não fazia críticas nem corrigia os trabalhos e, ao procurar sanar as dificuldades dos alunos, fazia uma demonstração do que o aluno precisa compreender, porém, não deixava o modelo para ser copiado, confiava na capacidade de seus alunos. Segundo a educadora, as visitas que esses alunos recebiam na cerâmica serviam de estímulo ao trabalho, cujos características pedagógicos foram resumidos por Helena Antipoff:

Confiança por parte do mestre. Aprovação, elogios por parte dos companheiros e visitas. Sentimento de liberdade e independência na escolha do tema e no modo de tratá-lo. São esses os características pedagógicos da Cerâmica da Fazenda do Rosário (...).¹⁹⁰

Segundo Helena Antipoff, essa pedagogia, aplicada ao trabalho com a argila, proporcionava aos meninos um derivativo para seus instintos que, para a educadora, eram mal aproveitados.

(...) As peças (...) confeccionadas pelos meninos no torno, não só eram admirados, apreciados, comprados a preços bastante elevados, como serviam grandemente à reeducação de gênios mais arredios, de indisciplinados, agressivos, inconveniente mesmo no meio de crianças menores... No trabalho criador e produtivo com a argila esses adolescentes encontravam um poderoso derivativo de seus instintos, até então mal aproveitados. Com confiança em suas forças nascia-lhes a segurança interior e o equilíbrio emocional nas relações com o meio social.¹⁹¹

¹⁹⁰ ANTIPOFF, Helena (1963). **Os Pequenos Oleiros**. In: *Infância Excepcional*. Revista Semestral da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, Belo Horizonte, Ano 1, nº 1, p. 52.

¹⁹¹ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 278.

Acreditamos que essas atividades com argila funcionavam como mecanismos de conformação dos sujeitos, mascarando a condição de interno e trabalhador da instituição, pois alguns meninos se envolviam tanto com esse trabalho que acabavam se esquecendo do mundo a sua volta, inclusive dos horários das refeições.

Há meninos, como Alibatão, que ficam absortos de tal modo no seu trabalho, que nada percebem em torno de si, esquecendo-se da hora das refeições e ficando sozinhos na cerâmica, com as portas de fora já cerradas, tão mergulhados na produção dos seus bichos e de todo esse mundo de imaginação que os levam a uma vida mais cheia, menos limitada e monótona que a deles.¹⁹²

Outra novidade implementada na gestão de Sandoval Soares de Azevedo foi a aceitação de meninas no internato da Fazenda do Rosário. Do rol de documentos consultados, o único que destacou essa temática foi o histórico da Fazenda do Rosário elaborado por Helena Antipoff em 1962. Contudo, esse documento não apresentou muitos detalhes de como se iniciou esse processo e qual a procedência dessas meninas, revelando apenas o tipo de atividade prevista para elas:

Enquanto os meninos ficavam ocupados na cerâmica, na lavoura, na floricultura, as meninas (que começaram, naquele período, a ser aceitas no internato da Fazenda do Rosário, até então exclusivamente reservado ao sexo masculino) se dedicavam às atividades domésticas e trabalhos femininos – cozinha, limpeza, rouparia, costura, bordados, tapeçaria... dirigidas pela especialista húngara, as meninas aprendiam a arte dos tapetes de asmirna e outros aplicados, que faziam e vendiam a preços elevados (...).¹⁹³

Não conseguimos apurar em que ano exatamente as meninas começaram a ser aceitas na Fazenda do Rosário. O que observamos é que o fio condutor da formação dessas meninas também era o trabalho. No histórico da Fazenda do Rosário (1962) em que Helena Antipoff

¹⁹² ANTIPOFF, Helena (1963). **Os Pequenos Oleiros**. In: *Infância Excepcional*. Revista Semestral da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, Belo Horizonte, Ano 1, nº 1, p. 52.

¹⁹³ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 279.

apresentou esse período (1945 – 1950), as atividades escolares não foram citadas em nenhum momento, tanto no caso da formação dos meninos, quanto das meninas. Isso não quer dizer que elas não existiam, mas que, para a educadora, essas atividades ocupavam um papel secundário na formação dos meninos e meninas atendidos na Fazenda do Rosário.

A partir de 1947, começou uma nova fase para a Fazenda, pois os cuidados com a criança do campo passaram a fazer parte dos seus objetivos. O presidente da Sociedade Pestalozzi conseguiu do governo do Estado e da União apoio para o início dos Cursos de Aperfeiçoamento para os professores rurais. Conforme apresentou Helena Antipoff ao elaborar o histórico da instituição (1962), esse encaminhamento de Sandoval Soares de Azevedo apoiava o projeto do “Instituto de Organização Rural” de sua autoria, elaborado naquele ano.

Em 1947 entra a Sociedade Pestalozzi numa nova fase de sua história. Compreendendo a tragédia do homem rural, e considerando que pouca coisa podia se modificar na vida da criança do campo sem lhe proporcionar a educação em boas escolas e por mestres esclarecidos, empenhou-se seu magnânimo presidente em oferecer recursos disponíveis da Fazenda em benefício do ensino rural.¹⁹⁴

Ao tratar da ampliação das atividades da Fazenda do Rosário, Helena Antipoff destacou que esse movimento, embora aparentemente prejudicasse o atendimento às crianças “excepcionais”, na realidade isso não aconteceria, visto que, as instituições do meio rural se tornariam mais adequadas para recebê-las que as instituições urbanas.

(...) Embora, aparentemente e parcialmente, sacrificava os interesses imediatos da criança excepcional, sabia ele (o presidente da Sociedade Pestalozzi, Sandoval Soares de Azevedo) que esta iria beneficiar muito mais, pois encontraria no meio rural oportunidade em suas instituições

¹⁹⁴ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 279.

educacionais, mais adequadas que as urbanas à natureza física e mental do “excepcional”.¹⁹⁵

Conforme já destacamos, os Cursos de Aperfeiçoamento dos professores rurais eram intensivos, com duração de quatro meses e se iniciaram nos terrenos da Chacrinha que foram emprestados e os professores viviam na Fazenda do Rosário em regime de internato. O curso e a estadia desses professores eram mantidos pela verba do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que também financiava a construção de prédios.¹⁹⁶

Esses cursos foram ministrados na Fazenda do Rosário até 1957, contabilizando dezoito cursos pelos quais passaram cerca de mil professores. Além desses cursos intensivos, a partir de agosto de 1949, tiveram início as aulas do Curso Normal Regional, com duração de quatro anos completos de estudos. A construção dos prédios para abrigar esse curso foi viabilizada por um acordo entre o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação e a Sociedade Pestalozzi. As aulas do Curso Normal foram ministradas nas dependências da Fazenda do Rosário até 1952.

Helena Antipoff, ao analisar essa parceria entre Sociedade Pestalozzi e Estado, destacou que a Sociedade não foi prejudicada quando os cursos de formação dos professores rurais passaram para prédios próprios, fornecidos pelo Estado, pois herdou os prédios ampliados ou construídos integralmente pelo governo na propriedade da instituição. Outra vantagem, segundo a visão da educadora russa, era que, havendo sobras de alimentos na Escola Normal Rural, estas se destinavam ao internato da Fazenda do Rosário.

Convém assinalar outras vantagens e benefícios que prestam, embora semilegalmente a parte oficial da Fazenda do Rosário, a Escola Normal, o ISER – toda vez que sobram mantimentos e de excelente qualidade,

¹⁹⁵ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 279-280.

¹⁹⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 280.

vão essas sobras para o consumo do internato que mantém 90% das crianças indigentes, as outras pagando taxas irrisórias.¹⁹⁷

Por fim, de acordo com Helena Antipoff, os Cursos de Aperfeiçoamento dos professores rurais, tanto o intensivo quanto o Curso Normal de quatro anos de duração, ofereciam como vantagem para a Sociedade Pestalozzi, a oportunidade para meninos e meninas, internos da Fazenda do Rosário, em continuar seus estudos, todavia, apenas os que se apresentassem melhor dotados intelectualmente.

Outra grande vantagem consiste nas possibilidades de dar aos alunos da Sociedade Pestalozzi melhor dotados intelectualmente, oportunidade para a continuação de seus estudos, nos cursos de administração, no curso normal (...).¹⁹⁸

As fontes consultadas não apresentaram nenhum egresso da Fazenda do Rosário que continuou seus estudos nos cursos da Escola Normal. O que verificamos foi que a Escola Granja serviu como um laboratório de pesquisas para a formação dos educadores que passavam pela Escola Normal, instalada na Fazenda. Segundo Helena Antipoff,

(...) Escolas para excepcionais não são simples escolas. São estabelecimentos onde se educam crianças, onde se estudam problemas e processos educativos e onde se formam educadores. Assim, também a escola-granja, projetada pela Sociedade Pestalozzi para excepcionais, visa simultaneamente os dois fins: ser um laboratório de pesquisas médico-pedagógicas e também uma clínica para estágios dirigidos para jovens educadores, aqueles que se dedicarão principalmente a instituições especiais, como são as classes retardadas, escolas para excepcionais, reformatórios para perversos e delinquentes, casas para crianças nervosas e por que não dizer (pois as leis e as técnicas são as mesmas), também para instituições congêneres para adultos, porque do que mais precisa um nervoso, um alienado, um delincente, qualquer que

¹⁹⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 281.

¹⁹⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963, p. 281.

seja a sua idade, é de educadores, para guiar o seu reajustamento social e a sua readaptação mental.¹⁹⁹

Sobre a relação das alunas do Curso Normal com os meninos do internato da Fazenda do Rosário, destacamos uma passagem apresentada por Irene de Melo Pinheiro²⁰⁰, em que as normalistas questionam suas atividades junto aos meninos da instituição.

(...) Na biblioteca, várias meninas, enquanto elaboram lindos trabalhos manuais comentam suas decepções ao aplicarem uma provinha diagnóstico nos alunos do primário pois em suas aulas de reforço, deverão voltar com alguns alunos do 2º ano para o 1º cartaz do pré-livro. A 1ª série coitada voltará ao período preparatório (...). 12h30min vamos dar aulas de reforço para os alunos do primário. Algumas das quartanistas dizem: somos estudantes ou professoras? Isso porque estão achando pesado esse trabalho que planejam na hora do recreio e aplicam na hora do repouso.²⁰¹

O Complexo Educacional da Fazenda do Rosário teve início com as instituições destinadas a atender aos “excepcionais”, contudo, suas atividades foram ampliadas no sentido de atender outra demanda, qual seja, a formação de professores especializados no atendimento a esses “excepcionais” e, para alcançar esse objetivo, os próprios meninos da instituição serviram como objeto de experiência dos futuros professores.

¹⁹⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992hh). **Trabalho**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1940, p. 156.

²⁰⁰ Irene de Melo Pinheiro foi aluna de Helena Antipoff e publicou um artigo sobre a Fazenda do Rosário que constitui “o testemunho dos anos vividos ao lado da saudosa mestra e amiga (...), acrescido da tradição oral e escrita (...)” (PINHEIRO, I.M., 1986, p. 03).

²⁰¹ PINHEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986, p. 12.

4.5 – Os Meninos da Fazenda do Rosário – 1940 – 1952

A diretora da Fazenda do Rosário, Yolanda Barbosa²⁰², em 1952, apresentou um balanço do número de alunos atendidos pela instituição desde a sua fundação em 1940 até aquela data.

Segundo ela,

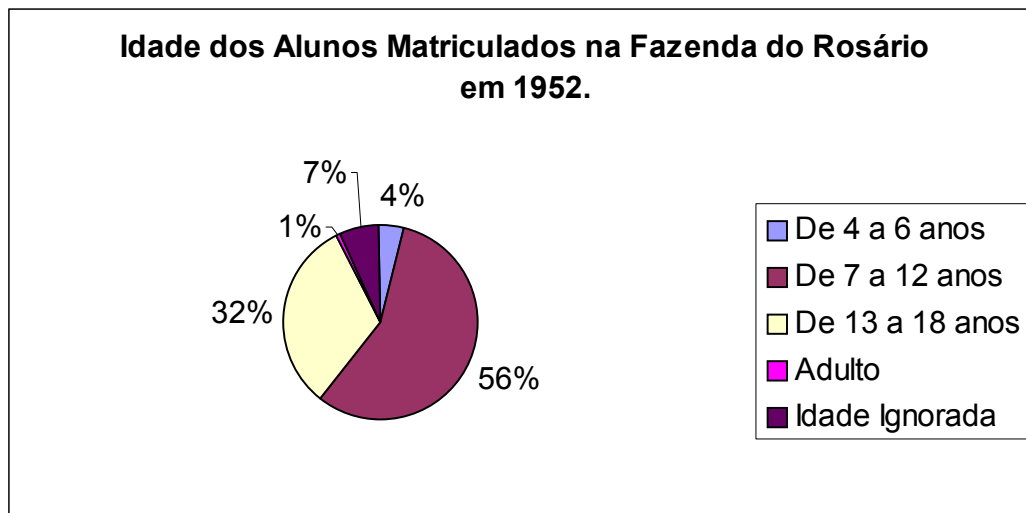
(...) desde 1940, tivemos que lidar até o momento com inteligências taradas, com caracteres difíceis, com desajustados, com desamparados, enfim com muitas outras crianças, que constitui cada uma, um problema social e psicológico para o educador.²⁰³

Nesses doze anos de atividades da Fazenda do Rosário, foram atendidos 343 alunos, dos quais 121 ainda encontravam-se internados em 1952, dos quais 5 tinham idade entre 4 e 6 anos, sendo um deles do sexo feminino; 68 tinham entre 7 e 12 anos, destes oito eram mulheres; 39 estavam com idade entre 13 e 18 anos, entre eles 7 meninas; 8 possuíam idade ignorada, sendo 5 meninas e, por fim, havia um adulto do sexo masculino entre os internos, sabemos que tinha mais de 18 anos, mas não foi possível esclarecer a idade exata (Gráfico 1).

²⁰² BARBOSA, Yolanda. **Notas Sobre os Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário – pela sua Diretora Dona Yolanda Barbosa.** In: ANTIPOFF, HELENA. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

²⁰³ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01.

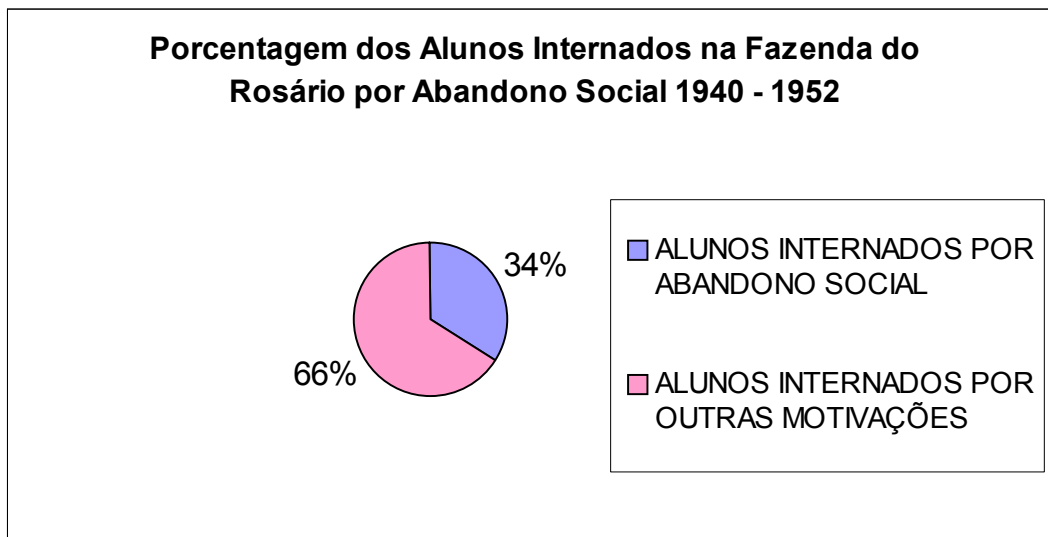
Gráfico 1



Do total de alunos atendidos até 1952, incluídos aqueles que ainda encontravam-se na instituição, 116 “foram internados por motivo de abandono social e falta de recursos financeiros. (Órfãos de pai e mãe – 47; pais desconhecidos – 69)”.²⁰⁴ (Gráfico 2).

²⁰⁴ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

Gráfico 2



Essas outras motivações se referiam ao diagnóstico feito pela Sociedade Pestalozzi entre os alunos atendidos pela instituição na capital mineira. Nesse aspecto é importante destacar que a Sociedade era uma associação civil mantida por doações, inclusive do Estado, “destinada a proteger as crianças e adolescentes “excepcionais” e a preservar a sociedade e a raça, das influências nocivas para a sua saúde mental e equilíbrio moral”.²⁰⁵ Nesse sentido criou instituições para atender aos “excepcionais”, como o Instituto Pestalozzi, o Pavilhão do Natal e a Fazenda do Rosário.

Além disso, a Sociedade Pestalozzi auxiliou os alunos e os professores das classes especiais dos grupos escolares de Belo Horizonte²⁰⁶, organizou um centro de diagnóstico e

²⁰⁵ SOCIEDADE PESTALOZZI (1939). **Estatutos**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 01.

²⁰⁶ “Em colaboração com o Laboratório de Psicologia da antiga escola de Aperfeiçoamento e um grupo de médicos, enfermeiras, psicologistas, professoras, foi dada assistência às classes especiais para retardados dos Grupos Escolares de Belo Horizonte – e orientação médico-pedagógica ao professorado dessas classes através de palestras, demonstrações, exames clínicos e psicológicos dos alunos, auxílio econômico com fornecimento de material didático às classes, algumas ferramentas para trabalhos manuais etc”. In: ANTIPOFF, HELENA. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, 272. Publicado inicialmente em 1963.

tratamento, o Consultório Médico Pedagógico²⁰⁷, que realizou pesquisas médicas, antropológicas, psicológicas e estatísticas. A Sociedade também divulgou noções teóricas e práticas sobre a infância excepcional e orientava em assuntos de Higiene Mental²⁰⁸. Segundo a diretora da Fazenda do Rosário, Yolanda Barbosa,

No início do ano, o Presidente da Sociedade Pestalozzi é notificado das vagas existentes. Ele as preenche com os casos mais urgentes e, toda vez que se vaga um lugar, é logo ocupado pelo caso que requer imediata solução.²⁰⁹

O itinerário dos meninos até a Fazenda do Rosário, passando pela Sociedade Pestalozzi é confirmado por Helena Antipoff, no artigo escrito por ela em 1965²¹⁰, em que a educadora apresentou um balanço das atividades das três instituições, quais sejam, o Instituto Pestalozzi, a Fazenda do Rosário e a Sociedade Pestalozzi do Brasil²¹¹. Segundo Helena Antipoff, naquele momento (1965), havia mais de duzentos casos aguardando a internação na instituição.

²⁰⁷ “Consultório Médico pedagógico – para atendimento de crianças retardadas mentais, nervosas, epiléticas, surdas-mudas, com distúrbios de palavra, gagueira, em conflitos emocionais, dificuldades de conduta social etc... por um grupo de voluntários nos gabinetes médicos, graciosamente cedidos, em horários especiais, pelos amigos e sócios da obra nascente. Conselhos às famílias e instituições”. In: ANTIPOFF, HELENA. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 272. Publicado inicialmente em 1963.

²⁰⁸ “Palestras, conferências públicas e cursos para despertar a tenção para com o problema da anormalidade mental e orientar em assuntos de Higiene Mental”. In: ANTIPOFF, HELENA. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 272. Publicado inicialmente em 1963.

²⁰⁹ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

²¹⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965.

²¹¹ A Sociedade Pestalozzi do Brasil foi criada no Rio de Janeiro em julho de 1945. In: ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas, p. 237. Publicado inicialmente em 1965.

(...) mais de 200 casos já se achem inteiramente estudados pelo serviço social da Sociedade Pestalozzi para o internamento, entre mais de quinhentos que desesperadamente esperam a sua admissão na Fazenda do Rosário. Os auxílios financeiros são indispensáveis para construções, visto que não falta espaço pra abertura de novas “chacrinhas” para internatos.²¹²

Muitos dos meninos, internados devido ao abandono, foram encaminhados para a instituição pela polícia e nem sabiam falar dos seus progenitores, permanecendo na instituição por anos consecutivos sem receber visita de quaisquer familiares.

(...) Mo., recolhido da rua pela polícia, ainda aos 5 anos, nada sabe dos seus; está na escola há oito anos, sente-se feliz. H., também, enviado à Escola pela polícia, só sabe dos seus que: “morava no morro do Querosene”. Há, atualmente, internos na escola, 8 alunos que há mais de 6 anos não recebem visita de parentes ou amigos.²¹³

O aluno identificado no relatório da diretora por Mo. e que, em 1952, estava na instituição há oito anos, foi, portanto, internado em 1944, aos cinco anos de idade e, no momento em que o relatório foi escrito, contava então com 13 anos de idade. Percebemos casos de alunos que permaneceram mais tempo na instituição, sem nenhum contato com a família. Foi o caso de J. P. que foi retirado pelo delegado do trem, onde se encontrava sozinho e sem bilhete de passagem, contava com 6 anos de idade, quando foi recolhido. Considerando que no momento em que o relatório foi escrito já estava internado há 11 anos, tinha então 17 anos e estava internado desde 1941.

²¹² ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustrro em Lustrro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965, p. 283.

²¹³ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

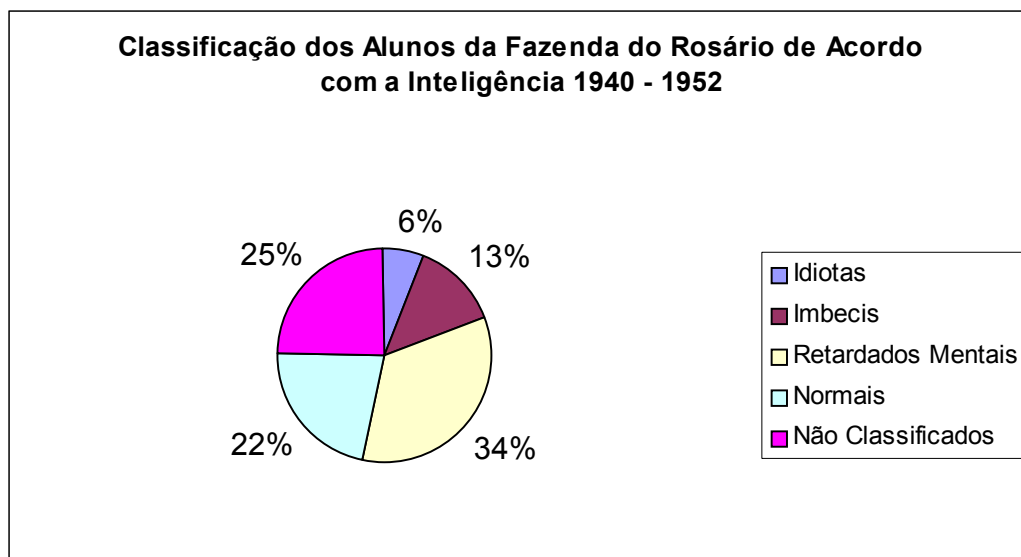
A partir da informação da permanência dos meninos por até onze anos na instituição, acreditamos que não havia um critério estabelecido quanto ao tempo de internação, principalmente para aqueles que não possuíam nenhum vínculo familiar externo. Os documentos consultados não fornecem dados precisos quanto a esse aspecto, que requer ainda maior investigação.

Além da distinção dos motivos para o encaminhamento à Fazenda do Rosário, os alunos foram classificados de acordo com a sua inteligência, segundo Yolanda Barbosa, baseando-se nos testes psicológicos e, por esse critério, passaram pela instituição durante os doze anos em questão, 22 “idiotas”, 46 “imbecis”, 114 “retardados mentais”, 75 normais, 86 não classificados (Gráfico 3). Nas palavras da diretora:

(...) de acordo com os testes psicológicos aplicados, em boa parte com nossas observações na convivência diária com eles, durante doze anos, pudemos agrupá-los segundo a inteligência em idiotas, imbecis, débeis mentais e retardados leves.²¹⁴

²¹⁴ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01.

Gráfico 3



De acordo com Helena Antipoff, num artigo escrito sobre a caracterização dos “retardados mentais”²¹⁵, esse termo foi introduzido por Alfred Binet ao apresentar um projeto para o funcionamento das classes primárias para anormais e, de acordo com Binet, a educadora pontuou que o indivíduo é assim classificado quando permanece estacionado “num nível inferior ao que caracteriza comumente o desenvolvimento intelectual da massa de uma população a que pertence”.²¹⁶ A partir dos nove anos de idade, “o índice de atraso mental verifica-se a partir dos três anos de diferença entre a idade mental e a idade da criança”.²¹⁷

Baseando-se ainda em Binet, a educadora Helena Antipoff destacou que era tachado de “idiota” aquele indivíduo cujo desenvolvimento máximo ia até três anos de idade mental, apresentando incapacidade de se comunicar por meio da linguagem oral organizada. Já o

²¹⁵ ANTIPOFF, Helena (1992mm). **Os Retardados Mentais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.

²¹⁶ ANTIPOFF, Helena. (1992mm). **Os Retardados Mentais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 185.

²¹⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992mm). **Os Retardados Mentais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 185.

“imbecil”, apresentaria além desse quadro, “doenças e taras que afetam o sistema nervoso e o endócrino”.²¹⁸

Apesar de não apresentar essas definições em seu relatório, Yolanda Barbosa destacou características dos meninos que endossavam a classificação como “idiota”, “imbecil” ou “retardado mental”. Destacamos aqui o caso do menino I., classificado como “idiota”.

I. – 14 anos, que durante três meses, apenas dava guinchos descontrolados e, fazia birras rolando pelo chão, não usava garfo ou colher, suas necessidades fisiológicas eram satisfeitas onde estivesse, etc., hoje entra nos brinquedos dos companheiros, toma as refeições na mesa comum, executa trabalho simples, como: carregar tijolos, varrer, molhar plantinhas e, outras pequenas tarefas, assistido pela professora. Solfeja as canções ensinadas na classe e, já leva a mandado, objetos de um pavilhão a outro. Até hoje, porém, come tudo que encontra pelo chão, cascas de frutas e, às vezes, associa-se à refeição do cachorro.²¹⁹

Sem entrar na discussão dos conceitos nem apontar quantidades, Yolanda Barbosa faz uma distinção entre os “retardados mentais” por defeitos sensoriais e por defeitos de caráter.

(...) Entre os retardados mentais podemos classificar os retardados por defeitos sensoriais e por defeito de caráter. Entre aqueles tivemos crianças paralíticas, míopes, cegas, surdas mudas, de mudez parcial, com linguagem defeituosa. Entre os defeitos de caráter encontramos os instáveis, os voluntariosos, cínicos, irascíveis, perversos, agressivos, os mentirosos, os que furtam, os intrigantes, os caluniadores (...).²²⁰

Dos 114 “retardados mentais” atendidos na Fazenda do Rosário, Yolanda Barbosa destacou que, apesar do retardo apresentado quando entraram na instituição, após dois anos

²¹⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992mm). **Os Retardados Mentais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 185.

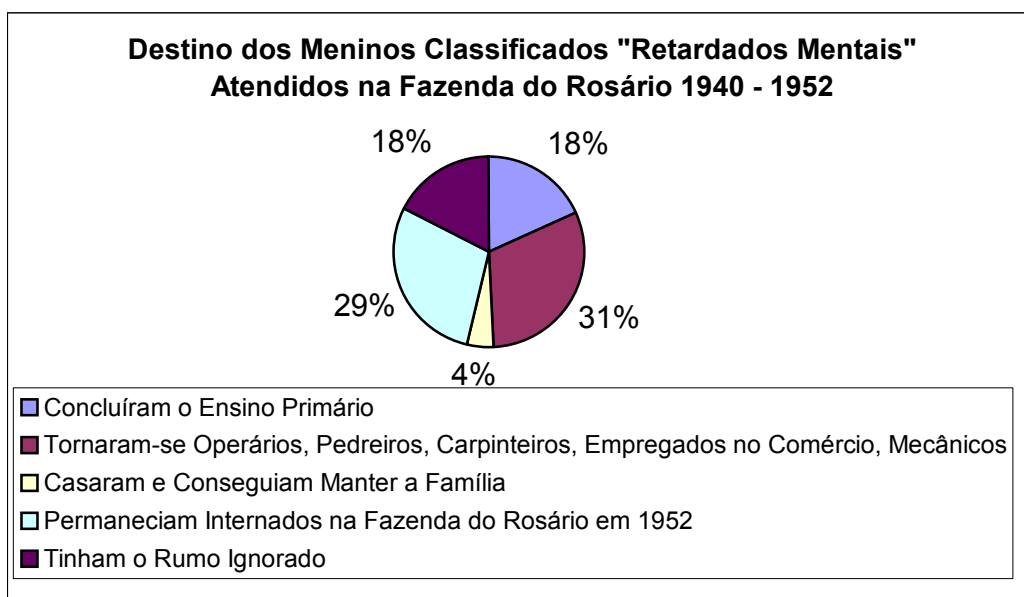
²¹⁹ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01.

²²⁰ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário**. In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 01.

internados, a maioria conseguiu aprender a ler e escrever, sendo que 21 deles concluíram o ensino primário; 35 tornaram-se operários, pedreiros, carpinteiros, empregados do comércio, mecânicos na cidade; destes 114, 5 casaram-se e constituíram família, conseguindo mantê-la; do total, 33 permaneciam internados na instituição e o restante, 20 deles, portanto, não se conhecia o rumo que tomaram (Gráfico 4).

Dos que já se retiraram da Escola, sabemos de um que se tornou vagabundo e, um que tomou parte num assalto em Belo Horizonte: G., este, aliás, só esteve interno 4 meses na escola.²²¹

Gráfico 4

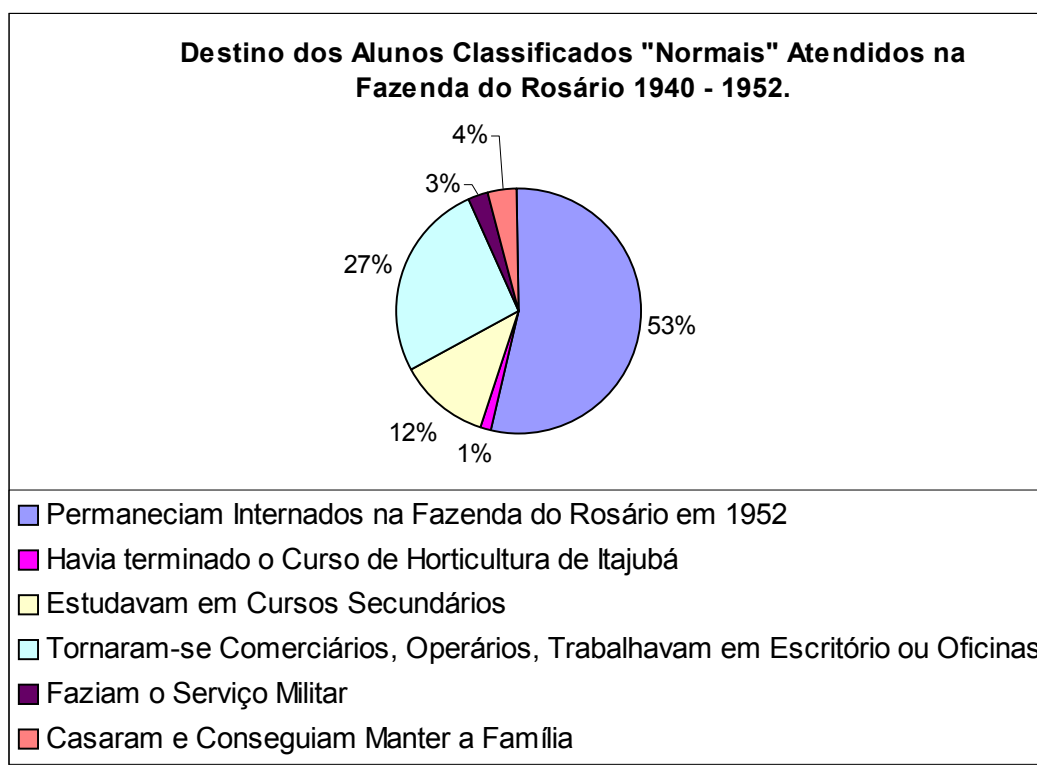


Entre os 343 internos atendidos pela Fazenda do Rosário nos doze anos de funcionamento, a diretora Yolanda Barbosa destacou 75 alunos cujo diagnóstico da inteligência havia apontado para a normalidade. Destes, 40 ainda encontravam-se na instituição, 01 havia concluído o curso na Escola de Horticultura de Itajubá, 09 estudavam em cursos secundários, 20

²²¹ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 03.

encontravam-se exercendo diversas profissões, como comerciário, operário, escritório, trabalhavam em oficinas, 2 faziam parte do serviço militar e, por fim, três eram operários e haviam se casado.²²² (Gráfico 5).

Gráfico 5



A respeito daqueles classificados como “idiotas”, a diretora da Fazenda do Rosário apontou apenas que quatro deles ainda permaneciam na internados e que 18 tinham passado pela instituição sem, no entanto, apontar para o destino seguido por esses meninos. Quanto aos classificados como “imbecis”, Yolanda Barbosa também não apresentou o caminho seguido por

²²² BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 05-06.

eles após sua saída da Fazenda, destacou apenas que “um número bem maior de crianças deste tipo já passou pela escola – 46”.²²³

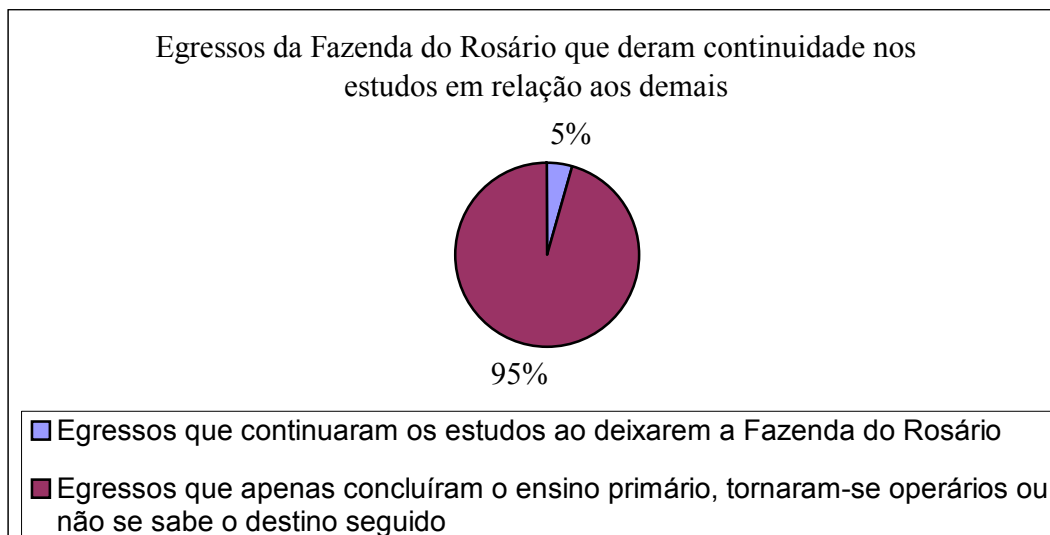
Verificamos que dos 343 atendidos na Fazenda do Rosário entre 1940 e 1952, 121 ainda estavam internados, portanto, foram produzidos 222 egressos na instituição nesse período. Entre aqueles considerados “idiotas” e “imbecis”, temos um total de 64 meninos que saíram da instituição sem que seus dirigentes conhecessem o caminho que seguiram. Somam-se a esses, os 20 classificados como “retardados mentais” para os quais o paradeiro também era desconhecido. Sem falar dos 86 internos que não entraram em nenhuma das categorias, cuja classificação tomou como o critério a inteligência e que, sequer, foram mencionados no relatório da diretora Yolanda Barbosa. Fazendo um balanço geral dos meninos, entre egressos e internos, concluímos que, entre esses não classificados, 44 ainda estavam internados. Veja o quadro 01.

²²³ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *‘Histórico’ da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 02.

QUADRO 01

Apresentação dos Alunos Atendidos na Fazenda do Rosário entre 1940 e 1952: Classificação Segundo os Critérios de Inteligência e Situação em Relação à Instituição em 1952.		
Classificação Segundo a Inteligência	Egresso	Interno
Retardado Mental	81	33
Normais	35	40
Idiota	18	04
Imbecil	46	
Não Classificado	42	44
Total	222	121

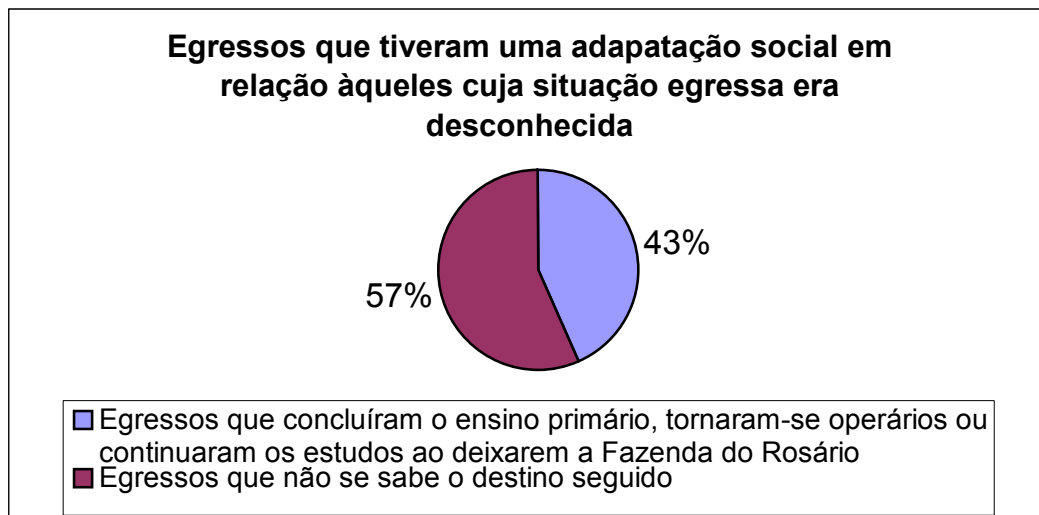
Do total de 222 egressos, a diretora da Fazenda do Rosário mostrou conhecer a situação egressa de 96 meninos. Estes haviam concluído o ensino primário, trabalhavam como comerciários, operários, pedreiros, carpinteiros, mecânicos, faziam o serviço militar. Yolanda Barbosa fez questão de destacar que 8 meninos tinham se casado e conseguiam manter as suas famílias. Entre todos os egressos, apenas 9 estudavam no ensino secundário e um havia terminado o curso na Escola de Horticultura de Itajubá. A maioria dos meninos a que se fez referência quanto à sua vida egressa fazia parte da classe trabalhadora, apenas 10% desse total havia dado continuidade nos estudos. Mas essa proporção cai pela metade quando relacionamos esses meninos com o total de egressos da instituição, nesses 12 anos de atividades (Gráfico 6).

Gráfico 6

Percebemos, por esse balanço, feito pela diretora da Fazenda do Rosário, que os alunos para os quais ela indicou a situação egressa são principalmente aqueles classificados em “retardados mentais” e normais. A partir desse dado, inferimos que a diretora da instituição destacou em seu relatório os casos em que a atuação institucional obteve uma readaptação e um reajustamento social dos internos, seja via a continuidade dos estudos, seja via inserção no mercado de trabalho, este último, na grande maioria dos casos.

A partir da análise dos dados apresentados pela diretora Yolanda Barbosa, verificamos que, dos 222 egressos, ela faz referência à situação egressa de 96 internos, entre os quais percebemos esse reajustamento social apontado acima (Gráfico 7).

Gráfico 7



Analisando esse gráfico isoladamente, corremos o risco de sermos levados à conclusão precipitadas de que a instituição havia conseguido a reinserção social de quase metade dos seus internos. Considerando que estamos falando da instituição que formava seus alunos pelo e para o trabalho e, sob este ponto de vista, podemos dizer que estava conseguindo alcançar, mesmo que parcialmente, os seus objetivos.

Todavia, antes de olharmos para os resultados apresentados, preferimos pensar na situação de 126 egressos para os quais não conseguimos obter nenhuma informação. O que teria acontecido com eles? Além disso, não podemos esquecer dos 121 internos que permaneciam na instituição, muitos deles há anos consecutivos, sem nenhuma perspectiva de saída, como era o caso de J.P. para o qual, segundo Yolanda Barbosa, a instituição havia se tornado sua casa.

(...) J.P. foi retirado do trem de passageiro pelo delegado. Não tinha companheiro de viagem, não tinha passagem e, na sua ingenuidade de 6 anos e debilidade mental, nada sabia nem a respeito de seus pais, nem do lugar de onde viera. Há 11 anos que está internado na Escola e, ninguém

o visitou. Com seu bom gênio e, com sua mentalidade deficiente não sente falta, considera a Escola a sua casa.²²⁴

Ou o menino J. C. que, aos oito anos, havia sido abandonado pela mãe e, aos 16 ainda permanecia internado.

J.C. – 16 anos, abandonado pela mãe, foi criado pelo pai-operário no mato numa choça sem janelas. Ao chegar na escola trazido pelo nosso carreiro, que o encontrou preso nos buracos da parede, gritou duas horas com medo da luz elétrica pela qual passou a ter depois grande admiração, tendo sempre um verdadeiro delírio, nos primeiros dias, quando as lâmpadas eram acesas. Hoje, depois de 8 anos tem bastante controle e, emprega formas sociais, como “dá licença”, quando quer passar, “muito obrigado” quando recebe alguma coisa. Agressivo, imprudente, mas torna-se manso, logo que se lhe faz um carinho. Sabe muitas melodias e as distingue mesmo. Hoje trabalha na cozinha, fazendo limpeza, varrendo, escolhendo feijão e, se encontra alguma vasilha suja ou fora do lugar, procura logo acomodá-la, mesmo pondo os panos de pratos dentro da pia, e outras.²²⁵

A situação desses internos que alcançavam maior idade sem, no entanto, adquirir condições para sair da instituição, preocupava a educadora Helena Antipoff que, no III Seminário de Educação Pró-Excepcionais, realizado em 1953, em São Paulo, apresentou um plano de assistência aos menores egressos, pois, segundo ela, muitos deles deixavam as instituições sem terem adquirido maturidade suficiente para sobreviverem sozinhos, principalmente porque muitos eram órfãos e, mesmo aqueles que possuíam famílias, estas sozinhas não conseguiriam resolver a questão sem auxílio especializado.

²²⁴ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 07.

²²⁵ BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953, p. 02.

Esse mesmo plano de assistência aos egressos foi tema de uma palestra proferida por Helena Antipoff no Rotary Clube de Minas Gerais, onde a educadora apresentou uma síntese do referido plano²²⁶.

Antes de tudo, tenho de agradecer a dona Lígia Aragão Vilar o amável convite, recebido ontem, para dizer algumas palavras nesta reunião sobre planos de assistência aos menores egressos dos estabelecimentos para infância excepcional, assunto que preocupa grandemente todos que lidam com a infância excepcional: a sorte desses seres – entre os quais os defeituosos físicos, os convulsivos, os desajustados sociais depois que, assistidos na infância em estabelecimentos especializados, alcançam maior idade e ali não podem mais permanecer. Devem, para conveniência do estabelecimento reservado à criança, deixá-lo sem, no entanto, ter atingido a maturidade mental e social compatível com a vida independente de adulto, sem possuir um ofício para entrar na carreira profissional e suportar a concorrência do trabalhador normal. Muitos deles são órfãos ou filhos de famílias igualmente desajustadas. (...) A família, mesmo economicamente privilegiada, não pode resolver sozinha o problema dos filhos anormais.²²⁷

A partir dessa palestra apresentada no Rotary Clube, verificamos que Helena Antipoff apresentou uma proposta para atender aos “excepcionais” egressos das instituições mantidas pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, a Sociedade Pestalozzi do Brasil e a Sociedade Pestalozzi do Rio de Janeiro. Para esse atendimento deveria ser aproveitado o sítio da Fazenda do Rosário, onde seriam feitas adaptações dos prédios, criando o primeiro lar agroartesanal com as seguintes características:

O plano inicial visa à criação do primeiro lar agroartesanal para 12 a 15 jovens, entregue a um casal de educadores. As condições do sítio são tais que permitem esperar uma relativa auto-suficiência econômica do

²²⁶ Não conseguimos o texto referente ao Seminário de Educação Pró- Excepcionais, consultamos o texto da palestra proferida por Helena Antipoff no Rotary Clube de Minas Gerais sobre os egressos. ANTIPOFF, Helena (1992pp). **Lares Agroartesanaís**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1954, p. 201.

²²⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992pp). **Lares Agroartesanaís**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950

primeiro núcleo, uma vez realizadas as necessárias adaptações dos prédios, e feito seu equipamento para o internato e o trabalho.²²⁸

O trabalho continuaria a ser o fio condutor das atividades desses lares para os egressos e, a partir desse primeiro núcleo, deveriam ser compradas mais terras adjacentes à Fazenda do Rosário para abrigar pequenas chácaras onde o egresso poderia residir com sua família e o conjunto de chácaras formaria uma colônia ou uma aldeia artesanal ligada ao núcleo central.

Adjacente ao sítio, encontram-se à venda cerca de 5 alqueires de terras por um preço razoável de Cr\$ 50.000,00, loteados em 25 glebas, as quais poderão constituir pequenas chácaras onde os egressos passem a residir com suas famílias, ou entre famílias para esse fim ali residindo. Em cada chacara seriam colocados até cinco rapazes, podendo continuar a trabalhar no artesanato central, ou dele recebendo trabalhos a domicílio, num sistema de regime cooperativista. O conjunto de chácaras formaria a colônia, ou uma aldeia artesanal.²²⁹

De acordo com Helena Antipoff, esse plano deveria ser desenvolvido num período de cinco anos, conforme os recursos financeiros fossem permitindo a formação de novas chácaras, cujo êxito dependeria da qualidade das pessoas envolvidas no projeto.

Dependerá o êxito do empreendimento que se destina aos egressos, da qualidade de pessoal auxiliar e das famílias que aceitem os egressos em seus lares, educando-os e dirigindo-os no trabalho, como na vida de todos os dias. Bom número de egressos poderão, no futuro, constituir suas próprias famílias, outros continuarão na dependência dos casais orientados pela administração central da colônia.²³⁰

²²⁸ ANTIPOFF, Helena. (1992pp). **Lares Agroartesanais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 202.

²²⁹ ANTIPOFF, Helena. (1992pp). **Lares Agroartesanais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 202.

²³⁰ ANTIPOFF, Helena. (1992pp). **Lares Agroartesanais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 203-203.

Na palestra aos rotarianos, a educadora informou que já havia recebido um donativo significativo, que possibilitou convidar um casal de educadores para iniciar o trabalho na Fazenda do Rosário com os meninos ali internados de maior idade, o que permitiria verificar *in loco* as possibilidades de funcionamento do projeto.²³¹

Em 1968, Helena Antipoff escreveu um artigo²³² fazendo uma avaliação do projeto referente aos egressos, apresentado por ela no III Seminário de Educação Pró-Excepcional em 1953, e conclui que muito pouco foi feito daquilo que ela havia proposto.

O que nos entristece, ao rever o trabalho por nós apresentado, é o pouco que fizemos daquilo que foi proposto. Quinze anos se passaram; outros seminários e encontros trataram novamente do assunto do egresso (...), permanece contudo o problema do excepcional, ao deixar a escola, a oficina pedagógica e o centro de aprendizagem ocupacional. Continua a constituir motivo de angústia para os pais e educadores: “Como será a existência do filho excepcional, quando os pais envelhecidos, sem recursos ou falecidos, não mais poderão dar o amparo necessário?”²³³

Aos egressos das instituições especializadas no atendimento aos “excepcionais”, Helena Antipoff retoma sua proposta inicial para atendê-los. Entretanto, a educadora apresenta uma novidade nesse campo, tratava-se do projeto da Deputada Marta Nair Monteiro, apresentado na Assembléia Estadual de Minas Gerais, em 1965, propondo a criação do Instituto do Excepcional, cujas finalidades seriam: “abrigar, manter, tratar e educar “excepcionais” de qualquer idade ou sexo, além de especificamente gerir o patrimônio e cuidar do interesse dos mesmos”.²³⁴

²³¹ ANTIPOFF, Helena. (1992pp). **Lares Agroartesanais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950, p. 203.

²³² ANTIPOFF, Helena (1992uu) **Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais Será uma Realidade**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. (Publicado inicialmente em 1968).

²³³ ANTIPOFF, Helena (1992uu). **Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais será uma Realidade?** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1968, p. 217.

²³⁴ ANTIPOFF, Helena (1992uu). **Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais será uma Realidade?** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1968, p. 218.

De acordo com o projeto da deputada, o Instituto do Excepcional atenderia associados contribuintes em caso de falecimento dos pais ou em situações em que estes não apresentassem condições de cuidar do filho excepcional, sendo condição para a inscrição, na categoria associado contribuinte, nomear a entidade como donatária de metade do patrimônio do excepcional, desde que 15 anos de assistência fosse prestada a ele. Helena Antipoff apresentou o Artigo do projeto que tratava dessa última questão:

Em seu artigo 6, diz o projeto: Será condição para inscrição como associado contribuinte do Instituto a nomeação da entidade como donatária da metade do patrimônio do excepcional, desde que lhe sejam prestados, pelo menos 15 anos de assistência como interno seu ou se o mesmo vier a falecer.²³⁵

A propriedade garantiria ao excepcional uma assistência vitalícia e para Helena Antipoff esse projeto contribuiria para preencheria a lacuna do atendimento aos “excepcionais”.

Esse projeto, como vemos, apresenta certa originalidade e preenche de certo modo a lacuna a que nos referimos acima: garantir aos filhos excepcionais a proteção vital, mesmo na ausência dos pais, ou quando falecidos esses.²³⁶

O projeto poderia preencher parte dessa lacuna, pois aos “excepcionais” destituídos de propriedade restava a própria sorte. Em seu artigo, Helena Antipoff não abordou essa problemática, destacou apenas que as instituições como a Sociedade Pestalozzi deveriam continuar a prestar a devida atenção aos “excepcionais” adultos.

Não pesquisamos a respeito da aprovação e implantação do projeto da deputada Marta Nair Monteiro, nem aprofundamos a análise das ações da Sociedade Pestalozzi em prol dos

²³⁵ ANTIPOFF, Helena (1992uu). **Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais será uma Realidade?** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1968, p. 218.

²³⁶ ANTIPOFF, Helena (1992uu). **Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais será uma Realidade?** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1968, p. 218.

egressos das instituições especializadas. Destacamos essa discussão, a respeito dos egressos, para evidenciar o quanto o atendimento ao “excepcional” apresentava-se de forma complexa para a educadora Helena Antipoff e que instituições como a Fazenda do Rosário não resolveria a questão e a própria educadora percebia essa realidade.

A atuação de Helena Antipoff restringiu-se ao campo institucional, pois para a educadora eram necessárias instituições para adaptar os indivíduos à vivência em sociedade, que não caberia revolucionar, mas apenas aperfeiçoar. Para aqueles que, tendo passado por essas instituições e não atingiram um nível de adaptação suficiente para viver de forma independente nessa sociedade, ou seja, de forma produtiva, criava-se outras instituições para retirá-los do convívio social, sob a justificativa de dar assistência e proteger o excepcional.

Para aqueles egressos que tivessem um patrimônio, o projeto de um instituto que lhes garantiria abrigo e educação, aos destituídos de propriedade seria dado como destino os lares agro artesanais, onde trabalhariam para garantir o próprio sustento. Muito mais que proteger os “excepcionais”, esses projetos tanto de instituições para atender os “excepcionais” quanto aquelas para assistir aos egressos, traduzem a idéia de retirar da sociedade aqueles indivíduos que não têm condições de atingir um padrão de produtividade, ou nas palavras de Helena Antipoff, aquele indivíduo que “(...) não se ajeita porque a sua inteligência, o seu caráter, as suas aptidões ficam aquém ou além das exigências que o dado meio lhe apresenta (...)”.²³⁷

O estatuto da Sociedade Pestalozzi apresenta dupla finalidade para as instituições criadas para atender aos considerados “excepcionais”, quais sejam, “proteger as crianças e os

²³⁷ ANTIPOFF, Helena. (1992gg). **A Educação dos Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1940, p.149.

adolescentes “excepcionais” (subnormais) e preservar a sociedade e a raça, das influências nocivas para a sua saúde mental e equilíbrio moral”.²³⁸

Contudo, quando investigamos o processo de institucionalização ocorrido na Fazenda do Rosário, acompanhando a trajetória dos meninos internos, submetidos ao trabalho como princípio educativo, que os obrigava a realizar atividades preestabelecidas, restritas ao trabalho manual, concluímos que essa educação pelo trabalho, visava prepará-los para uma adaptação social, sendo portanto, a proteção à criança apenas um meio para, de fato, proteger a sociedade.

Partimos, agora, para as considerações finais, onde discutiremos a questão da união ensino e trabalho a partir de categorias que, ampliando nossa visão sobre esse processo, nos ajudaram aprofundar e fundamentar as críticas que apresentamos a partir dos dados empíricos.

²³⁸ SOCIEDADE PESTALOZZI (1939). **Estatutos**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais, p. 01.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos ao longo da investigação que, a partir das pesquisas empreendidas pelo Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento, Helena Antipoff detectou três problemas do sistema de ensino mineiro: 1) o problema da orientação profissional do adolescente; 2) a formação física, moral e intelectual das crianças ao saírem da escola primária; 3) o problema das crianças “em perigo moral”.

Para a educadora, esses problemas estariam relacionados à duração da escolaridade das crianças que, se comparada aos países da América do Norte e da Europa, era menor. E, principalmente, o problema da criança “em perigo moral”, era resultado do próprio sistema de ensino e, fazendo uma crítica à pedagogia tradicional, conclamou a pedagogia experimental para responder a essas questões.

Nessa atuação junto ao sistema de ensino mineiro, Helena Antipoff percebeu que a escola criava marginais justamente pela não incorporação dos princípios científicos preconizados pela pedagogia experimental. Assim, a educadora direcionou sua atuação no sentido de criar instituições para receber as crianças consideradas “excepcionais”, retirando-as do sistema de ensino oficial, justificando sua ação através da consideração de que a escola era responsável pela não adaptação dessas crianças.

Nas instituições criadas por Helena Antipoff, a partir da Sociedade Pestalozzi – o Instituto Pestalozzi, o Pavilhão de Natal e a Fazenda do Rosário – o trabalho foi o fio condutor do processo educativo. Nosso objeto de estudo constituiu-se na Fazenda do Rosário, para onde direcionamos nosso olhar com intuito de compreender como se deu a educação pelo trabalho, verificando que tratava-se também da educação para o trabalho.

Apresentamos nessas considerações finais um posicionamento crítico frente aos princípios científicos que fundamentaram essa educação pelo e para o trabalho, desde o método para “selecionar” os meninos “excepcionais” encaminhados à Fazenda do Rosário, até a forma como as atividades eram organizadas, obrigando os meninos a desempenhar funções pré-estabelecidas.

Estudando autores que pensaram a educação a partir da união entre ensino e trabalho, apreendemos categorias que ampliaram nossa visão sobre esse processo e permitiram uma análise crítica das atividades da Fazenda do Rosário. Trata-se de Karl Marx, para o qual o fim da educação, a partir da união ensino e trabalho, é formar o Homem “Onilateral”; e Antônio Gramsci, cujo princípio educativo une ensino e trabalho para formar o Homem Dirigente.

No livro “Marx e a Pedagogia Moderna”, MANACORDA (1986), a partir de uma análise filológica das obras de Karl Marx, “pretende indagar se existe e como se configura uma pedagogia marxiana¹”, concluindo que, no Manifesto Comunista, Marx estabelece o princípio educativo da “unificação do ensino com a produção material”, desde que fossem excluídos, através de intervenção política, os aspectos alienantes da fábrica capitalista, quer dizer, desde que fosse abolida a forma como o trabalho das crianças se configurava naquele momento histórico, pois só assim a fábrica poderia desenvolver sua função libertadora.²

Consultamos o livro “O Capital”³, para apresentar como se configurava o trabalho de “homens, mulheres, adultos, adolescentes e crianças de ambos os sexos. A idade dos jovens e das

¹ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 01.

² MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 20-26.

³ MARX, Karl (1975). **A Jornada de Trabalho**. In: *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Vol. I. 3ª ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A.

crianças percorre toda escala, dos 8 anos (em alguns casos 6) até aos 18 anos (...)”⁴. Marx destaca um relatório oficial inglês que apresenta as condições de trabalho das crianças, onde um menino de 9 anos de idade declara:

(...) Vim trabalhar aqui (empresa de laminação) sexta-feira passada. No dia seguinte tive que começar às 3 horas da manhã. Por isso fiquei aqui a noite inteira. Moro há cinco milhas daqui. Dormi no corredor sobre um avental e me cobri com um casaco pequeno. Os outros dias estava aqui às 6 horas da manhã. Este lugar é muito quente. Trabalhava também num alto forno e durante um ano inteiro, antes de vir para cá. Era uma grande usina no campo. Começava também aos sábados às 3 horas da manhã, mas pelo menos podia ir dormir em casa, pois era perto. Nos outros dias começava às 6 da manhã e terminava às 6 ou 7 da noite.⁵

O referido relatório ainda problematiza o nível de instrução dessas crianças, a partir das respostas dadas por elas aos membros da comissão de inquérito:

Heremiah Haynes , de 12 anos de idade: “4 vezes 4 são 8, mais 4 são 16... Um rei é quem tem todo o dinheiro e todo o ouro. Dizem que temos um rei, ele é uma rainha, o nome dela é princesa Alexandra. Dizem que ela se casou com o filho da rainha. Uma princesa é um homem”. William Turner, de 12 anos: “Não vivo na Inglaterra, penso que é um país, mas não sabia disso”. John Morris, de 14 anos: “Ouvi dizer que Deus fez o mundo e afogou todo mundo, exceto um que era um passarinho.”⁶

Em meados do século XIX, a criança da classe trabalhadora havia perdido a forma de ensino desenvolvida junto aos adultos na produção artesanal ou campesina, mas não possuíam qualquer possibilidade concreta de acesso à escola, pois a fábrica moderna não permitia nenhuma formação para o trabalho, pois exigia da criança um trabalho sem aquisições técnicas e culturais. Nesse contexto, associar ensino e trabalho “significava enfatizar o fato novo da inserção das

⁴ MARX, Karl (1975). **A Jornada de Trabalho**. In: *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Vol. I. 3ª ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, p. 291.

⁵ MARX, Karl (1975). **A Jornada de Trabalho**. In: *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Vol. I. 3ª ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, p. 293.

⁶ MARX, Karl (1975). **A Jornada de Trabalho**. In: *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Vol. I. 3ª ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, p. 293.

crianças no coração da produção moderna (...) restituir às classes artesãs e campesinas uma forma superior de ensino, ligada a novas e mais avançadas relações de produção”.⁷

Conforme nos apresenta Manacorda, no documento político, “As Instruções aos Delegados”, escrito vinte anos após o Manifesto Comunista, Marx, apesar de destacar a maneira horrível como se realiza a tendência da indústria moderna de incluir na produção crianças e adolescentes, a considera progressiva e endossa a tese de que, a partir dos nove anos de idade, toda criança deve se tornar um operário produtivo, fazendo uma divisão das crianças, para fins de trabalho, em três grupos: dos 9-12, 13-15, 16-17; com os respectivos horários diários de trabalho: 2, 4, 6.⁸

Manacorda destaca ainda que Marx elabora uma definição do conteúdo pedagógico do ensino socialista, que deveria contemplar o ensino intelectual, a educação física e o adestramento tecnológico, “que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios”.⁹ E esse ensino é declarado válido para todas as crianças, qualquer que seja a classe a que pertença.¹⁰

Segundo Manacorda, para Marx a tecnologia possui uma base revolucionária, pois modifica constantemente os processos de produção, trazendo variações no trabalho, deslocando o operário para outros locais. Contudo, na sociedade capitalista, trata-se de uma ciência operativa,

⁷ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 92-93.

⁸ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 26.

⁹ MARX, Karl. Apud MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.27.

¹⁰ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.28.

separada do trabalhador que lhe demanda uma versatilidade sem conteúdo, tornando-o “unilateral”.¹¹

Nesse sentido, não bastaria combinar com o trabalho de fábrica apenas o ensino elementar. Seria preciso garantir que, nas escolas dos operários, fosse ministrado o ensino tecnológico teórico e prático, de forma a superar a ruptura entre a ciência e o trabalho. Para isso se tornar realidade, Marx proclama “a conquista do poder político pela classe operária.”¹²

Manacorda destaca duas categorias importantes para compreensão do princípio educativo marxiano. Trata-se da distinção entre o ensino politécnico e tecnológico. O primeiro diz respeito às escolas historicamente existentes, cujo ensino não modifica a relação de trabalho do operário, apenas o prepara para os vários trabalhos ou para suas variações dos trabalhos.

O ensino tecnológico, de certa forma, existe na escola politécnica, mas de maneira limitada, pois o ensino politécnico não proporciona uma formação unificada entre teoria e prática e com isso impossibilita uma plena e total manifestação do homem, independentemente das suas ocupações específicas. O ensino tecnológico proporciona isso, pois “sublinha, com sua unidade de teoria e prática, o caráter de totalidade ou onilateralidade do homem, não mais dividido ou limitado apenas ao aspecto manual ou apenas ao aspecto intelectual da atividade produtiva”.¹³

Conforme constata Manacorda, a concepção marxiana identifica o trabalho com a própria essência humana, pois a primeira ação histórica do homem foi a produção da própria vida material, portanto, sem o trabalho a vida não subsistiria. Assim, não se trata de suprimir o

¹¹ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.29; p.81.

¹² MARX, Karl. Apud MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.30.

¹³ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.32.

trabalho em si, mas “a subordinação servil dos indivíduos à divisão do trabalho, e , portanto, o contraste entre trabalho intelectual e físico (...).”¹⁴

A partir desse pressuposto, Manacorda conclui que a tese marxiana que une ensino e trabalho produtivo não se reduz a um trabalho com objetivos meramente profissionais, com função didática como instrumento de verificação das noções teóricas ou, ainda, com fins morais de educação do caráter e da formação de uma atitude de respeito em relação ao trabalho e ao trabalhador.

De acordo com Manacorda, para Marx o fim da educação é o desenvolvimento completo do homem, definido como “onilateral” e se realiza sobre a base do trabalho, pois sendo esta atividade vital humana, no trabalhador está contida também uma possibilidade humana universal, que é a “onilateralidade”.¹⁵

As categorias “ensino tecnológico/politécnico”, “onilateralidade/unilateralidade”, são fundamentais para compreensão do princípio marxiano da união entre ensino e trabalho e foi a partir dessas distinções que analisamos a atividade da Fazenda do Rosário, quer dizer, a educação pelo trabalho ali praticada.

Tratando-se de uma fazenda, a principal atividade desenvolvida foi o trabalho agrícola, onde os meninos eram obrigados a desempenhar o trabalho para o qual estavam designados, sendo que o ensino escolar propriamente dito ficava em segundo plano. Esse encaminhamento se distancia do ensino tecnológico preconizado nos princípios marxianos, pois não une a teoria e a prática, mantendo o trabalhador parcialmente formado no trabalho manual, sem, no entanto, ter acesso ao aspecto intelectual da atividade produtiva.

¹⁴ MARX, Karl. Apud MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.39.

¹⁵ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p.67-68.

Sendo assim, os meninos da Fazenda do Rosário tinham vivência prática do trabalho agrícola, mas não adquiriam os fundamentos científicos desse trabalho. Nesse aspecto, eram formados para trabalhar nas fazendas vizinhas, executando tarefas pré-determinadas, não adquirindo habilidades para alterar sua relação com esse trabalho.

Na Fazenda do Rosário, a união entre ensino e trabalho visava a formação do caráter e a profissionalização dos meninos e, ainda, a construção de uma relação de respeito frente ao trabalho, para que, em última instância, alcançassem uma maior adaptação à sociedade, que, ao contrário do que pensava Marx, não caberia ser transformada, já que os meninos eram encaminhados à instituição justamente para manter a ordem social estabelecida.

Os internos que não adquiriam habilidades suficientes para se adaptar à ordem social deveriam ser encaminhados a instituições criadas para receber os egressos da Fazenda do Rosário. Nossa crítica a esse processo de adaptação dos internos à ordem social estabelecida se assemelha às palavras de Engels que, ao se referir aos operários ingleses, coloca que estes “são homens quando começam a rebelar-se, mas são animais quando se adaptam à situação existente.”¹⁶,

Lembramos que, no sentido marxiano, o homem se distingue dos animais pelo trabalho, agindo voluntária e conscientemente com base num plano, transformando a natureza e se transformando nesse processo. Quando as ações humanas ocorrem apenas numa esfera de adaptação a uma realidade pré-estabelecida, o que se perde é a capacidade específica dos seres humanos de agir voluntária e conscientemente, quer dizer, perde justamente a sua distinção dos animais.

¹⁶ ENGELS, F. apud MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 72.

No perfil dos meninos atendidos na Fazenda do Rosário, o recorte de classe é claramente estabelecido, principalmente a partir do conceito de “excepcional social”, quer dizer, aqueles cujas condições de vida familiar ou social impediam uma adequada estimulação¹⁷, geralmente meninos abandonados, vindos dos abrigos em Belo Horizonte que, uma vez institucionalizados, recebiam formação para ingressar imediatamente no mercado de trabalho, pois eram considerados inaptos para prosseguir nos estudos acadêmicos. Ou seja, era uma educação pelo e para o trabalho, que não se destinava a todas as crianças, mas para aquelas advindas de uma classe específica, cuja perspectiva de vida egressa era pré-determinada.

Não obstante o destino dos meninos seja estabelecido mesmo antes da chegada à instituição, a necessidade de se conhecer a aptidão de cada um deles constituía uma justificativa para a utilização do trabalho como meio educativo, pois partia-se do pressuposto de uma disposição natural que precisava ser descoberta.

Esse desenvolvimento espontâneo é, na perspectiva marxiana, por si mesmo parcial, pois não coloca o indivíduo frente ao mundo concreto e das relações sociais, colocado frente a si mesmo, as modificações físicas e sociais acontecem apenas individualmente, o que para Marx não interessa, pois “o jovem e o homem encontram sempre o mundo pronto e acabado, daí que nada mais façam que ‘descobrirem a si mesmos’; não se faz absolutamente nada ‘para que alguma coisa possa ser encontrada’.”¹⁸

Na Fazenda do Rosário até a “descoberta de si mesmo” acontecia de forma parcial, pois as possibilidades de trabalho apresentadas aos meninos restringiam-se a operações mecânicas, a

¹⁷ CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 22.

¹⁸ MARX, Karl. Apud MANACORDA, Mario Alighiero (1991) **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 106.

trabalhos manuais, como capinar, rasgar palha, debulhar milho, plantar, transportar lenha, catar esterco, cuidar da horta, servente de pedreiro, entre outros.

Muito distante de formar o homem “onilateral”, capaz de criar formas de domínio da natureza, de alcançar um desenvolvimento completo, a Fazenda do Rosário oferecia uma experiência limitada, proporcionando a formação no trabalho manual e, quando o ensino perde “sua ‘disponibilidade’ original leva a uma autêntica e verdadeira atrofia moral e desolação intelectual.”¹⁹

Quando efetuamos nossa crítica às atividades desenvolvidas na Fazenda do Rosário, não desconsideramos que, no período analisado (décadas de 1930 e 1940), o acesso à escolarização era restrito e que, portanto, boa parte da população ficava excluída desse processo. No entanto, não consideramos a impossibilidade de acesso à escola como referência que justifique uma análise positiva das atividades da instituição.

Helena Antipoff, ao se preocupar com a educação daqueles considerados “excepcionais”, empenhando-se na criação de instituições específicas para atendê-los, suscita, num primeiro momento, um sentimento de admiração. Contudo, quando aprofundamos o estudo a esse respeito, verificamos que a educadora russa não questiona as condições sociais que engendram o perfil de “excepcionalidade”, sendo que, seus instrumentos de trabalho, principalmente os testes psicológicos, justificam a manutenção desses perfis. Além disso, quando analisamos o trabalho desenvolvido na Fazenda do Rosário, numa perspectiva marxiana, percebemos o quão restrita era a educação desses “excepcionais”.

¹⁹ Engels tece esse comentário a respeito das escolas burguesas para os operários. Apud MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 72.

As categorias marxianas foram importantes para análise da prática educativa da Fazenda do Rosário, no entanto, gostaríamos de aprofundar essa análise a partir de uma perspectiva Gramsciniana que, segundo Manacorda, possui uma fundamentação mais cultural da relação ensino-trabalho, constituindo-se num desenvolvimento das teses marxianas.²⁰

Diferentemente de Marx, Gramsci não considera a inserção da criança na produção, sua idéia é desenvolver a capacidade de trabalho, num processo coordenado com a fábrica, mas dela separado, o que consideramos um avanço em relação às idéias marxianas, que considerava a criança, a partir dos nove anos de idade, como ser produtivo, devendo cumprir uma jornada de duas horas de trabalho.

Além disso, Gramsci é contemporâneo do Movimento Renovador e, em sua discussão sobre educação, vão aparecendo considerações a esse respeito, numa postura crítica, oferecendo assim uma contribuição importante para o nosso trabalho, no sentido de analisarmos essas críticas, verificando se são pertinentes para fundamentar as nossas, relacionadas à Fazenda do Rosário.

Ao analisar esse contexto, Gramsci percebeu uma tendência de se restringir as escolas formativas a uma pequena elite que não precisava se preocupar com a formação profissional e, paralelamente, havia a difusão das “escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados”,²¹ sendo que o mais paradoxal é que esse tipo de escola era apresentada como democrática. Acreditamos que isso se aplica à Fazenda do

²⁰ MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 137-138.

²¹ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.118.

Rosário, no sentido de que “na realidade, não só é destinada a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-las em formas chinesas”.²²

Para Gramsci, escolas profissionais, e, nesse caso, incluímos a Fazenda do Rosário, engendram estratificação social, pois destinam-se a perpetuar determinadas funções, a partir de uma especialização unilateral do trabalho, permitindo a qualificação do trabalhador, sem suprimir a discriminação que se revela no fato de cada grupo social ter a sua escola, tendendo assim “a eternizar as diferenças tradicionais”.²³

Verificamos essa estratificação quando acompanhamos a trajetória dos egressos da Fazenda do Rosário. Dos 222 meninos que deixaram a instituição até 1952, apenas 9 deles, ou seja cinco por cento, deram continuidade aos estudos, ingressando no ensino secundário. Os demais, ou seja 95 por cento, concluíram apenas o ensino primário ou tornaram-se operários ou muitos deles não conseguimos descobrir o destino seguido.

E Gramsci apresenta, como saída para esse processo de estratificação e discriminação a Escola Única:

(...) Escola Única de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo.²⁴

A Escola Única de Gramsci corresponde ao período representado pela escola elementar e média, sendo que o grau elementar teria no máximo 4 anos e contemplaria, além do ensino das noções instrumentais de instrução, como ler, escrever, fazer contas, geografia, história, deveria

²² GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.136.

²³ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.137.

²⁴ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.118.

conter as primeiras noções de Estado e Sociedade, “como elementos primordiais de uma nova concepção do mundo que entra em luta contra as concepções determinadas pelos diversos ambientes sociais tradicionais (...)”.²⁵

A segunda parte do curso deveria durar por volta de seis anos e era decisiva, pois deveria criar valores como “autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários) seja de caráter prático-produtivo (indústria, burocracia...)”.²⁶

Para Gramsci, a união ensino e trabalho não significa a aprendizagem técnica e preparação mecânica para o mercado de trabalho, representa a aquisição de hábitos adequados para lidar no mundo do trabalho, num processo que deve se iniciar desde a primeira infância e se estender até aos 16-18 anos, rejeitando qualquer profissionalização até a finalização dessa formação.

A Escola Única, visando criar o hábito de estudo e a formação da personalidade das crianças, é marcada por uma postura disciplinar imposta de fora, pressuposto insubstituível ao futuro exercício da autodisciplina e autonomia, pois para Gramsci,

“(...) é certo que será sempre necessário que a criança se fatigue a fim de aprender e se obrigue a privações e limitações do movimento físico (...). Deve-se convencer a muita gente que estudo é também um trabalho, e muito fatigante, com um tirocínio particular próprio, não só muscular-nervoso mas intelectual: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento”.²⁷

Apresentamos essa citação de Gramsci em contraponto direto aos fundamentos da Pedagogia Nova, endossados por Helena Antipoff, que acreditava existir na criança todo o

²⁵ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.122.

²⁶ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.124.

²⁷ GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.137-138.

potencial humano e a educação deveria ajudar apenas no desenvolvimento do que se possui latente, deixando operar as forças espontâneas na natureza. Somos partidários da concepção gramsciniana, que percebe o homem como uma formação histórica e que renunciar sua formação “significa permitir que sua personalidade se desenvolva absorvendo caoticamente do ambiente todos os estímulos da vida”.²⁸

O desenvolvimento espontâneo dos meninos da Fazenda do Rosário significou a absorção de uma formação limitada – no trabalho manual agrícola – não havendo espaço para o amadurecimento de sua personalidade para a escolha da profissão, num momento mais amadurecido, pois desde os sete anos de idade já desempenhavam suas funções, pois, partindo do pressuposto de que cada criança possui dons natos, acreditava-se que naturalmente cada uma “descobriria” sua profissão. Lembramos que dentro de um limitado rol de possibilidades.

Nem a Escola Tradicional, nem a Escola Nova, nem mesmo uma escola de princípios educativos marxianos, preferíamos ver os meninos da Fazenda do Rosário na Escola Única proposta por Gramsci, onde não haveria “inventores” e “descobridores”, mas alunos que, a partir da disciplina, tomariam posse de um método de investigação e de conhecimento que os levariam “a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa”²⁹, para aí sim, poderem escolher a sua formação profissional, “formando-se entrementes como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige”.³⁰

Nesse trabalho, um longo caminho foi percorrido e passo a passo fomos levados a novas pistas, até chegarmos no interior da Fazenda do Rosário e, munidos de uma riqueza de detalhes,

²⁸ GRAMSCI, Antônio. Apud NOSELA, Paolo (2004). *A Escola de Gramsci*. 3ª ed. São Paulo: Cortez.

²⁹ GRAMSCI, Antonio (1978). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.121.

³⁰ GRAMSCI, Antonio (1978). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.121.

trazida pelos documentos encontrados ao longo da nossa pesquisa, fechamos nossa análise nos princípios pedagógicos colocados em prática na instituição, demonstrando os limites desses princípios.

Nossa caminhada chega ao fim, o que não quer dizer que todos os caminhos foram percorridos ou que não possamos fazer o caminho inverso, agora, munidos do “método de investigação” e do conhecimento aprofundado da Fazenda do Rosário, voltar para a análise da sociedade em que estava inserida e problematizar quais as influências da proposta pedagógica preconizada por Helena Antipoff, colocadas em prática na Fazenda para o sistema de ensino mineiro e no cenário nacional.

E, para finalizar a inversão do caminho, verificar como o trabalho de Helena Antipoff, realizado no Brasil, era visto pelos amigos estrangeiros com os quais ela manteve intensa correspondências, que se constituem documentos inéditos e encontram-se no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, localizado na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais e, ainda, analisar a influência das idéias estrangeiras nas ações da educadora e desta na sociedade brasileira.

Entre os caminhos não percorridos, gostaríamos de destacar a questão da ida de Helena Antipoff para o Rio de Janeiro, em 1945, tanto no sentido de pesquisar sobre o trabalho desenvolvido pela educadora naquele Estado, quanto numa proposta de discutir as motivações para a transferência e a volta para Minas Gerais em 1952.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTIPOFF, Daniel (1975). *Helena Antipoff. Sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- ANTIPOFF, Daniel (1992). **Prefácio** .In: CDPHA (Org.), *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol.1 Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- ANTIPOFF, Helena (1952) '**Histórico**' da **Fazenda do Rosário**, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.
- ANTIPOFF, Helena (1952a). **Prefácio**. In: '*Histórico*' da *Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.
- ANTIPOFF, Helena (1952b). **Histórico Resumido da Fazenda do Rosário (1939 – 1952)**. In: '*Histórico*' da *Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.
- ANTIPOFF, Helena (1952c). **A Fazenda do Rosário através dos Registros**. In: ANTIPOFF, H. '*Histórico*' da *Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

ANTIPOFF, Helena (1952d). **A Casa de Repouso**. In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

ANTIPOFF, Helena (1952e). **A Fazenda do Rosário, como Experiência Social e Pedagógica no Meio Rural**. In: *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D. Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

ANTIPOFF, Helena (1967). **A Fazenda do Rosário: Histórico**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais.

ANTIPOFF, Helena (S/D). **Trabalho: Ensaio Psicológico com Algumas Contribuições Experimentais por Helena Antipoff**. Caixa H1 – 1C Pasta 4 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da UFMG.

ANTIPOFF, Helena (1963). **Os Pequenos Oleiros**. In: *Infância Excepcional*. Revista Semestral da Sociedade Pestalozzi de Minas Gérias, Belo Horizonte, Ano 1, nº 1.

ANTIPOFF, Helena. (1992a). **O Nível Mental das Crianças Russas nas Escolas Infantis**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1924.

ANTIPOFF, Helena. (1992b). **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental*, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1927.

- ANTIPOFF, Helena. (1992c). **Testes Coletivos de Inteligência Global**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1928.
- ANTIPOFF, Helena. (1992d). **Ideais e Interesses das Crianças Brasileiras**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930.
- ANTIPOFF, Helena. (1992e). **Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930.
- ANTIPOFF, Helena. (1992f). **Psicologia Experimental – Década de 1930**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1930.
- ANTIPOFF, Helena. (1992g). **O Desenvolvimento Mental das Crianças de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1931.
- ANTIPOFF, Helena. (1992h). **A Pedagogia nas Classes Especiais C. D.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932.
- ANTIPOFF, Helena. (1992i). **Amparo ao Pequeno Jornaleiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932.

ANTIPOFF, Helena. (1992j). **O Trabalho do Menor.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932.

ANTIPOFF, Helena. (1992k). **Escotismo: Perspectivas.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932.

ANTIPOFF, Helena. (1992l). **A Formação Física, Intelectual e Moral das Crianças ao Saírem da Escola Pública Primária de Belo Horizonte.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932.

ANTIPOFF, Helena. (1992m). **Preparo da Criança para sua Futura Profissão.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1932.

ANTIPOFF, Helena. (1992n). **A Questão dos Anormais no Estrangeiro.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1933.

ANTIPOFF, Helena. (1992o). **Ortopedia Mental nas Classes Especiais.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.

ANTIPOFF, Helena. (1992p). **Da Ortopedia Mental.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.

- ANTIPOFF, Helena. (1992q). **Homogeneização das Classes Escolares**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992r). **Folha de Observação para Classes do 1º Ano**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992s). **Plano para Organização das Classes do 1º Ano**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992t). **Classes Especiais D e E**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992u). **O Papel Educativo e Social das Classes Especiais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992v). **Progressos Escolares de Cada Tipo de Classe e Meios de Controlá-las**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992x). **A Personalidade e o Caráter da Criança**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.
- ANTIPOFF, Helena. (1992z). **Assistência aos Menores Desamparados Trabalhadores de Rua**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da

Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.

ANTIPOFF, Helena. (1992aa). **Os Direitos da Criança**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1934.

ANTIPOFF, Helena. (1992bb). **Das Classes Homogêneas**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1935.

ANTIPOFF, Helena. (1992cc). **Relatório Anual do Instituto Pestalozzi**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1938.

ANTIPOFF, Helena. (1992dd). **Iniciação à Orientação Profissional**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1940.

ANTIPOFF, Helena. (1992ee). **A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1946.

ANTIPOFF, Helena. (1992ff). **Inquérito Sobre o Sentimento Materno nas Meninas de 9 a 17 Anos, Promovido pela Seção de Cooperação da Família da Associação Brasileira de Educação**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Psicologia Experimental, Vol. 1, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1948.

- ANTIPOFF, Helena. (1992gg). **A Educação dos Excepcionais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1940.
- ANTIPOFF, Helena. (1992hh). **Trabalho**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1940.
- ANTIPOFF, Helena. (1992ii). **A Assistência ao Infranormal**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1940.
- ANTIPOFF, Helena. (1992jj). **Método de Experimentação Natural no Instituto Pestalozzi**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundamentos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1958.
- ANTIPOFF, Helena. (1992kk). **Experimentação Natural I**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.
- ANTIPOFF, Helena. (1992ll). **Experimentação Natural II**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.
- ANTIPOFF, Helena. (1992mm). **Os Retardados Mentais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.
- ANTIPOFF, Helena. (1992nn). **Os Retardados Mentais e o Ambiente Escolar**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.

- ANTIPOFF, Helena. (1992oo). **Os Retardados Mentais e o Ensino Primário e Secundário**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.
- ANTIPOFF, Helena. (1992pp). **Lares Agroartesanais**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950.
- ANTIPOFF, Helena. (1992qq). **Alguns Fundamentos Psicopedagógicos dos Trabalhos Manuais com Alunos de 12 – 14 Anos**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Fundametnos da Educação, Vol. 2, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1950
- ANTIPOFF, Helena. (1992rr). **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1963.
- ANTIPOFF, Helena. (1992ss). **De Lustro em Lustro: os Jubileus das Três Instituições para Excepcionnais – Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, Fazenda do Rosário Ibirité, Sociedade Pestalozzi do Brasil do Rio de Janeiro**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação do Excepcional, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1965.
- ANTIPOFF, Helena. (1992tt). **A Fazenda do Rosário – Sua Experiência – sua Filosofia**. In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff* – Educação Rural, Vol. 4, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1966.

ANTIPOFF, Helena (1992uu). **Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais será uma Realidade?** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1968.

ANTIPOFF, Helena. (1992vv). **O Rosário e seu Nascimento.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação Rural*, Vol. 4, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1960.

ANTIPOFF, Helena. (1992xx). **Educação dos Excepcionais e sua Integração na Comunidade Rural.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1960.

ANTIPOFF, Helena. (1992zz). **Colocação Familiar de Deficientes Mentais na Zona Rural.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente na década de 1960.

ANTIPOFF, H. & BARBOSA, Y. (1992). **Material para Estudo da Experimentação Natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como Método de Experimentação.** In: CDPH (Org.), *Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff – Educação do Excepcional*, Vol. 3, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas. Publicado inicialmente em 1943.

ANTIPOFF, H. & OTTONI, F. & DUARTE, C. (1958). **Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter.** In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil

BARBOSA, Yolanda (1952). **Notas sobre Alunos Internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário.** In: ANTIPOFF, H. *'Histórico' da Fazenda do Rosário*, escrito por D.

Helena em setembro de 1952. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibirité, Minas Gerais. Publicado no Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

BASAGLIA, Franco (1979). **O homem no Pelourinho**. Trad. IPSO - Instituto de Psiquiatria Social, mimeo.

BASAGLIA, F. & BASAGLIA, F. (1977). **Los crímenes de la Paz: Investigación sobre los Intelectuales y los Tecnicos como Servidores de la Opresion**. Mexico, Siglo XXI.

BOLDON, R. & BOURRICAUD, F. (S/D). **Dicionário Crítico de Sociologia**. Tradução: Maria Letícia Guedes Alcoforado et al. São Paulo: Editora Ática.

CAMPOS, Regina Helena Freitas (1995). **Os Primeiros Passos da Educação Popular**. In: *Presença Pedagógica*, maio/junho.

CAMPOS, Regina Helena Freitas (1980). **Psicologia e Ideologia: um Estudo da Formação da Psicologia Educacional em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG – FAE,. Dissertação de Mestrado.

CAMPOS, Regina Helena Freitas (1996). **Em busca de um Modelo Teórico para o Estudo da História da Psicologia no Contexto Sócio-cultural**. In: CAMPOS, Regina Helena Freitas Campos (Org.). *História da Psicologia: pesquisa, formação, ensino*. São Paulo: EDUC : ANPEPP.

CAMPOS, Regina Helena Freitas Campos (1991). **Contexto Sócio-Cultural e Tendência da Pedagogia Psicanalítica na Europa Central e no Brasil (1900 – 1940)**. Belo Horizonte, UFMG. Tese apresentada ao Concurso Público pra Professor Titular na área de Psicologia.

CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org). (2002). **Helena Antipoff e a Psicologia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica.

- CARDOSO, Fernando Henrique (1960). **Condições Sociais da Industrialização de São Paulo**. *Revista Brasiliense*. São Paulo, nº 28, março-abril.
- CLAPARÈDE, Edouard (1953). **A Escola Sob Medida e Estudos Complementares sobre Claparède e sua Doutrina**, por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- CROUZET, Maurice (1958). **A Época Contemporânea. História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 15.
- DIAS, Maria Helena Pereira.(1995). **Helena Antipoff: Pensamento e Ação Pedagógica à Luz de uma Reflexão Crítica**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & VEIGA, Cynthia Greive (1999). **Infância no Sótão**. Belo Horizonte: Autêntica.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (2001) **República, trabalho e educação: a Experiência do Instituto João Pinheiro: 1909/1934**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.
- GRAMSCI, Antonio (1978). **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FURTADO, Celso (1954). **A Economia Brasileira: Contribuição à Análise de seu Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora A Noite.
- IANNI, Otávio (1963). **Industrialização e Desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

- JANUZZI, Gilberta (1997). **As Políticas e os Espaços para a Criança Excepcional**. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora.
- MANACORDA, Mario Alighiero (1991). **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paolo Nosella; prefácio de Demerval Saviane – São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- MARX, Karl (1975) **A Jornada de Trabalho**. In: *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Vol. I. 3ª ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, p. 293.
- MARX, Karl (1983a). **Como o Dinheiro se Transforma em Capital**. In: SINGER, Paul (ORG.) *Grandes Cientistas Sociais*. MARX – Economia. SP: Ática.
- MARX, Karl (1983b). **Trabalho Alienado e Superação Positiva da Auto-Alienação Humana**. In: FERNANDES, Florestan (ORG.) *Grande Cientistas Sociais*. MARX-ENGELS. História. SP: Ática
- MARX, Karl (2001). **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martim Claret.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1965). **A Ideologia Alemã e Outros Escritos**. Selecionados por Otavio Ianni. Trad. Valtensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MICHAELIS (1998). **Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos
- NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro Fundação Nacional de Material Escolar.

- NAGLE, Jorge (1991). **A Educação na Primeira República**. In: FAUSTO, Bóris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 8.
- NOSELLA, Paolo (2004). **A Escola de Gramsci**. 3ª ed. São Paulo: Cortez.
- NETTO, Alvarenga (1941). **Código de Menores: Doutrina, Legislação e Jurisprudência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos.
- PEIXOTO, Anamaria Casassanta (1981). **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. Belo Horizonte: UFMG-FAE, Dissertação de Mestrado.
- PINEIRO, Irene de Melo (1986). **Hoje, Fundação Helena Antipoff**. In: *Mensagem Rural*. Fundação Helena Antipoff, 1986.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1988). **Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”**. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. *Experimentos com Histórias de Vida: Itália – Brasil*. São Paulo, Vértice.
- RIOS, J. (1986). **A. Institucionalização**. In: SILVA, B. (Org.) *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SOCIEDADE PESTALOZZI (1939). **Estatutos**. Fonte Datilografada. Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, Ibitité, Minas Gerais.
- SINGER, Paul.(ORG.) (1983). **Grandes Cientistas Sociais**. MARX – Economia. SP: Ática.